UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
CURSO DE DOUTORADO

Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas

Irenides Teixeira

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto

Salvador
2014

Ministério da Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
CURSO DE DOUTORADO

Irenides Teixeira

Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto

Salvador
2014

T2666f

Teixeira, Irenides
Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas virtuais compartilhadas. / Irenides Teixeira, Salvador, 2014.
217p., il.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto
Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, BR-BA, 2014.
.

1. Narrativas fotográficas – Facebook. 2. Corpos – Subjetividades. 3. Construção do conhecimento. I. Título II. Educação.

CDU: 37.547

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Maria Madalena de Camargo CRB8/298

Ministério da Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
CURSO DE DOUTORADO

Irenides Teixeira

Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas

Tese para obtenção do grau de doutor em Educação

Salvador, 19 de fevereiro de 2014

Banca examinadora:

Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto_____

Universidade Federal da Bahia (UFBA/FACED) - Orientador

Prof. Dr. Fábio D'Abadia de Sousa_____

Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Avaliador

Prof. Dra. Cristiane de Magalhães Porto_____

Universidade Tiradentes (UNIT) - Avaliadora

Profa. Dra. Maria Lucineide Andrade Fontes_____

Universidade Federal da Bahia (UFBA/FACOM) - Avaliadora

Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro_____

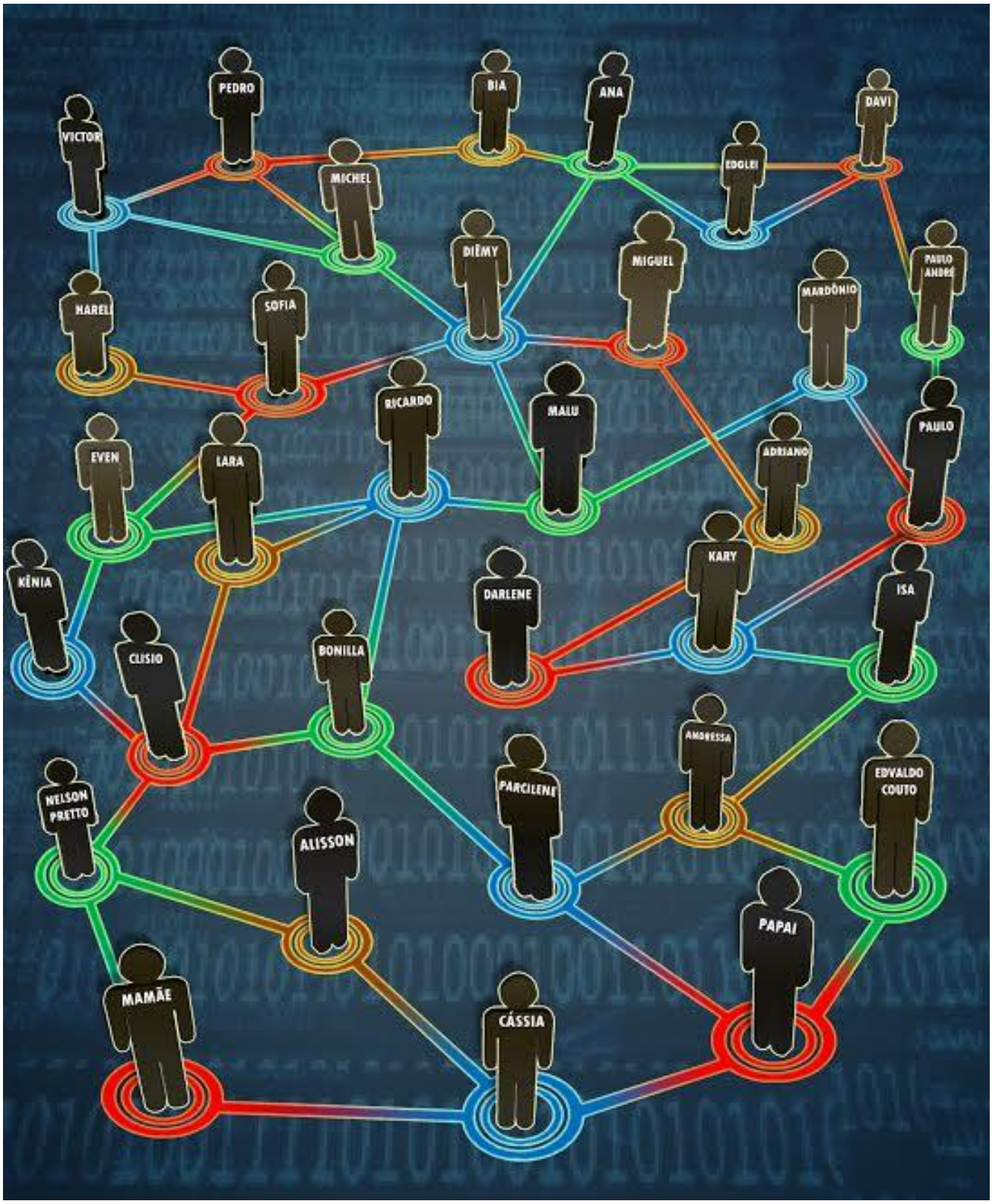
Universidade Federal da Bahia (UFBA/FACED) – Avaliador

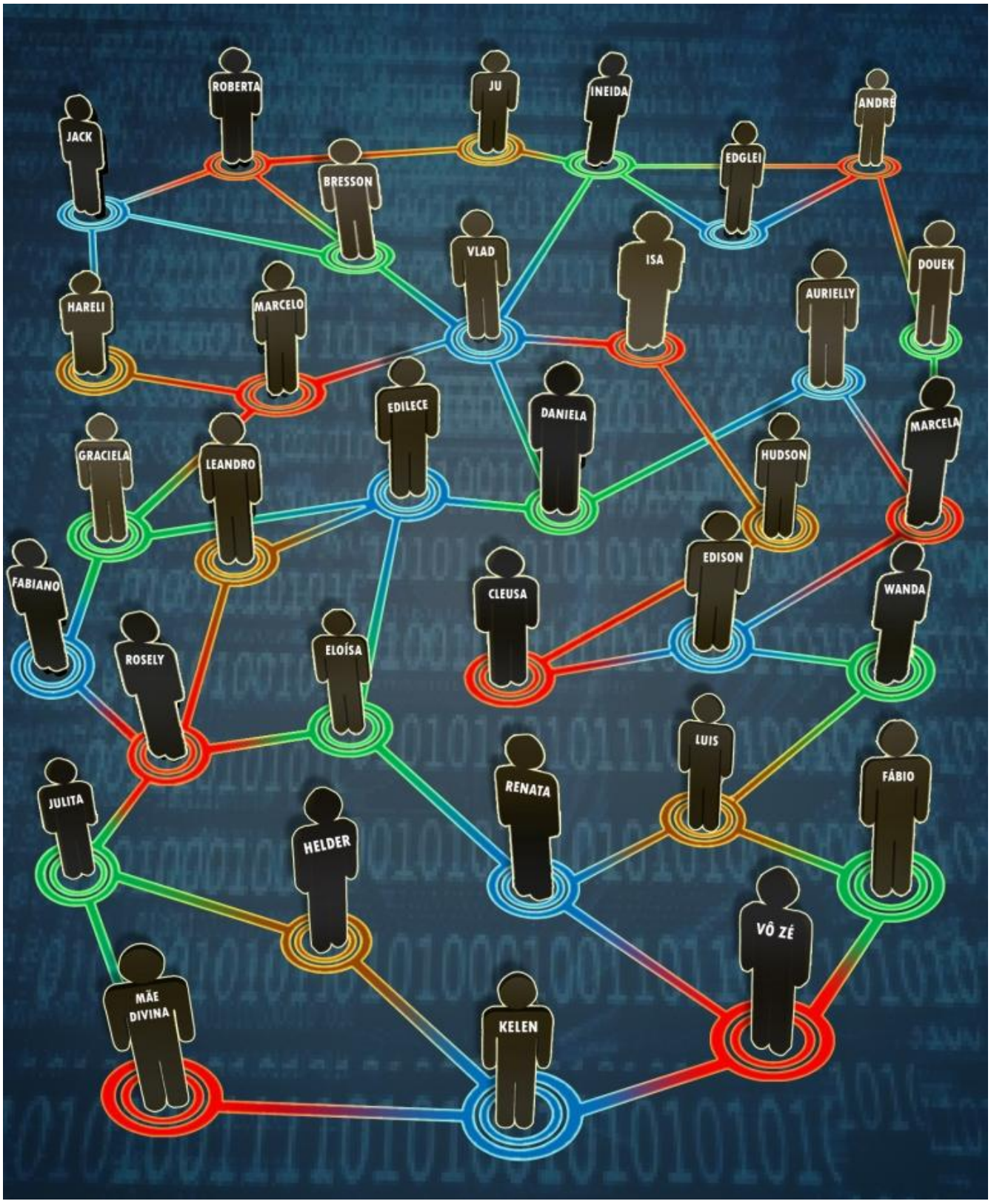
À minha mãe
e ao meu pai.

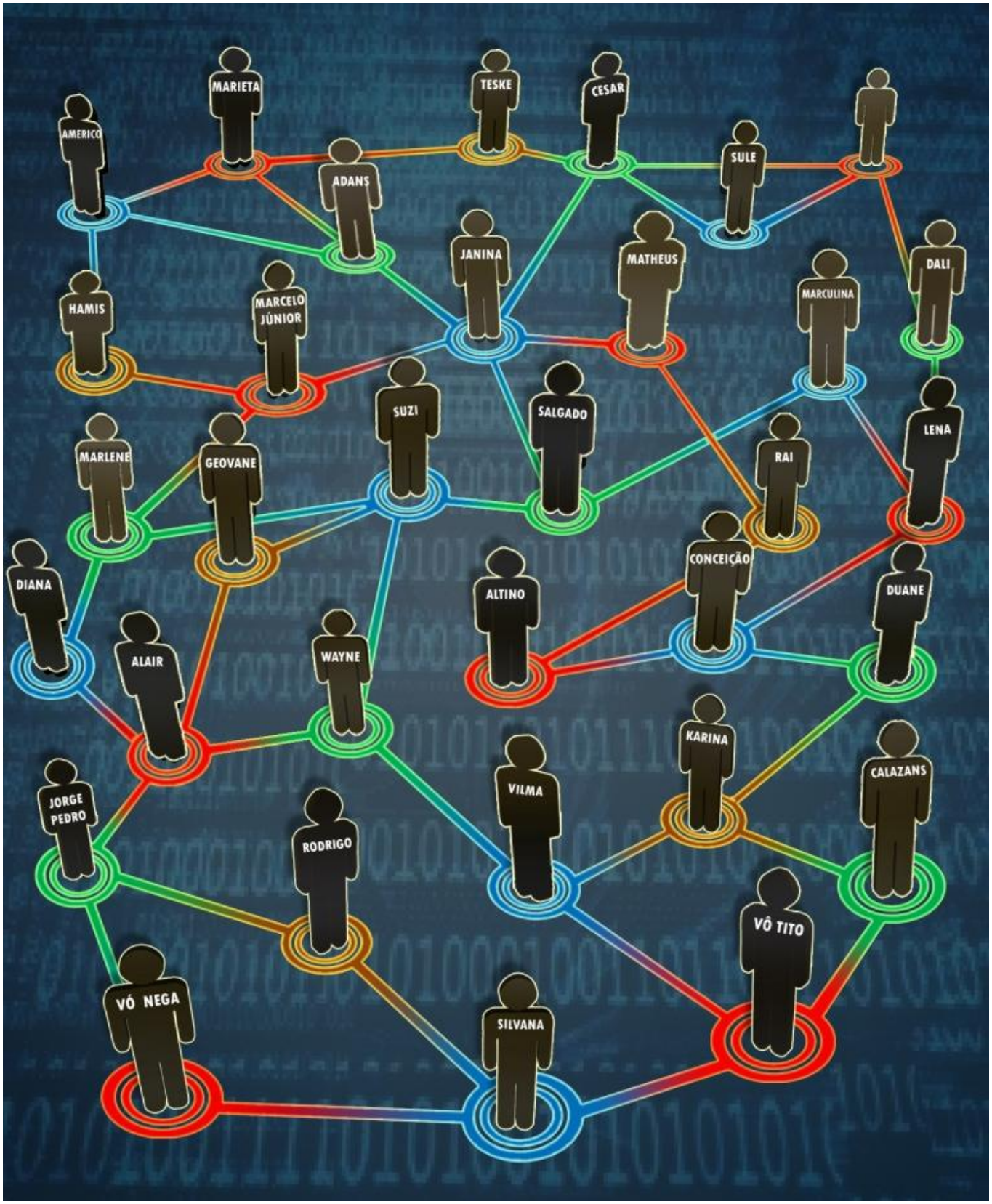
As imagens formam um baralho de iconografia infinita, são as cartas de nossas lembranças, nossas memórias, álbum simbólico das trajetórias e existências individuais; são cartas que se repetem no jogo da vida, em naipes diferentes. São muitas as cartas; sua extensão temporal, contudo é finita. São cartas marcadas que nascem e desaparecem com cada um de nós: esta é a regra - do jogo e da duração da história individual. Terminam as imagens, findam as cartas e nos tornamos memória para os outros. Resta a ausência que deixamos, os objetos, os livros, os papéis intermináveis e por vezes, fotografias. Imagens que escondem significados perdidos, rememorações secretas, representações que um dia despertaram emoções, agora devassadas por olhos estranhos: iconografias efêmeras, realidades sem vida, prestes a serem destruídas, castelos de cartas, castelos de areia, que se mesclam à poeira dos séculos. A imagem da foto, promessa de perenidade, é agora a imagem do espelho, que se dissipa. Espelhos que guardam memórias.

Boris Kossoy

AGRADECIMENTOS




JACK
ROBERTA
JU
INEIDA
ANDRÉ
BRESSON
EDGLEI
VLAD
ISA
DOUEK
HARELI
MARCELO
AURIELLY
EDILECE
DANIELA
MARCELA
GRACIELA
LEANDRO
HUDSON
EDISON
FABIANO
CLEUSA
WANDA
ROSELY
ELOÍSA
LUIS
RENATA
FÁBIO
JULITA
HELDER
VÔ ZÉ
MÃE DIVINA
KELEN


AMERICO
MARIETA
TESKE
CESAR
SULE
ADANS
JANINA
MATHEUS
DALI
HAMIS
MARCELO JÚNIOR
MARCULINA
SUZI
SALGADO
LENA
MARLENE
GEOVANE
RAI
CONCEIÇÃO
DIANA
ALTINO
DUANE
ALAIR
WAYNE
KARINA
CALAZANS
JORGE PEDRO
VILMA
RODRIGO
VÔ TITO
VÓ NEGA
SILVANA

RESUMO

Esta pesquisa discute, numa aproximação com as narrativas de Alice no País das Maravilhas, da Mitologia Grega de Narciso e dos Meninos Perdidos na Terra do Nunca, os modos de articulação das experiências corpóreas dos sujeitos juvenis pela produção e publicização fotográfica nas redes sociais, sinalizando outras rotas de aprendizagens – num olhar específico para as narrativas tecidas na rede social Facebook. Sustentados na realidade fluida e instável da cultura digital, os jovens são sujeitos nativos dessas fronteiras dilatadas que suscitam ideias potencializadas pelos modos como eles intensificam suas volatilidades subjetivas na cibercultura, em ações dinâmicas e ampliadoras de seus potenciais criativos. A cibercultura ocupa um lugar de destaque nesse movimento, uma vez que se constitui de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes e experiências que suportam as condições juvenis de Ser e parecer Ser. Nesta perspectiva, o estudo se desenvolve a partir do seguinte problema de pesquisa: como os jovens produzem representações de corpo e (re)significam a consciência perceptiva da sua singularidade, por meio das fotografias publicizadas e compartilhadas no Facebook, de modo a compreender outras rotas de aprendizagens sinalizadas por essas narrativas? A pesquisa em busca de respostas para este problema foi orientada pelas seguintes questões norteadoras: 1) Que códigos culturais os jovens imprimem no recorte tempo/espaço, no ato de fotografar o corpo? 2) De que maneiras os jovens articulam sua experiência corpórea, pela produção fotográfica, ao tempo/espaço das redes sociais, para construir significados e sentidos que atribuem à sua singularidade? 3) Que rotas de aprendizagens os autores/atores/narradores sinalizam em suas narrativas fotográficas nas redes sociais digitais? O objetivo geral foi investigar e analisar as narrativas fotográficas juvenis compartilhadas nas redes sociais digitais, de modo a compreender outras rotas de aprendizagens sinalizadas por essas narrativas. É uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e analítico, fundada na Netnopesquisa. No nosso processo de investigação, em busca de respostas para o problema posto, dialogamos com 12 (doze) jovens imersivos no Facebook, tendo como prática postagens de fotografias como estratégia narrativa de suas performances. Selecionamos e agrupamos temas e abordagens que demonstraram suas relações com os modos de construção de conhecimento por meio de suas narrativas fotográficas. Dar “voz” a esses sujeitos nos permitiu perceber a força que as tecnologias digitais exercem no cotidiano social e intelectual desses jovens em suas condições de Ser e apare(Ser), (re)dimensionando, inclusive, suas práticas cognitivas. Com a pesquisa constatamos que esses sujeitos desenvolvem outras rotas de aprendizagens: mais fluidas, críticas, libertárias e anárquicas, tendo o corpo como um território de construção de conhecimento. A pesquisa concluiu que os corpos juvenis representados nas fotografias publicadas no Facebook são canais tecno-digitais de comunicação; os sujeitos juvenis imprimem em seus corpos publicizados nas redes sociais a avatarização da liberdade; os corpos juvenis perfilados no Facebook se educam pelos sentidos e se articulam numa trajetória única de cada sujeito; o Facebook é instância formativa e as narrativas fotográficas emprestam liberdade para a não fixação de seus corpos.

Palavras-chaves: Narrativas Fotográficas; Facebook; Corpos; Subjetividades; Construção do Conhecimento.

ABSTRACT

This research discusses an approach to the narratives of Alice in Wonderland, in Greek mythology of Narcissus and the Lost Boys in Neverland, the ways to articulate the tangible experiences of youth subject for producing and publicization photographic on social networks, signaling other routes of learning - in particular looking at the narratives woven into the social network Facebook. Sustained in the fluid and unstable reality of digital culture, young people are native subjects of these dilated boundaries that cause ideas potentiated by the modes how they intensify their subjective volatilities in cyberculture, in dynamic and magnifying action of their creative potential. Cyberculture occupies a prominent place in this movement, since it constitutes the intellectual material techniques, practices, attitudes and experiences that support youth and Be able to seem to Be. In this perspective, the study develops from the following research problem: how young people produce representations of body and (re) signify the perceptual awareness of their uniqueness, through publicized and shared photos on Facebook, in order to understand other routes of learning signaled by these narratives? The research looking for answers to this problem was guided by the following guiding questions: 1) What cultural codes youths print on cut time / space, in the act of photographing the body? 2) In what ways young people articulate their bodily experience, the photographic production, the time / space of social networks, to construct meanings they attribute to their uniqueness? 3) What learning routes authors / actors / narrators signal in their photographic narratives in digital social networks?The overall objective was to investigate and analyze juvenile photographic narratives shared in online social networks, in order to understand other learning routes signaled by these narratives. It is a qualitative research, descriptive and analytical nature, founded on Netnopesquisa. In our research process, seeking answers to the problem posed we dialogued with twelve (12) young immersive on Facebook, with the practice of posts photographs as narrative strategy of his performances. We selected and grouped themes and approaches that demonstrate their relationships with modes of knowledge construction by means of his photographic narratives. Give "voice" to these subjects allowed us to realize the power that digital technologies play in social and intellectual young people in their daily life of these conditions to be and seems to be, (re) sizing, including their cognitive practices.With the research we found that these individuals develop other routes of learning: more fluid, critical, libertarian and anarchic, having the body as a territory of knowledge construction. The research concluded that juvenile bodies represented in the photographs posted on Facebook are techno-digital channels of communication; juveniles subject print their publicized bodies in the social networks the “avatarização” of freedom; profiled juvenile bodies on Facebook are educated by the senses and articulate a single trajectory of each subject, Facebook is the proceedings formative and photographic narratives lend freedom to not setting their bodies.

Keywords: Photographic Narratives; Facebook; Bodies; Subjectivities; Construction of Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perfil de Adriano Marinho Ribeiro no Facebook.....85

Figura 2 - Perfil de Alisson Pedro no Facebook 86

Figura 3 - Perfil de Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook.....87

Figura 4 - Perfil de Andressa Lunna no Facebook.....88

Figura 5 - Perfil de Bia Cruvinel no Facebook.....89

Figura 6 - Perfil de Even Ferreira no Facebook.....90

Figura 7 - Perfil de Isa Fernanda Labre no Facebook.....91

Figura 8 - Perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....92

Figura 9 - Perfil de Lari Vivan no Facebook.....93

Figura 10 - Perfil de Michel Rodrigues no Facebook.....94

Figura 11 - Perfil de Paulo André Borges no Facebook.....95

Figura 12 - Perfil de Ricardo Patresio Pessoa no Facebook.....96

Figura 13 - Fotografias publicadas no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....102

Figura 14 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....105

Figura 15 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....107

Figura 16 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....111

Figura 17 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....113

Figura 18 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook.....115

Figura 19 - Fotografias publicadas nos perfis de Even Ferreira, Alisson Pedro, Bia Cruvinel, Andressa Lunna, Lari Vivan e Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....117

Figura 20 - Fotografias publicadas nos perfis de Ricardo Patresio Pessoa, Ana Paula Gualter (Aninha), Paulo André Borges, Adriano Marinho Ribeiro, Isa Fernanda Labre e Michel Rodrigues.....118

Figura 21 - Fotografia publicada no perfil de Andressa Lunna no Facebook.....119

Figura 22 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook.....120

Figura 23 - Fotografias publicadas no perfis de Even Ferreira, Paulo André Borges, Isa Fernanda Labre e Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook.....122

Figura 24 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....124

Figura 25 - Fotografias publicadas no perfis de Isa Fernanda Labre, Even Ferreira, Michel Rodrigues e Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook.....127

Figura 26 - Fotografia publicada no perfil de Bia Cruvinel no Facebook.....128

Figura 27 - Fotografias publicadas no perfis de Isa Fernanda Labre, Adriano Marinho Ribeiro e Paulo André Borges no Facebook.....131

Figura 28 - Perfil Alice - Modos de ser dos sujeitos pesquisados.....132

Figura 29 - Fotografias publicadas no perfil de Bia Cruvinel no Facebook.....135

Figura 30 - Fotografias publicadas no perfil de Ana Paula Gualter (Aninha) e Michel Rodrigues no Facebook.....142

Figura 31 - Fotografias publicadas nos perfis de Lari Vivan, Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....143

Figura 32 - Fotografias publicadas nos perfis de Andressa Lunna e Alisson Pedro no Facebook.....144

Figura 33 - Fotografias publicadas no perfil de Adriano Marinho Ribeiro no Facebook.....147

Figura 34 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....147

Figura 35 - Fotografias publicadas no perfil de Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook.....148

Figura 36 - Fotografias publicadas no perfil de Andressa Lunna no Facebook.....148

Figura 37 - Fotografias publicadas no perfil de Bia Cruvinel no Facebook.....149

Figura 38 - Fotografias publicadas no perfil de Even Ferreira no Facebook.....149

Figura 39 - Fotografias publicadas no perfil de Isa Fernanda Labre no Facebook. 150

Figura 40 - Fotografias publicadas no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....150

Figura 41 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook.....151

Figura 42 - Fotografias publicadas no perfil de Michel Rodrigues no Facebook.....151

Figura 43 - Fotografias publicadas no perfil de Paulo André Borges Facebook.....152

Figura 44 - Fotografias publicadas no perfil de Ricardo Patresio Pessoa no Facebook.....152

Figura 45 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook.....153

Figura 46 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....155

Figura 47 - Fotografias publicadas no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....158

Figura 48 - Fotografias publicadas no perfis de Michel Rodrigues, Even Ferreira, Ricardo Patresio Pessoa e Isa Fernanda Labre no Facebook.....159

Figura 49 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....162

Figura 50 - Sequência de fotografias de Alisson Pedro publicadas em seu perfil no Facebook.....165

Figura 51 - Perfil Narciso - Modos de ser dos sujeitos pesquisados.....168

Figura 52 - Distribuição e participação percentual de matrículas em cursos de graduação presenciais por região geográfica - Brasil - 2001 – 2010.....172

Figura 53 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....173

Figura 54 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....174

Figura 55 - Fotografia publicada no perfil de Lari Vivan no Facebook.....175

Figura 56 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....183

Figura 57 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) Facebook.....185

Figura 58 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook.....189

Figura 59 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....190

Figura 60 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook.....192

Figura 61 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook.....193

Figura 62 - Perfil Meninos Perdidos - Modos de ser dos sujeitos pesquisados.....195

Figura 63 - Fotografias publicadas nos perfis dos jovens pesquisados.....199

Figura 64 - Fotografias publicadas nos perfis dos jovens pesquisados.....201

Figura 65 - Fotografias publicadas nos perfis dos jovens pesquisados.....204

Figura 66 - *Storyboard* realizado a partir das fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook.....205

LISTA DE GRÁFICOS / INFOGRÁFICOS

Gráfico 1 - Redes Sociais: acessos não param de crescer.....23

Gráfico 2 - O perfil do internauta brasileiro – proporção de usuários de internet e participação dos internautas nas redes sociais.....24

Gráfico 3 - Participação de internautas por faixa etária - % do total de usuários de internet.....24

Gráfico 4 - Participação de internautas por tipo de atividade - % do total de usuários de Internet.....24

Gráfico 5 - Usuário – distribuição etária no Facebook no Brasil.....25

Gráfico 6 - Redes sociais mais utilizadas no Brasil.....80

Gráfico 7 - Evolução do número de matrículas em cursos de graduação (presencial e a distância) no Brasil - 2001 – 2010.....171

Infográfico 1 - O impulsivo crescimento da internet no Brasil.....22

Infográfico 2 - Jovens pesquisados e quantidade de fotografias publicadas em seus perfis no Facebook.....29

Infográfico 3 - Crescimento global do Facebook.....82

Infográfico 4 - A imersão dos sujeitos pesquisados no Facebook.....84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Coleta e produção de dados da pesquisa.....77

Tabela 2 - Temas e abordagens da pesquisa.....79

Tabela 3 - Especificação de álbuns e quantidade de fotos publicadas no perfil dos jovens pesquisados.....97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 20

INSTANTE DECISIVO 1 33

2 CAMPOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS DA PESQUISA 34

2.1 Eixos teóricos da pesquisa 36

2.1.1 Cultura e Cibercultura 36

2.1.2 Ser Jovem em tempos de Cibercultura 39

2.1.3 Redes Sociais Digitais – Facebook 42

2.1.4 Fotografia Digital 52

2.1.5 O Corpo na Cultura Digital 66

2.2 Aspectos metodológicos da pesquisa 73

INSTANTE DECISIVO 2 99

3 A TELA DE ALICE E O "PAÍS DAS MARAVILHAS" FACEBOOK 100

3.1 Ser jovem nas telas 101

3.2 A fotografia como prática discursiva de enunciação 121

INSTANTE DECISIVO 3 133

4 O MERGULHO DE NARCISO NA "FONTE DE DESEJOS" FACEBOOK 134

4.1 Espelho de Narciso e a paixão por Si 134

4.2 As dimensões dos afetos individuais e coletivos nas performances do apare(Ser) no Facebook 161

INSTANTE DECISIVO 4 169

5 AS AVENTURAS NA "TERRA DO NUNCA" FACEBOOOK E SEUS ESPAÇOS DE APRENDIZAGENS 170

5.1 Aprender na perspectiva das redes 171

5.2 Terra do Nunca da normatização de saberes 179

6 CONCLUSÕES 196

REFERÊNCIAS 208

INTRODUÇÃO

"Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...]
É janela do corpo humano, por onde a alma especula
e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do
corpo que, sem esse poder, seria um tormento[...]
Ó admirável necessidade!
Quem acreditaria que um espaço tão reduzido
seria capaz de absorver as imagens do universo?"

Leonardo Da Vinci

Escritores de contos visuais. Narradores mergulhados em seus imaginários. Sujeitos que cortam o silêncio com um simples toque no disparador. Repórteres de Si mesmos: se tocam e tocam os Outros pelas dobraduras da fotografia e permanecem humanos. Se apropriam da fotografia para explicar suas experiências para eles mesmos. Disparam literalmente em tudo o que se move: desejam de alguma forma descobrir quem são. Posam, fazem tipo, desvelam Eus em frente a uma câmera. Capturam um presente que já é passado e o futuro ganha cores nas telas dos mais diferentes dispositivos digitais.

Este trabalho trata das narrativas fotográficas juvenis compartilhadas na rede social Facebook como rotas de aprendizagens. É uma pesquisa realizada com jovens universitários - do curso de Comunicação Social, do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA - que compõem o universo juvenil como sujeitos avatarizados. Sujeitos esses que interagem no ciberespaço e são detentores de habilidades e competências que lhes permitem (re)desenhar uma paisagem cibercultural, em razão da estreita relação desses sujeitos com as tecnologias digitais.

Essa condição coloca os jovens no movimento da cibercultura[1], dotando-os de subjetividades produzidas por suas próprias inquietações, frente a um universo de múltiplas possibilidades. Nesta tese, essas possibilidades são refletidas à luz das narrativas de Alice no País das Maravilhas, da Mitologia Grega de Narciso e dos Meninos Perdidos na Terra do Nunca. Nossas escolhas, por essas trilhas metafóricas, advêm das aproximações que esses personagens, bem como os sujeitos pesquisados, possuem nos seus modos de se aventurarem em espaços/tempos distintos em busca de Si mesmos.

Nossa matriz contextual está sustentada pelas bases teóricas da Cultura e da Cibercultura – num diálogo com os campos Educação – processo de construção do conhecimento - e Comunicação – redes sociais digitais (Facebook) - promotoras de interações sociais desterritorializadas, em função dos mecanismos e das tecnologias de conectividade, entre eles, as redes sociais. Esses mecanismos vêm crescendo e

[1] As discussões teóricas que envolvem a cibercultura serão discutidas posteriormente.

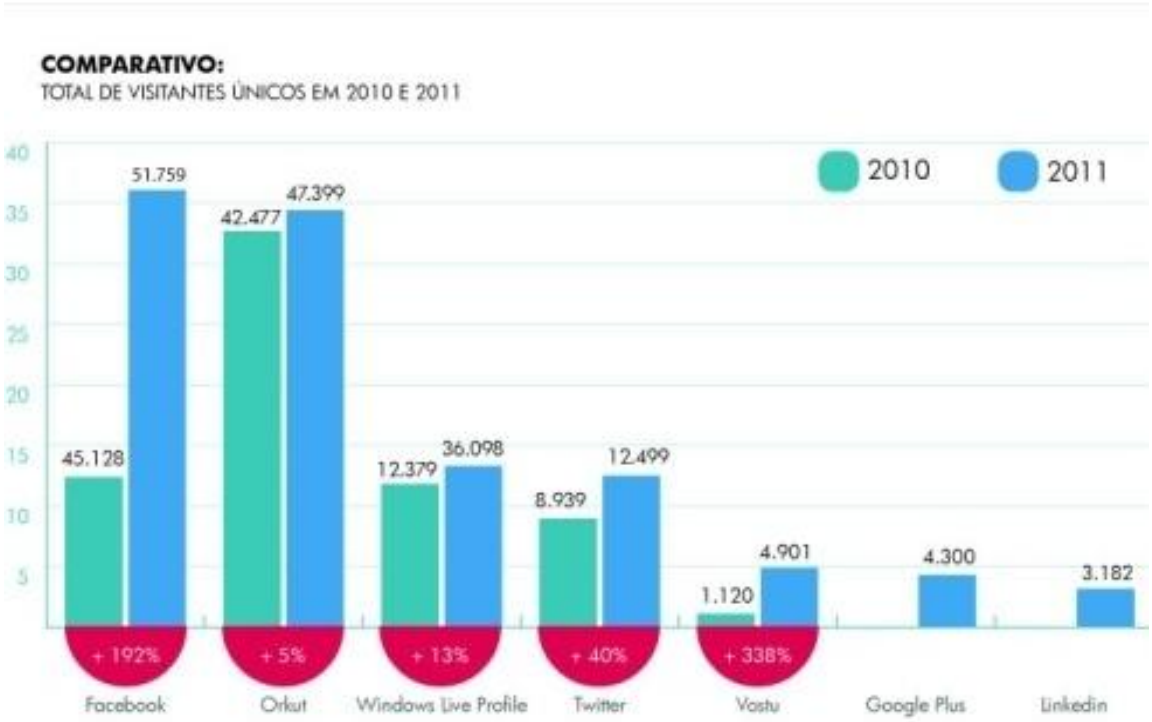
se naturalizando no Brasil, colocando o país no cenário mundial como o 5º em números de internautas, conforme ilustração:

Infográfico 1 - O impulsivo crescimento da internet no Brasil

Fonte: http://www.diego.eti.br/blog/2013/03/02/o-impulsivo-crescimento-da-internet-no-brasil/ Acesso em 16 mar 2013

Para ilustrar essa imersão dos brasileiros no ciberespaço, só a rede social Facebook aumentou em 192% em visitantes únicos, no período de 2010 a 2011, conforme ilustração a seguir. Isso implica considerar as redes sociais digitais espaços estratégicos de articulação coletiva, principalmente no que tange à disseminação da cultura. No caso desta pesquisa, a cultura juvenil.

Gráfico 1 - Redes Sociais: acessos não param de crescer



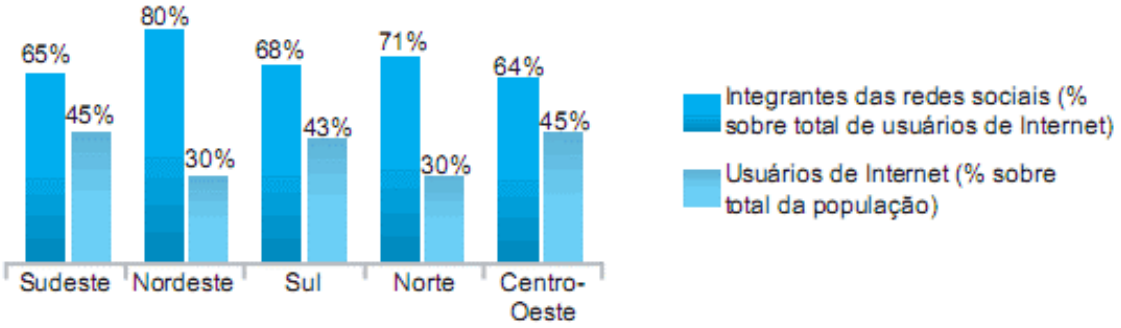
Fonte: http://www.midiaria.com/planejamento-estrategico-de-marketing/porque-as-redes-sociais-cresceram-tao-rapido Acesso em 17 out 2012

Neste contexto, o Facebook se configura, de acordo com a ferramenta *Hitwise*[2], da Serasa Experian, como a rede social mais acessada na internet brasileira: 70,10% dos acessos desde janeiro de 2012[3] e já se constitui uma das redes sociais que alcançou maior projeção nacional, nas mais diversas faixa-etárias e em diversas regiões do país, em relação aos usuários de internet.

[2] A *Hitwise* é uma solução líder global especialmente desenhada para aprimorar o retorno dos investimentos em marketing digital, mensurando o desempenho de campanhas na internet.

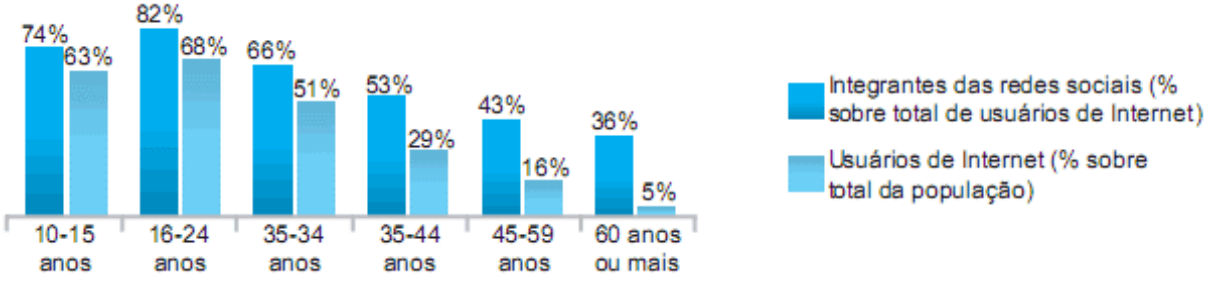
[3] Informações obtidas no site: http://www.tecmundo.com.br/facebook/44990-facebook-continua-sendo-a-rede-social-mais-acessada-no-brasil.htm#ixzz2qJMi6IGA. Acesso em dia 26 out 2013.

Gráfico 2 - O perfil do internauta brasileiro – proporção de usuários de Internet e participação dos internautas nas redes sociais



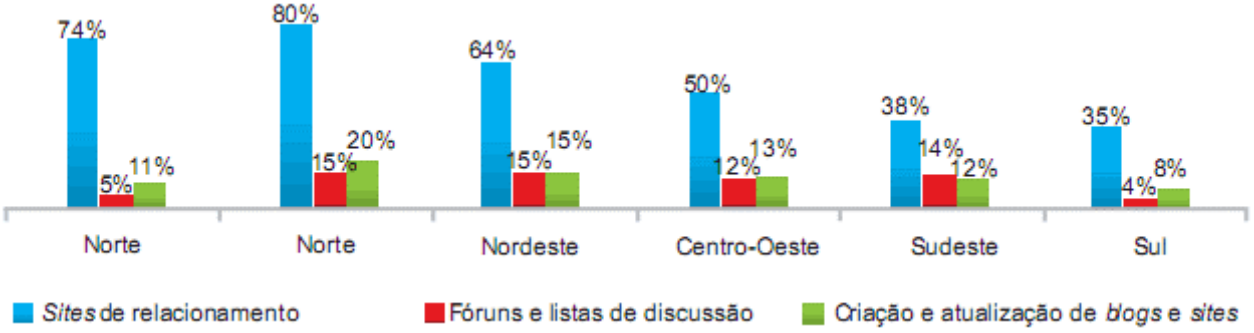
Fonte: http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03/txt.htm Acesso em 16 ago 2012

Gráfico 3 - Participação de internautas por faixa etária - % do total de usuários de Internet



Fonte: http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03/txt.htm Acesso em 16 ago 2012

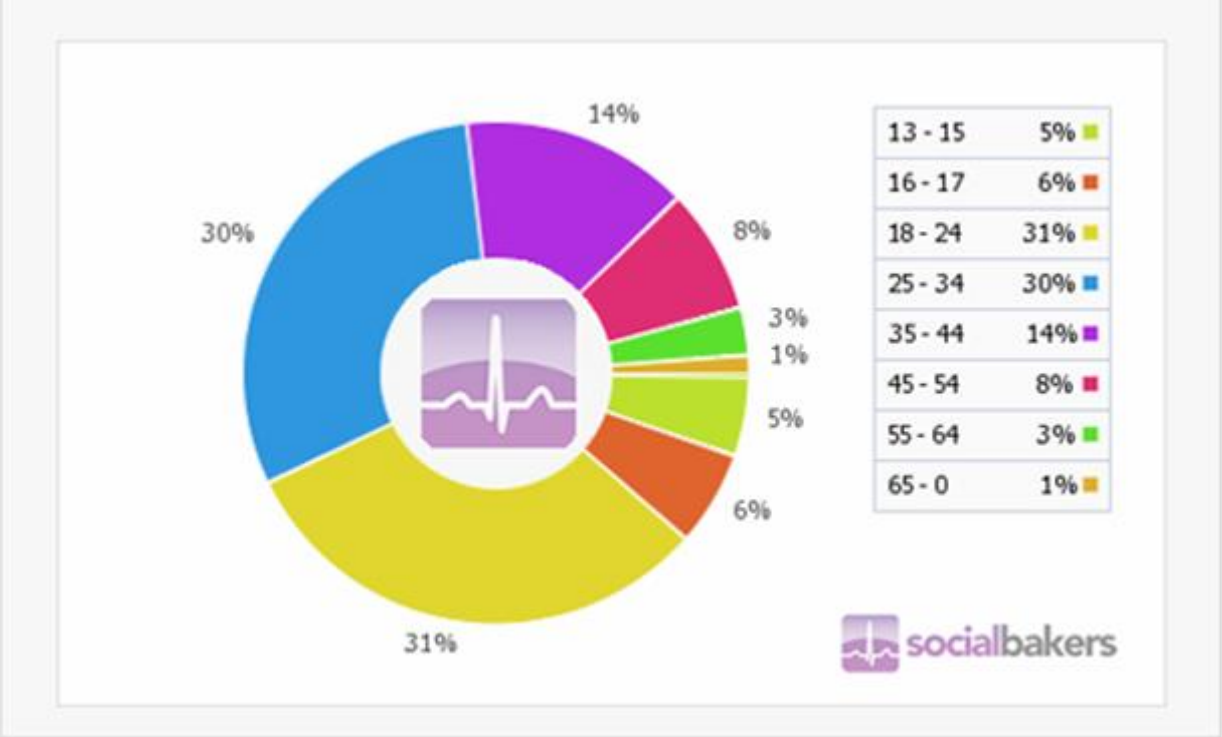
Gráfico 4 - Participação de internautas por tipo de atividade - % do total de usuários de Internet



Fonte: http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03/txt.htm Acesso em 16 ago 2012

Estima-se que o número de usuários ativos no Facebook está por volta de 750 milhões – com um número significativo de jovens. No Brasil, a presença desses sujeitos, com perfis ativos, está na faixa de 31%, com idade entre 18 a 24 anos (AMMANN, 2011) – faixa etária dos jovens pesquisados nesta tese.

Gráfico 5 - Usuário – distribuição etária no Facebook no Brasil



Fonte: http://icfacebook.wordpress.com / Acesso em 16 mar 2012

Por essa razão, o Facebook se constitui um território de análise e aponta questões de pesquisa importantes em seus espaços intersticiais: ambientes onde os sujeitos juvenis estão conectados por meio de dispositivos móveis, com acesso a internet. Neste contexto, não percebem os espaços físicos e os digitais como espaços desconexos. Assim, não há mais a sensação de entrar na internet, eles estão imersos nela. Discutir as narrativas fotográficas compartilhadas por esses sujeitos foi um desafio que nos instigou, desde o início, a buscar o entendimento das aproximações, dos avanços e das interconexões dos campos comunicação e

educação. Buscamos no trabalho de Aumont (1995), na concepção das narratologias, a ideia do termo narrativas. E o seu conceito caracteriza o que propusemos na tese:

> [...] conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história. [...] que veicula um conteúdo, a história, que deve se desenrolar no tempo – tem, pelo menos na concepção tradicional, duração própria, uma vez que a narrativa também se desenrola no tempo (AUMONT, 1995, p. 244).

A fotografia foi aqui compreendida como narrativa construída numa perspectiva em que o ato fotográfico é resultado de uma técnica, de uma intenção e de uma ação, que se materializa no fazer e no saber fazer, envolvendo atos simbólicos e icônicos, impossíveis de se conceber fora das teias informacionais. A pesquisa focou nas narrativas fotográficas juvenis compartilhadas no Facebook, sinalizando outras rotas de aprendizagens. Ambos os movimentos - as narrativas fotográficas e as aprendizagens - são da mesma natureza pedagógica: são práticas, procedimentos, técnicas e exercícios de artefatos que se cruzam e se atravessam mutuamente. “[...] quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas da representação, ou seja, é quem estabelece o que tem ou não tem estatuto de “realidade” (COSTA, 1999, p. 42).

Para entendimento dessa realidade, levamos em conta as questões e os atores juvenis que se fazem presentes nessas narrativas fotográficas. Isso significou enfrentar o desafio da cultura visual, numa dimensão cibercultural, o que implicou em novas propostas epistemológicas e metodológicas na busca da resolução do **problema de pesquisa**: como os jovens produzem sentidos de corpo e (re)significam a consciência perceptiva da sua singularidade, por meio das fotografias compartilhadas nas redes sociais? E o que essas narrativas sinalizam como outras rotas de aprendizagens? É no contexto multifacetado e híbrido da cibercultura que nosso **objeto de pesquisa** – as narrativas fotográficas publicizadas e compartilhadas no Facebook - se faz presente. Nosso interesse por esse objeto se deve a trajetória profissional da pesquisadora na área da fotografia, no que tange as intersubjetividades do Eu e do Outro no fazer pedagógico.

Iniciamos a pesquisa em meio a uma polifonia acerca das tecnologias digitais na perspectiva do Eu e do Outro. Para Sartre (2003), não há cisão entre eles, no

momento que um toma consciência do Outro. Nesta visão, o Outro dispara no Eu a luz de captura, num reconhecimento preliminar de intencionalidades que enredam esses seres subjetivos existenciais: “[...] Porque perceber é olhar, e captar um olhar não é apreender um objeto no mundo, mas tomar consciência de ser visto [...]” (SARTRE, 2003, p. 333).

A experiência com a fotografia, as discussões durante o processo de orientação e as questões formuladas, no exame de qualificação, fizeram-nos refinar o nosso olhar em busca de respostas para o problema de pesquisa que foi orientado pelas seguintes **questões norteadoras:** 1) Que códigos culturais os jovens imprimem no recorte tempo/espaço, no ato de fotografar o corpo? 2) De que maneiras os jovens articulam sua experiência corpórea, pela produção fotográfica, ao tempo/espaço das redes sociais, para construir significados e sentidos que atribuem à sua singularidade? 3) Que rotas de aprendizagens os autores/atores/narradores sinalizam em suas narrativas fotográficas nas redes sociais digitais?

Estas questões foram elencadas a partir do levantamento bibliográfico, entrevistas com jovens universitários e observações nos perfis dos sujeitos pesquisados. As respostas são sinalizações para uma pedagogia da imagem. O ato de aprender, a partir da imagem, está intrinsecamente ligado aos princípios éticos, estéticos e culturais e possibilita ao sujeito aprendente (BONILLA, 2005) a capacidade em descrever o que vê, analisar comportamentos e atribuir significados de forma criativa.

Definidos o problema e as questões norteadoras, a pesquisa que subsidia esta tese teve como **objetivo geral:** a investigação e análise das narrativas fotográficas juvenis compartilhadas nas redes sociais digitais, de modo a compreender outras rotas de aprendizagens sinalizadas por essas narrativas. Para atingir essa finalidade, percorremos uma trajetória rumo aos seguintes **objetivos específicos:** 1) Discutir a construção e as representações de subjetividades do indivíduo em sua evidência corpórea e como ele discorre sua singularidade por meio das narrativas fotográficas compartilhadas no Facebook. 2) Entender o processo de construção simbólica do corpo, do corpo subjetivo, do corpo percebido do ponto de vista do indivíduo. 3) Identificar, por meio da fotografia, as experiências corporais e como

essas representações afetam as experiências de sujeito desse autor/ator/narrador. Esses dados possibilitaram caracterizar o *corpus* da pesquisa e os rumos da tese.

Nesta pesquisa, as narrativas fotográficas juvenis compartilhadas no Facebook são tomadas como etnotextos, fixadores de experiências (MACEDO, 2006), que reproduzem as cosmovisões de seus sujeitos. Nesse contexto, a análise das narrativas fotográficas dos sujeitos juvenis - conteúdos de Si e dos Outros – fundamentaram-se na etnopesquisa: recurso metodológico "interpretacionista" (MACEDO, 2006), que nos permitiram tomar as narrativas fotográficas como produções sociais que orientam, educam o olhar, revelam e ocultam vivências e reapresentam o passado a um presente com visibilidade para o futuro. Trazem informações singulares. São veículos de comunicação.

O método utilizado foi da netnografia - transposição virtual das formas de pesquisa face-a-face. É uma janela por meio da qual o pesquisador observa comportamentos naturais de uma comunidade e/ou seus sujeitos em seu funcionamento nas redes digitais (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2011). A partir dessa compreensão, selecionamos, para esta pesquisa, 12 jovens universitários, imersos no Facebook, que se expressam por meio de uma polifonia de narrativas fotográficas.

Infográfico 2 - Jovens pesquisados e quantidade de fotografias publicadas em seus perfis no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Na tese, esses jovens são tomados como sujeitos-imagens – *pixels* - (KIRST, 2010) molécula das imagens que os vários interatores que transitam no Facebook têm dos sujeitos postados – incessantemente (re)definem-se e se permitem serem (re)definidos sempre que publicizam seus Eus. Nesse jogo, oferecem possibilidades

para tirá-los da dimensão do plano de quase invisibilidade. Esses sujeitos e suas linguagens se constituem uma importante linha de pesquisa para a área de educação, pela capacidade que os sujeitos juvenis vivem: sem as amarras do passado, numa presentividade eufórica e instantânea do exercício do Eu, como possibilidades de interfaces curriculares fundamentais na implementação nos modos de pensar, agir e formar.

Realizamos observação participante nos perfis dos sujeitos pesquisados no Facebook e aplicamos entrevistas semiestruturadas para compreendermos os comportamentos descritos no processo de produção de subjetividades juvenis. Esse movimento exigiu conhecermos

> [...] a realidade fluida e instável da cultura digital, fronteira dilatada dessa geração, que suscita ideias potencializadas pelo modo como esses jovens intensificam sua volatilidade subjetiva na cibercultura, construindo arquiteturas líquidas, distintas por sua dinamicidade e ampliadora do potencial criativo desses sujeitos (SILVA, 2013, p. 21).

O **argumento geral da tese** é o de que os jovens ao produzirem e compartilharem as fotografias nas redes sociais digitais, na condição de autor/ator/narrador, transmitem sentidos dos seus movimentos corpóreos, do seu repertório cultural e sinalizam por meio das marcas técnicas, estéticas e ideológicas suas subjetividades, de modo a construir conhecimentos que se (re)configuram em outras rotas de aprendizagens. Partimos do pressuposto que o indivíduo percebe, identifica e (re)conhece os elementos dos espaços em que está inserido, numa escala muito mais significativa de percepção espaço-ambiente, quando o mesmo faz o registro visual e narra em fotografias a realidade na qual se encontra.

As narrativas visuais são tecidas por meio de experiências que, de forma espontânea e autônoma, oferecem mecanismos de construção poética, ao mesmo tempo lúdica e representativa da sensibilidade dos sujeitos. Por meio dessas narrativas, a experiência corpórea é trabalhada por intermédio de vivências particulares e são dispostas aos indivíduos para que, em conjunto, os saberes e conheceres sejam compartilhados de forma a fazer emergir outros modos de aprender e ensinar.

Na trajetória dos estudos de doutoramento e na revisão bibliográfica identificamos diversas contribuições de análise que seriam úteis nas nossas discussões, mas buscamos selecionar àquelas que subsidiariam os aportes teóricos dos currículos contemporâneos: Bauman (2013), Canevacci (2013), Couchot (2003), Couto (2012), Kenski (2013), Kerckhove (2009), Kossoy (2012), Lévy (1999), Lipovetsky (2007), Merleau-Ponty (2003), Recuero (2009), Santaella (2008), Sibilia (2012), Silva (2013), Sousa (2013), entre outros. Assim, definimos as categorias teóricas: “Cultura e Cibercultura”, “Ser Jovem em tempos de Cibercultura”, “Redes Sociais Digitais - Facebook”, “Fotografia Digital” e “O Corpo na Cultura Digital”.

Durante todo o trabalho foi preciso “[...] experimentar possibilidades, refazer etapas, criar saídas, tomar decisões” (SILVA, 2013, p. 24-25) para chegar à sistematização e estruturação desta tese, organizada em capítulos, conforme demandaram o referencial teórico e a pesquisa empírica. Para responder o problema inicial desta investigação, a tese foi estruturada em capítulos interdependentes. Após essa **introdução**, o primeiro capítulo – **Campos teóricos e empíricos da pesquisa** – apresenta os aportes teóricos e metodológicos que sustentam nossa investigação. A fundamentação se apóia na Cibercultura e nossa leitura do fenômeno está sob a lente da netnopesquisa - sugeridas pelas demandas do problema de estudo.

O segundo capítulo – **A tela de Alice e o “País das Maravilhas” Facebook** - traz o sentido e a concepção de jovens no contexto contemporâneo, revelando-lhes os traços mais substantivos e suas performances nas telas digitais, a partir de processos discursivos, decorrentes de suas narrativas fotográficas.

No terceiro – **O mergulho de Narciso na “Fonte de Desejos” Facebook** – fazemos uma análise das formas como os jovens se apropriam do Facebook como plataforma de (auto)exposição, (auto)contemplação, (auto)promoção e transferência de subjetividades narcísicas, por meio do autorretrato, em suas performances visuais.

No quarto capítulo – **As aventuras na “Terra do Nunca” Facebook e seus espaços de aprendizagens** – apresentamos as experiências dos jovens que transgridem fronteiras e legitimam o espaço Facebook como território livre e anárquico na construção de saberes.

A **conclusão** indica aspectos pontuais da tese, fazendo referências às possibilidades de novos estudos e pesquisas na área de educação, e, ainda apresentamos as considerações e aprendizados com a experiência da pesquisa.

INSTANTE DECISIVO 1

"A gente olha e pensa: Quando aperto? Agora? Agora? Agora?
Entende? A emoção vai subindo e, de repente, pronto.
É como um orgasmo, tem uma hora que explode.
Ou temos o instante certo, ou o perdemos...
E não podemos recomeçar..."
Henri Cartier-Bresson

2 CAMPOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS DA PESQUISA

Este capítulo trata das escolhas teóricas que assumimos para o desenvolvimento da pesquisa, sempre orientadas pelas necessidades postas pelo problema e questões norteadoras, elaboradas como elementos de reflexão em relação ao objeto de estudo. O capítulo está dividido em duas partes. Na primeira apresentamos os campos teóricos que sustentaram nossas leituras e análises: Cultura e Cibercultura, Ser Jovem em tempos de Cibercultura, Redes Sociais Digitais - Facebook, Fotografia Digital e O Corpo na Cultura Digital.

Nossa intenção foi estabelecer uma relação entre essas concepções e nosso objeto de pesquisa, visando à construção dos argumentos de análise. Na segunda parte apresentamos nossas posições metodológicas, detalhando os procedimentos utilizados. A proposta foi tomar os sujeitos juvenis e suas (inter)ações com a fotografia digital na perspectiva de que ambos são elementos cada vez mais evidenciados na cultura do efêmero. A pesquisa é fundamentada no arcabouço teórico-reflexivo dos Estudos Ciberculturais, uma vez que nosso objeto se ancora nas perspectivas das práticas híbridas de sujeitos em ação.

Num cenário marcado por significativas transformações nos aspectos objetivos e subjetivos de tempo e espaço, nas formas de socialidades e nos modos de Ser e estar na contemporaneidade, essas teorias sustentaram nosso olhar em função das diversidades, multiplicidades e complexidades das culturas juvenis, fortemente marcadas pelas tecnologias digitais, que possibilitam aos sujeitos experiências infinitas de criação e recriação do seu próprio espaço social (SILVA, 2013).

Além disso, nos possibilitaram desvendar os pontos de força que formam a cultura juvenil, em especial os territórios *ciber*, em que esses sujeitos se fazem enquanto seres sociais e se constituem agentes expressivos dessas transformações, dando origem às ciberculturas juvenis. Essas marcadas pela leveza, ausência de peso, mobilidade e inconstância, uma vez que os jovens desse tempo rompem com as barreiras que tradicionalmente limitavam a condição juvenil: “Morrem as faixas

etária, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades” (CANEVACCI, 2005, p. 29).

Na presentividade, a condição juvenil é dilatada e plural, fundada na extrema incerteza, imprecisão e instabilidade (ROCHA, 2009). Uma condição líquida, híbrida, incapaz de manter a forma. Esse movimento é desvelado nas relações dos jovens em suas narrativas visuais, produzidas e espetacularizadas em fotografias nas redes sociais digitais que dão pistas de suas condições ciberculturais. Nesse processo, estão imbuídos elementos estéticos e culturais da condição de Ser dos sujeitos juvenis, facilmente despertos, controlados, acionados, reconstituídos pelas pontas dos dedos no ato de acionar o disparador. O sujeito se fragmenta no recorte desse tempo e quando lançado à rede social fica a deriva do gozo e dos imperativos das formas outras do olhar do Outro.

Nesta pesquisa, o sentido de texto é alargado, referindo-se às fotografias produzidas e publicizadas pelos jovens no Facebook, na perspectiva de uma realidade que considera a subjetividade o poder constituidor das redes sociais digitais. Tomamos, nesta tese, a subjetividade como processos – modos de Ser de uma incansável produção que transborda o indivíduo, por todos os lados - que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são, por princípio, efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais (ROLNIK, 1996).

Neste contexto, os discursos em torno dos movimentos culturais, marcados pela instantaneidade dos novos tempos, enfatizam a ação, a produção ativa e não simplesmente o consumo passivo do sujeito. Além disso, acreditamos que essas categorias de análise são lentes essenciais para a leitura do fenômeno posto nesta pesquisa: as culturas juvenis e suas narrativas fotográficas compartilhadas no Facebook. Portanto, refletir e investigar as potencialidades discursivas das narrativas visuais, a partir das relações dos jovens com as tecnologias digitais implicou trabalhar a cultura digital na perspectiva de que essa contribui para as práticas formativas.

2.1 Eixos teóricos da pesquisa

2.1.1 Cultura e Cibercultura

A pesquisa se insere na perspectiva da cultura digital, na esfera do ir além, que é o próprio ato de superar barreiras, limites (BHABHA, 2010). Essa cultura que é, antes de tudo, híbrida, dinâmica, volátil, permeável, mutante permite o sujeito viver, de algum modo, além da fronteira de nosso tempo; dá potência às diferenças sociais, temporais, que o (re)posiciona e (re)define a sua noção de Ser e existir no território da cultura líquido-moderna, que

> [...] não se sente mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Em vez disso, parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento (BAUMAN, 2013, p. 36).

Numa dimensão espacial e temporal, em que as narrativas conectivas passam a ser performances do Eu, as intervenções midiáticas são da ordem do aqui e agora. Essa noção de cultura como prática que dá potência ao sentido de ação, são marcas próprias do campo dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-crítica.

Os Estudos Culturais cada vez mais ganham importância na teorização e investigação social, uma vez que compreendem a cultura de uma sociedade por suas formas e práticas de produzir linguagens; dão suportes para (re)constituir o comportamento e as ideias compartilhadas pelos sujeitos na esfera cibercultural. Se a natureza da cibercultura é, em sua essência, heterogênea, as realidades são múltiplas posto que a mídia modifica aquilo de que ela trata e a maneira como é percebida, embaralhando identidades e referencialidades, tornando a cultura um campo discursivo e ávido de representações (SANTAELLA, 2008).

Esses movimentos são, nesta pesquisa, saberes cruzados, desafios próprios da condição interdisciplinar que a contemporaneidade exige. Essa atitude interdisciplinar não resulta apenas de uma simples síntese, mas de sínteses imaginativas, audazes (MORIN, 1999), que nos conduziram a navegar por outros campos do conhecimento em busca de uma compreensão dos sujeitos na cibercultura, com suas técnicas materiais e intelectuais, com suas práticas, atitudes,

modos de pensamento e valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Nesse contexto, os sujeitos imersos nessa cultura são cada vez mais produtores de conhecimento. Esse sujeito que é plural, diferenciado e móvel (CANEVACCI, 2005), tem a informação não como um produto acabado, mas inacabado, interminável.

Essa prática cultural e seus sistemas de comunicação (re)significam o sujeito contemporâneo, onde tempo, espaço, informação e conhecimento são elementos que o desloca e o projeta nas tramas do ciberespaço numa dimensão pluricircular em que a velocidade de interação atinge a imediaticidade (KERCKHOVE, 2009). O tempo da cibercultura é o da aceleração que vai além da velocidade porque não supõe mobilidade, mas se vive em aceleração sem sair do lugar e, no mesmo instante, as emoções de ontem podem fazer viver o amanhã. Em aceleração, "[...] tempo e espaço se sobrepõem no presente, entendido não como tempo entre o passado e o futuro, mas como continuidade de instantes aqui e agora" (FERRARA, 2009, p. 75).

Na cibercultura, o campo produtivo é marcado por múltiplas conexões, configuradas em novas subjetividades de modo que essas produções ganham *status* de espetáculo nas redes sociais digitais. E, é nesse território cultural que os jovens – atores dessa pesquisa – publicizam suas intimidades, espetacularizam seus Eus. Se representam e representam o Outro quando do compartilhamento de vivências, emoções e sensações. Essas projetadas em narrativas fotográficas compartilhadas em álbuns virtuais ou simplesmente em suas linhas do tempo nas redes sociais, mais especificamente no Facebook.

> A exposição da intimidade mediada por inúmeros dispositivos eletrônicos e pelas redes é uma tendência cada vez mais crescente. O Brasil figura entre os países com mais usuários de redes sociais: 80,1% dos internautas brasileiros navegam em sites relacionados a serviços como fotologs, videologs, e microblogs e possuem um perfil cadastrado em pelo menos uma rede social ativa na Internet. A exposição imagética dessa maneira passa a constituir e construir a mensagem do que o usuário quer apresentar nas redes sociais (SILVA, 2012, p. 26).

De acordo com Lemos e Lévy (2010), essas redes colocam-nos diante de novas práticas sociais e de comunicação, impondo-nos, com isso, novas formas de

mobilização. A sociedade passa a ter controle das transformações decorrentes desse cenário: a comunicação pessoal passa a constituir-se no controle individual; a partilha coletiva da informação, em mobilidade com alcance planetário. Essa mobilidade está diretamente associada à conexão nos aspectos físico/espacial – transporte - e virtual/informacional - mídia, o que implica desterritorialização, espaço sem distâncias e fronteiras.

Nesse contexto, há um processo de troca simbólica, expressões da socialidade, que gera laços sociais naturais entre os sujeitos e os fruidores de suas narrativas. Complexa e híbrida, essas expressões culturais decorrem do deslocamento de um mundo concebido em termos binários, onde cada sujeito, em suas mais diversas performances visuais, é distinto pela singularidade de seus traços culturais (BHABHA, 2010). As repercussões sociais que as tecnologias digitais promovem no sujeito juvenil (re)configuram o seu jeito de pensar, sentir, Ser e agir e, evidentemente, um campo fenomenológico e cognitivo da comunicação e da informação é delineado, na perspectiva da liberdade de produção e compartilhamento de conteúdos. Nesse espaço,

> [...] a arte digital, a pesquisa em rede, a publicação *on-line* de textos [...], a apropriação da rede por produtores de [imagens] músicas e vídeos, são exemplos de um movimento mundial em torno da liberdade de circulação dos conhecimentos produzidos [pelos sujeitos juvenis] (PRETTO, 2013, p. 139).

Nessa lógica, novas formas de discursos, produção de significados e interações pessoais são construídas, (re)direcionando seus sujeitos e seus territórios, na dimensão comunicacional, social e política da cibercultura. Essa dimensão se constitui para os jovens fronteiras esfaceladas para criar “[...] novos planos de existência: nos modos de relação, [...] nos modos de conhecimento, de aprendizagem e de pensamento [...], nos gêneros literários e artísticos” (LÉVY, 1999, p. 218) e assim, permite os movimentos, as transformações e as produções do Ser e estar jovem no ciberespaço.

Com isso, é configurada uma nova pedagogia cultural que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e as aprendizagens coletivas em rede. Ao valorizar as atividades fora do sistema formal de educação, compreendemos as narrativas numa dimensão cultural, tendo em vista como produção e difusão de

novos sentidos e significados para os grupos sociais a que cada indivíduo pertence. Imersos na cibercultura e num movimento que é próprio da contemporaneidade, os sujeitos desta pesquisa (re)configuram outros espaços, outros territórios, (re)inventam outras formas de comunicação, suportados pelas tecnologias intelectuais que, pela sua configuração, ampliam e modificam a capacidade cognitiva desses sujeitos.

A interatividade, para esses indivíduos, é marcada por práticas de comunicação participativa e colaborativa.

> [...] esta é a forma de ser e de pensar da juventude de hoje, uma juventude que tem um jeito *alt-tab* de ser, que é capaz de processar múltiplas coisas simultaneamente. E esta diferença tem relação direta com os elementos tecnológicos do mundo contemporâneo (PRETTO, 2013, p. 177-178).

Tecem redes, se colocam diante de novas práticas sociais e de comunicação, buscam novas formas de exposição do Eu. Esse movimento vai além de revolução tecnológica, ele inaugura a revolução das relações dos sujeitos com o processo de produzir, consumir e legitimar suas performances, alterando a demanda da mensagem de acordo com a necessidade de expressão desses sujeitos juvenis, (re)significando as ações de comunicação estabelecidas no ciberespaço, alterando, profundamente, sua forma de Ser e estar no mundo: são autores, atores e narradores de suas próprias histórias. O que os tornam quem eles são.

2.1.2 Ser Jovem em tempos de Cibercultura

As questões que definem a condição de Ser jovem na atualidade vêm demonstrando que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis. Esses grupos constituem conjuntos heterogêneos com diferentes oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nos diferentes contextos sociais. Logo, por definição, juventudes são construções sociais e culturais, produções de determinadas sociedades, por meio das múltiplas formas como essa sociedade vê os jovens. Trata-se de produções, na qual se conjugam estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, tribos etc.

Mas a melhor explicação é a que se coloca numa perspectiva cultural das sociedades. Essas sociedades identificam e atribuem ordem e sentido a aquilo que parece tipicamente transitório, caótico e desordenado. Mas,

> [...] é precisamente a sua natureza fugidia que carregada de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade essa construção cultural, a qual, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 8).

As juventudes apresentam especificidades como imagens fortes, modos de pensar e de representar a si própria e à sociedade, elementos constitutivos da grande batalha do simbólico que, na contemporaneidade, adquiram novas modelações, tornando os sujeitos juvenis fragmentados, provisórios, plurais e contraditórios, fundados nos princípios da estética.

Esses princípios são utilizados pelos sujeitos em seu cotidiano, marcando-lhes os corpos e contribuindo na construção de suas subjetividades provisórias, complexas, líquidas e flutuantes, no contexto das relações possíveis com o seu próprio Eu e com o Outro, vestindo-se e travestindo-se, de acordo com as circunstâncias. Segundo Canevacci (2005, p. 34), “Lá onde o olhar adulto só vê uniformidade, para os olhares intermináveis do jovem dilatam-se diferenças vitais, pequenas minúcias apaixonantes, identidades micrológicas”. O olhar adulto abarca o todo, pois compreende a realidade com a qual se confronta como algo dado e definitivo. Os jovens, ao contrário, dispõem da capacidade de ver o todo por meio de seus fragmentos, explorando-os de acordo com suas circunstâncias e necessidades.

Nesse contexto de leveza, ausência de peso, mobilidade e inconstância, uma nova concepção de jovem se instaura, na lógica das dilatações juvenis, onde Ser jovem é

> [...] a condição da mutabilidade constante, do fluir, não só do ser, mas também do espaço de se tornar. Esse espaço, bem como seus sujeitos, é flutuante, impreciso, em estado de permanente devir, podendo ser assumidos como líquidos, híbridos, móveis, nômades e incapazes de manter as formas (SILVA, 2013. p. 46).

Essa fluidez das juventudes permite que o jovem seja percebido como sujeitos permanentemente como (re)construídos. Sujeitos atemporais, transitórios, construídos a partir do interesse pela novidade, extravagância, irreverência,

espontaneidade, ousadia, rebeldia, exclusividade, diferença etc. - valores imputados aos jovens pelas tecnologias digitais. A condição juvenil, em tempos ciberculturais, não é simples movimento de passagem, mas linguagens, narrativas construídas para legitimar o fato e a aventura de Ser jovem na sociedade da comunicação e da informação, mediada pelas tecnologias, que promovem experiências singulares de subjetivação.

Os jovens, independentemente do estrato social a que pertencem, estão cada vez mais cercados pela mídia, particularmente, a digital. Essa é responsável por deslocamentos temporais, espaciais e conceituais. Por isso, não existe o “agora” como algo permanente, definitivo e com projeções no futuro. O “agora” para os sujeitos juvenis não é tempo, mas essência social em permanente construção, reconstrução, significação e ressignificação.

Esse reconstruir, significar e ressignificar conduz a uma condição juvenil, não sedentária nem preguiçosa, mas multicolorida e rica de significações. Não necessariamente encontráveis nos enunciados lógicos ou categoriais, mas fora deles: nos corpos, na moda, nas marcas no corpo, na maquiagem, na linguagem, que ganham formas nas narrativas fotográficas, provocando um sentimento perturbante e desestabilizador, uma espécie de espetacularização dos valores tradicionais.

Neste desordenamento cultural que é o mundo contemporâneo, a condição juvenil também apresenta marcas relacionadas à escolarização e à subjetividade. Em relação ao primeiro aspecto, observamos uma defasagem da escola em face do modelo social de comunicação introduzido pelos meios audiovisuais e pelas tecnologias digitais, que provocam mudanças na cultura, na sociedade, no sujeito, na linguagem, nas formas de pensar e construir conhecimento. “[...] as redes digitais rearticulam, reestruturam, transformam as formas de pensamento e linguagem [...] dando a elas novas e amplas dimensões [...]” (BONILLA, 2005, p. 12-13).

Quanto à subjetividade, o que percebemos é a emergência de representações construídas a partir dos valores materiais e simbólicos “naturais” ao contexto no qual os jovens estão inseridos e decorrentes dos apelos da mídia, por meio de suas linguagens e narrativas com forte poder de persuasão. A experiência dos jovens na

contemporaneidade é tecida pela interação com os Outros e com o mundo, mediada pelas tecnologias digitais que destituem esses sujeitos da condição de simples espectadores dos acontecimentos. Agora eles podem e

> [...] querem participar, decidir, questionar, desafiar e discordar. Estão se tornando cada vez mais críticos. Gostam de desafiar ideias, pessoas, afirmações, de argumentar e debater, aceitam pouca coisa pelo significado óbvio (BONILLA, 2005, p. 73-74).

São mais tolerantes com a diversidade, mais curiosos, autoconfiantes e contestadores. Além disso, esbanjam autoestima e podem mudar de personagem repetidas vezes até alcançar aquela que lhes parece mais adequada a uma determinada circunstância, mudando-a assim que a circunstância deixar de existir.

O cotidiano, os relacionamentos, as memórias, as fantasias e os desejos fluem pelas múltiplas e interativas narrativas. Disso resultam novas subjetividades, novos sujeitos, num constante processo de inquietação dos atores com a realidade e uma busca incessante da transformação do Eu. A aventura pelos caminhos do olhar implica um mergulho num complexo e fascinante processo de construção de realidades dado pelo trânsito dos jovens nas redes sociais digitais. A discussão nos chama a refletir sobre o papel dessas redes, em especial o Facebook, no universo da cultura juvenil em suas práticas relacionais.

2.1.3 Redes Sociais Digitais – Facebook

A sociedade, em sua gênese, possui características de redes. Do ponto de vista conceitual redes sociais, há mais de um século, são para designar as relações que se estabelecem entre elementos de um determinado sistema social. Com o advento da Internet ou das tecnologias digitais o conceito de rede social adquiriu um novo contexto: aplicabilidade (VICENTE, 2012), percebida a partir das ferramentas de conexões das listas, de links e de outros sistemas que auxiliam a manter as trocas tanto conversacionais quanto imagéticas.

Nesta pesquisa, as redes são concebidas não só como forma de organização social, mas numa concepção de estrutura sem fronteiras, numa lógica de comunicação – emissão-recepção - inserida na cultura digital, essa que promove a interação, a

colaboração, o compartilhamento. Isso se dá nas atividades sócio-culturais e político-ideológicas dos atores envolvidos e consistem em estabelecer mais que relações, mas alianças, contratos sociais, intercâmbios de ideias, posições e posturas com Outros diferentes sujeitos, numa perspectiva de aproximação, de contato, de conexão que teve seu marco com o impacto da revolução digital - mudança radical dos paradigmas da comunicação, que trouxe rapidez e agilidade na propagação da informação e facilitou o modo com que o sujeito expressa suas opiniões, se relaciona, compartilha interesses e objetivos comuns, sejam eles de caráter afetivo ou profissional. O que implicou em padrões de conexão de grupos sociais, a partir das relações estabelecidas entre os múltiplos atores.

Nesse contexto, os atores envolvidos, através da interação e da constituição de laços sociais, passaram a atuar e modificar as estruturas sociais (RECUERO, 2009), num movimento comunicacional mais público, mais coletivo. Nessa teia comunicativa emergem milhares de atores interconectados que constroem, compartilham, tecem subjetividades de modo que contextos coletivos de interação são estabelecidos. Nesta perspectiva, percebemos que as redes sociais digitais (re)configuram as subjetividades e socialidades bem como a memória, expectativas e anseios dos sujeitos, alterando os modos de trocar informações, adquirir conhecimento, atuar, perceber e representar o mundo, num contexto mais divertido, mais fluido, mais autoral.

Numa sociedade altamente marcada pela virtualização das coisas e das pessoas, propiciada pela cultura do digital, as redes sociais são compreendidas como ambientes virtuais em que atores sociais – nós - interagem com Outros e tecem sua própria rede social de modo a formar uma teia de relacionamentos baseada nessa estrutura de rede. Nessa estrutura, interação é o “fazer parte”, pertencer, é o que possibilita compreender a sociedade, na perspectiva da cultura digital, como uma rede que se constitui na relação construída entre seus atores.

A interação é que possibilita o fluxo de informações e a condição de existência dessa rede. Lévy (1999), Castells (1999) e Lemos (2002) postulam que a força deste fluxo possui relação direta com a produção de subjetividades, no que tange à capacidade de o sujeito se expandir, se hibridizar e se transformar.

> O sujeito, tanto o sujeito-NÓS quanto o sujeito-EU, cessa então de ocupar esta posição desaprumada, epistêmica, que ocupava tradicionalmente. O sujeito em si mesmo hesita entre o estado de objeto e o de imagem [...], da mesma forma que a imagem hesita entre o estado de imagem e de objeto. O sujeito não se mantém a distância da imagem, no face a face dramático da representação; ele ali mergulha; ele se desfoca, se translocaliza, se expande ou se condensa, se projeta de órbita em órbita, navega em um labirinto de bifurcações, de cruzamentos, de contatos, através da parede osmótica das interfaces e das malhas sem fronteiras das inter-redes. O sujeito traspassado pela interface é, de agora em diante, muito mais trajeto do que sujeito (COUCHOT, 2003, p. 275).

Esses sujeitos que trafegam nas redes sociais digitais e que mantém o funcionamento dessa rede, por meio das narrativas fotográficas compartilhadas, mantém a sinergia e o movimento da rede. Os sujeitos, atores sociais, se apropriam dos recursos das “redes sociais digitais”, não no sentido apenas de apropriação por parte desses atores, mas também por parte dos algoritmos e dos sistemas, à medida que estes automatizam processos e oferecem soluções que, ao “facilitar” os modos de participação/interação, simplificam-na (RECUERO, 2009). Um suposto ator social ou autor não sabe exatamente quem leu ou recebeu a informação, nem exatamente o quê sua publicação pode ter causado, a não ser que haja uma reação explícita por parte dos seus seguidores, já que as interações ocorrem geralmente a distância e mediadas pelas tecnologias digitais.

Essa estrutura na qual é possível representar um conjunto de atores autônomos, que propaga ideias, valores e interesses compartilhados, se mostra em distintas configurações: a primeira, tendo como base o sistema de comunicação pessoal. Esses sistemas se baseiam em contatos entre grupos de pessoas que trocam entre si mensagens instantâneas.

O Facebook – território desta pesquisa – tem como características armazenar e trocar experiências, gerenciar o conhecimento, reproduzir e gerar conexões entre pessoas e organizações (MEIRA et al, 2011). Isso se dá em proccessos como: a elaboração de um perfil, com informações básicas como sexo e idade até informações sobre preferências culturais, religião e ideologia política. No momento da elaboração do perfil, o sistema solicita que o usuário defina-se a partir de uma imagem que possa representá-lo. Usualmente, fotografias ilustram o perfil e servem

como imagem representativa do Eu no Facebook. A fotografia nas redes sociais adquire assim três apropriações que se intercalam: a fotografia como representação da realidade; a fotografia que representa o eu atual do usuário; e finalmente, a fotografia como capital social (RECUERO; REBS, 2010).

O Facebook permite publicar mensagens no mural, que tem um caráter assíncrono, à semelhança dos *e-mails*, pois não exige uma espera pela resposta da outra parte, sabendo-se que as mensagens são sempre entregues. As mensagens consistem em comentários, comunicações verbais de vários tipos, promovendo a interação entre dois ou mais atores no mural. É possível ainda *chats*, nessa modalidade de interação a comunicação é sincronizada, ou seja, é simultânea, com diálogos em tempo real (FONSECA, 2010).

Além disso, proporciona a interação entre os atores sociais de modo que esses estabelecem laços de amizade, trocam ideias, compartilham fotos e vídeos, estabelecem contatos profissionais e disseminam imagens representativas de suas singularidades. Isso se dá em narrativas fotográficas do cotidiano e até mesmo em vídeos produzidos por eles ou não. Esses jovens que tecem novos modos de relacionamentos, que promulgam discursos efêmeros, mais significativos, são atuantes e, de modo colaborativo e lúdico, compartilham conteúdos por meio da imagem e da escrita de forma a congregar cada vez mais distintos atores.

Essas ligações transformam recursos por ora dispersos em uma rede em expansão (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Nesse contexto, os jovens, ao formarem conexões com Outros atores, (re)definem novas formas de convívio e tornam mais atraente a (con)vivência no Facebook. Este se torna um espaço de pessoas, interagindo se constituindo fio condutor marcado pela intersubjetividade (KARDOZO, 2013).

A intersubjetividade, bem como suas implicações no relacionamento entre os atores da rede, é estruturada à medida que o sujeito com sua alteridade passa a Ser e a existir para o Outro. “Outro” é derivado do latim “alter” que designa o segundo elemento de um conjunto de dois (“unus alterque”) e que significa a transformação do mesmo (alter < alterare: mudar). Nessa perspectiva, tomamos o Ser-Si e ou Ser-Outro como meros “fragmentos de um único ser” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 92). Os corpos que se apresentam nas redes em narrativas fotográficas se

complementam. É a corporeidade de si e do Outro como processos intercambiáveis no campo das ideias. Esses corpos são objetos culturais, são portadores de comportamentos.

É o corpo do Outro que dispara no sujeito gestos, palavras, expressões faciais, sentimentos. É uma transferência de experiências. Envoltos nesse jogo de deciframento,

> [...] o problema da experiência do outro se coloca por assim dizer num sistema de quatro termos: existe o eu, meu psiquismo - a imagem que faço de meu corpo por meio do tato ou da cinestesia, que chamaremos, para resumir de imagem interoceptiva de meu próprio corpo - há um terceiro elemento, que é o corpo do outro tal qual o vejo, e que chamaremos de corpo visual, e enfim, um quarto termo, hipotético, que se trata justamente para mim, de reconstituir, de adivinhar, que é o 'psiquismo' do outro, o sentimento que o outro tem de sua própria existência, tal como o posso supor, imaginá-lo, através das aparências que o outro me oferece por seu corpo visual (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 33).

Nesse movimento é notório que uma perspectiva se abre sobre os sujeitos à medida que cada um deles se definem, se produzem, se publicizam, demarcando uma posição nesse território digital: o Facebook. Os corpos dos jovens passam a ser um sistema, onde diferentes aspectos que diz respeito as suas singularidades ganham espaço. A consciência que os jovens têm de si é exponencializada em diferentes domínios sensoriais - visuais, táteis, cinestésicos - que acabam sendo de interesse mútuo e que contribui para a percepção de corpo desses sujeitos. Esses corpos vão se interligando formando um sistema, se configurando num espaço de subjetividades.

Nesse espaço plural, os jovens atores se constituem como sujeitos de significância cultural: sujeitos fluidos, dinâmicos, marcados pela velocidade da cultura digital. Sujeitos que privilegiam a aparência - o que explica a força que as imagens alcançam nas redes. Usualmente, conteúdos acompanhados de imagens são mais bem aceitos, de modo que a valorização da visibilidade ganha notoriedade. É certo que a expressividade desses sujeitos se traduz em imagens-sensações (TÜRCKE, 2010), a partir de traços que denotam o imediatismo com que pensam e vivem esses atores. Esses que usam das narrativas fotográficas para

> [...] demonstrar sentimentos, percepções, desejos, gostos que poderiam ser ridicularizados e promotores de constrangimentos na vida *off-line*, mas que são celebrados e festejados na dinâmica efêmera e plural da internet (COUTO; ROCHA, 2010 p. 29).

O sujeito juvenil assume um modo de Ser e aparecer, com base na imagem que constitui de Si mesmo - jeito de vestir, corte e cor de cabelo, acessórios, enfim, suas marcas corporais – e dessa forma se projeta no Facebook, de modo a se posicionar socialmente. Nesse contexto cibercultural, mudanças nas formas de interação são significativas quando proporcionam novas práticas sociais que alimentam um mercado de bens materiais e simbólicos. Com isso, o capital social se torna mais valorizado, como um componente relevante nesse processo informacional. O capital social, enquanto função, é uma estrutura social que permite determinadas ações por parte dos atores nesse cenário (COLEMAN, 1988). Numa perspectiva teórica, pesquisadores do capital social têm atribuído significância aos relacionamentos como um recurso disponibilizado pelas redes para a ação social.

Nesse contexto, o capital social é resultante das práticas de compartilhamento, observadas também no Facebook, que geram teias relacionais, onde os atores são produtores e protagonistas de conteúdos informacionais[4]. Numa ação simultânea, compartilham cada um a seu tempo e a seu modo suas narrativas e, com isso, são configuradas outras e diferentes facetas do capital social: um conjunto de recursos, que pode ser encontrado a partir das conexões entre os indivíduos de um determinado grupo, pois é conteúdo dessas relações (RECUERO, 2005). Esse conjunto de recursos tem como base a reciprocidade e a qualidade dos laços sociais – conteúdo que permeia as interações na rede. Desse modo, o capital social é construído nas relações entre os indivíduos, e diferentes tipos de relações demandam a mobilização de diferentes formas de capital social (RECUERO, 2007).

Neste estudo, o capital social é tomado em três dimensões: a dimensão cognitiva, a dimensão estrutural e a dimensão relacional (NAHAPIET; GROSHALL,1998). A

---

[4] Conteúdos informacionais são produções verbais e visuais que os sujeitos publicam nas redes sociais digitais. Uma das características da rede Facebook é permitir aos sujeitos, em caráter individual ou coletivo, que esses possam vir a serem produtores e usuários de conteúdos. O alcance dos conteúdos produzidos pelos sujeitos é da ordem da partilha e da colaboração. Os conteúdos são, nessa tessitura, fios condutores para a aquisição do conhecimento e do aprendizado na cultura digital.

dimensão cognitiva - de natureza mais qualitativa - compreende as narrativas imbuídas de códigos e significados que assumem linguagens distintas rumo a interesses comuns que fazem parte do contexto específico da rede e que orientam as decisões e os comportamentos dos atores. Aqui se dá a transmissão e aquisição de conhecimentos.

A dimensão estrutural traz aspectos de nível micro - a força das relações e aspectos de nível macro como a configuração da rede de contatos. Envolve os aspetos estruturais dos relacionamentos entre os atores na rede e pode ser analisada a partir da perspectiva dos laços - a frequência dos contatos, na reciprocidade e na amizade existente nos relacionamentos (NAHAPIET; GROSHALL, 1998). Ou seja, diz respeito às maneiras como os atores estão relacionados, mais especificamente com respeito à proximidade da relação e da perspectiva da configuração da *network* - essa se faz pela determinação do padrão de ligações dentre os seus membros da rede.

A dimensão relacional aborda o conteúdo trocado entre atores na rede. Esta dimensão também considera os papéis que esses atores assumem nesse processo. O conceito de papel pode ser considerado uma abstração da realidade, uma vez que pressupõe o isolamento das posições ocupadas pelos sujeitos em suas representações sociais. Nessa dimensão é focalizado o papel dos laços diretos entre os atores com relação aos conteúdos transacionados nas interações e nas diversidades que os formam. Entre os conteúdos compartilhados pelos atores nesta dimensão estão a amizade, a troca de informações, a confiança, o respeito, as normas e a identificação (NAHAPIET; GROSHALL, 1998).

Todo esse processo se dá devido as conexões construídas, mantidas e amplificadas suportadas pelas tecnologias digitais. Nesse movimento, o jovem munido de aparelhos – máquinas de linguagens (FLUSSER, 2002) – como as câmeras fotográficas, aparelhos de celulares, *iPhone, iPad, iPod, smartphones*, mergulha num campo de sensações em que favorece os deslocamentos de fronteiras entre o real e o virtual, entre o racional e o sensível, o individual e o coletivo (SANTAELLA, 2007).

Mais do que meros aparatos tecno-digitais esses aparelhos favorecem aos jovens mobilidade e autonomia discursiva. Eles ganham, por meio de suas narrativas digitais, um *status* de pertencimento - noção que o sujeito tem de estar incluído em um movimento - nas dimensões sociais, culturais, tecnológicas e intelectuais. Neste contexto, suas narrativas fotográficas tecem formas democráticas, populares, inclusivas e plurais de viver, experienciar, ser, estar, pertencer e se constituir sujeito na rede.

A temática do sentimento de pertencimento é marcada pela presença dos jovens que transitam nesse universo cibercultural, “atuando no imaginário social, nas diferentes formas de organização da vida individual e coletiva, na delimitação e criação de interesses que os condicionam” (SOUSA, 2010, p. 34). Esse sentimento de pertencimento se traduz em discursos que subsidiam a participação desse sujeito jovem na busca por novas práticas de convivência. No Facebook, ele atua, encena, aparece e se promove. Isso configura novas subjetividades, culminam em identidades plurais, transformam esses Eus em referências sociais, no território fluido do entretenimento e da cultura do corpo, do aqui e agora.

A materialidade e a visibilidade com que esses Eus são publicizados “geram identificação, motivam práticas, sintonizam o diverso, são o elo que motiva o pertencer e envolve o participar, o compartilhar” (SOUSA, 2010, p. 42). A partir disso se dá o enraizamento de práticas colaborativas e a (re)configuração do sentido de comunidade, essa que se alicerça no ato de curtir, do compartilhar. Com isso são (re)dimensionadas as condições de expressão e publicização desse estar junto/estar com.

O contexto social em transição se coloca ao lado dessas novas condições das tecnologias interativas, oferecendo um cenário tão novo quanto complexo para assinalar distintos e simultâneos processos de mutação em curso. Em consequência, possibilitam novos olhares não só sobre o espaço público, ou sobre o crescente significado das práticas de socialidades, mas também oferece elementos inquietantes quanto à mutação da própria comunicação como processo social (SOUSA, 2013).

Nesse contexto, os jovens se tornam protagonistas: atuantes, participantes de um enredo em que eles são os personagens principais. Nessa condição desempenham e/ou ocupam o primeiro lugar em um evento por eles configurado. Eles dominam esses espaços de modo que se auto conferem o poder de se apropriar dos territórios informacionais, "[...] uma totalidade conceitual e ilimitada que, ao ser apreendida e apropriada, é organizada em parcelas que se diferenciam pela estrutura, organização e dinâmica" (FRAGOSO, REBS; BARH, 2011, p. 212).

Pensar a atuação dos jovens nesses espaços é validar que o sentimento de posse ou pertença por parte desses sujeitos que "interagem no e com o lugar compõe a multiplicidade de poderes que instituem seu caráter de território" (p. 212), a partir das trocas simbólicas, da produção, da apropriação, dos desdobramentos da construção subjetiva do sujeito.

A atuação dos sujeitos jovens no Facebook possibilita ações de visibilidade - na medida em que valida sua presença na rede social; constrói reputação - à medida que entre os atores, o Eu, o Outro e a relação entre ambos trocam informações sobre "quem sou" e "o que penso", que auxiliam Outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre o sujeito implicado nesse processo; adquire popularidade - quando essa é percebida na *web* por conta da chamada permanência ou persistência das interações na rede e, consequentemente, tem autoridade (RECUERO, 2009).

O jovem decide como quer ser visto nesse imaginário tecno-digital: ora como mero espectador, ora como ator, autor e narrador de suas ideias que fazem parte de um repertório que por ele é construído e projetado. O modo como os jovens se posicionam no Facebook permite uma reordenação do espaço e do tempo, um deslocamento de seus corpos, uma materialização de suas subjetividades. Eles podem estar em lugar nenhum e ao mesmo tempo em todos os lugares. Aqui, o acontecimento, o evento é o que importa. Para dar conta dessas aventuras no Facebook, os jovens percebem e assumem as relações sociais como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade (MARTIN-BARBERO, 2008).

Em nenhum outro momento os sujeitos conhecem e interagem com tantos Outros sujeitos e têm tantos amigos reunidos como no Facebook. Percepções são

reconfiguradas, experiências subjetivas ganham formas em fotografias, estéticas corporais são atualizadas. Os interesses dos jovens ecoam no Facebook com uma força exponencial, numa perspectiva de autoria e protagonismo. O jovem é protagonista no Facebook quando explora livremente o ambiente digital em busca de informações; quando seleciona e compartilha o conteúdo de seu interesse; quando decide com quem interagir; quando desafia suas capacidades cognitivas para criar/produzir suas próprias narrativas. Essas práticas de exploração de ambientes, de tessitura de linguagens e interações sociais, demandam desses jovens a ação do corpo que traduzem seus desejos em produção e trocas de produtos simbólicos - a felicidade, a solidão, a liberdade, a autonomia, a visibilidade – e informacionais.

Para exercer essa autonomia autoral, cabe aos jovens, não somente acessar, produzir e compartilhar conteúdos, mas fazer uma reflexão, numa dimensão ética e estética, sobre os modos de consumo, de produção e de compartilhamento no Facebook. Nesse espaço colaborativo, marcado pela interação e conectividade, as habilidades visuais, táteis e sonoras são decisivas para codificar e decodificar as emoções e transformá-las em imagens, em sensações.

Nesse movimento, a capacidade de socialização desses jovens é (re)significada. A socialidade em rede é efêmera, contudo intensa; informacional e tecnológica, combinando trabalho e lazer; e emerge em contexto de individualização (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Porém, numa perspectiva do compartilhamento, do coletivo, do vivido, são construídos laços e encontros afetivos e emocionais, dinâmicos e multidirecionais.

O Facebook não é percebido pelos jovens apenas com os sentidos, eles vivem nele, projetam-se nele. Isso se dá quando eles mandam mensagens, publicam fotos, expõem seus cotidianos, curtem, comentam e compartilham os *posts* dos amigos. É um lugar não lugar. Pode desaparecer no simples toque de botões. Pode ser desligado, desconectado. É nesse espaço – lugar de fala - assistido e atestado pelo Outro, que seus corpos - produto simbólico pleno de possibilidades discursivas - são constituídos de imagens e sensações. Esses sujeitos no Facebook, participam, experimentam esse território. São seres de linguagens, de aprendizagens e fazem cada vez mais do Facebook seus espaços de construção de saberes, por meio de

narrativas em suas diferentes formas e formatos, com ênfase nas imagéticas. São sujeitos protagonistas de uma sociedade visual.

Nesse contexto, é que a cultura contemporânea, subsidiada pelas tecnologias digitais, possibilita outras ideações de produção de conhecimento. Isso é tecido em redes de significações que se estruturam no Facebook. E é nessa tessitura que o conhecimento emerge: na perspectiva da troca, os atores não interagem apenas uns com os Outros, mas também com as imagens, com os textos, com as memórias e tudo o mais que está envolto às subjetividades desses sujeitos.

Esse movimento faz com que as redes sejam potencializadas, tornando esses sujeitos elementos constitutivos dos conhecimentos tecidos nesses ambientes. Esses conhecimentos, na cultura da visibilidade, estão tomando os formatos das narrativas fotográficas digitais, que passamos agora a discutir, na perspectiva que os sujeitos juvenis estão reconfigurando as formas de se divertir, relacionar, de comunicar, de viver, de falar de Si e do Outro, num exercício constante de poder e resistência.

2.1.4 Fotografia Digital

A fotografia é um meio de expressão da cultura humana e as imagens promovem no homem, desde a Antigüidade, o desejo de se comunicar e se fazer entender por meio delas. Das pinturas rupestres à fotografia digital, a imagem tem por objetivo a representação da realidade. Por essa força significativa é que a imagem fotográfica, desde a sua invenção, é, antes de tudo, o reflexo de um desejo da sociedade em modernizar suas práticas visuais. As fotografias representam a história visual de um povo, retratam situações, estilos de vida, atores sociais e ainda rituais.

O uso dessas imagens proporciona novas dimensões à cultura de uma sociedade, de modo que redimensionam os valores éticos, estéticos e ideológicos, implicando num apoderamento do olhar, principalmente no que tange aos jovens. Estes - antes privados de qualquer forma de poder de representação, incluindo o poder referente à suas próprias vidas e a seus próprios corpos - se apropriam do mundo por meio das narrativas fotográficas, produzindo novas formas de subjetividades e novas

dinâmicas de exposição do Eu. O cenário produtivo dessas subjetividades, permeado pelas tecnologias da visão, conquista outros territórios e, automaticamente, um desdobramento de novos horizontes de imagens e de aprendizagens.

Na cibercultura, isso se dá de uma forma mais dinamizada, pela configuração da tecnologia digital, que potencializou ainda mais a fotografia como um poderoso meio de difusão da sensibilidade moderna. As manifestações culturais, os eventos sociais, as configurações arquitetônicas das cidades, os costumes, são capturados pela câmera fotográfica e, de forma instantânea, são divulgadas na mídia e nas redes sociais. É o mundo portátil e ilustrado (KOSSOY,1999) em narrativa imagética que reconstrói a trama dos acontecimentos, dos quais os jovens são autores/atores/narradores. A realidade, nos ambientes ciberculturais, simula narrativas que além de aguçar curiosidade, permite ao sujeito experienciar diversos Eus, num jogo sígnico de representações.

Nessa teia, que com a sua produção imagética, nos meandros da cultura digital, fabricam para fins individuais ou coletivos narrativas dos seus modos de Ser e agir. Posto que as fotografias são plenas de significações é que torna cada vez mais instigante descobrir para que e a quem servem essas narrativas, bem como elas se definem. A definição de narrativa se encontra na representação - mimese. De acordo com Gaudreault (1988), em Platão definimos três principais tipos de narrativa:

> [...] - a narrativa que exclui a mimese - Narração exclusivamente verbal em que nenhuma parte é analógica [...]; - a narrativa que só comporta a mimese. Constituída por um análogo das ações e das palavras dos personagens. É em essência o teatro; - a narrativa mista, que comporta ao mesmo tempo parte verbal e parte mimética (AUMONT, 1995, p. 244-245).

Decifrar a realidade interior das representações fotográficas, seus significados ocultos tem sido uma tarefa a ser empreendida. Nesse contexto, compreender-se-á primeiramente a imagem e suas funções que podem ser elucidadas em três modos: o simbólico, o epistêmico, o estético. Inicialmente, as imagens assumiram o modo simbólico e estavam ligadas às questões religiosas: eram vistas como capazes de dar acesso à esfera do sagrado pela manifestação direta de uma presença divina. No modo epistêmico, a imagem traz informações – visuais - sobre o mundo, que

pode ser assim conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não-visuais. “Essa função foi consideravelmente desenvolvida e ampliada desde o início da era moderna, com o aparecimento de gêneros “documentários” como a paisagem e o retrato” (AUMONT, 1995, p. 80). No modo estético, a imagem é destinada a agradar o espectador, despertar nele sensações específicas.

Por certo, em todos os seus modos de relação com o real, a imagem tem como função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual. A fotografia, em seus desdobramentos significativos, assume uma poética reveladora do cotidiano e, de "pinceladas" suaves passa a capturar com "objetividade" a realidade, como se fosse um decalque do real. O interesse pela realidade ganha novas proporções com evolução técnica e tecnológica dos aparelhos fotográficos. A sociedade volta-se para a fotografia como seu instrumento de investigação, de transmissão de conhecimento, de registro da memória.

Esse poder de investigação nasce junto com a necessidade de artistas fotógrafos documentarem o mundo desconhecido. A sociedade deixa de retratar-se individualmente para se conhecer culturalmente nas fotografias e conhecer no Outro seus costumes e hábitos (FREUND, 2002). O sujeito passa a ser um observador do Outro e de Si mesmo. É testemunha ocular da história. Por suas características próprias, especialmente a fidelidade com que reproduz o mundo real, a fotografia ocupa um lugar de destaque num campo que se firmou e se tornou imprescindível na segunda metade do século XIX: a documentação. Mas alguns pesquisadores foram em busca de uma maior compreensão sobre a fotografia, não só como documento, mas também enquanto mensagem. Concluíram que toda imagem é polissêmica, tendo subjacentes a seus significantes uma cadeia flutuante de significados dos quais o interlocutor pode escolher uns e ignorar outros.

A inquietação que permeia o jogo comunicacional do fotógrafo x espectador se desemboca na estrutura da linguagem fotográfica – seja em sua dimensão técnica, estética e ideológica . Em todas as fotografias há dois elementos inerentes à imagem que terão denominações em latim: o *studium* e o *punctum* (BARTHES, 1984). *Studium* é o interesse humano, cultural e político despertado pela imagem fotográfica. *Punctum* é um detalhe que salta da fotografia e nos atinge como uma

flecha, é algo que nos fere, que nos punge. Nesse contexto, o *punctum* faz o personagem sair da fotografia e assumir vida à parte, sendo, portanto, uma espécie de extra-campo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver.

Ao ser concebida, enquanto mensagem, a fotografia possibilita ao indivíduo o autoconhecimento, desperta a criação artística, amplia os horizontes da arte, reforça seu caráter de documentação e de denúncia. Nesse anseio de apreender e compartilhar desejos, os atores imersos nas redes sociais digitais, por meio das narrativas fotográficas tornam o mundo familiar. As pessoas passam a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica (KOSSOY, 2012).

Com o poder de apropriação do mundo, por meio de fotografias, o simples conceito de imagem-documento se alarga dando à fotografia um *status* que a transforma em imagem-sensação (TÜRCKE, 2010). A fotografia passa a fazer parte do cotidiano do indivíduo que vai do simples desejo de documentar suas vivências até a imortalização de seus quereres e desejos. Não importa a perfeição técnica, mas o que o imediatismo provoca em quem vê. O que importa em tempos de cultura digital é o aqui e agora:

> [...] uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. [...] com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão (BAUMAN, 2013, p. 34).

É o apare(Ser). É a performance. É a realidade fantástica representada pela sensação de sucesso, felicidade, gozo, beleza, perfeição.Tecidas pelas narrativas fotográficas, essa realidade é transmutada, criando dimensões imateriais para dar sentido e compreender o mundo. Nas redes sociais digitais, os jovens depositam na fotografia uma prova material de Ser e estar, de Ser e apare(Ser). Nesses percursos pelo desvendamento do olhar esses jovens deixam pistas da necessidade de sua cisão com o Outro que é refletido. O espelho constrói um Eu imaginário e ilusório e ao confrontar-se com a superfície especular é potencializada, no sujeito, essa cisão.

O processo de reprodução imagética nos dá a possibilidade de termos a fotografia como (re)produção do visível. O ato que a constitui é a força da linguagem que reproduz angústias, ilustram verdades, tecem memórias, cristalizam vestígios dos sujeitos fotografados, eternizam momentos e pluralizam subjetividades. Com a fotografia digital, a linguagem imagética desvela as hibridações do homem-máquina, provocando outros modelos de produção e de apresentação. Essa apresentação - do instante, do instantâneo – requer uma estética que dê conta da dinâmica da cultura visual. Nas fotografias publicizadas, pelos jovens atores dessa pesquisa, a configuração estética perpassa as capacidades óptico-sensível - impressiva, psíquica – expressiva - e intelectual-simbólico - estrutural, e vai além quando a percepção humana se torna um conjunto de impressões e não um grupo de sensações isoladas.

Na construção sígnica da imagem, as intencionalidades são permeadas, entre outras coisas, pelos aparatos técnicos inerentes à produção da fotografia e pela fisiologia do olhar humano. No encontro de experiências socioculturais desses jovens, aliadas às experiências estéticas e sensoriais, é possível produzir interpretações imagéticas do visto que, apreendido, resulta em discursos, em narrativas. Essas narrativas, nas redes sociais digitais, são carregadas de elementos sígnicos, que apontam para uma crise do sujeito na contemporaneidade.

Crise essa que não parece ser temporária (SANTAELLA, 2008), pois as noções de indivíduo, sujeito e subjetividade, a que a ideia do Eu sempre esteve ligada, estão sendo (re)significadas nesse turbilhão de mudanças culturais. É próprio da cultura digital um sujeito fragmentado, fluido (BAUMAN, 2001 e 2008), esquizofrênico (DELEUZE; GUATTARI, 2006) hipermoderno, paradoxal (LIPOVETSKY, 2007) e em constante movimento.

Nas redes sociais esse movimento se configura em múltiplas narrativas tecidas por jovens que possuem diferentes pontos de vista, diferentes Eus, diferentes modos de perceberem o Outro como reflexo de Si. Isso é traduzido em imagens, dotadas de intencionalidades da natureza polissêmica do que é visto e apresentado. Fotografar é um ato pessoal e intransferível, resultante da imprescindível interação entre o

fotógrafo, o conteúdo da cena abordada e os elementos da linguagem fotográfica - luz, foco, enquadramento, escolha do momento a ser registrado.

No Facebook, a fotografia é resultante da ação do sujeito autor/ator/narrador. Um sujeito que se constrói pelo comportamento social que nos auxilia na compreensão do sentido de todas as práticas de exposição de si na Internet. Imerso nas redes sociais, ele é resultante de uma nova genealogia do individualismo, dessa vez tendo como base a imagem visível do que cada um é, seguindo modelos da cultura do espetáculo, das aparências e da visibilidade (SIBILIA, 2008). Ele é sujeito que tece, assina, atua e narra em fotografias seus momentos cotidianos. Ele produz imagens como se estivesse num filme. O que importa para ele é mostrar-se (corpo) por meio do Facebook numa crescente expansão de seu eu visível.

Numa concepção foucaultiana, o sujeito autor/ator/narrador não é simplesmente um elemento de um discurso, mas exerce um papel de destaque em relação ao discurso, pois se constitui o próprio discurso. Nessa condição, os sujeitos juvenis nas redes sociais digitais tecem suas subjetividades num exercício de individuação do Ser autor/ator/narrador, por meio de fotografias, textos, figuras de linguagem se constituindo um Ser discursivo.

Modificados pela cultura digital, os sujeitos dessa pesquisa são influenciados pelas tessituras das narrativas fotográficas, gerando novas formas de contato entre os sujeitos, por meio do olhar do Outro. Esse olhar que lê, percebe, curte, compartilha e propõe diversos modos de leitura: “Se cada imagem quer ser palavra e vice-versa, somos tentados a acreditar que toda imagem contém uma narrativa” (SOUSA, 2009, p. 35), uma obra muito mais aberta à significação.

Para Bruno (2006), vivenciamos uma cultura regida pelo ideal do ego. Intimidade e visibilidade surgem agora, imbricadas e expandidas a níveis nunca antes experimentados. As tecnologias da comunicação oferecem uma “tela”, uma cena pública na apresentação da vida privada e firmam-se “como instâncias de legitimação social do íntimo” (p.148). A partir da apropriação de espaços como as redes sociais digitais, os sujeitos constroem uma imagem de si que necessariamente não correspondente à realidade, mas a algo que ele imagina Ser o “ideal” de Si, que

se apresenta, no caso dos jovens pesquisados, por meio da fotografia digital, projetando uma auto-imagem elaborada, produzida.

Essa imagem é uma teia de sentidos e subjetividades que lança possíveis caminhos para o autoconhecimento, na medida em que esses sujeitos acreditam na imagem que construíram. Assim, esses sujeitos materializam seus corpos nas telas sempre descolados, multifacetados, multicoloridos. Um modelo a ser curtido, comentado, compartilhado.

Numa perspectiva psicanalítica temos diferenças ente o “Eu Ideal” e o “Ideal de Eu”. O Eu Ideal traduz um narcisismo primário, uma dimensão imaginária, limitada e idealizada, relacionada ao narcisismo parental, e que confere ao sujeito uma sensação de onipotência. É um Eu resultado de investimentos narcísicos dos cuidadores nos primeiros anos de vida do sujeito, o que resulta na imagem que esse indivíduo se identifica, investindo ele próprio nessa imagem.

É esse movimento que permite o sujeito amar a Si mesmo, a si conhecer. Nesse percurso que Eus são projetados emerge um “Ideal de Eu”, que é o Eu comprometido em fazer, Ser e viver experiências. É o que se vivencia na contemporaneidade: um Eu imerso na cultura digital que se apropria da linguagem fotográfica para experimentar Eus, suprindo demandas subjetivas que implica em ser visto, ser projetado e ser reconhecido. Ser um interlocutor de si e do mundo, a partir, literalmente, do seu ponto de vista, materializado por meio do olhar singular do registro fotográfico.

Um olhar que tem suas características próprias, tanto no ato de leitura de uma dada fotografia como, principalmente, no próprio ato de tomada dessa fotografia, no momento do disparo. Diante de uma imagem técnica[5] como a fotografia, somos remetidos a uma espécie de “janela para o mundo” e não nos comportamos como se

[5] Servimo-nos, aqui, do conceito de Flusser sobre o termo *imagem técnica:* “Trata-se de imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado. Imagens técnicas são, portanto, produtos indiretos de textos – o que lhes confere posição histórica e ontológica diferente das imagens tradicionais.[...] Historicamente, as imagens tradicionais são pré-históricas; as imagens técnicas são pós-históricas. Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. Essa condição das imagens técnicas é decisiva para seu deciframento” (FLUSSER, 2002, p. 13).

estivéssemos diante de uma imagem tradicional. Esse fato se dá pela impressão equivocada de que a fotografia seria, pura e simplesmente, um espelho do mundo real. Em tempos de redes sociais digitais, a fotografia passa de imagem-documento à imagem-sensação.

Essa é fonte de simulacros provocados pelo desejo do sujeito em permanecer se configura numa linguagem: o retrato[6]. Meio constitutivo da consciência social de si, o retrato fotográfico é fruto de uma relação que ordena de maneira coerente o dispositivo da tomada, do olhar do fotógrafo, o lugar do modelo para que deles resulte na configuração de um ideal de si. É produto imaginário enredado por realidades plurais que merecem um olhar atento para a força significativa dessa estética. A estética do retrato inspira-se nos modelos pictóricos anteriores e contemporâneos, dos quais derivam suas principais modalidades de representação - formato, pose, atributos, entre outros.

As modalidades de representação do indivíduo, estabelecidas pelo século XIX, permeiam ainda hoje, em tempos de fotografia digital, a concepção de retrato (FABRIS, 2004). Graças à praticidade das câmeras fotográficas digitais, somos alvo de diferentes formas de captura. Próprias da tecnologia da fotografia digital, que converte as imagens captadas pela câmera em dados, como as novidades trazidas pela revolução *Web* 2.0.

> A *Web* 2.0 é a mudança para uma Internet como plataforma [...] e o entendimento da filosofia subjacente de modo a atingir tal objectivo. [...] A filosofia da Web 2.0 visa a utilização colectiva e social das ferramentas e serviços, num ambiente acessível a todos os utilizadores, que colaborativamente publicam e partilham livremente a informação, de acordo com os seus interesses e necessidades (PATRÍCIO e GONÇALVES, 2010, p. 4).

A escrita fotográfica se constitui no ambiente digital e passa a configurar uma forma de memória nas redes sociais digitais. A partir do uso e da circulação da fotografia

[6] O retrato como história tem boa parte de sua produção no século XIX, seja sob forma de daguerreótipo, seja sob forma de fotografia em papel. Antes da fotografia, fixar a própria imagem era um luxo reservado aos mais ricos que pudessem pagar um retrato pintado. Com a fotografia, o retrato se democratizou. Em 1854, o desenhista Gaspard-FelixTournachon, conhecido como Nadar, inaugura em Paris um ateliê de retratos fotográficos.

nessas redes, acentua um processo que resulta em uma nova forma de armazenamento e apresentação das fotos pessoais organizadas em álbuns virtuais.

> Antigos e novos comportamentos no ato fotográfico se misturam na atualidade. Hoje, livres de rolos de filmes que ainda aguardavam uma revelação posterior, as fotos fazem um "percurso" cada vez mais curto entre o clique e sua exposição na Internet. No formato digital, as imagens fotográficas são elaboradas a partir de dispositivos tecnológicos diversos (câmeras, celulares, *tablets* etc.) e ainda no dispositivo as fotografias podem passar por uma seleção antes de serem transportadas para o seu local de armazenamento e publicação, caso ela aconteça (SILVA, 2012, p. 49).

Tanto nos álbuns tradicionais como nos álbuns virtuais, há processos de seleção que guiam a organização das fotografias que farão parte da narrativa. O narrador escolhe a imagem que, para ele, faz sentido. Busca pela imagem que irá valorizar a história que será contada. Essas imagens são espelhos que guardam memórias (KOSSOY, 2007).

Com o advento dos álbuns virtuais, ocorreram mudanças significativas no que diz respeito à quantidade de Eus apresentados nas fotografias e ainda de pessoas que podem ter acesso às fotografias. Na fase analógica, essas condições eram limitadas; na fase digital, o sujeito e suas memórias estão a postos, vivenciando sucessões de Eus que se processam, que se metamorfoseiam. Com a cultura da fotografia digital, o sujeito pode

> [...] ser um, nenhum e cem mil ao mesmo tempo: enquanto produto social, o corpo não delimita uma identidade estável, mas um conjunto de identidades sucessivas [...], determinadas pelos olhares dos outros (FABRIS, 2004, p. 157).

Outra mudança refere-se à questão do tempo. O "hiato de tempo entre o momento do registro fotográfico e o instante em que a coisa fotografada se materializa no suporte digital (e é ou não tornada pública) é cada vez menor" (SILVA, 2012, p. 49). Em apenas segundos, a fotografia está visível ao olhar de muitos. A questão espacial merece destaque, na cultura digital as informações passam a fazer parte do mundo do ciberespaço, que embora tenha uma materialidade e realidade cultural, não precisam de um ambiente físico-espacial (LEMOS, 2002).

É nesse espaço que, com apenas um *click*, o sujeito mergulha numa temporalidade outra que lhe é própria da intimidade; ali, não necessariamente é desvelada a sua vivência, mas o desejo “de”. Assim, narrativas são construídas e essas só ganham força por conta de um olhar mais afetivo, mais atento. E, nesse emaranhado de sensações, o indivíduo busca a consciência social de Si mesmo ao se representar nas fotografias que na verdade são cópias de cópias geradas por cópias de Si mesmo. Imagem de Si, espelho do Outro. Existência fragmentada em imagens produzidas e (re)produzidas num contexto, em que o indivíduo põe-se em confronto consigo mesmo ao perseguir as razões dessa existência marcada num percurso interminável de incertezas, de frustrações, de aprendizagens, de transformações, de conhecimento. Isso só foi possível devido à convergência que

> [...] nos últimos anos entre a intensa produção fotográfica e a criação de “lugares” na Internet capazes de armazenar uma infinidade de imagens proporcionou uma nova forma de apresentação fotográfica. Publicadas nas redes sociais [...], a fotografia, digital ou não, passa a ser apreciada por um volume muito maior de pessoas do que o registro fotográfico que repousa nos álbuns de família. A fotografia íntima, nesse contexto midiatizado, ganha outras formas de leitura e interpretação. Muito mais do que um movimento em direção ao ambiente virtual, usado como espaço de armazenamento das imagens, este comportamento da contemporaneidade modificou conceitos e saberes a respeito da noção de tempo, espaço, identidade, coletivo e individualidade, público e privado (SILVA, 2012, p. 62).

Nesse contexto, o sujeito, munido de sua câmera digital produz, atua e narra suas experiências em fotos que compõem álbuns digitais “são caixas pretas que simulam o pensamento humano, [...] as quais, como o pensamento humano, permutam símbolos contidos na sua ‘memória’, no seu programa. Caixas pretas que brincam de pensar” (FLUSSER, 2002, p. 28) espalhados nas redes sociais. No Facebook, a narrativa disponibilizada em álbuns virtuais difere dos álbuns de família tradicionais. As fotos são mais ousadas no que se refere à técnica aplicada, além do que elas proporcionam a interação.

Mas, ambos são destinados a armazenar um momento que é considerado como especial. Essa estranha mania de reconhecer as pessoas por meio de fotografias não é tão recente: desde que a técnica da fotografia se popularizou, acostumamos a lidar com a reprodução incontestável do que somos ou do que parecemos Ser.

> [...] foto-retrato é um campo cerrado de forças. Quatro imaginários aí se cruzam, aí se afrontam, aí se deformam. Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir a sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura (como certos pesadelos podem proporcionar). Imaginariamente, a Fotografia (aquela de que tenho a *intenção*) representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem sujeito nem objeto, mas antes um sujeito que se sente tonar-se objeto: vivo então em uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro (BARTHES, 1984, p. 27).

Como outras formas de documentação, a fotográfica exige uma crítica externa das condições de produção, e interna, relativa ao conteúdo. O fotógrafo, os fotografados, os recursos técnicos, com que contavam e principalmente o observador, dos colecionadores ou do leitor da fotografia precisam ser delineados, cruzados e encaixados para dar conta dos diferentes níveis de sentido das fotografias já feitas, a que se tem acesso (LEITE, 2001). As características técnicas dos retratos vão da inexistência do *flash*, passando pela iluminação artificial em estúdios, da ausência da câmera móvel, das limitações de registros, do filme em rolo, da diversidade de abertura do diafragma, da velocidade do filme até chegar à mobilidade e na diversidade de modelos de câmeras digitais.

Isso contribuiu substancialmente para absorver o movimento na fotografia, aumentar a profundidade e assinalar melhor os planos. Tanto para cenas posadas quanto para a tomada de instantâneos, recursos técnicos acoplado às câmeras digitais vêm permitindo um aumento progressivo de fotografias produzidas e publicizadas em redes sociais digitais. A fotografia, na cultura digital, traz marcas da época em que o retrato se popularizou, marcas que sinalizam a força comunicativa de uma linguagem que reforça a integração das pessoas (FABRIS, 2004), que reafirma o sentimento que o sujeito tem de si e que (re)dimensiona, numa perspectiva coletiva, as singularidades individuais. O processo que vai desde a captação da imagem, da contemplação aos compartilhamentos nas redes sociais digitais, da à fotografia um *status* de espetáculo onde o sujeito é personagem principal.

Um instante fotografado só ganha sentido se quem o vê conseguir fazer a leitura numa duração que vai além de Si mesmo, estendendo-o para um passado e para

um futuro (BERGER, 2001). A imagem se transforma na lembrança e muitas vezes a lembrança se fixa na imagem. Nos labirintos da memória estão desde os retratos de família que representam momentos de ritos de passagem como batizado, casamento, formaturas (LEITE, 2001) até as narrativas pessoais publicizadas no Facebook.

As leituras dessas narrativas são feitas a partir de experiências acumuladas anteriores que se desdobram na memória, diante da imagem presente. Com as possibilidades técnicas que as câmeras digitais permitem, o enquadramento delimita o espaço e estabelece uma ruptura, simbólica do real, entre o espaço visível e o espaço invisível. Outro aspecto relevante é quanto ao lugar do observador. Isso é percebido nos autorretratos que ganham as telas: sujeito fotógrafo e sujeito fotografado passam a Ser mesma pessoa. A câmera assume o lugar do observador. Essa “troca” permite ampliar o sentido que se tem daquele que foi fotografado.

O autorretrato possui uma retórica particular e característica no processo de identificação do sujeito que é fotografado: ele se constitui num movimento singular, onde o sujeito se desvela diante da câmera para poder ser lido tanto por Si, como pelos Outros que visualizam a narrativa. É Ser e se tornar por Si mesmo – auto. Nesse processo, a câmara é sinônimo de solenidade, franqueza, revelação da essência (SONTAG, 2004).

O autorretrato é uma encenação de si para o Outro, como um Outro. Nesse jogo de cena, os jovens fazem uso dos diferentes planos fotográficos, assim imprimem significados às imagens. O close que se aproxima e registra expressões faciais ou o primeiro plano que destaca a imagem, o que deixa claro qual é o fundo e o plano focal parcial que se quis fotografar. Essas condições visíveis admitem a inferência das invisíveis pela formação de seqüências espaçotemporais, através de uma construção feita pelo fotógrafo, pelos retratados e ainda pelos recursos técnicos com que se conta.

O próprio fato de a fotografia ser uma imagem fixa, num mundo em permanente mudança, retira-lhe uma parcela de seu caráter de reprodução mecânica, de alguma coisa existente ou que aconteceu. Quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela

que se tem diante dos olhos. Uma das condições de leitura da imagem seria conhecer, compreender ou ter vivido a situação ou as condições fotografadas, verificando-se que a análise detalhada do conteúdo elimina sua configuração global, que precisa ser recomposta. Além disso, não olhamos apenas para uma fotografia, sempre olhamos para a relação entre nós e ela.

As imagens lembradas são resíduos substituíveis de experiências contínuas. Em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças de pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser vista muitas vezes. A fotografia seria o ponto de encontro das contradições entre os interesses do fotógrafo, do fotografado, do espectador e dos que estão utilizando as fotografias (LEITE, 2001). Cada sujeito verá de maneira diferente a mesma fotografia, pois o ato de olhar demonstrou ser uma interação entre características do assunto, do aparelho tecnológico que se usa, da intenção de quem fotografa e da natureza de quem o observa.

Os aparatos tecnodigitais aliados às necessidades dos jovens de estarem presentes nas redes sociais têm na fotografia indícios que permitem ao observador perceber ou sentir: sentimentos, padrões de comportamento, normas sociais, conformismo, rebeldia. Os jovens, ávidos de reproduzirem e fixarem suas experiências vividas, encontram na fotografia um meio de materialização de seus desejos.

À medida que a tecnologia avança o registro do cotidiano se populariza e os retratos extrapolam os álbuns de família, os álbuns virtuais. Agora as fotografias ilustram a linha do tempo do jovem conectado. As fotografias são ligações simbólicas estabelecidas e os rituais estampados nas imagens fotográficas são índices preciosos para mapear e representar o conteúdo latente da fotografia na atualidade. A fotografia funciona como índice do que foi e por onde esse jovem passou.

Já não são mais registros silenciosos e imóveis, estão em movimento frenético que, além de ser um espelho de momentos fugazes, são narrativas que fluem e atestam a presença na rede. São narrativas que proporcionam múltiplas leituras. Ao ler uma fotografia, o espectador tem diante de si uma estrutura que não pode ser ignorada: o espaçotemporal, a composição da cena, os significados simbólicos e a correlação

possível entre os significados simbólicos da sequência em que a fotografia está inserida.

O convívio com as imagens e seus múltiplos significados promovem uma linguagem dinâmica que (re)configura o cotidiano e os sujeitos – esses, autores e atores de narrativas fotográficas, imersos na cultura digital, inseridos nas redes sociais. É nos espaços virtuais como Facebook que o indivíduo precisa ser visto para poder existir. É preciso conquistar a visibilidade para Ser alguém. Por isso, nos perfis dessas redes de relacionamentos, cada um é aquilo que mostra de si.

A exposição de si, narrada em álbuns virtuais, imprime no sujeito a sensação de estar perdido em uma sala de espelhos. Muitos Eus emergem da apreensão de um Outro - na sua instantaneidade fatal - e um a um desses Eus são libertos para experimentarem a sua hiper condição de Ser: mais belo, mais querido, mais espetaculoso.

Cópia da cópia, esse sujeito mergulha num infinito de outras imagens de Si mesmo. Ele é seduzido por sua própria imagem e por ela é aprisionado. Sai de si para fixar como um Outro. E nesse movimento há um retorno a si. É a representação narcísica de seu próprio Eu. E essa percepção além de problematizar a experiência cotidiana, possibilita ao sujeito a condição de autor/ator/narrador. Os jovens atores dessa pesquisa vivem na era do “hiper” (LIPOVESTSKY, 2007), que eleva ao superlativo e hiper-realiza a instauração de um ego ideal, fomentado pelo culto do tudo mais.

Ser o melhor, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirado, o mais visitado, na escalada do sempre mais. Mudar fotos constantemente é uma preocupação manifesta, demonstrando respingos dos valores líquidos da hipermodernidade. O espetáculo é composto por *flashes*, de atualidades, da oferta de uma nova celebridade, efêmera (DIOGO; SIBILIA, 2010).

Percebemos aí um impulso consumista que permeia as relações nas redes sociais, não para aquisição de bens e produtos, mas para a aquisição de números. Receber mais recados, ter mais curtidas, mais compartilhamentos, mais amigos. A visibilidade incentiva esse impulso. A amizade é transformada em uma mercadoria. A amizade traz consigo um item agregado de valor. Quanto mais amigos, mais visível, mais

popular, mais famoso. Do querer mais, de quantificação. Da lógica do consumo, que centra no foco do sujeito e projeta desejos humanos em produtos.

Na verdade, a questão da comunicação está posta juntamente com o interesse implícito dos narcisos digitais, que tem um canal aberto para parecer e apare(Ser). É uma comunicação assistida, que tem objetivo que vai além da comunicação. É quantificada, que promove a interação, tendo como pano de fundo o interesse consumista de ter, para apare(Ser). Quanto mais amigo, mais popular. Quanto mais comentário, mais querido. Nas fotos publicadas nas redes sociais não importa a pose perfeita, mas a felicidade exagerada, fugaz.

É nesse cenário que o sujeito é o centro de tudo. É preciso que todos compartilhem de sua alegria e que tenham a certeza de ele é o máximo. Na sociedade narcísica, o foco do indivíduo é sentir-se sujeito, único, preocupado em suas realizações particulares e sua aparência. O culto a imagem necessita de plateia. Nunca o corpo foi alvo de tantos cuidados e de tantos produtos. O incentivo ao narcisismo tem seus pilares no espetáculo. O show é armado para ser visto, curtido e compartilhado. Nesse contexto, é instituído o reinado das aparências e os holofotes direcionados para o narciso digital, que tem como prazer, a necessidade de se mostrar.

É nesse espaço que o jovem autor/ator/narrador, produtor de subjetividades, tem seu ego publicado, revertido em imagens. A busca incessante para esses sujeitos é pela plateia, que agora legitima não mais com as palmas, mas com o ato de curtir, favorecendo a construção espetacular do sujeito contemporâneo: sujeito e objeto da cultura do agora. Da cultura narcísica. Uma cultura marcada pela avatarização dos corpos juvenis, que se manifestam em múltiplos espaços e que passamos a discutir.

2.1.5 O Corpo na Cultura Digital

O corpo, nesta pesquisa, é compreendido como sintoma de cultura, como portador de comunicação (SANTAELLA, 2008). É território que habita significações. É espaço de interação. Aqui, o corpo é convertido em imagem. É forma de enunciação. Esse corpo que é sociocultural, uma vez que se (re)apresenta tatuado, perfurado,

modelado, plastificado, fotografado, editado, publicizado, ganha, em suas práticas, privadas ou íntimas *status* de onipresença: corpo multiplicado, possível de ser acessado simultaneamente, multiverso.

E num jogo de esconder e se mostrar, esse corpo “desnudo” pela fotografia digital é visto, curtido e compartilhado nas redes sociais. Em cada época o corpo assume comportamentos diferenciados, visto que se transformam conforme os códigos sociais ditados pela cultura. Na cultura digital, numa perspectiva simbólica, o corpo é fragmentado, mutável, metamórfico. “[...] lugar privilegiado das técnicas [...] metáfora e [...] realidade de novas subjetividades contemporâneas (COUTO, 2012a, p. 46 - 47).

Essas subjetividades são narradas de várias formas, entre elas em fotografias digitais. Nelas, o corpo que é invadido e dilatado, se transfigura em elementos tecno-digitais e se transforma num espaço para novas sensibilidades, novas capacidades comunicativas, novas narrativas. Ao pensarmos nesse corpo invadido, tomamos o conceito de invasão - do latim – que significa ação, interrupção, intervenção. Na cultura digital, a tecnologia ocupa os corpos dos sujeitos jovens que, conectados, se disseminam no território do Facebook, dilatam-se e dominam o ambiente com suas intervenções.

Nesse movimento, o que importa é a dilatação da experiência, das fronteiras do saber, da realidade. Isso se dá num plano invisível, mas que é percebido nos discursos fotográficos publicizados pelos jovens pesquisados. Eles, sujeitos cognoscentes, experimentam outros contornos de uma subjetividade corpórea quando fotografam, publicizam, curtem, comentam e compartilham as múltiplas possibilidades de vivenciar Eus distintos na rede, de modo que criam novas formas de Ser.

Com isso, é configurado o corpo simulado que aparece em fotografias denotando Ser o que não se é. Os jovens mostram seus corpos enfeitados, esculpidos por artefatos estéticos que os permitem apresentar um corpo ensaiado, produzido. Esses sujeitos fazem uso da tecnologia digital para ampliar suas formas de Ser e existir. É a possibilidade de viver em um novo corpo. Um corpo plugado, conectado.

Essa experiência de corpo é tecida, no devir, no fazer, de modo que se desvela perante o olhar do Outro, que juntos descobrem outras formas de relacionamento.

Do corpo simulado ao corpo plugado, percebemos um corpo *chip* que é (des)materializado pela fotografia em *pixels* dando lugar a um corpo digitalizado, reproduzido virtualmente como um sistema perfeito, que passamos a ver como um arquivo de dados, intercambiáveis com os Outros sujeitos da rede. É o sujeito-imagem que circula livremente no ciberespaço e é re(a)presentado no ato de ser curtido, comentado e compartilhado nas redes sociais digitais. Nessas redes, o que os jovens percebem do mundo advém do que eles experienciam, de modo que, ciclicamente, é construído o Eu social desses sujeitos. O corpo é portador de comunicação, as marcas sígnicas sinalizam quem são e o que gostariam de Ser.

As fronteiras desses Eus são demarcadas e as singularidades ganham espaços nas redes sociais. Desde Marx, Nietzsche e Freud, com a entrada em pauta da ação, vontade e desejo humanos, os conceitos sobre a experiência do corpo e sua relação com o mundo extrapolam sua suposta dimensão exclusivamente natural até então mantida sob tutela da fisiologia e anatomia. É delineada “uma nova zona de visibilidade do corpo” (SANTAELLA, 2008, p. 27): o corpo passa a ser produto de valores e crenças sociais e reflexões contemporâneas e estampadas em campanhas publicitárias, nas clínicas de estética, nos programas de pós-graduação.

Desde o advento do retrato fotográfico, a imagem do corpo passa a ser um campo aberto a investigações relativo à ação das práticas culturais, sociais, institucionais e experiências ligadas ao corpo. A crise do sujeito e da razão abriram caminho para um modo de pensar destinada a (re)construir o sentido e a forma de Ser e atuar no mundo. Com isso, ocorrem mudanças significativas na percepção que temos de corpo e que incorporam ao imaginário cultural (SANTAELLA, 2008). O corpo antes invisível clama por visibilidade. No entanto, “[...] Não basta colocar o corpo em cena, é preciso jogar com as suas formas, reduzindo-as ou ampliando-as até a extravagância ou ao exótico (COUTO, 2012a, p. 110). Neste contexto, é no Facebook que o corpo ganha visibilidade e o corpo vivo do artista se torna suporte da arte.

Esse movimento, que teve início em Duchamp passando pelo *happening,* Fluxus e acionismo dos anos de 1950 e 1960, atingiu seu ápice na *body art* dos anos de 1970. Nessa época, por encontrarem nas fotos um meio para a documentação da efemeridade, que é própria das instalações, acabaram por "fortalecer uma tendência que já se iniciara no *happening* e Fluxus: dar à fotografia uma função documental subsidiária, mas ao mesmo tempo complementar, e muitas vezes artística, da própria instalação" (SANTAELLA, 2008, p. 68).

Por vezes, a fotografia passou a funcionar como meta-foto da instalação fotográfica. Nos idos de 1980, o discurso visual estava relacionado com o alegórico, o apropriado, a desconstrução e com a ruptura das fronteiras entre as artes e "as camadas da cultura: superior-erudita, inferior-popular e de massa". (SANTAELLA, 2008, p.71). Foi nessa época que aconteceu um retorno à pintura em grandes dimensões que incluíam a questão do corpo. As marcas do corpo do artista e ainda de seus gestos na tela, não eram vistos desde Pollock. Agora, há uma ligação visceral do corpo com o objeto. Os vestígios, as marcas do artista em sua obra nunca estiveram tão "exageradas". O autor é a obra e eles se confundem nas autoperformances fotográficas, intensificando a tendência performativa do eu-como-imagem, dos simulacros do Eu.

Com a entrada na era digital, o corpo torna-se uma superfície intermidiática, um meio e uma mediação entre o presencial e o virtual, adquirindo uma nova dimensão multiplicada e "renovados modos de ser" (COUTO, 2012a, p.17): uma medida de possibilidade de ir além de Si mesmo, além de suas limitações – um corpo ciborgue, biocibernético, tecnologicamente estendido: "um corpo que começa na esfera biológica e nunca termina na medida em que se estende pelos pontos mais distantes do raio de ação dos sensores e recursos de conexão remota." (SANTAELLA, 2008, p.75). Esse corpo que

> [...] já foi colonizado pelas próteses eletromecânicas, químicas, comunicacionais. E que essa colonização técnica condiciona a definição do que e de como somos agora. [...] corpos cada vez mais tecnicamente equipados e preparados para conectar e entrar em rede, inserir-se no ciberespaço (COUTO, 2012a, p. 18).

O corpo invadido e dilatado pelas tecnologias surge como um novo modelo de sensibilidade, flexibilidade, inteligência e capacidades comunicativas. Na cultura

digital, o corpo está presente em narrativas que conduzem os jovens ao papel que vai além de meros espectadores, eles são convidados a contemplar, a participar, a interagir, a produzir. Esses jovens possuem a possibilidade de experienciar, de tecer realidades, vivenciar medos ocultos, materializar desejos latentes. Aos jovens é permitido “corporificar” diversas subjetividades ao mundo virtual. Na tessitura dessas subjetividades, os jovens, na busca dessa ideia do eu, do ideal de si, a compreensão do corpo como receptáculo de subjetividades, como sintoma da cultura se torna essencial.

Esse movimento constrói pontes com a fotografia, consideradas como meio de produção de conhecimento. Isso se dá devido à consciência perceptiva, complementar à consciência representativa que é desenvolvida no jovem a respeito de seu ideal de Eu. A percepção é sempre consciência perceptiva de alguma coisa e nela não se pode separar o sujeito e o objeto - como fazem as ciências naturais e as ciências sociais de base positivista. Parte do próprio corpo o ponto de vista sobre o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). O jovem tem consciência de seu corpo por intermédio do mundo e tem consciência do mundo devido a seu corpo. Mas a forma como ele percebe o mundo e seus fenômenos também está vinculada à cultura e à sociedade.

Dessa forma, a percepção - ato da experiência do sujeito, informação que é armazenada em recorte e que, contudo, só pode ser acessada quando o indivíduo está em ação – (BERGSON, 1999), sofre influências, contágios culturais e sociais. É impossível compreender a humanidade sem uma análise do impacto da produção cultural em sua constituição. É pela formação de sistemas simbólicos que o homem adquire condições de traduzir e constituir a realidade, atribuindo-lhe sentidos e significados. A cultura não é apenas um conjunto de sistemas simbólicos, é também a relação estabelecida entre seus sujeitos por meio de seus símbolos e significados.

As trocas simbólicas compartilhadas pelos jovens nas redes sociais digitais têm na fotografia linguagens capazes de transmitir sentidos dos movimentos corpóreos e do repertório cultural desse indivíduo. Na cultura digital, com as práticas discursivas das narrativas fotográficas, o jovem se (re)configura como sujeito e passa a existir para o Outro e, num caminho inverso, o Outro passa a existir para esse sujeito.

O corpo não é simplesmente organismo, é também cultura, vai além do aspecto físico: os gestos, as falas, os olhares, são modos de se comunicar que se configuram em um comportamento pautado, ao mesmo tempo pelos aspectos biológicos e culturais. O corpo é forma de expressão, pleno de intencionalidade e poder de significação (MERLEAU-PONTY, 1999). Cada pessoa pode ter uma relação diferente com seu corpo, e muitas vezes pode:

> [...] abordar sua corporeidade de modo ambivalente. A pessoa humana reconhece-se a si mesma como um ser sensível que deseja, ama, que sente dor e prazer graças a e em seu próprio corpo [...]. O corpo é o lugar onde nascem e se manifestam nossos desejos, nossas sensações e nossas emoções; ele é o meio pelo qual podemos demonstrar quem realmente somos ou desejamos ser. [...] é o que nos permite encontrar os outros e que manifesta nossa natureza relacional pela afirmação de nossa individualidade. [...] toda ação que realizamos e toda relação que construímos colocam em jogo a nossa corporeidade (MARZANO-PARISOLI, 2004, p. 10).

Por isso, é sempre a partir do corpo, fundamento e ponto de partida de nossa existência empírica, que podemos compreender nossa existência intencional e nossa experiência moral no mundo. O corpo ideal, para os jovens imersos no Facebook, é uma instância simbólica envolvente, que insere todos os sujeitos de uma sociedade ou de um grupo nas redes de significados, de práticas e de crenças; é ao mesmo tempo uma instância de identificação e de reconhecimento que permite os agrupamentos, e uma instância de classificação e de distinção (MARZANO-PARISOLI, 2004).

E nesse contexto, os jovens não estão diante de seu próprio corpo, eles estão no corpo, eles são o próprio corpo (MERLEAU-PONTY, 1984). Para esses sujeitos, o corpo é um espaço expressivo, o que projeta para fora os significados das coisas, dando-lhes um lugar e, ao mesmo tempo, faz com que elas se ponham a existir como coisas sob nossas mãos e nossos olhos. O corpo, seu desempenho, seus acontecimentos e suas ações aproximam-se da ideia de Ser, simultaneamente, o sujeito e objeto da criação, comportando um só tema: o artista, o retrato, o seu corpo (BARATA, 2007). Ressignifica-se, assim, a instituição da arte, através do corpo.

Para os jovens, o corpo é uma fonte inquietante e transversal de comunicação. É palco de apresentações e de celebrações na cultura cibercultural. O corpo, para os

sujeitos da pesquisa, amplia o sentido do fazer artístico e potencializa novas narrativas. Tudo deve estar pronto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea (COUTO, 2007). No passado, estar em movimento era um privilégio, uma conquista. Hoje, para os jovens, é uma necessidade, uma aventura pessoal, um novo meio e modo de vida.

Nas redes sociais digitais, a fotografia possibilita esse imediatismo. Nesse contexto, o corpo passa a ser concebido como objeto de representações, de consumo, de manipulações, de cuidados e de construções culturais.

> [...] sob a lógica do consumo, são deflagrados novos hábitos e comportamentos, onde cada um passa a ser responsável pelo gerenciamento da aparência e dinâmica física e mental, comprometido com fluxos, velocidades e imediatismos, visando resultados praticamente instantâneos. Sob o peso dessa responsabilidade cada um passa a ser avaliado, exaltado, julgado, acusado e, às vezes, condenado, pelo corpo [...] (COUTO, 2007, p. 53).

Numa dimensão cultural, o corpo passa por três *status:* o corpo representado - visto e descrito pelo olhar do Outro, da igreja, do estado, do artista; o corpo representante - um corpo ativo, autônomo quanto às suas práticas, consciente do seu poder político e revolucionário, porta-voz do discurso de uma geração, contestador, sujeito desse próprio discurso e agente propositor e defensor de reformas que vão da sexualidade à política; já o corpo apresentador de Si mesmo está aparentemente a serviço de uma cultura que se pauta pelo efêmero e pelo imediatismo.

Esse corpo é, em Si mesmo, o próprio espetáculo (FONTES, 2007): corpo idealizado, configurado conforme os parâmetros que podemos considerar como de boa forma - um corpo bonito, um corpo (re)construído, a partir de um conjunto de discursos, práticas e procedimentos de várias naturezas que visam a torná-lo culturalmente adequado, capaz de atender às exigências de uma corporeidade supostamente considerada ideal (FONTES, 2007).

Nesse universo imagético se configura na possibilidade de se pensar a narrativa fotográfica como meio de expressão e de construção de conhecimento. Assim, o individuo é sujeito-objeto - ao se deixar fotografar - e sujeito-ator - ao fotografar; é sujeito envolto pela cultura percebido por quem olha, quem captura e quem

contempla a fotografia. Nas narrativas fotográficas as marcas significativas em que se apresentam o corpo são tidas como um texto, com uma gramática própria, passível de leituras e interpretações. Os textos são compreendidos como meios de comunicação com o mundo, constituintes e construtores de cultura.

O corpo é depositário da cultura da qual participa, dele emanam códigos visíveis ou invisíveis ao olhar de quem (re)significa as suas práticas sociais. Cada fotografia se configura numa linguagem que conta histórias e trajetórias dos homens e da cultura. As fotografias expressam intencionalidades, comunicam e veiculam modos de Ser, pensar e agir característicos. É um texto que traz especificidades próprias a ser interpretado. Nas fotografias publicizadas e compartilhadas nas redes sociais digitais o corpo é portador de significados e meio privilegiado para expressar emoções, conflitos, sentimentos e toda a produção cultural de um determinado grupo social. O corpo é linguagem, é forma de expressão. Cada manifestação corporal por sua vez, é entendida como um movimento intencional significativo e que, a partir do olhar do Outro, se constitui na relação sujeito-cultura e permite a comunicação entre os integrantes de um mesmo grupo social.

Os campos teóricos apresentados e discutidos acima se interconectam e sustentam nossos argumentos de pesquisa. Cultura e Cibercultura, Ser Jovem em tempos de Cibercultura, Redes Sociais Digitais – Facebook, Fotografia Digital e O Corpo na Cultura Digital são elementos constitutivos do problema de nossa investigação. Passamos agora a discutir os percursos metodológicos utilizados, sinalizando que nossas estratégias buscaram dialogar com a teoria e o método.

2.2 Aspectos metodológicos da pesquisa

As fotografias publicadas no Facebook são objetos de difícil recorte metodológico, por serem de natureza mutável e efêmera, podendo ser excluídas e reconfiguradas constantemente por seus autores. Como artefatos culturais expostas num ambiente participativo, as fotografias são apropriadas por Outros sujeitos e constituídas de marcações e motivações coletivas (AMARAL, RECUERO; MONTARDO, 2009). Por essa razão, na construção da trajetória da pesquisa, tomamos consciência de que

era preciso definir um percurso, um caminho, uma via que nos conduzisse à produção de conhecimento novo sobre o fenômeno pesquisado, sem perder de vista a natureza do nosso objeto.

A tese está construída sobre imagens, conceitos, linguagens, estilos de uma encenação corpórea, a partir das narrativas fotográficas juvenis e refletidas num jogo de aproximação com os territórios imaginários das narrativas literárias, de Lewis Carroll (2002), sobre as aventuras de Alice no País das Maravilhas; a narrativa mitológica de Narciso e As aventuras na Terra do Nunca, de James Barrie (1999). Nossas escolhas advêm do modo como os personagens desses territórios – Alice, Narciso e os Meninos Perdidos - bem como os sujeitos desta pesquisa, de forma lúdica, buscam saber, incessantemente, quem eles são e como podem experimentar os territórios do imaginário.

Numa concepção sartreana, territórios imaginários como lugares mágicos e lúdicos. Desdobramentos imagéticos daquilo que o sujeito, envolto num encantamento subjetivo, é destinado a fazer aparecer aquilo que se quer representar. Esse ato demanda um sujeito autor/ator/narrador, que mediados pela tecnologia, se fantasiam, se realizam. Nesse movimento, a imagem passa a ser um ato do pensamento que compreende saberes e intenções. “A intenção só se define pelo saber, pois só representamos como imagem aquilo que sabemos de algum modo e, reciprocamente, o saber aqui não é simplesmente um saber, é ato” (SARTRE, 1996, p. 83). É o que querem representar. Essa decisão implica um ato de afirmação, um ato imaginante. A imagem é uma consciência que visa produzir seu objeto, portanto, é constituída por um certo modo de julgar e de sentir do qual não tomamos consciência enquanto tal, mas que apreendemos sobre objeto intencional como esta ou aquela qualidade. Imagem aqui é da ordem do simbólico.

Este estudo foi desenvolvido na perspectiva metodológica e epistemológica da pesquisa qualitativa, de cunho descritivo analítico das fotografias publicadas pelos jovens no Facebook. A escolha pelo estudo qualitativo se fez em função da singularidade do objeto e dos participantes da pesquisa, uma vez que esses fazem parte de um movimento em constante transformação que imprime no indivíduo um Eu social fluido, fragmentado, instável e móvel. A abordagem qualitativa nos levou a

trabalhar mais com a observação aprofundada das fotos postadas no Facebook e com os relatos de entrevistados e se justificou pela necessidade de obter dados silenciosos quanto às concepções de corpo e suas formas de representação que os jovens têm, a partir do seu ambiente e do processo de construção de sentidos. Nossa pretensão foi descobrir novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

O método utilizado é o da netnografia, que se constitui uma adaptação da etnografia aos estudos de comunidades *on-line* – etnografia na internet (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2011). Busca entender o comportamento dos sujeitos, em uma determinada comunidade virtual, por meio da observação e da interação constante por um período significativo de tempo. Essencialmente qualitativo, foi a opção mais adequada, pois os participantes da pesquisa são imersos na cibercultura. Além disso, havia a necessidade de considerar a visão antropológica da socialidade no Facebook, uma vez que estas "[...] estão em constante transformação, apresentando-se em formas constantemente provisórias [...] (MOSCOVICI, 2006, p. 78).

Neste contexto, inspirados em Kozinets (2010), vestimos de netnógrafos e nos transformamos em experimentadores do Facebook: mapeamos os perfis de nossos entrevistados, a partir de seus movimentos fotográficos no Facebook e compreendemos conceitos, linguagens, estilos, imagens e trocas simbólicas na rede, numa aproximação virtual com esses sujeitos. Desse retorno, surgiram, além da compreensão desses sujeitos, respostas quanto ao objeto estudado, construídas a partir do visto, dito e não-dito (SILVA; COUTO, 2012).

A pesquisa é fruto das nossas inquietações em conhecer os diversos discursos projetados pela fotografia, tramas, realidades e paradoxos no que tange às subjetividades que são tecidas em narrativas no Facebook. Para entendimento da realidade, levamos em conta as questões e os atores juvenis que se fazem presentes nessas narrativas fotográficas. Isso significou tomar esses sujeitos como seres aprendentes numa dimensão cibercultural, o que implicou em novas propostas epistemológicas e metodológicas na busca da resolução do problema de pesquisa: como os jovens produzem sentidos de corpo e (re)significam a consciência

perceptiva da sua singularidade, por meio das fotografias compartilhadas nas redes sociais? E o que essas narrativas sinalizam como outras rotas de aprendizagens?

No contexto das tecnologias digitais em que nosso objeto de pesquisa – as narrativas fotográficas publicizadas e compartilhadas no Facebook - se faz presente, incorporamos as ideias e o estilo pós-moderno, numa preocupação com as narrativas fotográficas publicadas nos perfis dos sujeitos pesquisados. A fotografia

> [...] é ao mesmo tempo e consubstancialmente uma imagem ato, compreendendo-se que esse ato não se limita apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da "tomada"), mas que inclui também o ato de sua recepção (sua "contemplação") (DUBOIS, 1998, s/p).

Nesta proposta, com o objetivo posto: investigar e analisar as narrativas fotográficas compartilhadas nas redes sociais digitais, de modo a compreender outras rotas de aprendizagens sinalizadas por essas narrativas, e a partir das entrevistas realizadas com os jovens pesquisados na rede social Facebook, selecionamos e agrupamos temas e abordagens que demonstraram relações com os objetivos da pesquisa.

Nessa perspectiva, buscamos compreender os discursos dos sujeitos jovens que se encontram num movimento cibercultural, enquanto autor/ator/narrador de suas performances fotográficas no Facebook. Nesse espaço, os jovens, num movimento interativo de transversalização e indexalização, criam conceitos, linguagens, estilos, imagens, objetos simbólicos numa encenação mutante de se fazer nas redes. Com o olhar netnográfico, transitamos pelos perfis no Facebook dos atores envolvidos nesse estudo, numa transposição virtual das formas de obter informações. A netnografia se constituiu uma janela através da qual foi possível observar comportamentos naturais dos sujeitos em ação no ambiente virtual onde se processam suas relações.

A partir do itinerário da investigação - revisão bibliográfica, coleta e produção dos dados e orientação daqueles que caminharam conosco no grupo de pesquisa - algumas descobertas sinalizaram a construção do *corpus* deste trabalho. Essa postura oportunizou desenvolver os procedimentos básicos da pesquisa: aproximação cultural, produção e construção de dados, *feedback* e checagem das

informações com os entrevistados. As etapas, a partir dessa postura, tornaram-se dinâmicas, num *continuum* ir e vir, interrelacionadas durante todo o proceder da investigação. Como estratégia metodológica, a coleta e produção dos dados foram realizadas por intermédio de observações nos álbuns, nas linhas do tempo nos perfis dos jovens pesquisados e também por meio de entrevistas com esses sujeitos.

Tabela 1 - Coleta e produção de dados da pesquisa

Período	Atividade	Encaminhamento
Ago 2011	Levantamento dos alunos do Curso de Comunicação do CEULP/ULBRA com perfil no Facebook.	123 acadêmicos
Set a Nov 2011	Observação, de forma sistemática, do movimento desses jovens na rede	
Dez 2011	Definição da quantidade e quais perfis fariam parte da análise;	12 perfis
Jan a Fev 2012	Levantamento dos álbuns existentes em cada perfil selecionado, bem como a quantidade de fotos publicadas.	114 Álbuns 3.655 fotos publicadas
Mar 2012	Organização de um portfólio com os álbuns virtuais dos jovens pesquisados	
Abr a Dez 2012	À medida que os sujeitos publicavam tanto nos álbuns como em suas linhas do tempo, era somado ao portfólio fotográfico	
Jan 2013	As narrativas fotográficas que seriam analisadas começaram a ser selecionadas, obedecendo os critérios: se as fotografias se enquadravam na categoria autorretrato, se as mesmas possuíam um caráter participativo, isto é se continham curtidas, comentários e compartilhamentos	
Fevereiro a Maio de 2013	Realização das entrevistas por meio do bate-papo do Facebook	
Fev a Dez 2013	À medida que as narrativas fotográficas eram publicadas elas eram agregadas à análise. A escolha por esse procedimento se deu devido ao movimento dos jovens pesquisados na rede que publicam novidade o temo todo em seus perfis.	217 Álbuns 9.590 fotos publicadas

As fotografias publicadas e publicizadas na linha do tempo e organizadas e disponibilizadas em álbuns virtuais foram o *lócus* das observações. A observação foi o mecanismo de aproximação do ponto de vista dos sujeitos. Considerando que todas as imagens são, por natureza, representativas, as selecionadas, nesta pesquisa, foram organizadas por categorias - o ato fotográfico, o Ser e parecer Ser e cartografia das emoções - que perpassaram a construção e a compreensão que esses autores/atores/narradores têm de corpo. As fotos foram organizadas, tendo em perspectiva que estas são em sua gênese atos de comunicação que carregam a "intencionalidade" de quem as produziu.

Com base nessa premissa foram organizadas as narrativas fotográficas em três grupos: as que mostravam o dia-a-dia dos jovens pesquisados - essas em que o cotidiano ganha as telas no simples toque do disparador que materializa em fotografias o que todo mundo quer saber: o que se está fazendo; o que se está pensando; o que se está sentindo. Do segundo grupo fizeram parte as fotografias que se enquadram na categoria autorretrato. Já o terceiro grupo se constituiu das narrativas fotográficas em que o corpo se mostra como um espaço expressivo em que emoções e subjetividades subsidiam os vários personagens que cada jovem apresenta no Facebook. Fotografias que ao decorrer da pesquisa nos ajudaram a compreender que a dimensão significativa dos discursos vai além da técnica empregada.

Foi essa orientação que nos levaram a acompanhar *in loco* as experiências diárias dos informantes, com vistas a apreender sua visão de mundo. Além disso, os sujeitos pesquisados tiveram voz, por meio de entrevistas.

> [...] a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhe são emprestadas (MACEDO, 2006, p.165).

As entrevistas semiestruturadas estimularam as múltiplas vozes e revelaram as dimensões dos sujeitos pesquisados. Antes de iniciar as entrevistas tivemos o cuidado de explicar os objetivos da investigação. Por se tratar de entrevistas semiestruturadas, não delimitamos o tempo destinado a elas. Organizamos um

conjunto de questões sobre o tema em estudo e criamos condições para que os entrevistados falassem livremente sobre assuntos relacionados ao tema principal. São eles:

Tabela 2 - Temas e abordagens da pesquisa

O ato fotográfico (autor/ator/narrador)
1. Que lugar a fotografia ocupa no seu cotidiano? 2. Pra você, o que merece ser fotografado? 3. Como se dá o registro, a escolha e a organização das suas fotos na rede? 4. Qual a importância de publicar fotos do seu cotidiano na rede?
O Ser e parecer Ser
1. Por que você fotografa e publica no Facebook? 2. Qual o sentido para você do curtir, comentar e compartilhar? 3. Que corpo é esse (re)apresentado na rede?Como você se representa na rede? 4. Nesse jogo de aparecer na rede, você é o que parece Ser? 5. Quem é o sujeito(nome) que aparece nas fotos em seu perfil?
Cartografia das emoções
1. A rede determina pra você um agendamento dos estados emocionais que merecem ou precisam ser publicizados?

As entrevistas foram realizadas com 12 (doze) jovens acadêmicos, do Curso de Comunicação Social, do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA: 5 (cinco) do sexo masculino e 7 (sete) do sexo feminino com idades entre 19 e 23 anos. A escolha por esses sujeitos se deu em função desses jovens demonstrarem em seus perfis, no Facebook, imersão diária, tendo como prática postagens de fotografias como estratégia narrativa de suas performances.

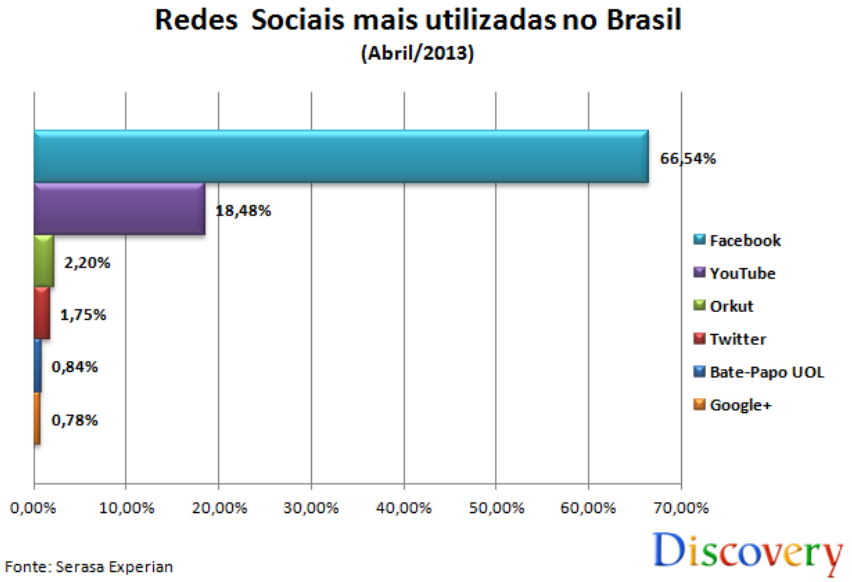
Os encontros foram precedidos de conversas informais para explicitar os objetivos da investigação e a importância dos depoimentos para a pesquisa. Os diálogos

espontâneos vieram a referendar discursos apreendidos por meio da observação na rede. Esses discursos já publicizados ganharam eco na fala de cada jovem e nos permitiram perceber outros movimentos, outros conceitos e nos levaram a pensar mais e melhor sobre as nossas categorias de análise, na perspectiva da orientação básica da netnografia: identificar o que se deve saber, fazer, prever e interpretar. Ainda se fez necessário compreender as etapas de construção de sentido que se tem do corpo do Outro, do alheio.

Cenário da pesquisa

O Facebook se constituiu nosso *lócus* de pesquisa e foi espaço de interação com os sujeitos estudados, nos permitindo as observações nos perfis e os diálogos - num processo de colaboração, partilha de conhecimento, interação e comunicação - com esses sujeitos. Nossos jovens pesquisados, em sua maioria, possuem contas no Facebook desde 2010 e essa se configura como a rede social favorita desses sujeitos, retrato também da preferência brasileira, conforme nos mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 6 - Redes sociais mais utilizadas no Brasil



Fonte: http://www.magicwebdesign.com.br/blog/redes-sociais/infografico-os-numeros-do-facebook-a-rede-com-1-bilhao-de-usuarios/ Acesso em 28 jun 2013

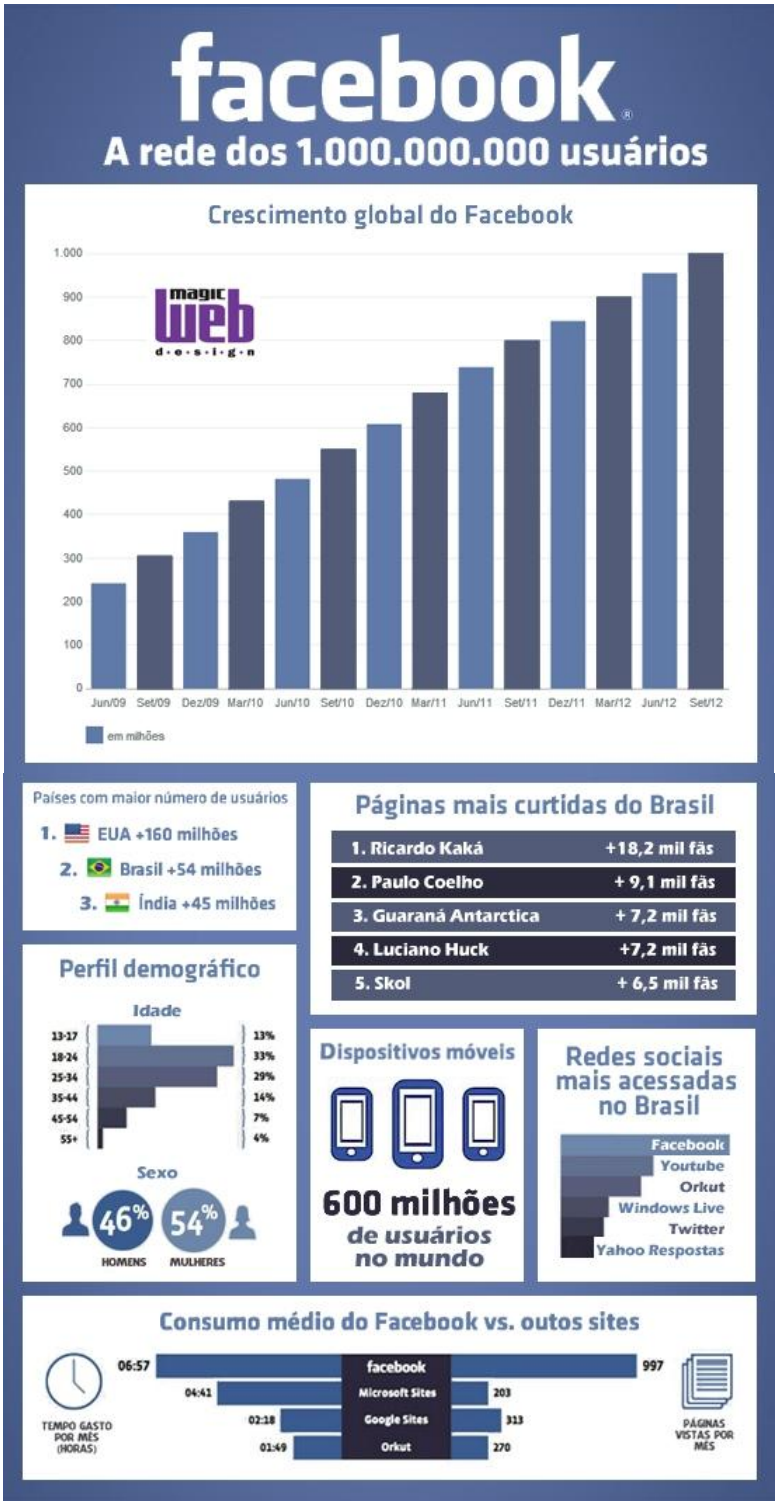
O Facebook foi criado em 2004, por Mark Zuckerberg e outros estudantes da Universidade de Harvard, com o objetivo de criar uma rede para que pudessem partilhar informações.

> Algumas semanas depois, o Facebook adicionou um novo recurso que iria transformar o serviço. Até aquele momento, o sucesso da rede social estava vinculado ao fato de ser “de uma simplicidade descerebrada”, como dizia um dos funcionários: tudo o que os usuários podiam fazer era preencher o perfil e verificar as informações que outros haviam colocado em seus próprios perfis. Havia uma maneira de personalizar e modificar o perfil, porém, que se tornara muito popular. Embora a pessoa só pudesse exibir uma única foto no perfil, os estudantes mudavam essa foto com freqüência, às vezes mais de uma vez por dia. Eles claramente gostariam de postar mais fotos (KIRKPATRICK, 2011, p. 48).

Com o aprimoramento da tecnologia, o Facebook passou a oferecer ferramentas e aplicações que permitem compartilhar fotografias e vídeos, inserir comentários, fazer ligações, enviar mensagens, interagir com outros *websites*, e dispositivos, aplicar e-mail, RSS feeds, controle de acesso a informações específicas e realização de determinadas ações (EDUCAUSE, 2007) mais complexas. Com isso, o Facebook foi-se popularizando e seu sucesso “[...] deve-se muito ao fato de que ele começou na faculdade, onde as pessoas geralmente socializam com mais intensidade que em qualquer outro momento da vida (KIRKPATRICK, 2011, p. 48).

O Facebook levou seis anos para chegar a meio milhão de usuários e apenas dois para dobrar o valor. Em 2011, o crescimento total foi de 30%, sendo que o número de brasileiros subiu 146% (maior percentual no mundo). Em outubro de 2012, Mark Zuckerberg anunciou que o Facebook superava a marca de um bilhão de usuários ativos**,** com acesso regular de uma em cada sete pessoas da terra, com destaque para o cenário de acessos brasileiro - fundamental para que esse número fosse alcançado.

Infográfico 3 - Crescimento global do Facebook



Fonte: http://www.magicwebdesign.com.br/blog/redes-sociais/infografico-os-numeros-do-facebook-a-rede-com-1-bilhao-de-usuarios/ Acesso em 26 ago 2013

O fenômeno do Facebook imprimiu nova amplitude aos agrupamentos sociais, entre eles o agrupamento juvenil, pela força e pluralidade da comunicação, promovendo transformações culturais complexas e híbridas nas relações de forma rápida, desconsiderando as amarras de tempo e espaço, possibilitando outras formas de discursos, produção de significados e interações pessoais. No Facebook, os assuntos juvenis de interesses comuns ganham uma proporção significativa, levando seus usuários divulgar cada vez mais suas ideias, provocando o movimento de novos usuários a fazerem parte da rede, a compartilharem seus desejos, seus Eus.

Uma das estratégias mais utilizadas nesse processo é o compartilhamento de fotografias, principalmente os autorretratos – *selfies*[7] - usando *smartphones* ou câmeras de *laptops* ou *tablets*. Muitos acreditam que a condição essencial para fazer parte da sociedade é atualizar constantemente o seu autorretrato, visando a sua superexibição" (SOBRINHO, 2014, p. 4). O que percebemos é a legitimação de discursos centrados no próprio exibicionismo que, com as tecnologias digitais, se tornam ilimitados. Dadas às possibilidades que as redes sociais digitais, em especial o Facebook, proporcionam para um ambiente de aprendizagem participativa é que essa pesquisa se desenvolve.

Atores da pesquisa

Para desenvolver esta pesquisa acompanhamos 12 (doze) jovens no *Facebook,* com idade entre 19 e 23 anos. Esses jovens fazem parte do universo de 123

[7] ***Selfie*** é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato. É uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente uma selfie é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada. Também pode ser tirada com uma câmera digital ou *webcam*. A particularidade de uma *selfie* é que ela é tirada com o objetivo de ser compartilhada nas redes sociais como Facebook. Em 2013, os responsáveis pelos dicionários da Oxford escolheram *selfie* como a palavra do ano. Um dos motivos para esta escolha foi o fato de esta palavra ter crescido 17.000% em 2013, o que confirma o seu estatuto de uma das palavras mais procuradas em um ano. http://www.significados.com.br/selfie/ . De acordo com a Reuters, a palavra não é nova – sua origem é datada de 2012, quando ela foi utilizada em um fórum online australiano. Isso não afetou a decisão do Dicionário Oxford.Segundo os editores do dicionário, o uso da palavra aumentou 17.000% desde 2012. A palavra foi muito popularizada pelas celebridades, que passaram a fazer uso constantes das "selfies". Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html Acesso em 27 de novembro de 2013

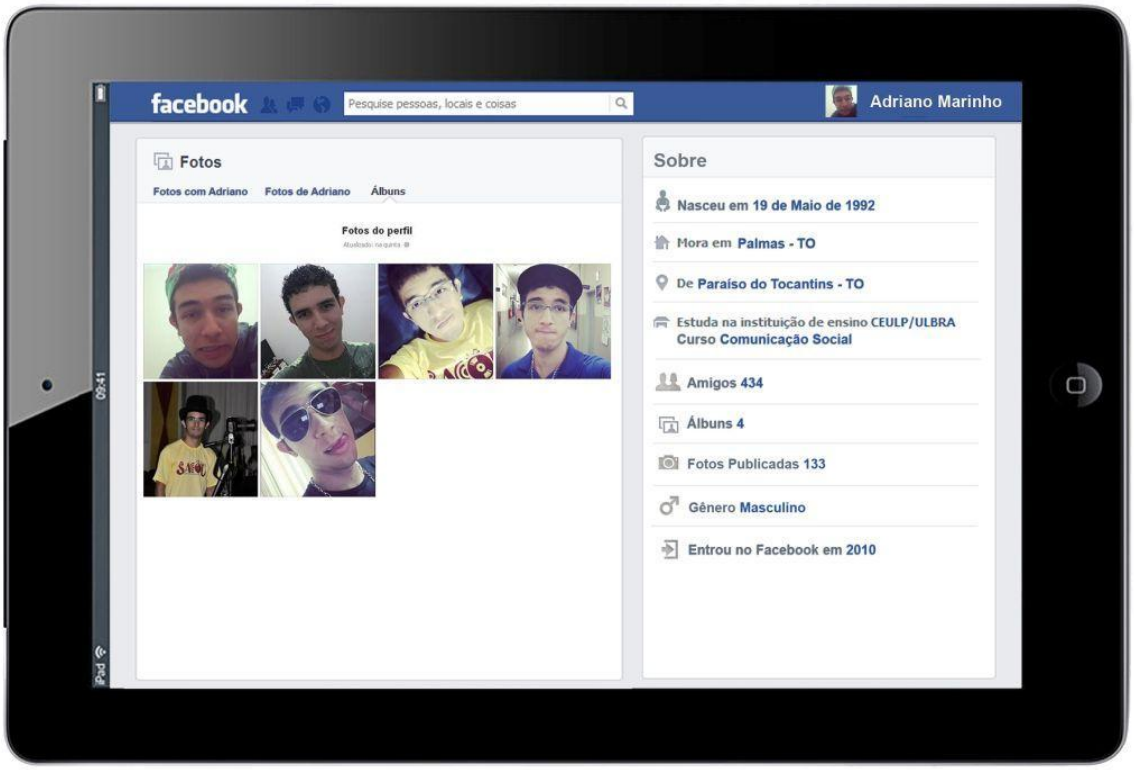
acadêmicos[8], do curso de Comunicação Social, do CEULP/ULBRA. A escolha por esses alunos se deu em razão da pesquisadora ser professora de fotografia nesse curso e ter uma aproximação com os sujeitos pesquisados, permitindo que fosse estabelecido o vínculo para a concretização do trabalho de pesquisa. Trabalhamos com uma amostra de 10% desses acadêmicos - o que corresponde a 12 perfis selecionados - a partir de alguns critérios observados: ser imersivo nas redes sociais digitais, em especial no Facebook; utilizar de narrativas fotográficas para se expressar nas redes; fazer uso das fotografias como discursos pontuais.

Infográfico 4 - A imersão dos sujeitos pesquisados no Facebook

Fonte: Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

[8] Pesquisa realizada no *Facebook* em agosto de 2011

Figura 1 - Perfil de Adriano Marinho Ribeiro no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/adriano.marinhoribeiro.3/potos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Adriano Marinho Ribeiro por ele mesmo

Eu não sei muito bem quem seria esse sujeito: gosto de me divertir, de brincar, sou chato, gosto de atentar os meus amigos e odeio ver pessoas tristes ao meu lado. Às vezes sou tímido, mas muitas vezes não tenho vergonha, muito menos de expressar minhas opiniões. Não me importo com o que as pessoas falam ou pensam de mim. Posto minhas fotos sem problema nenhum, se a pessoa gostar, tem um ícone no Facebook que chama "curtir", é só clicar. Agora se a pessoa não gostou, tô nem aí, sou eu, minha foto, e não me importo com o que pense ou vá pensar de mim.

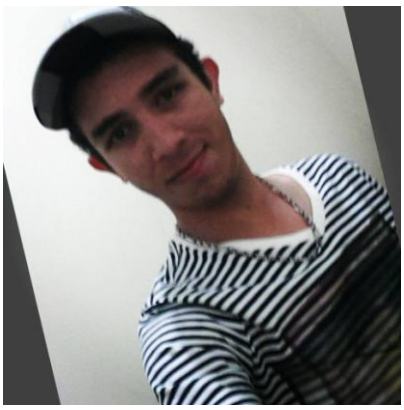
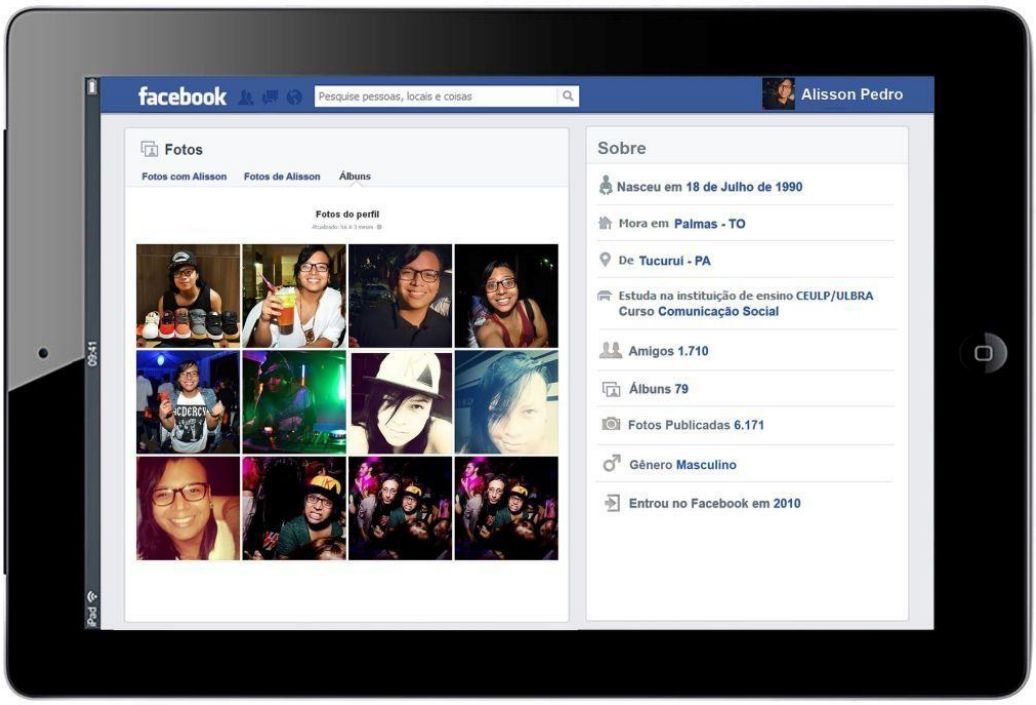


Foto 1

Foto 2

Figura 2 - Perfil de Alisson Pedro no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos

Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

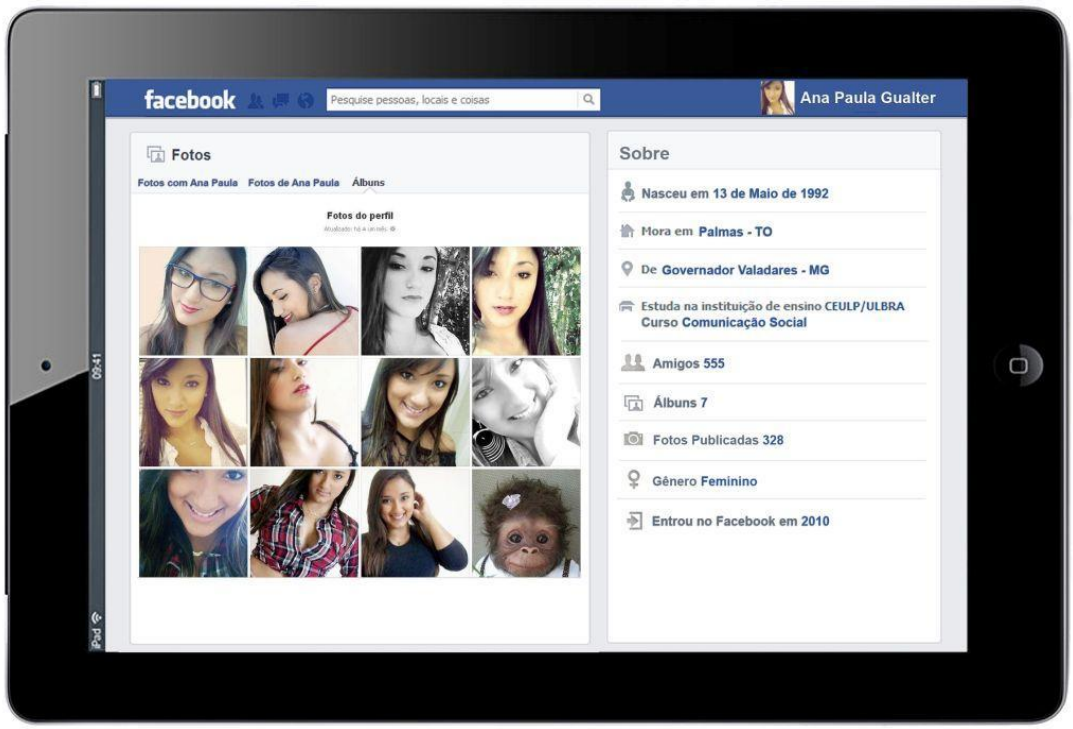
Alisson Pedro por ele mesmo

Sou esse Eu que fotografa o tempo todo. Sou "a vaidade", mas sou muito tímido e não fico a vontade em situações em que eu não esteja fotografando ou sendo fotografado. Posso Ser quem eu quiser. Pode ter graça a vida. Me divirto sempre com meu amigos e a "fotografia" sempre está junto. Não importa onde estou o que importa é a galera, um bom som e minha câmera fotográfica – minha companheira.

Foto 3

Foto 4

Figura 3 - Perfil de Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook



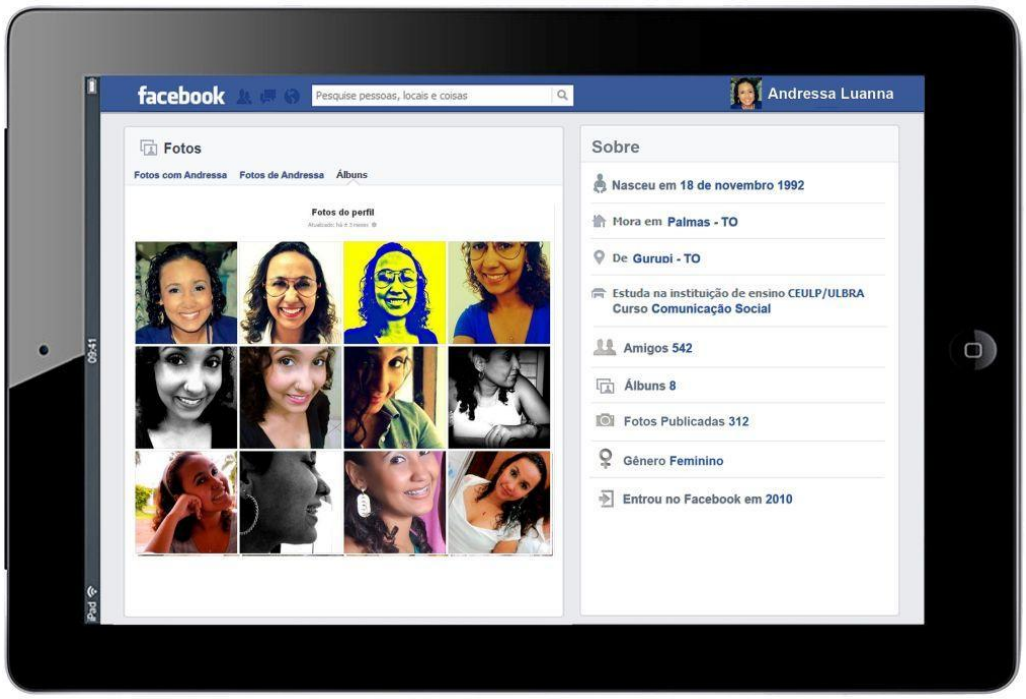
Fonte: https://www.facebook.com/anapaula.gualter.1/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Ana Paula Gualter por ela mesma

Acho complicado saber quem sou. Estou sempre em mutação, em busca de aventuras. Não gosto de falsidade. Acredito que existe sempre uma chance de Ser diferente, ter atitudes diferentes, fazer escolhas diferentes. Sei que sou responsável pelo o que coloco no Facebook, pelo o que sou na Universidade, pela menina/mulher que busca ser feliz. Minha meta é aprender a ser feliz.

Foto 5

Figura 4 - Perfil de Andressa Lunna no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/andressa.lunna/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

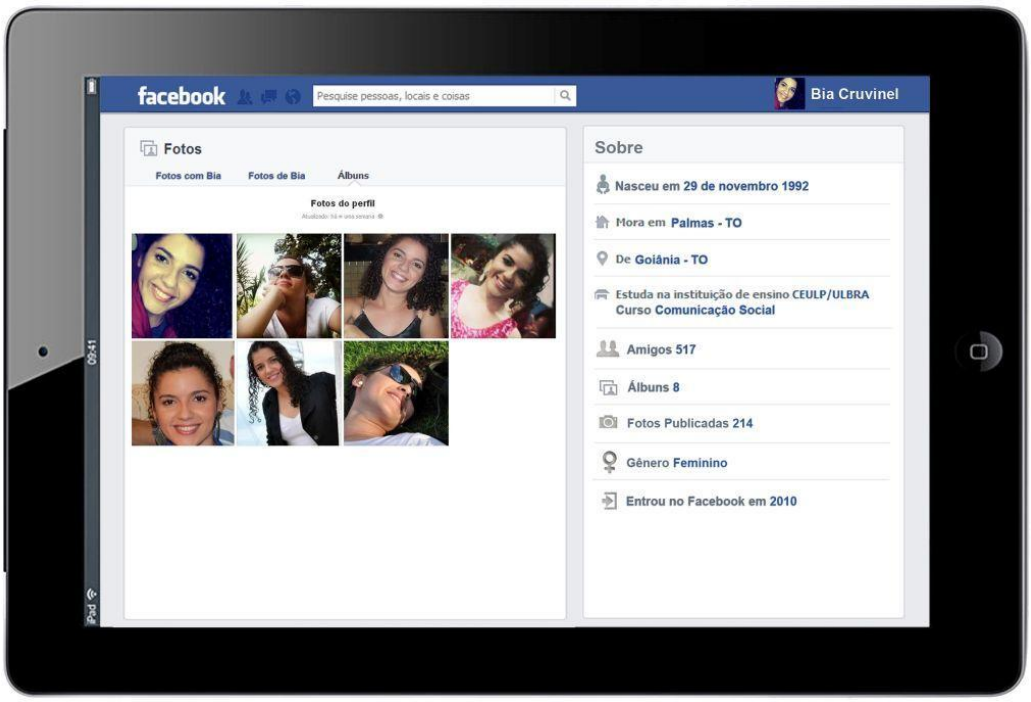
Andressa Lunna por ela mesma

Tento passar para meus amigos na rede Ser uma pessoa feliz e otimista, que tem pessoas muito especiais na vida e múltiplas experiências. Quero mostrar minha visão sobre vida e aspectos que vivemos. Apresento meus gostos sobre arte e música. Sou uma jovem adulta que preza pela responsabilidade nas coisas que faz. Feliz por tudo que tenho e que corre atrás do que quer e acha certo. Uma pessoa que ama e que é amada. Sou cheia de opiniões e que não tem medo de expô-las. Adoro me divertir e ao lado de gente divertida.

Foto 6

Foto 7

Figura 5 - Perfil de Bia Cruvinel no Facebook



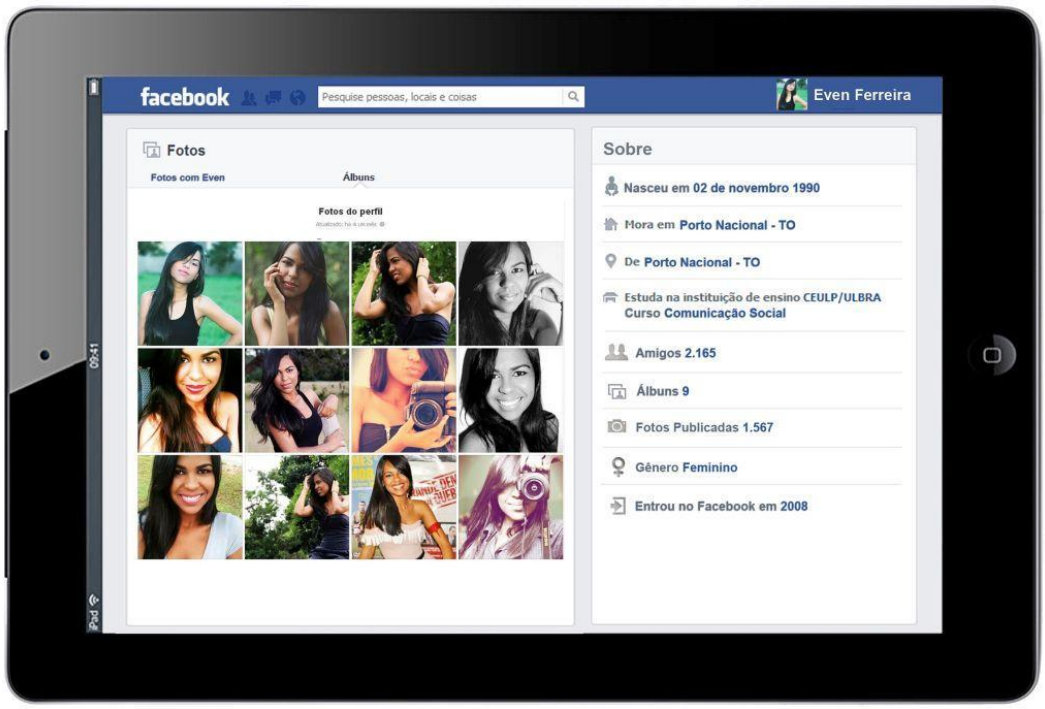
Fonte: https://www.facebook.com/biacruvinel/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Bia Cruvinel por ela mesma

Esse sujeito que se apresenta no face, usando o pseudônimo "Bia Cruvinel", é uma extensão de mim. Não posso afirmar com todas as letras que sou Eu, pois às vezes nem sei "quem sou eu". No fundo, gosto de pensar que eu sou uma criatura em eterna mutação. Uma pessoa que muda com a mesma intensidade e rapidez que pensa continuar sendo a mesma. Creio que eu sou uma pessoa curiosa, que vive viajando no mundo da lua, que gosta de fazer palhaçadas pra ver as pessoas sorrindo. Uma pessoa que parece grossa, mas que no fundo é tão sensível, que é capaz de chorar com um beijo de novela. Enfim, Eu sou essa criatura.

Foto 8

Figura 6 - Perfil de Even Ferreira no Facebook



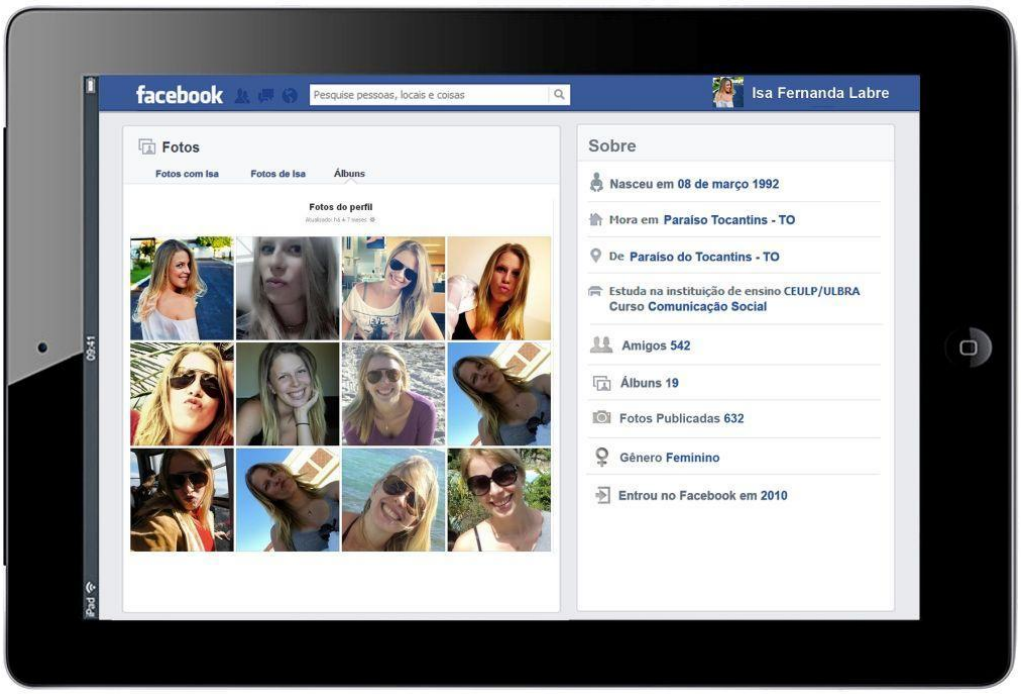
Fonte: https://www.facebook.com/evenmirianf/photos_albums
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Even Ferreira por ela mesma

Brasileira, Portuense, menina de interior, mas com vontade do mundo, de Ser aprendiz de tudo nessa vida, saber de tudo, viver de tudo... Descendente de índio, preto e português, solteira, morena negra dos cabelos longos e escuros. Extremamente profissional, publicitária, fotógrafa, design gráfico, social média e assessora de comunicação, apaixonada pela profissão, por tudo que envolve ver, escrever, conceituar e influenciar. Responsável, centrada e serena, porém, de atitude e com espírito de liderança. Delicada, feminina, segura e totalmente racional, gosta de ler, aliás, ama ler, escrever, cantar, viajar, cozinhar, e receber abraços.

Foto 9

Figura 7 - Perfil de Isa Fernanda Labre no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/isafernanda.labre/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

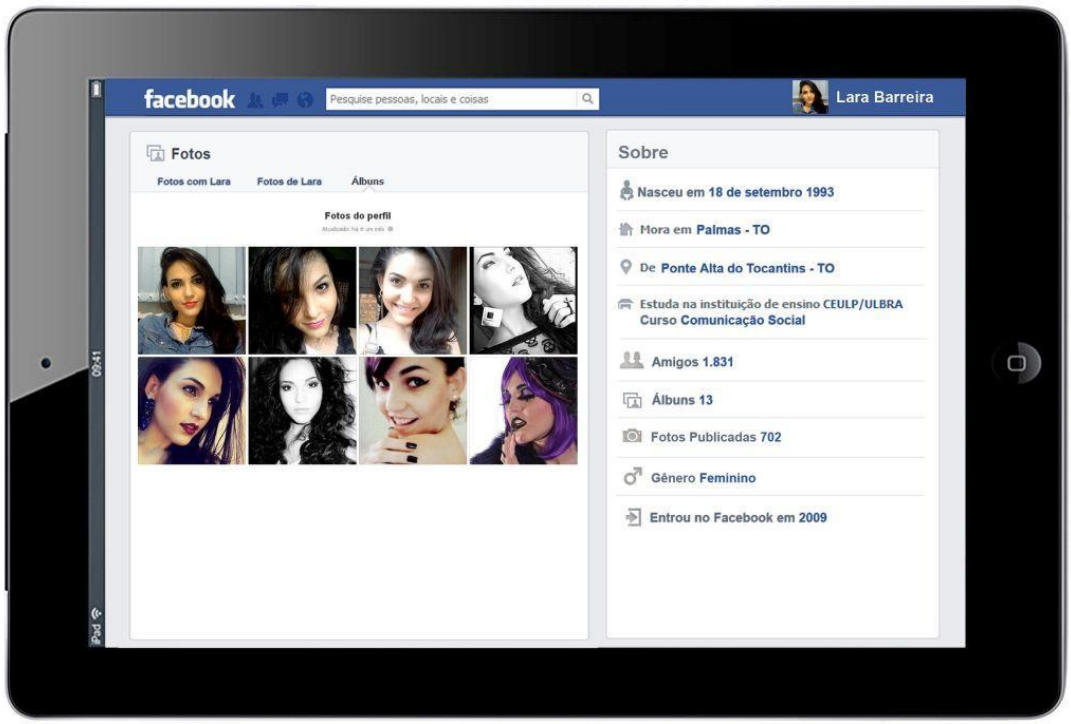
Isa Fernanda Labre por ela mesma

No Facebook, sou eu mesma, mas moldada de acordo com os "padrões virtuais". Compartilho fotos do meu dia a dia (as socialmente aceitas, rsrs), pensamentos que muitas vezes se não fosse a rede social ficariam guardados para mim além de visitar o perfil dos meus "amigos", que em sua maioria não mantém um contato real comigo. Claro que tudo é muito mais bonito por aqui, afinal esse é o objetivo né? Ninguém quer se apresentar pior do que é. Sou eu no face, mas um eu "melhorado". A rede social me dá a oportunidade de Ser quem eu quero Ser, como quero que as pessoas me vejam. O que eu posto define quem Sou.

Foto 10

Foto 11

Figura 8 - Perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook



Fonte:https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Lara Barreira por ela mesma

A Lara (gosto muito de usar a terceira pessoa, facilita o olhar de fora pra dentro) é uma menina-mulher, termo normalmente utilizado quando parece menina (físico), mas tem atitudes de mulher (mental), trás consigo uma personalidade forte e diferente do que ela mesma costuma conviver. Ela é bem transparente com o que sente quando o assunto é o cara a cara, tete-a-tete, mas numa rede social, o facebook, ela expõe o necessário. Ela odeia indiretas nas timelines, ela não gosta de ganhar curtidas e comentários vazios, e há quem pensa que ela só sabe postar foto para isso, erra totalmente.

Foto 10

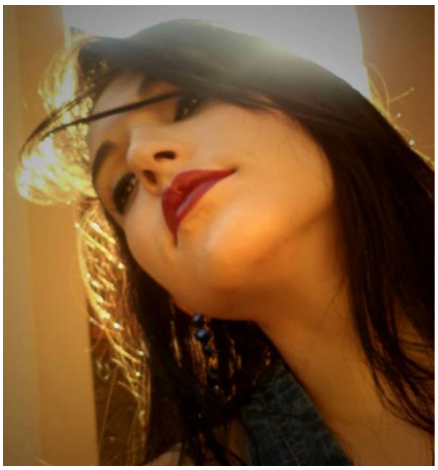
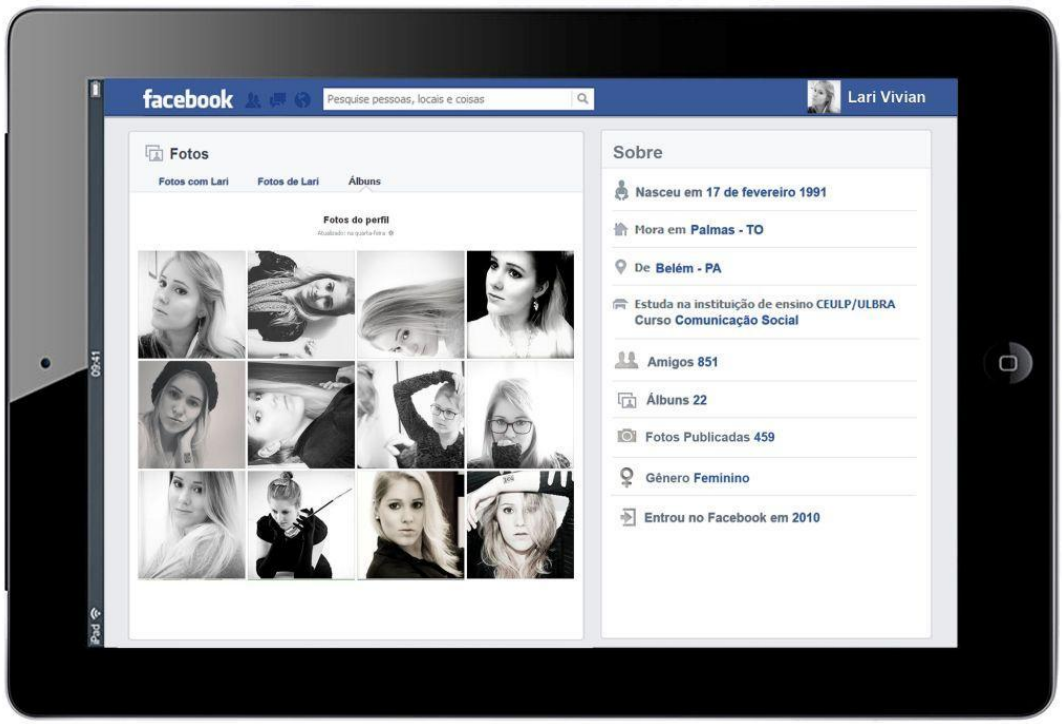


Foto 11

Figura 9 - Perfil de Lari Vivan no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/larisvivan/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Lari Vivan por ela mesma

A Larissa? É aquela que sente dificuldade de escrever sobre ela mesma. No amor, preza por pessoas que sejam totalmente desencanadas, aventureiras e divertidas. Acredita que a liberdade seja a maior parte dela. E é. Sempre! Não gosta muito de brigar, talvez seja por isso, que parece estar sempre à deriva no seu próprio mundo. Tem cara de esnobe. Até gosta de estudar, mas prefere ficar em casa lendo romances. Adora mudanças. Todo dia tenta jogar fora algo que lhe impeça de viver. Apesar de fria, é romântica, sentimental e se apega rápido. Na amizade, é muito leal. Sente que as vezes confia tanto, mas taaaanto, que perde e logo se fecha novamente. Mas também, é tão sincera que vive afastando e magoando as pessoas. É eufórica, ansiosa e viciada em chocolate. Adora abraços e sorrisos.☺

Foto 12

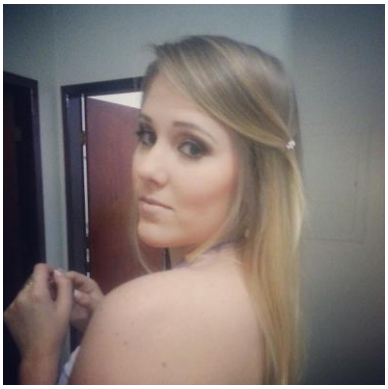
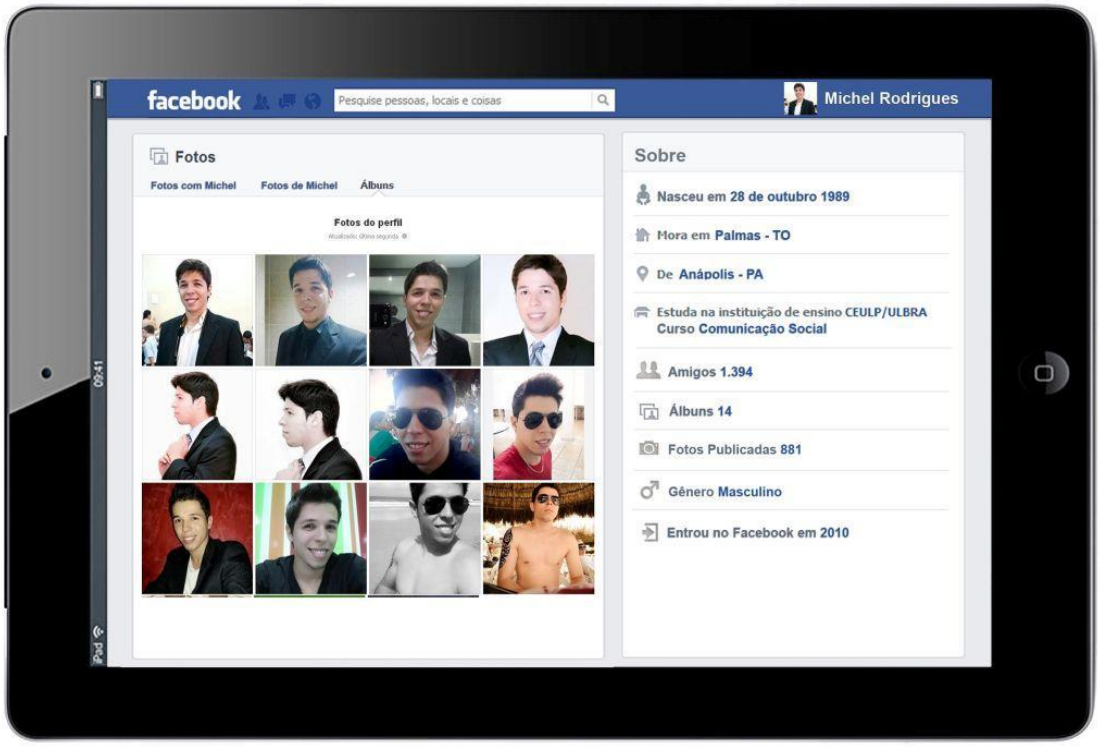


Foto 13

Figura 10 - Perfil de Michel Rodrigues no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/michel.msr/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

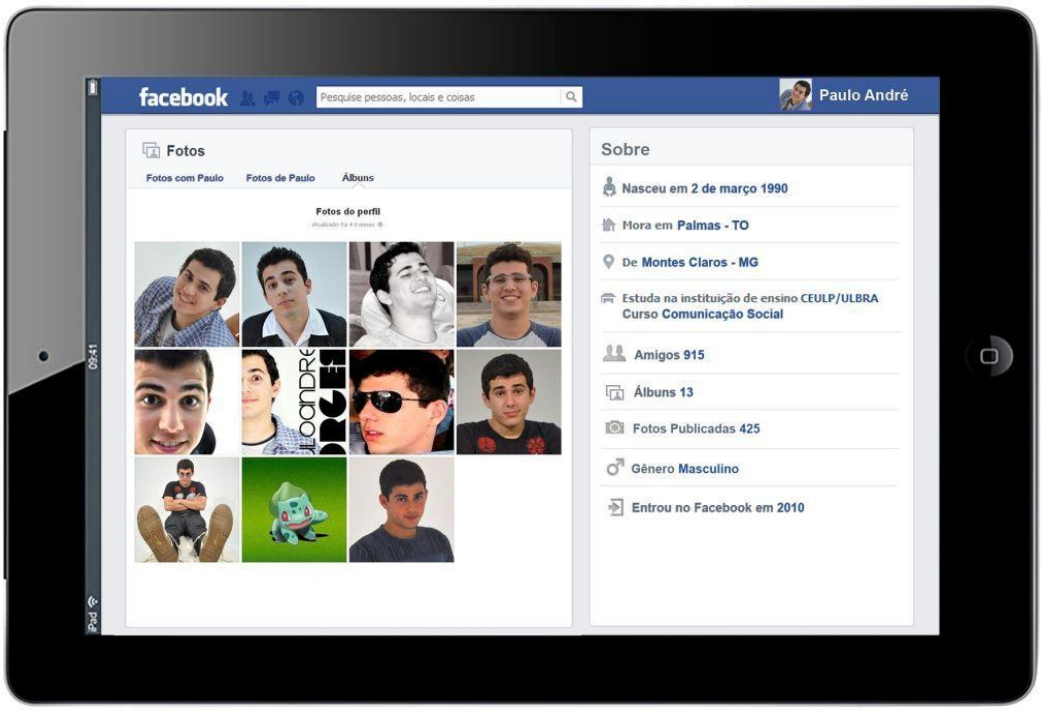
Michel Rodrigues por ele mesmo

Difícil me definir. Saber quem sou. Não gosto muito de expor minha vida na rede. Gosto do convívio pessoal, o vínculo entre amigos. Mas posso dizer que aquilo que eu posto/compartilho diz um pouco de mim, sobre ser uma pessoa tranquila, divertida, que não gosta muito de discussões. Eu sou assim, uma mistura de sentimentos e emoções, mas sempre deixando algo a mais escondido a ser revelado para quem realmente merece.

Foto 14

Foto 15

Figura 11 - Perfil de Paulo André Borges no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/paulo.a.borges.7/photos
Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Paulo André por ele mesmo

Eu sou reflexo do que vivi até agora, das experiências que tive das observações que fiz. Sou alguém que ainda não está concretizado, que está sendo mudado, que se transforma a cada passo. Apresento-me como um sujeito simples, mas me orgulho do que sou. Eu sou crente, crente que Jesus viveu e morreu, morte de cruz, e isso eu difundo, divulgo, sem querer ser chato. Não sou ambicioso, mas tenho meus sonhos, eu amo minha família e meus amigos, e eles estão sempre ao meu redor. Apresento-me com versos, com poesia, com canções, com pitadas de humor. Eu tento Ser alguém não passe em branco, alguém que cumpra sua missão, que aprenda e ensina.

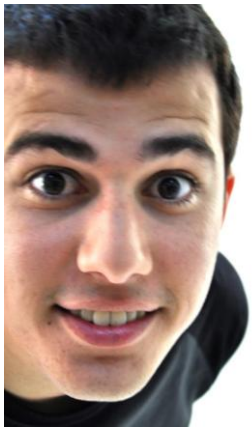
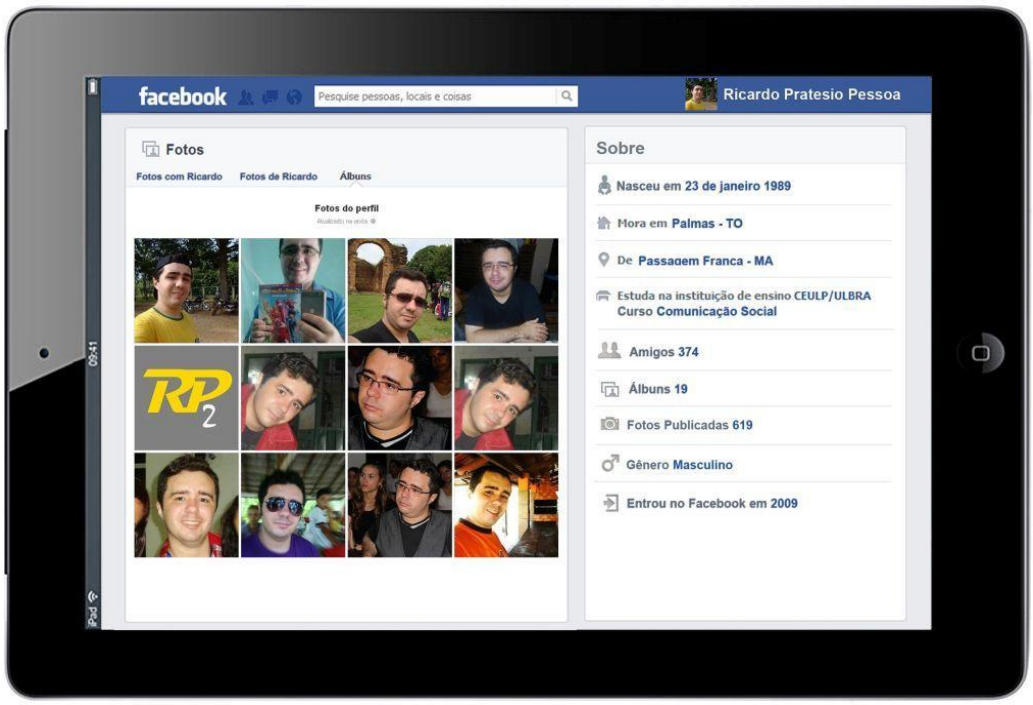


Foto 16

Foto 17

Figura 12 - Perfil de Ricardo Patresio Pessoa no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/ricardopatresio.pessoa/photos

Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Ricardo Patresio Pessoa por ele mesmo

No Facebook, assumo uma postura diferente, mais confiante, mais determinada, contrária da que sou na dimensão real. Na esfera virtual sou uma pessoa investigadora e curiosa, que adora descobrir coisas e pessoas, pelo menos saber quem são na rede, e não escondo minhas preferências pessoais: filmes, livros e desenhos, os japoneses (anime) são os meus favoritos, além da minha manifestação religiosa que é cristã evangélica. Digo que sou um aventureiro, por sempre buscar novidades e estar por dentro delas antes que os demais. Não sou daqueles que procura ter um número cheio de dígitos em meu círculo de amizade, aqueles adicionados são amigos que compartilho interesses, sonhos e desejos. Bem, esse sou eu, um Geek Otaku que assume uma postura de investigador e aventureiro, que manifesta gostos e preferências diferentes que os demais.

Foto 18

Foto 19

Tabela 3 - Especificação de álbuns e quantidade de fotos publicadas no perfil dos jovens pesquisados

Nome na rede		Álbuns publicados								
	Fotos com	Linha do tempo	Perfil	Capa	Disp. Móveis	Instagram	Outros	Total álbuns	Total de fotos nos álbuns	Total de fotos no perfil
Adriano Marinho Ribeiro	**39**	39	06	03	-	46	-	**04**	94	**133**
Alisson Pedro	**795**	166	33	11	67	970	4.129	**79**	5.376	**6.171**
Ana Paula Gualter (Aninha)	**126**	45	14	12	57	-	74	**07**	202	**328**
Andressa Lunna	**123**	66	13	10	04	57	39	**08**	189	**312**
Bia Cruvinel	**89**	62	07	08	01	31	16	**09**	125	**214**
Even Ferreira	**336**	238	45	14	64	211	659	**19**	1.231	**1.567**
Isa Fernanda Labre	**368**	51	15	09	11	175	264	**10**	264	**632**
Lara Barreira (Larinha)	**384**	179	08	02	02	-	127	**13**	318	**702**
Lari Vivan	**82**	47	16	25	16	58	215	**22**	377	**459**
Michel Rodrigues	**121**	27	22	16	14	74	607	**14**	760	**881**
Paulo André Borges	**196**	85	11	08	04	-	121	**13**	229	**425**
Ricardo Patresio Pessoa	**194**	195	28	27	40	-	135	**19**	425	**619**

Esses jovens não só testemunham, mas também organizam e concedem realidade à sua própria condição de sujeito. São jovens que tecem narrativas visuais e compartilham a sua condição de Ser e apare(Ser), uma vez que esses fazem parte de um fluxo em constante transformação que imprime um Eu social fluído, fragmentado, conectado, instável, móvel, autônomo, (des)territorializado. Um Eu que se (re)inventa e que assume outras subjetividades.

No Facebook, as subjetividades juvenis se apresentam como móveis, fluídas, líquidas, (des)territorializadas, fragmentadas. E assim, os sujeitos transcendem sua condição singular. Se pluralizam, experienciando outros movimentos subjetivos, (re)configurando outros espaços, territórios, (re)inventando outras formas de comunicação, suportados pelas tecnologias intelectuais que, pela sua configuração, ampliam e modificam suas capacidades cognitivas.

Por meio desses procedimentos e com base na perspectiva teórica adotada, a tese se insere nas narrativas fotográficas produzidas pelos jovens, a partir dos sentidos de corpo que esses sujeitos publicizam no Facebook, sinalizando outras rotas de aprendizagens, que agora passamos a descrever.

INSTANTE DECISIVO 2

"Fotografar é um meio de compreender,
que não pode se separar
dos outros meios de expressão visual.
É uma forma de gritar, de se liberar
e não de provar ou de afirmar sua própria originalidade."
Henri Cartier-Bresson

3 A TELA DE ALICE E O “PAÍS DAS MARAVILHAS” FACEBOOK

O objetivo deste capítulo é estudar os sentidos corporais que se destacam em fotografias pessoais no Facebook, revelando-lhes os traços mais substantivos e suas performances nas telas digitais, a partir de processos discursivos, decorrentes das narrativas fotográficas, que dão vozes a esses sujeitos e os empoderam no exercício da tessitura de suas subjetividades.

O capítulo é fundado, principalmente, nas abordagens teóricas de Canevacci (2005), Couchot (1998 e 2003), Couto (2007 e 2012), Couto e Rocha (2010), Merleau-Ponty (1999), Recuero (2009) e Türcke (2010), que nos permitiram às leituras das fotografias publicadas nos perfis dos entrevistados e dos fragmentos selecionados nas entrevistas e nos discursos verbais que acompanham as narrativas fotográficas no Facebook.

Na primeira parte deste texto, discutimos a concepção e o sentido da categoria jovem, na perspectiva de que esses sujeitos se aventuram no “País das Maravilhas” Facebook. Na segunda parte, tendo em consideração que os jovens, em suas aventuras ciberculturais, compartilham narrativas - modos de Ser e pensar, de perceber e conhecer - temos a fotografia como prática de enunciação. Os sujeitos, em seus atos criativos, usam dessa linguagem com todos os efeitos de sentidos que ela produz no Facebook, para enunciar seus pontos de vista acerca do que conhecem. Essa prática é pautada na perspectiva da interação.

É nesse processo de construção que as narrativas envolvem o olhar do interator. O ato de ler a fotografia toma o caminho da interpretação interativa, partilhada e colaborativa. Tanto na primeira quanto na segunda parte deste texto, recorremos aos discursos verbo-visuais que (re)apresentam o corpo como suporte de comunicação, trazendo à tona representações, desejos e emoções em narrativas pessoais, para que, à luz da teoria revisitada, possa compreender-lhes a construção de conhecimento nos territórios da aventura.

3.1 Ser jovem nas telas

As telas são espaços que materializam a personificação dos Eus reais e imaginários dos jovens. Espaços esses que projetam discursos e narrativas fotográficas tecidas de significância cultural por jovens atores: sujeitos fluidos, dinâmicos, marcados pela velocidade da cultura digital; autores/atores/narradores de suas performances e nesse movimento produtores de conteúdos que mapeiam suas existências.

Nessa trajetória, narram em imagens suas particularidades e pluralidades acerca do que pensam, do que desejam; tecem discursos de um corpo dinâmico, performático, atual e mutante, cujas marcas sinalizam processos discursivos que estão além dos aspectos de socialidade: estão na emergência em imprimir outros movimentos no que tange aos modos de Ser, estar e de se constituir na rede. Essa rede, para os jovens atores, são possibilidades de caminhos que só se fazem a partir do caminhar ou do navegar, ou, de simplesmente, estar à toa na rede.

Em seus movimentos, nesses caminhos, os sujeitos juvenis quase sempre, sem o compromisso da chegada - porque ainda não se sabe verdadeiramente o que são os caminhos, apesar de se ter noção de onde se quer chegar - pluralizam suas histórias e, com isso, se permitem experienciar nos caminhos Eus distintos e intermináveis. Nesse movimento, ultrapassam a condição de jovens e se constituem *entity* (CANEVACCI, 2005). Sujeitos além da faixa-etária, além da condição orgânico-inorgânico.

> Desvinculado de qualquer resíduo místico-arcaico, [...] se configura novas espacialidades pós-corporais que comunicam e, portanto, existem através de canais invasivos. [...] inútil perguntar se aquilo que era um sujeito agora é um site, um grupo de amigos, a seção de um indivíduo, um coletivo estudantil, uma tribo metropolitana, uma multinacional glocal (CANEVACCI, 2005, p. 38).

Nesses percursos, propagam-se e dão lugar a sensações e trocas reais, num movimento que, a um só tempo, os colocam na condição de autores/atores/narradores de suas próprias performances. Munidos de aparatos digitais de produção e reprodução do que são ou do que gostariam de Ser, esses sujeitos, pelos ambientes do Facebook, agem, criam laços, experimentam papéis e assumem outras subjetividades:

> *Às vezes nem eu mesma sei por que escolhi aquelas fotos quando as postei no Face. Penso que foi num impulso, meio que inconsciente, mas é o que eu quero mostrar e ser naquele momento (Lara Barreira).*

Figura 13 - Fotografias publicadas no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Foto 20

Foto 21

Foto 22

Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos Acesso em 15 jul 2013

A fala de Lara Barreira nos revela que o ato de fotografar, editar, escolher e postar no Facebook a desloca da condição real de Ser para a condição real de apare(Ser). Nessa perspectiva, Lara Barreira é a narradora e a protagonista do discurso. Ela se destaca com base na imagem que constitui de si mesma. Essa ação, permeada pelos discursos fotográficos, que a lança no ciberespaço, importa a velocidade da

rede, a força da imediaticidade do Facebook. É para Lara Barreira, bem como para todos os sujeitos juvenis, uma questão de sobrevivência, uma vez que o Facebook coloca todo mundo em conexão, num movimento de presente. O momento que cita Lara Barreira nos remete ao tempo da presentificação.

> [...] um tempo descontínuo, marcado pela invenção. [...] um tempo pontilhista, marcado por rupturas e descontinuidades, [...] pela irrupção do acontecimento. [...] O que se experimenta é um eterno presente, pois a invenção nos desconecta do passado e não permite que se preveja com alguma clareza o futuro (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009, p. 193).

Esse momento é que define um tempo, que para ela, não é passado, nem presente e muito menos futuro, é o tempo da sensação em simplesmente se lançar a um território marcado por múltiplas conexões. Sensação na perspectiva da percepção, do espetacular (TÜRCKE, 2010). O espetacular passou a ditar o comportamento desses jovens - excitados e anestesiados pela “compulsão à emissão [...] forma vital de expressão. Emitir quer dizer tornar-se percebido: ser. Não emitir é equivalente a não ser – não apenas sentir o *horrou vacui* da ociosidade, mas ser tornado da sensação de simplesmente não existir”. (p. 44-45). Eles produzem o tempo todo. São atuantes. O que implica a necessidade de ultrapassar a si mesmo em todos os momentos. Se não são capazes de chamar a atenção, não são percebidos. Ser é ser percebido.

Cada uma de suas fotos atesta as suas inquietações em descobrir a essência de sua própria singularidade. É um processo de troca simbólica que ela se (re)apresenta a cada publicização na rede. Na Foto 20, Lara Barreira denota sua ousadia diante da câmera, com um Eu subjetivo que foge do óbvio, que (re)configura o que sente, o que pensa em forma de narrativa fotográfica sem qualquer economia simbólica. Isso se dá não num plano físico, mas no plano do sentido, do conhecimento.

No campo das discussões de mercado e poder simbólico Bourdieu (2008) atesta que a escolha por um discurso resulta em um produto que, em certo aspecto, é destinado a interpretação, mas também a avaliação. O que falar? Como falar? Com quem falar?. Essas escolhas pressupõem trocas e isso se verifica quando Lara Barreira, em narrativas fotográficas, se lança na rede a espera da interpretação e da

avaliação dos seus interlocutores. Importante observar que ela mantém a fotografia em preto e branco e destaca na cor vermelha os detalhes da maquiagem – que sinaliza a mulher - e a língua de fora – que sinaliza a menina.

Nesse processo de produção, Lara Barreira experimenta, atua, narra, projeta sua condição de Eu nesse território de maravilhas. Nessa experimentação vivencia a condição ser menina e ser mulher com todas as possibilidades de escolha que o território permite. Lara Barreira sente e vive as transformações físicas e psicológicas e se permite vivenciar diferentes personagens numa busca por si mesma. Na Foto 21, diante da câmera, ela posa "desatenta" e exibe sua sensualidade. Há em seu gesto de desamarrar a camisa uma tentativa de despertar o imaginário do espectador. É perceptível que nesse jogo de ora menina, ora mulher, Lara Barreira revela sua autonomia em conduzir o modo como quer que os outros a percebam.

Isso é caracterizado quando ela se deixa ser "presa" – num sentido de caça diante do caçador - num movimento de "doação" às lentes do fotógrafo que a captura e que a possui. Nesse mesmo movimento, ao comentar suas próprias narrativas fotográficas, atua como sujeito crítico de suas práticas, transformando, inclusive, com base nos discursos do Outro, suas performances, suas próprias narrativas, num processo de retroalimentação do enunciado. Na Foto 22, Lara Barreira assume a condição de uma mulher ousada, *sexy*, envolta numa magia que o dia das bruxas pede (data da publicação da foto – dia 30/10/2012). Acredita-se que no dia das bruxas os espíritos saem dos cemitérios para tomar posse dos corpos dos vivos. Metaforicamente é o que acontece: Lara Barreira é "possuída" e se personifica em um Eu distinto de todos os Outros já publicizados.

O cabelo, a maquiagem, as unhas, os acessórios de cores fortes marcam uma personagem diferente da menina, da mulher. Aqui Lara Barreira brinca com a magia de Ser quem ela quiser. É como se vários Eus surgissem num passe de mágica a depender do que Lara Barreira sente no momento. Nesse jogo de aparências, muitos Eus emergem da apreensão de um Outro "na sua instantaneidade fatal" e um a um desses Eus são libertos para experimentarem a sua hiper condição de Ser: mais bela, mais querida, mais espetaculosa.

> Nos espaços virtuais [...], as pessoas precisam ser vistas para poder realmente existir: precisam conquistar a visibilidade para

> “ser alguém”. Por isso, no perfil dos usuários dessa rede de relacionamentos, cada um só é aquilo que mostra de si (DIOGO e SIBILIA, 2010, p. 49).

Isso é percebido na dimensão coletiva das curtidas e dos comentários, num processo interativo-reativo previsível que testa e legitima a condição de reputação daquele sujeito na rede. O que implica a expressão de sentimentos, emoções e opiniões quanto ao conteúdo postado e, consequentemente, quanto ao sujeito projetado. Reputação, de acordo com Recuero (2009), está relacionada às informações que um ator recebe relativamente ao comportamento de Outros atores na rede, o que contribui para construir impressões sobre estes, na medida em que informações sobre o que são e o que pensam ficam registradas. É o movimento de atribuir sentidos, num contexto de interação entre o narrador e o interlocutor da mensagem com base em seus conhecimentos, suas experiências e seus valores. No *post* a seguir, Alisson Pedro reforça e ilustra o pensamento de Recuero (2009).

Figura 14 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook

Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=530471803696799&set=a.319762921434356.71816.100002019512198&type=3&theater Acesso em 28 out 2013

Status: *"Com qual look eu saio #docdog ou #tng ?"*

(24 curtidas, 24 comentários em 3 dias após publicação)

Helen Lima Aguiar *O da esquerda ta top... rs*
25 de outubro às 21:22 · Curtir · 1
Kaio Erlyn *Tocdog, tá mais estiloso*
25 de outubro às 21:23 via celular · Curtir · 1
Cacá Reis *nem vou falar nada....pergunta para o clau pra ver o q ele te fala..rsrsrrsrsrs*
25 de outubro às 21:29 · Curtir · 1
Alisson Pedro *valeu Helen Lima Aguiar*
25 de outubro às 21:33 · Curtir
Alisson Pedro *Kaio Erlyn poi se mas to pensando no segundo mesmo! rs*
25 de outubro às 21:34 · Curtir · 1
Alisson Pedro *Cacá Reis ele ia falar o primeiro!!rs*
25 de outubro às 21:35 · Curtir
Lucius Duann *doc dog!*
25 de outubro às 21:38 · Curtir · 1
Deia Amaral *O segundo*
25 de outubro às 21:38 via celular · Curtir · 1
Kaio Erlyn *Na verdade eu prefiro o da tng, mas o Docdog é bafoh*
25 de outubro às 21:38 · Curtir · 1
Henni Coelho *tng*
25 de outubro às 21:39 · Curtir · 1
Taíse Freire *Tng*
25 de outubro às 21:42 · Curtir · 1
Alisson Pedro *já decidi galere, vou de tng hj!*
25 de outubro às 21:48 · Curtir · 5
Felipe Pirelly *Dog# *-**
25 de outubro às 22:14 via celular · Curtir · 1
Debora Melo *Pô Doc Dog man!!!!*
25 de outubro às 23:05 via celular · Curtir · 1
Alisson Pedro *Debora Melo amanhã sem falta! vc sabe q DOCDOG é minha vida!*
25 de outubro às 23:07 · Curtir · 1
Debora Melo *Lindo*
25 de outubro às 23:09 via celular · Curtir · 1
Luiz Ricardo *TNG*
26 de outubro às 01:39 · Curtir · 1
Ana Gomide *Tenta o sapato do primeiro no segundo look !*
26 de outubro às 10:04 · Curtir · 2
Samuel Santiago *docdog claro!!!Ver tradução*
26 de outubro às 19:07 · Curtir · 1
Dan Ataides *TNG tá bapho amigo. causaria viioo*
26 de outubro às 19:20 · Curtir · 1
Thuanny Krishna Magalhães *TNG.. Ficou muito lindo Eu pegava...rs*
26 de outubro às 22:14 · Editado · Curtir · 1

> ***Alisson Pedro*** *Dan Ataides de boy ficou mais bonitinho né? risos*
> *27 de outubro às 14:12 · Curtir · 1*
> ***Alisson Pedro*** *Thuanny Krishna Magalhães me pega então sua linda! risos*
> *27 de outubro às 14:13 · Editado · Curtir · 1*
> ***Dan Ataides*** *rsrs os dois ficaram lindos, c ahasa sempre... qualquer look*
> *27 de outubro às 18:40 · Curtir · 1*

Nesse processo, as fotos postadas se fazem a cada leitura do sujeito interator, tornando-se frágil o sentido original dado pelo narrador, constituindo assim possibilidades de sentidos possíveis. A cada comentário, o sujeito interator desempenha um papel ativo frente ao artefato postado. Esse processo favorece a mudança e a transformação não só daquele que recebe a mensagem, mas da própria mensagem daquele que a enviou.

> *Os comentários nas fotos me divertem, dia desses teve um comentário que vou de trombadinha a diva. Claro, não posso sair a tarde e ir para a academia de diva! Tenho estilo até para segurar o cigarro, por isso sou "diva"! Tenho postura. Sei me impor (Alisson Pedro).*

Figura 15 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook

Foto 23

Foto 24

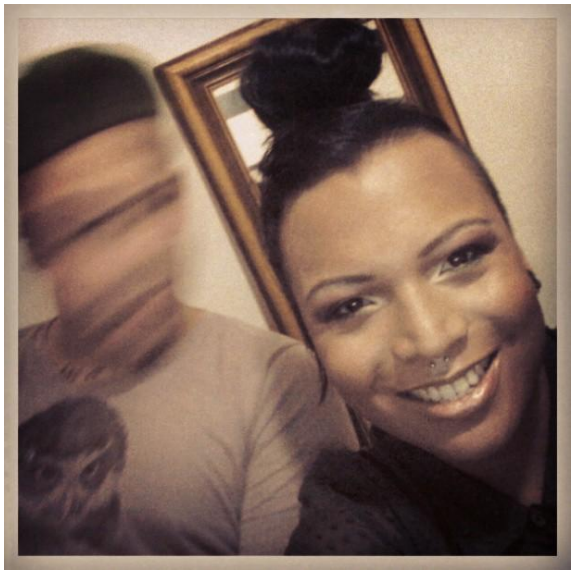


Foto 25

Foto 26

Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos Acesso em 22 jun 2013

Nessa fala, Alisson Pedro assume que se diverte com a repercussão de seus Eus no Facebook. Quando ele coloca que sabe se impor, isso só vem confirmar que nesse jogo de enunciação ele tem o “controle” da situação. Na verdade, ele assume os riscos de viver cada personagem com muita altivez e ousadia. Até quando está de “trombadinha” (Fotos 23 e 24) a aparência é meticulosamente pensada: as cores das roupas, os acessórios utilizados estão em harmonia com o estilo adotado. Nas Fotos 25 e 26, Alisson Pedro adota o estilo “diva” para sair a noite e o cuidado com a aparência é o mesmo.

As fotografias publicadas no Facebook são fragmentos de um Alisson Pedro que assume para si e projeta em retratos o seu estilo de vida. Alisson Pedro valoriza muito a imagem de si e deixa suas marcas nas fotografias: autorretratos que primam pela rapidez que a rede exige. A técnica não importa aqui, mas o registro, o que dá a impressão de dinamismo, imediaticidade. A cada experiência vivida, a cada Eu projetado é dado a ele a oportunidade de conhecer o seu próprio corpo, de compreender o seu jeito de Ser e estar no mundo, além de reforçar vínculos com Outros atores que atuam nesse território.

O corpo é o lugar onde nascem e se manifestam os desejos e as emoções dos sujeitos juvenis (MERLEAU-PONTY, 1999). Esse corpo para Alisson Pedro é o meio

pelo qual ele demonstra quem realmente ele é ou deseja Ser. Ele não está diante de seu próprio corpo, ele está no corpo, ele é o próprio corpo. Alisson Pedro tem seu corpo como um espaço expressivo que o projeta para fora, que dá significância aos seus pensamentos. Neste contexto, Alisson Pedro tem um lugar e passa a existir materializado diante da tela, diante de outros olhares, numa condição avatarizada. Assim, seu corpo "[...] se transforma em narrativa pessoal e em programa ajustado, matéria-prima a retrabalhar ou a conservar para bem corresponder aos episódios das personagens" (LE BRETON, 2012, p. 23).

Esse movimento abre espaço para o exercício de um Eu que aprende sobre corpo, sexualidade, autoestima, relações de poder, valores sociais, como concepções de pura comunicação, cada vez mais fluida e virtual. Com isso,

> [...] o plano das relações [...] se desloca. Já não tem a ver com manipulação das coisas, mas com símbolos. A interface já não é material, mas intelectual; já não diz respeito à matéria, mas à informação (COUTO, 2012a, p. 55).

Essas questões fundamentam a compreensão da individualidade, da singularidade e da noção de pertencimento, essenciais para as construções subjetivas juvenis. Esses jovens como Alice, querem saber quem eles são, mas vão além dessa busca por Si mesmos: eles se (re)inventam e têm prazer em ser o que querem ser ou parecer ser. Esses movimentos, porém, só fazem sentido quando o olhar do Outro legitima a existência desses sujeitos, nos atos de curtir, comentar e compartilhar.

"*Me interessa se terei aceitação. Todo mundo pensa assim! […] Acho importante publicar fotos, ter curtidas, eu espero isso (Lari Vivan).* A fala de Lari Vivan Só vem atestar que os sujeitos juvenis buscam na linguagem fotográfica um modo de se expressar, deixam seu recado e querem aceitação. Nessa tessitura de subjetividades, os jovens se apropriam do Facebook e (re)inventam outras formas de comunicação e de interação - participativa e colaborativa.

Quando Lari Vivan, nesse território cultural,se representa e publiciza suas vivências, emoções e sensações projetadas em narrativas fotográficas, ela espera a participação do Outro, num processo colaborativo, em comentários e curtidas. Espera que esse Outro se manifeste. O que atesta a importância do Outro nesse processo de enunciação. O ato de curtir legitima suas performances, sua forma de

Ser e estar no mundo. Esse ato só vem a confirmar a sua condição de autor/ator/narrador perante a sua própria história. E assim, redes são tecidas, outras práticas sociais de comunicação são configuradas, novas formas de exposição do Eu são projetadas.

Nesse contexto, curtir, comentar e compartilhar[9] narrativas fotográficas na rede promovem a constituição de saberes cruzados sobre si na perspectiva de Outros atores, numa realidade marcada pelo compartilhamento de ideias e modos de Ser, à medida que se expõem por meio de suas fotos. A trajetória de cada um desses jovens é da ordem da experimentação, da invenção de papéis, da (re)definição e exibição de múltiplas subjetividades.

No território do Facebook, essas subjetividades são marcadas pela instabilidade constante, influenciada pela cultura sideralizante e sideralizada do ciberespaço, num processo consciente de suas práticas e performances, como revela a fala de Alisson Pedro:

> *Sou um monte de gente em mim mesmo. Sou algumas personalidades... algumas entidades (rsrsrs). Preciso agregar valor a cada um deles [...]. Eu tenho estilo próprio. Minhas unhas estão sempre bem feitas, meu cabelo está sempre diferente [...]. Eu sou muito mutante. [...] me (re)invento o tempo todo! (Alisson Pedro).*

[9] Curtir e compartilhar, de acordo com o serviço da Central de ajuda, da rede Facebook "traduzem os modos de usar de *plug-in* social; foram lançados em 2010 como forma de encorajar as pessoas tanto a compartilharem seus interesses em conteúdos fora do Facebook (artigos, vídeos, produtos etc.) quanto oferecer recomendações para seus amigos [*online*] no Facebook". O ato "curtir" permite a expressão dos sentimentos dos sujeitos interatores e "compartilhar" é reforçar o pensamento do sujeito narrador.

Figura 16 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook

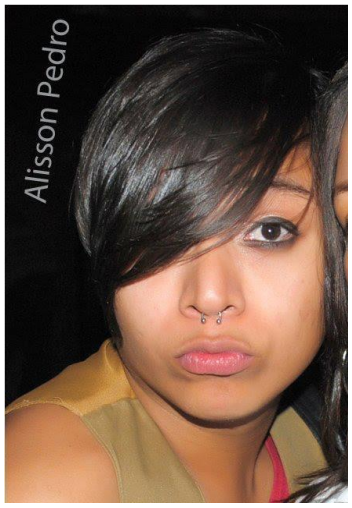


Foto 27

Foto 28

Foto 29

Foto 30

Foto 31

Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos Acesso em 22 jun 2013

Sua narrativa revela que o seu jeito de Ser está diretamente ligado com o seu modo de apare(Ser). As unhas bem feitas, o cabelo sempre diferente denota a importância da aparência. Alisson Pedro busca se mostrar diferente, numa tentativa de conhecer a Si mesmo e de ser aceito no coletivo. O exercício em Ser vários Eus mostra que em sua singularidade, ele se apresenta sendo muitos para testar qual desses Eus será o mais popular, o mais bem aceito. Para Alisson Pedro é preciso ter visibilidade para Ser alguém. No Facebook, esses Eus de Alisson Pedro são assinalados pelas

instabilidades constantes, permitindo a ele coabitar diferentes corpos, lugares e situações (COUTO; ROCHA, 2010).

A visibilidade, no contexto da fala de Alisson Pedro, implica na geração de elementos que identificam o autor/ator/narrador com seus vários interlocutores quando da fruição daquela foto. Dessa relação, o sujeito narrador cria laços estreitos e afetivos com seus diversos fruidores, numa socialidade mediada que gera durabilidade, enquanto a foto está em evidência; buscabilidade, enquanto aquela foto se permite ser encontrada; replicabilidade, enquanto objeto de viralização e audiência invisível, enquanto reprodução de outros discursos nos processos de recepção (SILVA, 2013). Essas ações, embora não verbalizadas, são permanentemente arquitetadas pelos sujeitos, enquanto estratégias de sedução e servem para retroalimentar o desejo de se encontrar na rede.

Assim, num movimento de transcendência, constroem narrativas na tela, deslocam tempos, espaços e culturas e plasmam novas formas de Ser e estar. Dispersos em vários bancos de dados, mensagens eletrônicas e em diferentes pontos no ciberespaço (COUTO; ROCHA, 2010), o Facebook se constitui, para esses sujeitos, uma tela – lousa digital: território singular de exploração e vivência. Tal qual o poço é para Alice - um lugar de experimentações, de descobertas. É a passagem para um universo de maravilhas. Nesse território, eles atuam, produzem, criam, exorcizam, em suas narrativas fotobiográficas, seus medos, suas angústias, suas limitações. Assim,

> [...] a fotografia se torna um alicerce [do sujeito narrador] em si, quando ela representa o testemunho de uma criação qualquer [...]. Entretanto, transforma-se um registro para o fotógrafo de si, quando ela representa sua criação em um testemunho do fotógrafo pela sua narrativa (KOSSOY, 2012, p. 52).

Eles podem ser quem eles querem e quando eles querem, conforme nos sinaliza Alisson Pedro:

> *No Facebook, sou algumas personalidades… sou o diferencial como DJ na boate. Esse é o Alim Dubois, o extrovertido que gosta de balada. Quando estou mais sério… sou o Alison Pedro (não tô junto com a galera, ele é mais calado, reflexivo). Ele tem e se sente com 22 anos. É o aluno.O Alim tem a Mila (irmã gêmea)…*

ela não é metida, mas é poderosa. É mais pose, mais carão. É dinâmica, espirituosa (Alisson Pedro).

Figura 17 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook

Foto 32

Foto 33

Foto 34

Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos Acesso em 22 jun 2013

É no processo de reprodução imagética que esses jovens têm na fotografia uma representação da realidade. Basta um clique e pronto! O desejo de vivenciar Outros Eus e outras situações é materializado. E isso se constitui para esses sujeitos o espetáculo da vida. Eles estão no palco atuando, produzindo. São sujeitos de ação, do aqui e agora. São produtores de subjetividades que, pelo Facebook, nos dão pistas da força da linguagem fotográfica no que tange ao poder de enunciação, está articulada com a produção discursiva num determinado momento.

As fotografias revelam cada Eu de Alisson Pedro com todas as suas particularidades e verdades. Elas atestam o jeito de Ser de cada um desses personagens a que Alisson Pedro se permite Ser. Não importa qual desses Eus é o verdadeiro, mas importa que esses Eus se configuram num Eu plural, dinâmico, alternativo, conectado. Alisson Pedro é várias pessoas ao mesmo tempo que se faz presente e atuante nesse espetáculo.

Por meio das narrativas fotográficas, Alisson Pedro e os demais jovens atores dessa pesquisa são sujeito-presenças: se aventuram pelo território do Facebook, como um "país de maravilhas" – o poço no qual Alice se sentiu atraída e se permitiu às sucessivas aventuras de experienciar a busca de si mesma. A tela do Facebook exerce um fascínio e captura os jovens para esse território. Ao desbravar esse espaço, eles fazem uso da narrativa fotográfica na construção de sentido desses Eus. As narrativas ali construídas representam as múltiplas possibilidades de serem eles mesmos. É quase impossível não perceber no movimento da construção desses Eus uma relação com as angústias vivenciadas por Alice. Ainda que para isso seja preciso buscar Outros sujeitos, outros discursos em si para melhor compreender os seus Eus de fato.

Nesse contexto, a produção de subjetividades sinaliza os modos como esses sujeitos se enunciam no Facebook. É possível percebê-los na perspectiva da atividade artística de

> um sujeito-NÓS modelado pela experiência tecnestésica e um sujeito-EU que resgataria a expressão de uma subjetividade irredutível a todos os mecanismos técnicos e a todo *habitus* perceptivo, singular e móvel, própria ao operador, à sua história individual, a seu imaginário. [...] a noção de subjetividade se alarga; ela não se limita mais a uma manifestação de um eu, mais ou menos egoísta e narcísico, ou à expressão de uma vontade de ser ou de fazer, de uma consciência ou de uma afetividade (COUCHOT, 2003, p. 17).

Esse é um sujeito aparelhado de tecnologias digitais, ativo em suas conexões, imerso em experiências de subjetividades – coletiva -, que derivam de um desejo, como iniciativa de um sujeito real, mas que exige um empoderamento da sua condição de criador e produtor de sua própria singularidade e expressividade: "[...] a percepção existe sempre no modo do se" (MERLEAU-PONTY,1999, p. 322). Esse conceito foi "apropriado por Couchot numa perspectiva bastante particular, visando dar conta das relações existentes entre a subjetividade e a automatização do gesto enunciador" (MACHADO, 2001, p. 5). Nesse contexto, o Facebook, para esses sujeitos é "[...] uma máquina de ver no sentido mais completo do termo: perceber e figurar, registrar e inventar" (COUCHOT, 1988, p.35). Um mundo ou, na perspectiva de Alice, um poço onde se realiza uma parte significativa de se ver, se produzir, se representar e de apare(Ser).

A trama envolvida pela fantasia mostra que tentar responder "quem sou eu?" é uma tarefa complexa. Complexidade aqui compreendida, não como algo da ordem da confusão, da desordem, do caos, da ambiguidade, da incerteza, mas na perspectiva transdisciplinar de pensar os modos de Ser e existir numa teia “de acontecimentos, de ações, interações, retroações, determinações, acasos” (MORIN, 1991, p. 17), que constituem, de forma criativa, o nosso *corpus* existencial.

> [...] a complexidade apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza [...] Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambigüidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar (MORIN, 1991, p. 18-19).

Tanto no território de Alice quanto no território do Facebook há um apelo ao imaginário, à fantasia, que retrata os paradoxos das inquietações próprias das juventudes. Tal qual Alice, no país das maravilhas, os jovens dessa pesquisa se deparam inúmeras vezes com o desafio de responderem a Si mesmos quem eles são. Essa tentativa é recorrente visto que a cada Eu que é publicizado, o desejo de Ser e apare(Ser) fica preso nas tessituras discursivas da fotografia exibida no Facebook. É nesse jogo de enunciação que os sujeitos buscam conhecer quem são, o que pensam, o que desejam.

Figura 18 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook

Foto 35

Foto 36

Foto 37

Foto 38

Fonte: https://www.facebook.com/larisvivan/photos Acesso em 12 jun 2013

Esses desejos e quereres ganham vozes, no país das maravilhas, na cena em que Alice se encontra com a Lagarta e admite a sua crise de identidade decorrente das constantes transformações de tamanho. O diálogo entre elas ilustra essa sentença: *"Quem é você?"* pergunta a Lagarta. Alice, tímida respondeu: *"Eu... já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então..."""O que você quer dizer com isto?"* perguntou a Lagarta com rispidez. "Explique-se melhor!" "Acho que eu mesma não posso me explicar melhor, senhora", disse Alice, *"porque eu não sou eu mesma, compreende?" "Não, não compreendo",* respondeu a Lagarta. "Temo não poder explicar melhor", replicou Alice educadamente, *"porque eu mesma não posso entender, para começar... ter tantos tamanhos diferentes em um só dia é muito confuso".*Neste contexto de busca, Lari Vivan afirma:

> *A fotografia me mascara, mas ao mesmo tempo me revela. Mostra várias versões de mim! [...] admito, uso máscaras. Adooooro ter várias máscaras. E às vezes, nem mesmo eu sei quem sou (Lari Vivan).*

A fala de Lari Vivan revela a multiplicidade de vários Eus, ganhando vida na tela. Isso nos remete às reações de Alice. As mudanças a que a menina é submetida no fundo do poço levam-na a experimentar angústia e desespero. Alice busca a si mesma nas profundezas, pois ela não consegue saber de fato *quem ela é*. Lari Vivan afirma que adora ter várias máscaras e a fotografia acaba por materializar esse jogo de esconde-esconde. Ora ela se mostra despretensiosa (Fotos 35 e 38), ora se mostra *sexy* (Foto 37) e há momentos que se mostra criança (Foto 36). O fato

de ela postar uma foto da infância nos dá pistas de que ela experimenta, como Alice, uma angústia decorrente das constantes transformações.

A cada fotografia postada de uma Lari Vivan diferente, são reforçados traços de sua condição de Ser. Assim, acontece com os sujeitos juvenis que o tempo todo, no desejo de saber quem são, mergulham em seu imaginário e produzem, atuam, narram e expõem, em narrativas fotográficas, versões performáticas sobre si.

Figura 19 - Fotografias publicadas nos perfis de Even Ferreira, Alisson Pedro, Bia Cruvinel, Andressa Lunna, Lari Vivan e Lara Barreira (Larinha) no Facebook

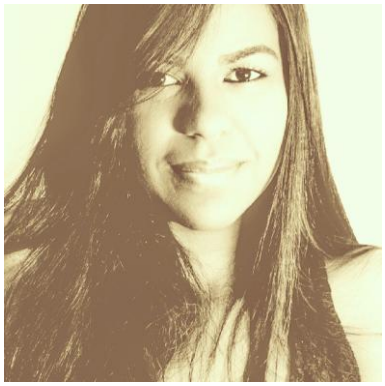


Foto 39

Foto 40

Foto 41

Foto 42

Foto 43

Foto 44

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 15 out 2013

Figura 20 - Fotografias publicadas nos perfis de Ricardo Patresio Pessoa, Ana Paula Gualter (Aninha), Paulo André Borges, Adriano Marinho Ribeiro, Isa Fernanda Labre e Michel Rodrigues

Foto 45

Foto 46

Foto 47

Foto 48

Foto 49

Foto 50

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 15 out 2013

Como saber se eles são quem pensam que são?

> *Pensar quem sou me causa estranheza. Posso dizer que minhas fotos me definem, dizem das minhas emoções, das minhas angústias... dizem até mesmo quando eu não quero dizer. É um jogo de esconde-esconde que eu gosto. Adoro sentir que sou eu que conduzo as coisas, escolher o que postar é isso. É ser e me sentir poderosa!!! (risos). Nas fotografias, eu mostro, as vezes, uma fachada de mim. Sou eu, mas não sou. E pronto. Há algumas de mim espalhadas pela rede (Andressa Lunna).*

Figura 21 - Fotografia publicada no perfil de Andressa Lunna no Facebook

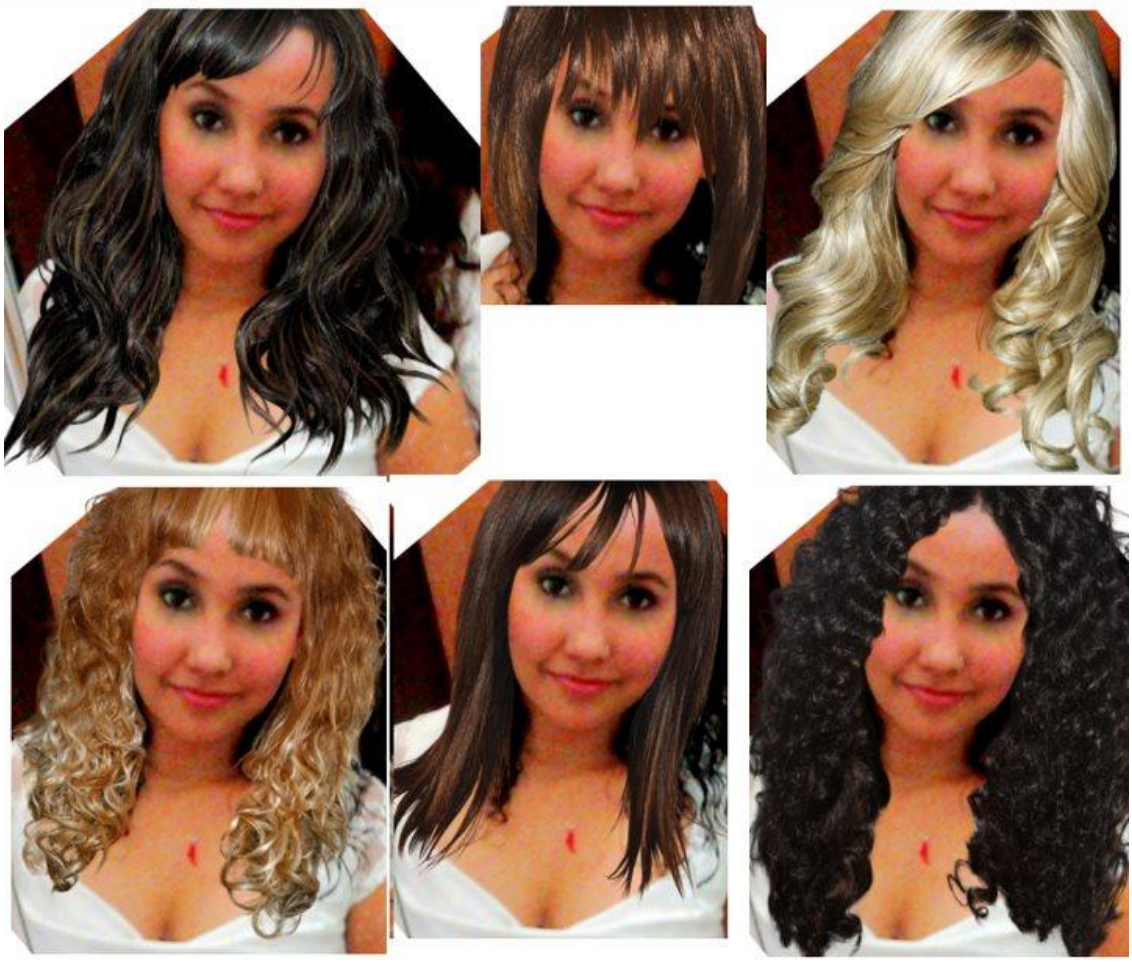


Foto 51

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=168179456593022&set=pb.100002029070911.-2207520000.1394411125.&type=3&theater Acesso em 12 mar 2012

A Lari Vivan não é definida simplesmente por personagens que aparecem nas fotografias. Gosto da brincadeira que a fotografia me proporciona. Posso viver quem eu quiser (risos) Pode Ser eu?? Ou não?? (Lari Vivan).

Figura 22 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook

Foto 52

Foto 53

Fonte: https://www.facebook.com/larisvivan/photos Acesso em 19 set 2013

Há uma passagem na narrativa literária de Carroll em que Alice encontra com o Coelho e num momento conflituoso ela, com lágrimas nos olhos, coloca que não sabe mais quem ela é. A menina verbaliza que pode *"ter de viver naquela casa tão pequena, sem brinquedos [...] com tanta coisa pra aprender!".* Nesse contexto, ela decide ficar quieta e não voltar à superfície. Para ela, não adianta colocar a cabeça no poço e pedir para subir, ela decide que só vai levantar a cabeça e dizer: *"Quem é que eu sou?"* Se gostar de Ser a tal pessoa, então ela subirá. Se não, ficará embaixo até que seja outra pessoa.

Tanto na passagem de Alice quanto nas narrativas de Andressa Lunna e de Lari Vivan mostram que os discursos são carregados de elementos sígnicos, que apontam para uma crise do sujeito. Andressa Lunna afirma *"Sou eu, mas não sou",* Lari Vivan sentencia *"Pode Ser eu? Ou não?"*. Isso denota que essa crise não é temporária, pois as noções de indivíduo, sujeito e subjetividade, a que a idéia do eu está ligada, são (re)significadas nesse turbilhão de mudanças culturais. Para esses sujeitos, não saber quem são é um exercício de gozo, de prazer. Não ter a certeza de quem são, implica em não ter responsabilidades. Logo, enquanto eles permanecem na "busca", a aventura pode e deve continuar, com base na descrença

em conhecimentos prontos. Um convite a perguntas sem se prender a nenhum currículo institucionalizado. Um exercício de liberdade.

> [...] não como a liberdade de escolher uma linha de ação em vez de outra, mas como a liberdade de escolher todas as coisas simultaneamente. Liberdade de escolha significa deixar suas opções em aberto, resulta na prática de uma abstenção de escolha (LASCH,1987, p. 29).

No Facebook, percebemos os paradoxos das subjetividades desses sujeitos, tal qual é exposto nas aventuras de Alice. Há um ir e vir desses jovens no que tange a exposição do Eu, se não estão satisfeitos com a sua imagem eles deletam, apagam um passado por acreditarem que o momento presente é o mais importante. Eles (re)criam esse presente e num jogo de aparências são personagens de Si mesmos. Eles se aparelham, se produzem e diante de si e da câmera vivenciam um Outro Eu, ganham corpos e significações da complexidade que é Ser e existir.

Tecer esses discursos traz à superfície a discussão em torno dos Eus lúdicos e plurais. O que implica falar das formas pelas quais o jovem produz subjetividades e entra em contato consigo mesmo. Neste contexto, não podemos deixar de lado o modo como as narrativas fotobiográficas mesclam o real e o imaginário, a fantasia e os devaneios. No Facebook, pensamento é ação. Vontade é verdade. É impossível separar a memória do sujeito da memória do Outro. A memória aqui, compartilhada, é construída no coletivo. Essas experiências de si se transformam em conhecimento.

3.2 A fotografia como prática discursiva de enunciação

As narrativas fotobiográficas são práticas discursivas que envolvem um trabalho de produção autoral de modo a permitir que uma variedade de Eus emergem pelo processo de reconhecimento e rememoração (AUMONT, 1995), bem como a interação produtiva que ganha espaço nas telas. Nesse processo de enunciação, os Eus construídos, reconhecidos e rememorados fazem parte da experiência individual que ganha o coletivo quando é compartilhada nas relações interpessoais. Nessa teia de memória, as fotobiografias são enunciadas e ganham espaço.

Figura 23 - Fotografias publicadas no perfis de Even Ferreira, Paulo André Borges, Isa Fernanda Labre e Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook

Foto 54

Foto 55

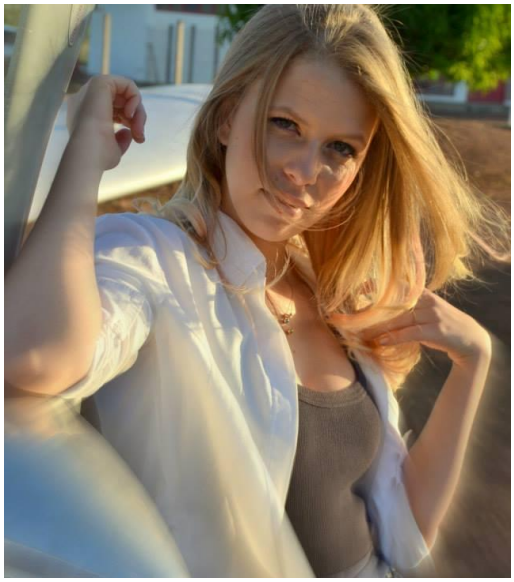


Foto 56

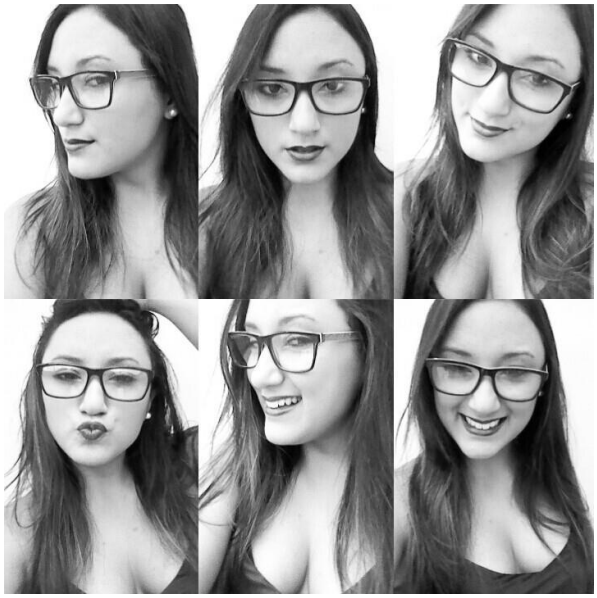


Foto 57

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 11 dez 2013

O Outro que curte e compartilha faz parte desse jogo de enunciação. Afinal, o olhar do Outro é essencial na configuração das nossas lembranças. Esses jovens são como espelhos, suas lembranças são apropriadas uns pelos Outros, tornando assim a memória de um a memória do Outro. Essa memória pertence a todos. No País das Maravilhas, Alice, para se certificar sobre sua existência, recorre não apenas a sua memória, mas busca o tempo todo no Outro um atestado de verdade.

"Quem é que eu sou?", pergunta ela lá do fundo do poço. *"Digam primeiro [...]. Senão, fico aqui embaixo mesmo até que eu seja outra pessoa..."*Isso também é vivenciado pelo atores da pesquisa. Tal qual Alice, eles estão imersos nesse “poço” -Facebook- para exercitarem seus Eus, numa perspectiva sócio-histórico-cultural. Um aprende com o Outro a serem eles mesmos e assim uma rede é constituída. E essa é tecida a cada história compartilhada.

> *Aos 17 anos eu era conhecida como “A menina do Facebook”, se queriam me encontrar, era lá que eu estava! Eu era sem noção, publicava tudo, fazia mais de 400 fotos por dia. Eu contava tudo em fotos. Postava tudo o que acontecia comigo (Lara Barreira).*
>
> *Fotografo para não esquecer o momento... uma foto sempre conta uma história, acho que isso importa. Gosto de lembrar e a fotografia ajuda! Uma fotografia diz algo do que já foi de uma maneira especial. Quando olho fotos antigas, tenho saudades de mim, dos meus amigos, daquele acontecimento que não volta mais (Andressa Lunna).*

Tanto para Lara Barreira quanto para Andressa Lunna, as fotografias publicizadas na rede são práticas de comunicação e trazem indícios que evidenciam características sobre seus comportamentos e suas aparências, numa teia de relações que esses sujeitos constroem com o Outro. A fotografia narra sentimentos, desvela desejos, atesta sua existência. Isso se dá num exercício constante de se colocarem em narrativas fotobiográficas, favorecendo a explicitação do Eu enunciado que se constitui numa relação de aprendizado. A enunciação promove interação entre os interlocutores no tempo em que ela ocorre e o espaço onde acontece a troca. Assim, o enunciado será delimitado pelas diferentes possibilidades de uso da linguagem, aqui fotografia, palavras e figuras (☺, ☹, \o/ \o/ \o/).

O enunciado fotográfico constitui,para os sujeitos juvenis, um sentido, uma marca da realidade a ser pronunciada. Possui uma significação, serve para estabelecer comunicação entre seus pares. É a própria mensagem, o discurso estabelecido, onde se manifestam a pluralidade de pensamentos, emoções, desejos e gozos que se materializam os elementos estéticos da fotografia: na cor, no plano, na composição. Nesse processo, os jovens se constituem sujeitos de linguagens, vindo, portanto, a se configurar em discursos.

O discurso que é promovido no Facebook é da ordem dos acontecimentos e os jovens que enunciam no Facebook estão a espera de aceitação, de promoção, de aplausos. Há um processo de troca simbólica - expressões da socialidade - que gera laços sociais naturais entre os sujeitos e os fruidores de suas narrativas. Isso é possível perceber quando um deles posta uma foto e os Outros se manifestam em torno do sujeito-enunciador, tomando ele como ponto de referência. Desse modo, espaço e tempo estão na dependência do Eu, que neles se enuncia. “O aqui é o espaço do eu e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve” (FIORIN, 1999, p. 42).

Figura 24. Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10200846378394111&set=t.1603638512&type=3&theater Acesso em 29 jun 2013

A foto de Lara Barreira, publicada no dia 9 de junho de 2013 atingiu, em 20 dias, 180 curtidas e 48 comentários, desses, 12 comentários são de Lara Barreira Quando o enunciado “*I'm fake*!”, que acompanha a fotografia publicizada, é produzido, ele sinaliza pistas de estruturação discursiva que virá após a repercussão da foto na

rede. O fato de no seu enunciado ela assumir que é “outra pessoa” já direciona o discurso dos atores participantes desse processo. Isso é percebido nas trocas comunicativas que segue à publicação da foto de Lara Barreira.

Os interlocutores comentam *“Top model.”, “Para tuuuuuuudo! que lindaaaaaaaaaa”, “aooh modelooo kk”; “Modelo”, “Gente que Deusa é essa, sem palavras pra descrever tamanha beleza!!!”, “se nao conhecesse diria q era shakira morena!hum/LINDONA!”,“AAAAAAAAAAOOOOOOOO FILLEEEEEEEEEEEEEE”, “Parece foto de capa de CD de diva POP kkkkkkkkkk”. D*iante das falas LARA BARREIRA interage em momentos distintos e responde *“Saulo lindo! // Helen rs de vez em qdo sim // Leticia rsrs obg minha lindona // Glauber rs ^^ seus olhos // é nós cunha Telma”, “Karolinny loira linda // Ridney meu anjo, sempre mt carinho! // Monnalisa opa, *-* lindona // Giancarlo agora cada vez mais viu, ja ja começo a carreira...rs”, “*obrigada minhas lindas!”*.*

As trocas acima dão conta da dimensão das interações desses sujeitos no que tange aos vínculos estabelecidos. Estes são reforçados à medida que o Eu-narrador e os Eus-interpretantes trocam ideias, sensações e percepções. Numa dimensão corpórea, os sujeitos juvenis apreendem os sentidos pelo corpo, numa expressão criadora, proporcionada pela fotografia, a partir dos diferentes olhares sobre o corpo narrado (MERLEAU-PONTY, 1999). Isso implica em percepções margeadas pelas incertezas, pelo indeterminado e pela ousadia desses jovens atores ao se mostrarem e pela apreensão de não serem percebidos.

É fato, que ao colocar sua foto na rede, Lara Barreira quer ser percebida e isso reforça sua autoestima de modo que acontece uma (re)configuração em seus modos de Ser. Sua fotografia ao ser lançada na rede está no campo discursivo permeado por possibilidades de leituras e interpretações de Outros sujeitos. Isso se dá numa dimensão do sensível, não simplesmente no campo do ver ou do sentir, mas como reflexão corporal, uma produtora de sentido que narra experiências do exercício do Ser e do estar, a partir das significações atribuídas ao corpo postado.

Nessa teia de significações, as experiências vividas são tomadas pelo sentido estético presente na corporeidade - compreendida aqui como campo de possibilidades - de modo que há uma imersão nas narrativas propostas, implicando

outros sentidos e outros significados por parte dos interlocutores. A experiência corpórea desses Eus, nesse campo enunciativo, se configura em uma comunicação destinada, no ato perceptivo, aos sentidos atribuídos pelo espectador, num movimento de sugestão dado pelo ator/narrador.

Para que a interlocução aconteça se faz necessário que o Eu-narrador (Lara Barreira) e o Eu-interpretante (os amigos de Lara Barreira) atuem nesse cenário de enunciação - Facebook. Todo processo comunicacional pressupõe o querer dizer de alguém e o querer aceitar de Outro - os discursos - instrumentos de interação para os jovens atores imersos nesse processo. Esses jovens que tecem novos modos de relacionamentos, que promulgam discursos efêmeros, mas significativos, são atuantes e, de modo colaborativo e lúdico, compartilham conteúdos por meio da imagem e da escrita de forma a congregar cada vez mais distintos atores. Essas ligações transformam recursos por ora dispersos em uma rede em expansão (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

> *[...] gosto de fotografar e colocar na rede. A sensação é ótima! Gosto de me ver. Fiz novos amigos, eles se aproximaram de mim devido as minhas fotos, se interessam e puxam papo. Acredito também nesses vínculos. Vou confessar que fico envaidecida (Lara Barreira).*

Esse compartilhamento permite que o Outro aprecie o que é posto e intervenha de forma livre, numa experiência de exposição e legitimidade. O que os jovens atores desse processo percebem do mundo advém do que eles experienciam, de modo que, ciclicamente, é construído o Eu social desses sujeitos. O corpo dos atores - materializado nas fotografias e exibido no Facebook - é portador de comunicação. Suas marcas sígnicas: vestes, indumentárias, tatuagens, expressões faciais sinalizam quem são e o que gostariam de Ser.

Figura 25 - Fotografias publicadas no perfis de Isa Fernanda Labre, Even Ferreira, Michel Rodrigues e Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook

Foto 58

Foto 59

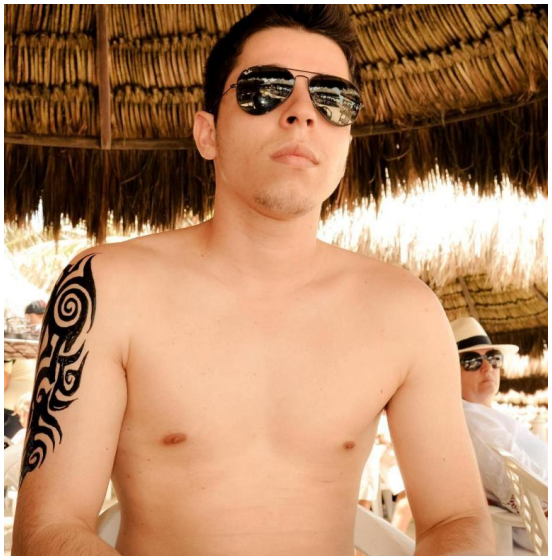


Foto 60

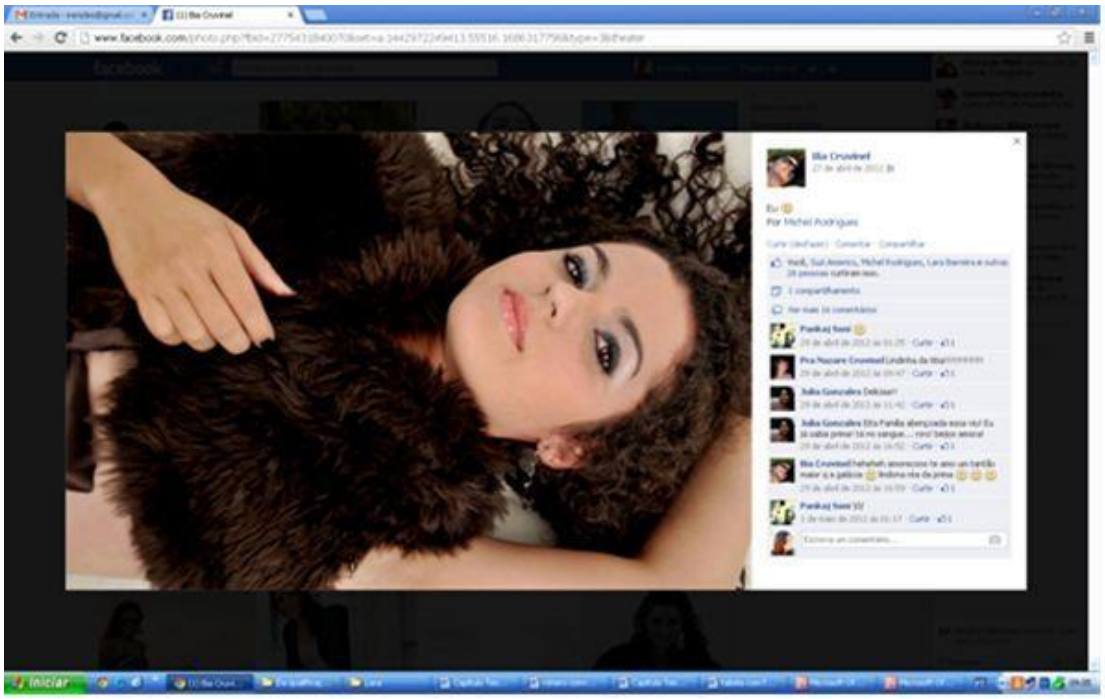
Foto 61

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 13 dez 2013

Nesse contexto, as fronteiras dos Eus dos sujeitos pesquisados são demarcadas por aqueles que se colocam na rede e também pelos seus interlocutores em constantes e sucessivas (re)interações. Toda ação que realiza e toda relação que constrói coloca em jogo sua corporeidade, Sob holofotes, progressivamente performático e imagético, esses corpos privilegiam singularidades estetizadas convertidas em modismos flutuantes (COUTO, 2012b, p. 172).

Para os sujeitos juvenis, o corpo é uma fonte inquietante e transversal de comunicação. É palco de (re)apresentações e de celebrações ciberculturais: precisa estar pronto para o uso imediato, para o prazer passageiro, para satisfação instantânea (COUTO, 2007). Nas narrativas fotográficas, os atores são conscientes que utilizam seus corpos como expressões textuais, gramáticas singulares, passíveis de leituras e interpretações: corpo-linguagem, corpo-expressão.

Figura 26 - Fotografia publicada no perfil de Bia Cruvinel no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 24 jun 2013

> *Nas fotos uso meu corpo para passar as minhas mensagens [...] quando quero falar como estou me sentindo, muitas vezes prefiro falar por meio das minhas fotos [...], tento passar o máximo de mim e aí conto pra todo mundo quem é ou como está B.C naquele momento e fico esperando os comentários (rsrsrs), confesso que às vezes eu forço a barra, faço de uma coisa para ver o resultado nos comentários (Bia Cruvinel).*

A fala de Bia Cruvinel confirma que o corpo, por meio das narrativas fotográficas, é um espaço pleno de comunicação que propaga sensações e novas sensibilidades, que se efetivam na habilidade que os sujeitos jovens têm em lidar com o sentir. Esse sentir não se constitui somente na sensação que a imagem postada provoca, num movimento puro de emoções, mas na sensação do manipular os aportes

tecnológicos que possibilita a autonomia do sujeito narrador – em pensar e falar de si - na produção daquela imagem. Uma imagem criada a partir do que se quer provocar no sujeito interlocutor: um conhecimento sobre algo e/ou alguém que resulta da informação dada, do sentido atribuído a ela e do vínculo afetivo que ela pode gerar.

Nesta perspectiva, o que os sujeitos juvenis fazem, ao narrar suas vidas e sensações, por meio das fotografias digitais, e publicizá-las no Facebook, é um jogo de encenações. Toda fotografia é encenação (SOULAGES, 2010). Esses jovens assumem diversos papéis: corpos teatralizados, que simulam desejos. A concepção barthesiana do "isto existiu" dá lugar ao "isto foi encenado" que nos permite compreender a natureza da fotografia. "Diante de uma foto, só podemos dizer: "isto foi encenado", afirmando, dessa maneira, que a cena foi encenada e representada diante da máquina e do fotógrafo" (p.26).Num movimento libertário do sujeito narrador, essas encenações sugerem outros jogos enunciativos, a partir dos comentários postados, desafiando e experimentando com ousadia e curiosidade os resultados que desencadeiam os jogos.

> [...] mostrar-se incessantemente condiciona as formas de ser e estar no mundo, festeja perplexas e inusitadas subjetividades, pois agora todos são convidados, de modo informal e espontâneo, a compartilhar na rede todos os ângulos da vida. É a partir daí que as vidas privadas são oferecidas alegremente para o consumo prazeroso de milhares de pessoas do mundo inteiro (SANTANA e COUTO, 2012, p. 33).

"[...] *confesso que às vezes eu forço a barra, faço de uma coisa para ver o resultado nos comentários" (Bia Cruvinel).* Por natureza, a fotografia é a realidade simulada e que ganha na habilidade do narrador um *status* de veracidade. No discurso de B.C, fica evidente a construção consciente do corpo simulado, na (des)materialização de seu Eu aparente em função da multiplicidade de superfícies que o olhar fotográfico pode produzir (SANTAELLA, 2004).

A ação comunicativa por excelência, provocada por esses sujeitos juvenis, no Facebook, traz o efeito de propaganda e causa a "sensação", no contexto do chamativo, do descomunal - onde Outros sujeitos se formam - cada vez mais excitado e impelido pelos mais diversos discursos visuais (TÜRCKE, 2010), que

ganham sustentação na abundância de estímulos provocados pelos comentários nas fotos publicizadas, comunicando um corpo que de alguma forma prende o olhar. Esse corpo é apresentado, em sua grande maioria, em sua melhor performance, e ao ser exibido na rede, percebemos a tessitura da subjetividade que (re)dimensiona o processo de busca desses jovens.

Isso se dá devido ao conteúdo que esses sujeitos lançam no Facebook, voltado para o olhar do Outro a espera de aprovação, de aceitação. Bia Cruvinel privilegia a aparência, o que explica a força que a imagem alcança na rede (Em quatro dias teve 30 curtidas, 1 compartilhamento e 22 comentários, desses Bia Cruvinel interagiu 3 vezes). Os comentários *"Tenzim mais lindoooooooo gente!", "ui!!!!", "\o/\o/", "Linda", "Humm...bunita!!!"* são acompanhados de elogios, interjeições e carinhas, que valorizam a aparência de Bia Cruvinel de modo que seu Eu apresentado ganha notoriedade. Bia Cruvinel responde com "☺☺" que atesta sua satisfação em ser percebida, elogiada. Nessa troca, subjetividades são embaralhadas, o que dá ao *Facebook* o *status* de um campo discursivo ávido de representações.

Nesse campo e num ritmo cada vez mais veloz, mudanças nas formas de interação são significativas quando proporcionam novas práticas sociais que desembocam em um mercado de bens materiais ou simbólicos. Aqui, o capital social se torna mais valorizado. Capital social esse que é resultante das práticas de compartilhamento na rede, que geram teias relacionais, onde os atores são produtores e protagonistas de conteúdos informacionais. Aqui, importa a reciprocidade e a qualidade dos laços sociais – conteúdo que permeia as interações na rede. O capital social é construído nessa relação estabelecida entre os jovens no qual um comenta e o Outro devolve a gentileza.

Cada narrativa fotográfica que se tem, cada manifestação corporal por sua vez, é entendida como um movimento intencional significativo e que, a partir do olhar do Outro, se constitui uma relação sujeito-cultura: com ele – objeto e corpo fotografado e exibido – e com o outro – sujeito interator da mensagem. A fotografia é parte do cotidiano desses jovens que buscam nessa linguagem não só o simples ato de documentar seus momentos, mas até a imortalização de seus quereres e desejos:

> *Tudo pode ser fotografado. E eu fotografo tudo: meus sonhos, meus desejos, minhas vontades, minha luz, minha animação, o movimento do meu corpo. Do meu ponto de vista, do ângulo que eu estabeleço. Sou eu por mim mesmo. E é a partir de mim que aquele que me vê vai me conhecer (Alisson Pedro).*

Percebemos, para os sujeitos da pesquisa, que não importa a perfeição técnica, mas o que o imediatismo provoca em quem vê. Eles provocam o olhar do Outro, se lançam protagonistas.

Figura 27 - Fotografias publicadas no perfis de Isa Fernanda Labre, Adriano Marinho Ribeiro e Paulo André Borges no Facebook

Foto 58

Foto 59

Foto 60

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 24 set 2013

São o que parecem Ser. São seres performáticos. Se apresentam e vivem sob uma realidade fantástica representada pela sensação de ser e do Ser. Um sujeito digitalizado, produzido, (des)corporificado pela fotografia. Esses jovens, no Facebook, imprimem em seus Eus os modos de Ser de Alice:

Figura 28 - Perfil Alice - Modos de Ser dos sujeitos pesquisados

Fonte: Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Este capítulo retratou os jovens no contexto contemporâneo e suas performances nas telas digitais, a partir de processos discursivos decorrentes das narrativas fotográficas publicizadas no Facebook. No próximo capítulo, numa aproximação metafórica com o mito de Narciso, apresentamos os sujeitos juvenis como narcisos digitais e o culto da paixão por Si mesmos.

INSTANTE DECISIVO 3

"É preciso esquecer-se, esquecer a máquina...
Estar vivo e olhar.
É o único meio de expressão do instante.
E para mim só o instante importa..."
Henri Cartier-Bresson

4 O MERGULHO DE NARCISO NA “FONTE DE DESEJOS” FACEBOOK

O objetivo deste capítulo é identificar e analisar as formas como os jovens se apropriam do Facebook como plataforma de (auto)exposição, (auto)contemplação, (auto)promoção e transferência – jogo de espelhamento – de subjetividades narcísicas, por meio do autorretrato, em suas performances visuais.

O capítulo é construído, principalmente, a partir das discussões de Canevacci (2013), Bauman (2008), Couto (2012), Kerchove (2009), Lipovetsky (2005), Maffesoli (2007), Sibilia (2008) que numa perspectiva especular, nos sinalizam traços subjetivos que apontam para características dos sujeitos retratados: sujeitos travestidos de máscaras - sem pudores - que num movimento de espetacularização de suas existências se projetam além das margens do lago de Narciso, homologando o Facebook como palco de suas narrativas.

Essa rede social se constitui, na pesquisa, como espaço de excessos permissivos à valorização de desejos, de liberação de prazeres e produção de corpo, num movimento fascinante de transformação, daquilo que é rígido, em processo permanente de comunicação, implicando aos interlocutores participação da ordem do colaborar e do compartilhar na rede (LIPOVETSKY, 2005).

As narrativas dos jovens pesquisados e nossas observações, no Facebook, constituíram o ponto de apoio para a produção deste capítulo, que está construído em duas partes. Na primeira parte, descrevemos o Facebook como espelho para os “narcisos” digitais, na expressão da paixão por Si mesmos. E na segunda, apresentamos as dimensões dos afetos individuais e coletivos provocados pelas performances do apare(Ser) das narrativas fotográficas, compartilhadas na rede.

4.1 Espelho de Narciso e a paixão por Si

O caráter simbólico e metafórico do mito de Narciso nos levaram a refletir as relações que os jovens - narcisos digitais - estabelecem nas redes, a partir de narrativas fotográficas que primam pela idolatria por Si mesmo, pela

(auto)contemplação, pela (auto)representação e pela necessidade de apare(Ser): o movimento do desejo – vaidade - se constitui em narrativas fotográficas, como aparência “ilusória”, produzida. No contexto juvenil, é a possibilidade de sair do ostracismo, personificando nos discursos fotográficos o desejo em atrair a atenção do Outro, com o objetivo de ser contemplado, a partir daquilo que aparenta Ser, numa correspondência com o “imperativo da visibilidade” (SIBILIA, 2008). A fala de Bia Cruvinel revela essa condição:

> *Sempre tenho a preocupação em como as pessoas me vêem. De certa forma sei que está ligado ao modo como eu me vejo e tento passar isso nas fotos.Quero ser admirada, respeitada. Gosto de me ver em fotografias e sentir a repercussão. Quem nunca?! Depois de tudo, escolho atentamente as fotos [...] depois publicadas espero curtidas, se não acontece... Deleto. Isso é sinal de que não agradou (Bia Cruvinel).*

Figura 29 - Fotografias publicadas no perfil de Bia Cruvinel no Facebook

Foto 61

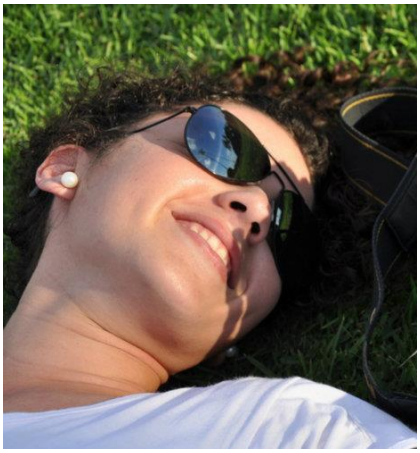


Foto 62

Foto 63

Fonte: https://www.facebook.com/biacruvinel/photos_albums Acesso em 22 abr 2013

Numa perspectiva narcísica, imersa em Si, Bia Cruvinel toma a aparência como necessidade básica, na ideia de que sua existência está associada à lembrança, à admiração e ao culto do Outro a Si. E nesse movimento, é preciso atender aos desejos de Ser aceita e valorizada por Si e pelo Outro. É preciso satisfazer suas necessidades de estima. Como Bia Cruvinel, os narcisos digitais mergulham profundamente em busca da beleza desejada, idealizada pelo Outro. Ao se

contemplarem nas águas da fonte Facebook é instalado um jogo de vaidades, tendo nas tecnologias digitais um elemento potencializador para dar eco aos seus discursos.

Nessa teia discursiva, há uma polifonia de vozes em que a socialidade – tudo o que se passa no contexto social, sem se prender às regras nem ao contrato social (MAFFESOLI, 1998) - pode ser apreendida “numa dimensão afetiva e sensível” (p. 102), em que fica explícito o espírito colaborativo dos sujeitos juvenis bem como a noção de (re)agrupamento e de (inter)ação. Eles assumem várias *personas*. Não estão sozinhos: multiplicam seus Eus em narrativas. Essa socialidade é potencializada pelas tecnologias digitais e é organizada pelo sensível, resultante da “experiência e reconhecimento do Outro” (p. 103), e se constitui pela prática do “estar-junto à toa” (p.111), disponíveis e em constante movimento. Nessa perspectiva, há uma “ética da estética”, cuja etimologia refere-se ao sentido da “faculdade comum de sentir, de experimentar” (p.105).

Nessa práxis social, o que prevalece para os sujeitos juvenis na rede é a conjunção da razão abstrata com a razão sensível: numa dimensão coletiva e estética da vida cotidiana. Assim, os jovens pesquisados representam em narrativas fotográficas sentimentos e emoções fundados não mais em contratos sociais, mas em uma fusão emocional entre os sujeitos que vivenciam o cotidiano cibercultural. Esses sujeitos são coletivos em sua essência e promovem Eus plurais nesse lago narcísico: “[...] interstícios em que se exprimem os sonhos, os desejos, as pulsões mais diversas” (MAFFESOLI, 2007, p. 99).

Nessa perspectiva, a ética do se exibir no Facebook, dos sujeitos pesquisados, é uma contraposição a moral castradora instituída e institucionalizada - esses sujeitos não se dão conta que nas redes sociais digitais disponíveis há “[...] processos de aprisionamentos controlados por sistemas tecnológicos pensados e processados por sujeitos e instituições agenciadoras. Essa liberdade tão proclamada [...], ironicamente, aplica-se mais as máquinas do que a eles mesmos” (SILVA, 2013, p. 123).

O Facebook é, para os sujeitos pesquisados, uma espécie de moral sem restrições, sem fronteiras ou limites. Fluida em experimentações diversas, que traduzidas em

performances fotográficas de si, numa ação conectiva, (re)magiciza o território animado pelas aparências. Isso pode ser conferido nas interações a partir de ações como curtir, comentar e compartilhar. Assim, os Eus vêm à superfície com todas as suas vaidades e vontades.

> *[...] muito prazeroso ver minha foto sendo curtida [...] mais bacana mesmo é quando ela vem com um comentário. (rsrsrs). Confesso que gosto de ler os vários elogios. (rsrsrs). Sou vaidosa sim... assumo. Uma vez a minha foto foi compartilhada na linha do tempo da minha amiga e aí, cara, fiz o maior sucesso. Gostei demais (Bia Cruvinel).*

O desejo "de" é a chave para a compreensão das fotografias que são publicadas pelos jovens no Facebook, o que pode ser decifrado a partir de alguns códigos visuais e verbais que se articulam enquanto mensagem. Nesse caso, tomamos como exemplo as fotos de Bia Cruvinel. A indumentária utilizada pela modelo - a blusa preta (Foto 61), o óculos (Foto 62), o chapéu (Foto 63) - , o olhar desafiador para a câmera (Foto 61), a postura corporal, o cenário (Foto 63), entre outros elementos, como os cabelos molhados (Foto 63), são detalhes pensados e, geralmente, são construídos a partir de um conjunto de ideias que visam atender aos desejos "de".

Em seu discurso, tanto oral quanto visual, fica claro seu desejo de se ver e de Outros a vê-la na perspectiva de ser admirada: *"Quero ser admirada, respeitada. Gosto de me ver em fotografias e sentir a repercussão. Quem nunca?!"* Toda a produção gira em torno de uma estilização do Eu, que tem por objetivo conquistar visibilidade. Bia Cruvinel encontra na fotografia, com sua linguagem, códigos que irão reproduzir esses desejos de admiração. A fotografia passa a ser um receptáculo de uma Bia Cruvinel que busca um modelo social ideal de si, de modo que, o tempo todo, a sua imagem de beleza seja reforçada. Pode-se dizer que há aí um exercício do e*thos* estratégico, manipulado conscientemente com a intenção de melhor persuadir seus pares.

Nesse jogo de persuasão, o corpo - objeto de cultura - está sempre em completo estado de vir-a-Ser (COUTO, 2012a). No Facebook*,* o corpo que sempre foi mutável, está em cena e "não cessa de ser sedutoramente metamorfoseado" (p. 109). Para os sujeitos pesquisados, há um culto ao corpo e à aparência quando eles se

fotografam e se projetam na rede. “O corpo adquire e explora uma pluralidade de espaços e experiências, oferece-se em inúmeros registros, compõe e decompõe-se incessante em busca de novas formas e aparências” (p. 174). É um espaço de transformações, onde “ser belo e sedutor se converteu em um dever” (p. 120). “O corpo vive da sua construção e reconstrução num ato de transformação contínua” (p. 162).

Nesse processo, ele se constitui palco do estrelismo e protagonismo da aparência. Na rede, o corpo juvenil é sacralizado e acaba por se tornar um modelo de instantaneidade dos sentidos e dos prazeres. Percebemos que a aparência desses sujeitos, publicizada no Facebook, propaga de forma estandardizada o território de Ser quem são ou o que gostariam de Ser, num processo de glorificação do gozo. Assim,

> [...] mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente material, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros (LE BRETON, 2007, p.78).

Numa perspectiva do ‘narcisismo de grupo’ (MAFFESOLI, 1996), corpo e aparência são inseparáveis. E esses são materializados nas tessituras fotográficas. Os sujeitos pesquisados se produzem para se projetarem, usam o corpo fotografado para mapear seus desejos. Essas imagens não dizem respeito apenas à visão do corpo como algo isolado. Ele é pleno de representações de como esses sujeitos são, como se percebem e como querem ser percebidos no mundo, num discurso cheio de sentimentos (Foto 62) e atitudes (Foto 63).

São corpos insinuantes que desafiam o espectador com uma simples escolha do fotógrafo pelo ângulo da imagem, o *contra-plongée* – enquadramento no qual a câmera fotográfica é posicionada de baixo para cima – (Foto 61). Essa escolha intencional dá a impressão de superioridade, de dominação em relação ao observador. Novamente aqui, é explicito o desejo de Bia Cruvinel em ser superior, poderosa e, consequentemente, busca ser admirada também por isso. A consciência de assim se colocar, nas narrativas fotográficas, é uma estratégia para desestabilizar, direcionar e induzir o olhar do observador: a imagem projetada é uma tessitura do querer, da vontade, do desejo.

Esses quereres e desejos são realizados, uma vez que as tecnologias da visão permitem que os sujeitos se (re)apresentam por meio da imagem fotográfica. O querer se transforma em liberdade de criação; a vontade se transforma em discurso; o desejo se transforma em poder. Com isso, eles produzem e dirigem suas vidas, dominam seus corpos, se apropriam do cotidiano e narram em fotografias novas formas de subjetividades que ganham espaço na vitrine midiática que é o Facebook, no qual o Eu ganha visibilidade, num movimento narcisista. Essa visibilidade concede aos narcisos digitais a tão desejada celebridade. E, por si mesmas, legitimam a existência dos que conseguem conquistá-las. Ser visto e ser famoso equivale, cada vez mais, a Ser alguém (SIBILIA, 2008).

Nesse movimento, e de posse de aparelhos fotográficos, os narcisos digitais, desejosos em serem protagonistas, buscam a originalidade, são livres em suas ideias, ousados em suas atitudes, autênticos em seus discursos. Entretanto, paradoxalmente, desvelados em imagens fotográficas, o discurso de um acaba por ser o discurso do Outro. Nesse contexto, essas experiências singulares, no plano individual, são legitimadas a cada movimento do Outro na rede, passando assim ao plano coletivo. O modo como os jovens se representam está ligado com as expectativas acerca do que eles pensam: "[...] *Quero ser admirada, respeitada. Gosto de me ver em fotografias e sentir a repercussão" (Bia Cruvinel),* e também do que querem e fazem os Outros que estão em sua rede. "[...] *Depois de publicada espero curtidas, se não acontece. Deleto. Isso é sinal de que não agradou" (Bia Cruvinel).* Assim, discursos fotográficos são (re)produzidos, mantidos ou modificados a depender das suas interações.

Essas interações ganham o tom do discurso de cada indivíduo à medida que esse interpreta as narrativas que surgem na rede e provocam outros discursos. Essa interpretação é plural e depende de uma identificação do Eu com o Outro, que se dá no momento em que o sujeito se propõe a olhar o Outro: "[...] é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir de dentro a fissão do Ser, ao término da qual, e só então, me fecho sobre mim" (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 281). Os sujeitos ciberculturais se percebem quando permitem que os seus interlocutores os vejam, comentam seus *posts* e compartilham suas subjetividades. Nesse movimento, ocorrem projeções de Eus e, consequentemente, esses sujeitos

que permitem olhar e permitem ser percebidos, adquirem conhecimento e constroem conhecimento.

Com isso, na perspectiva das relações, o discurso/conhecimento ganha forma com base no repertório individual de subjetividades de cada ator, num jogo conectivo entre sujeitos. Nesse jogo imagético, é o olhar que um narciso digital lança sobre o Outro que dá a certeza da existência desses sujeitos. A tessitura das subjetividades ocorre pela "interação entre o indivíduo e seus espaços de significação, [...] afetivos, estéticos, sociais etc" (LÉVY, 1999, p. 130). Nessa tessitura, o jovem narciso digital se converte em imagem, num plano de representação - parte do jogo das vaidades, da aparência. Não na perspectiva do espetáculo (DEBORD, 1997), mas na perspectiva do Show do Eu (SIBILIA, 2008).

> *Já tive problemas com o corpo que aparecia na fotografia. Não gostava do que via. Fui me acostumando, valorizo o rosto, minhas caras e bocas (risos). E o corpo? Resolvi ficar melhor... Hoje estou melhor, porque malho, estou feliz. Com esse corpo faço o que quero, uso a roupa que quero. Ouso... e ainda jogo na rede. Convido as pessoas a participarem das minhas escolhas. Vou além de... Não quero a admiração pela admiração, quero a popularidade. Tipo Celebs, Diva (risos) (Alisson Pedro).*

O fragmento da fala de Alisson Pedro revela traços dessa realidade. Quando ele afirma que *"Não quero a admiração pela admiração, quero a popularidade. Tipo Celebs, Diva",* percebemos a vaidade desse sujeito além da condição inerente ao ser humano, compreendida como qualidade do que é vão, vazio, firmado sobre aparência ilusória – modos de Ser das subjetividades atuais. Na condição de sujeitos ciberculturais, a vaidade é uma autovalorização que se atribui à própria aparência, ou quaisquer outras qualidades físicas e intelectuais, fundadas no desejo de que essas qualidades sejam reconhecidas ou admiradas pelos Outros. Nesse contexto, a vaidade é construída na medida em que o sujeito - num espelho "fiel" - vê, sente e cria personagens em torno de sua "real" figura, representada, fotografada, publicizada como única e extraordinária. No movimento do Facebook, a vaidade extrapola a condição física. É a vaidade do Apare(Ser).

> *Gosto de escolher temas para minhas fotos e claro, me interessa muito a repercussão disso. Tem que o ser o melhor de mim. Sou vaidosa, quem não é? Descobri a fotografia como uma linguagem poderosa para transmitir o que penso. Se ninguém curtir minhas*

> *“ideias fotográficas” é porque não é relevante. Dou logo um jeito de “pensar” outra coisa (Bia Cruvinel).*

A vaidade juvenil vai até onde há interlocução. Isso é percebido na fala de B.C quando ela afirma que *“Se ninguém curtir minhas “ideias fotográficas” é porque não é relevante. Dou logo um jeito de “pensar” outra coisa”.* Os perfis no Facebook são molas propulsoras de vitrines humanas: narrativas são desveladas para serem consumidas. Esse jovem contemporâneo, consumidor de imagens, possui um perfil no Facebook não somente para pertencer a um grupo, mas para se exibir, para trocar subjetividades, para se projetar, para consumir comunicação.

Esse consumo é performático (CANEVACCI, 2007). Os paradigmas são vencidos e o que era para ser uma crise de ordem do coletivo, passa ser um processo de troca e conexão que permite que a individualidade “se multiplica, se amplia, explode. Uma multiplicidade de *eus* no corpo subjetivo” (CANEVACCI, 2005, p. 9) das narrativas fotográficas, onde os sujeitos juvenis, constantemente, afirmam “[...] a performance multiplicadora de um corpo ampliado através de sua prótese híbrida comunicacional” (CANEVACCI, 2013, p. 12), fato que os levam a superar qualquer forma de dualismo no que tange a interação.

Nesse universo, esses sujeitos são reais: protagonistas, autores, narradores e produtores de sua própria história, num mesmo espaço de tempo. São sujeitos de ação: criam laços, experimentam papéis e são hibridentitários: (re)inventam-se, (re)definem-se numa exibição de múltiplos Eus, coabitando distintos corpos, lugares e situações (COUTO e ROCHA, 2010). Esses corpos são instrumentos de comunicação. O que pode ser percebido na fala de Lara Barreira quando ela descreve

> *Meu corpo assume várias Lara Barreira. Em casa, sou reservada, calada. Eu sou tão calada que sei das coisas q acontecem com o meu irmão pelo face. Na universidade sou a engraçada, a legal (estou sempre sorrindo), no trabalho, sou a responsável. E no Facebook sou a poderosa, a descolada, a popular.*

O corpo assume um espaço expressivo que projeta na rede os significados que Lara Barreira constrói a partir da sua experiência em casa, na universidade, no trabalho. É nessa perspectiva que os narcisos digitais narram em fotografias o que pensam e querem, bem como publicizam a manifestação dos desejos, sensações e emoções.

É o corpo subjetivo que grita. É o mapa pelo qual os jovens desenham a geografia da ideação de seu Eu. Nesse movimento, toda ação e toda relação que é construída coloca em jogo a corporeidade dos jovens atores.

Isso ocorre de modo que as significações estampadas em fotografias passam a existir sob o crivo do olhar dos atores envolvidos. Esse é um corpo que chega ao século XXI, conectando informações que transitam na rede, convergindo para um mesmo ponto: o corpo como território que abriga subjetividades transcodificadas em múltiplos discursos. No Facebook, o sujeito jovem "[...] atua em meio a contradições espetaculares: liberam o corpo de antigos aprisionamentos e criam, simultaneamente, outros limites inquietantes [...] (COUTO, 2012a, s/p).

Nesse espaço, há uma busca da representação do corpo ideal como instância simbólica envolvente, que insere todos os indivíduos de um grupo nas redes de significados, de práticas e de crenças. "Afinal, o corpo fora do ideal, para ele [jovem], é visto como "o corpo medonho, irregular, desviante" (COUTO, 2012a, s/p). A exibição do corpo no Facebook é a expressão das subjetividades do sujeito. É a expressão de seu Eu.

Figura 30 - Fotografias publicadas no perfil de Ana Paula Gualter (Aninha) e Michel Rodrigues no Facebook

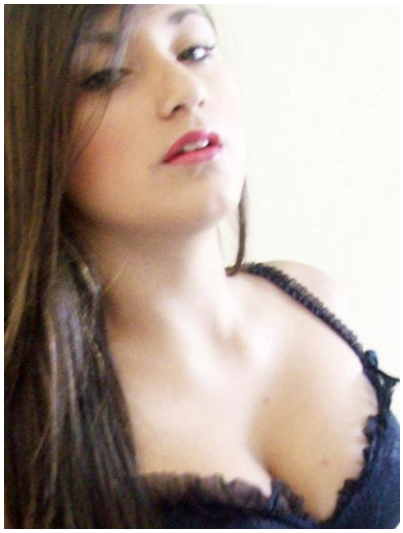


Foto 64

Foto 65

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 23 out 2013

A condição dos narcisos digitais narrarem em fotografias suas concepções de Eus significa que novas subjetividades emergem desse “lago” que é o Facebook, mais fluidas, dinâmicas, plurais. Isso muda o modo como os jovens se apresentam, se promovem, consomem. Na cibercultura, o consumo contemporâneo extrapola os ambientes dos *shopping centers* e galerias, tudo se transforma em vitrine. Desse modo, convém afirmar que nas redes sociais o corpo dos jovens, numa perspectiva performática, passa a ser uma vitrine em movimento. Esses espaços promovem a criatividade no exercício de subjetivar e espetacularizar a individualidade, de modo que as trocas entre os atores culminam numa relação em que há uma fetichização – as subjetivações do Eu (produto) em fotografias.

Nesse contexto, *fetiche* – atração, fixação incontrolável que culmina em um prazer intenso - é o que há entre o *Eu* real e o *Eu* idealizado por cada um dos jovens e na relação de troca que eles promulgam no Facebook. O fetichismo (CANEVACCI, 2008) transita nesse espaço por possibilitar o prazer ao sujeito que mostra, num jogo de representações, o que ele pensa Ser.

Figura 31 - Fotografias publicadas nos perfis de Lari Vivan, Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Foto 66

Foto 67

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 17 ago 2013

Se colocar como um Eu desligado, entregue ao tempo e ao destino (foto 66), um Eu divertido (foto 67), um Eu que experimenta (Foto 66) e um Eu deslocado, livre e seguro. Aqui não está em jogo se é verdadeiro ou não esse Eu que está publicizado, mas está em jogo a representação de um Eu idealizado que passa a existir e que se transforma em um produto imagético.

Figura 32 - Fotografias publicadas nos perfis de Andressa Lunna e Alisson Pedro no Facebook

Foto 68

Foto 69

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 17 ago 2013

Essa configuração se dá quando os narcisos digitais permitem que o corpo experiencie, num plano da percepção, novas concepções de Ser. Os Eus idealizados em representações fotográficas e expostos no Facebook são como produtos que estão à “venda”, o que significa ir além do plano iconográfico. Aqui é levada em conta a pluralidade discursiva nas narrativas fotográficas publicizadas na rede. Nesse contexto, a fotografia, para os sujeitos jovens, converte

> [...] o mundo numa loja de departamentos ou num museu sem paredes em que todo tema é degradado na forma de um artigo de consumo e promovido a um objeto de apreciação estética. Por meio da câmera, as pessoas se tornam clientes ou turistas da realidade [...] pois a realidade é entendida como plural, fascinante e à disposição de quem vier pegar. Ao trazer o exótico para perto, ao tornar exóticos o familiar e o doméstico, as fotos tornam disponível o mundo inteiro como um objeto de apreciação (SONTAG, 2004, p. 126).

Nesse universo das aparências, as tecnologias digitais que permitem aos jovens narcisos a produção autoral dão a eles possibilidades de construírem um conjunto de produtos diferenciados de seus próprios Eus. Com isso, é necessário levar em conta os produtos individuais que cada Eu se transformou. No plano da comunicação visual, esses produtos imagéticos são exóticos e prontos para serem vistos, adquiridos, consumidos. Nesse contexto fetichista, toda visualidade é uma mercadoria que pode ser adquirida ou pelo ato em si, ou pelo desejo, pois "[...] 'Ler' um texto visual – uma mercadoria ou um filme – é também uma tentativa de dissolver seus fetiches" (CANEVACCI, 2001 p. 14).

É nessa perspectiva que o fetiche transforma o sentido das imagens em "seres" e o contrário também, ou seja, transforma os seres em "imagens". É o exibicionismo na tela. A performance imagética dos narcisos digitais, nessa dualidade, ganham *status* plural de significação, no momento em que o sujeito consome uma imagem, não como mero registro, mas parte de um Ser. O jovem – em sua produção – já agrega os discursos fotográficos às suas subjetividades, de modo que cada narrativa exibida vai se (re)significando. Esse autor/ator/narrador deixa de Ser singular e passa a Ser plural em sua condição de Ser e existir.

Nessa proposta fetichista, as fotografias são mensagens que convidam o espectador a olhar diferente, numa experiência que busca transversalidade e dinamicidade diante de narrativas insinuantes em um processo de "compra" e "venda"[10] de Eus subjetivados que expõem na vitrine - perfis no Facebook - corpos construídos que vêm a ser consumidos pelo espectador *voyeur* que olha, atentamente, pelo buraco da fechadura. Nessa troca de olhares, o espectador se sente instigado a "comprar" a imagem do Outro que está a "venda", a espera de ser consumido. Cabe a ele, em

[10]A imagem de si é o produto que está à venda no Facebook. Não há um preço estabelecido e a moeda de troca se dá nas relações tecidas na rede. A função básica desse é despertar as necessidades e desejos daqueles que estão na condição de consumidor.

sua experiência *voyeur*, aceitar ou não. Há um jogo de perversão do olhar ao estabelecer uma dialogicidade entre os interlocutores. Esse movimento promove desdobramentos e (re)configurações subjetivas desses jovens, seduzidos e absortos pela força da imagem, que consomem e se deixam consumir.

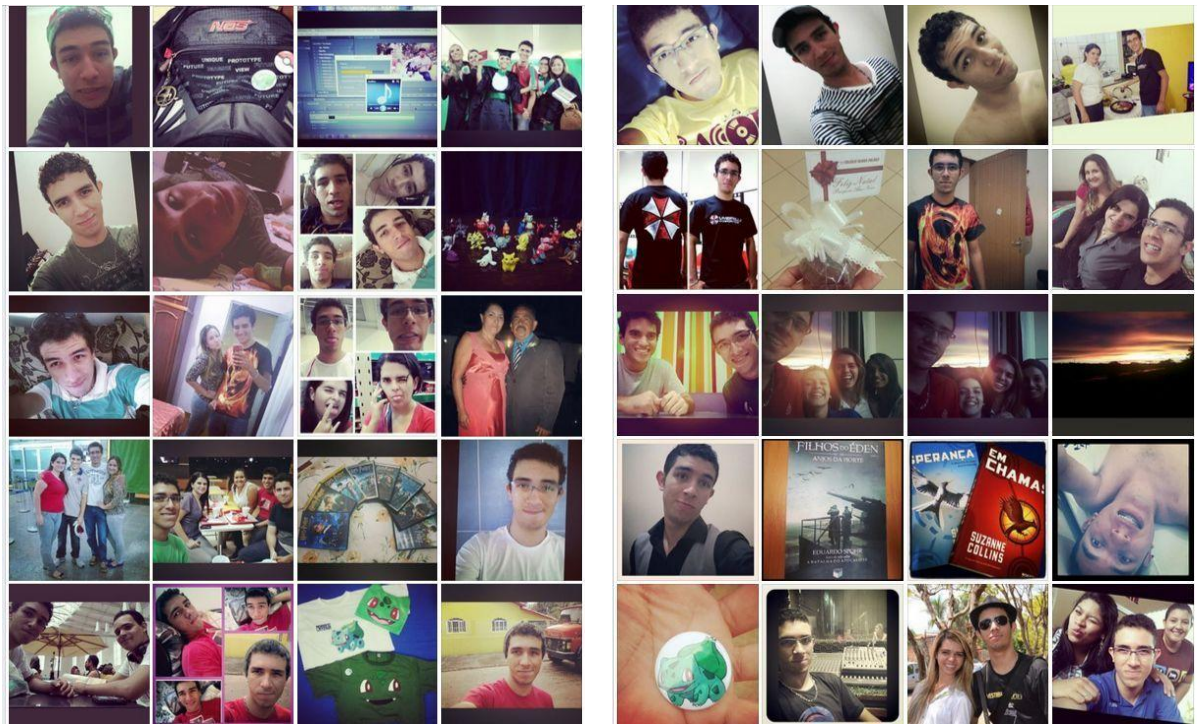
Canalizando as paixões para o Eu, os sujeitos juvenis se promovem a centro do mundo, num exercício contemporâneo de Narciso, hoje identificado como *homo psycologicus.* Neste contexto, "[...] o narcisismo é uma resposta ao desafio do inconsciente: intimado a se reconhecer, o Eu se precipita num trabalho interminável de libertação, observação e interpretação" (LIPOVETSKY, 2005, p.36). Esses narcisos juvenis, obcecados por Si mesmos, trabalham insistentemente pela libertação do Eu. Os jovens pesquisados investem no Eu e quanto mais se fazem dele objeto de atenção e de interpretação, mais aumentam as incertezas no que tange as imagens de si que querem promover.

O Eu, imerso nessa fonte de desejos – Facebook - se perde numa profusão de reflexos, inebriado com perguntas sem respostas. Esses narcisos digitais se encontram imobilizados diante de suas imagens fixadas pela fotografia. Confusos, protagonizam uma busca interminável de Si mesmo e, num processo de desestabilização ou flutuação, se colocam em órbita.

> A paixão narcisística não procede da alienação de uma unidade perdida, não compensa uma falta de personalidade, mas, sim, gera um novo tipo de personalidade, uma nova consciência, feita de indeterminação e flutuação (LIPOVETSKY, 2005, p. 40).

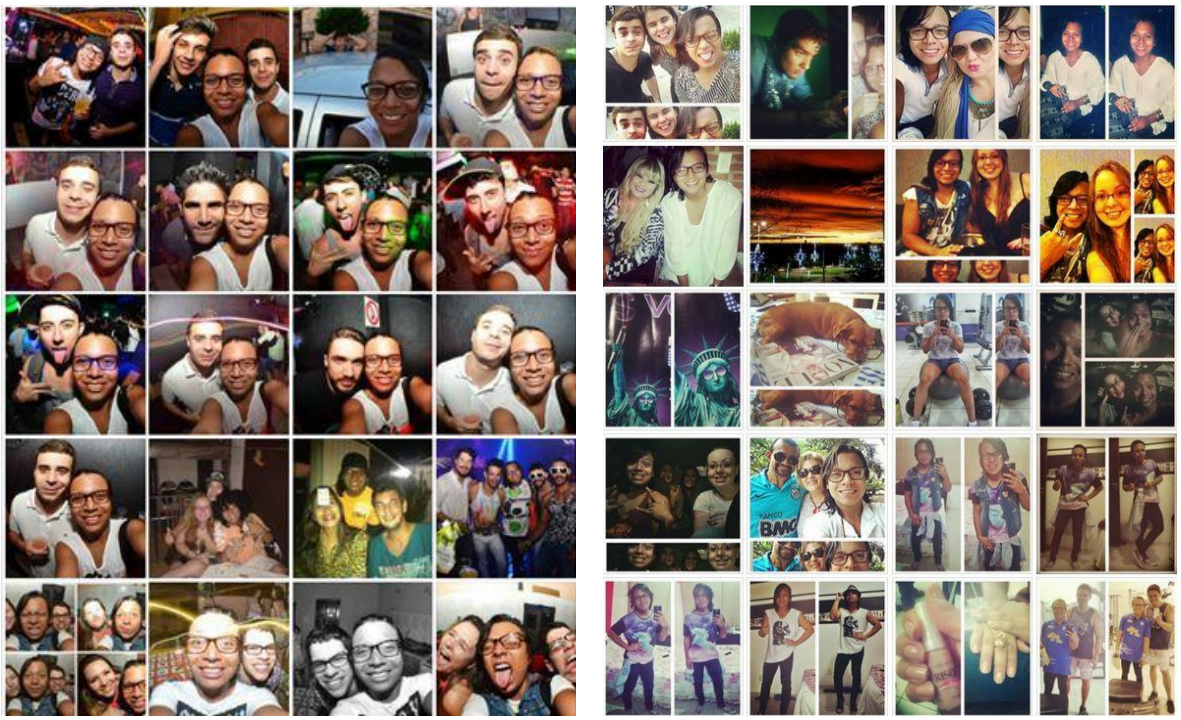
Assim, o Eu se torna um espaço flutuante, sem fixação ou referência. Aqui o Eu é um Outro. O narcisismo não designa apenas a paixão do conhecimento de Si mesmo, mas também a paixão da revelação íntima do Eu. O que pensam, o que fazem, o que querem são desejos explícitos que podem ser conferidos na avalanche de fotografias publicadas nos perfis dos narcisos digitais no Facebook.

Figura 33 - Fotografias publicadas no perfil de Adriano Marinho Ribeiro no Facebook



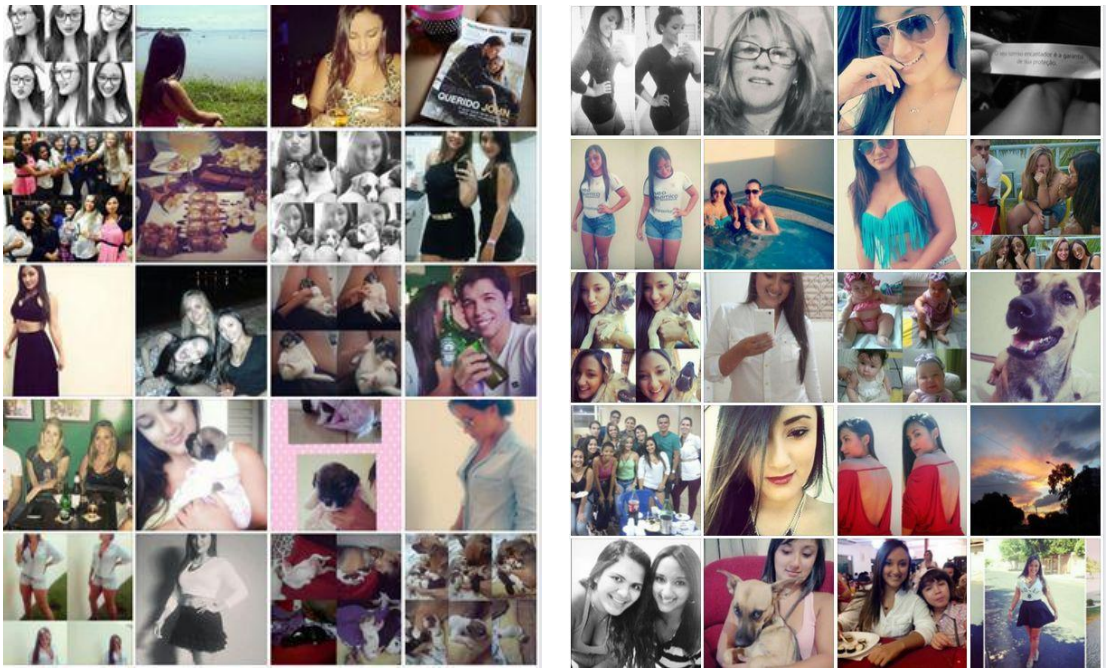
Fonte: https://www.facebook.com/adriano.marinhoribeiro.3/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 34 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 35 - Fotografias publicadas no perfil de Ana Paula Gualter (Aninha) no Facebook

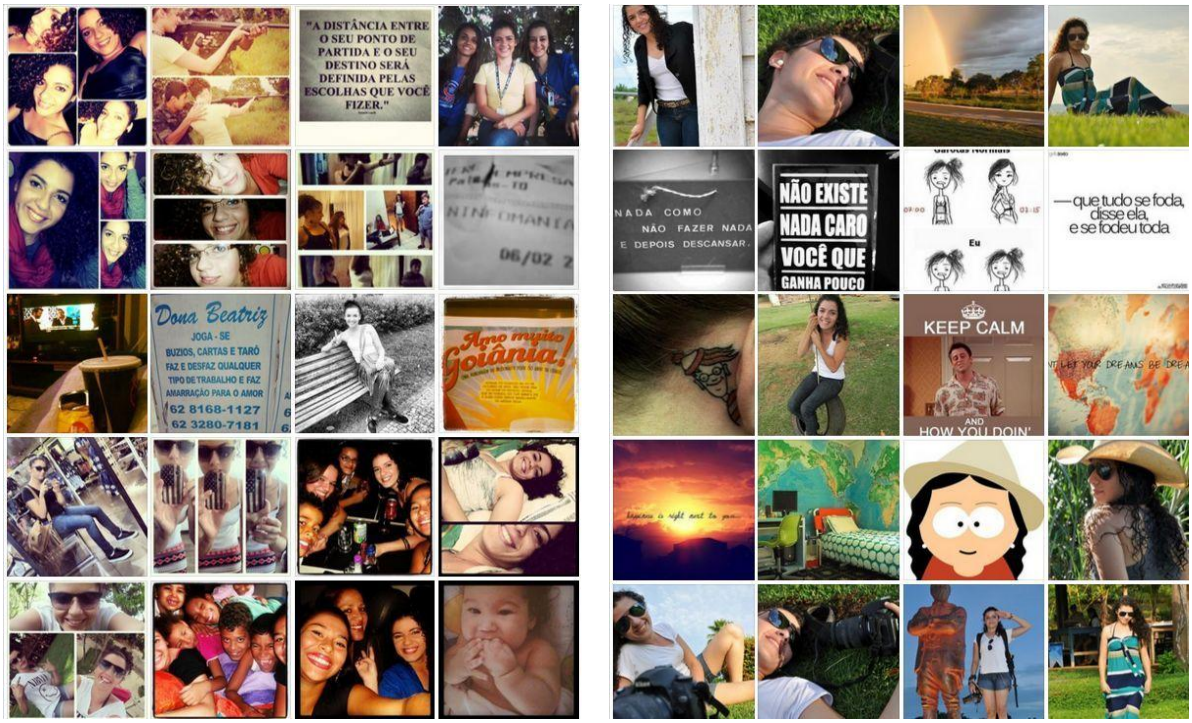


Fonte: https://www.facebook.com/anapaula.gualter.1/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 36 - Fotografias publicadas no perfil de Andressa Lunna no Facebook

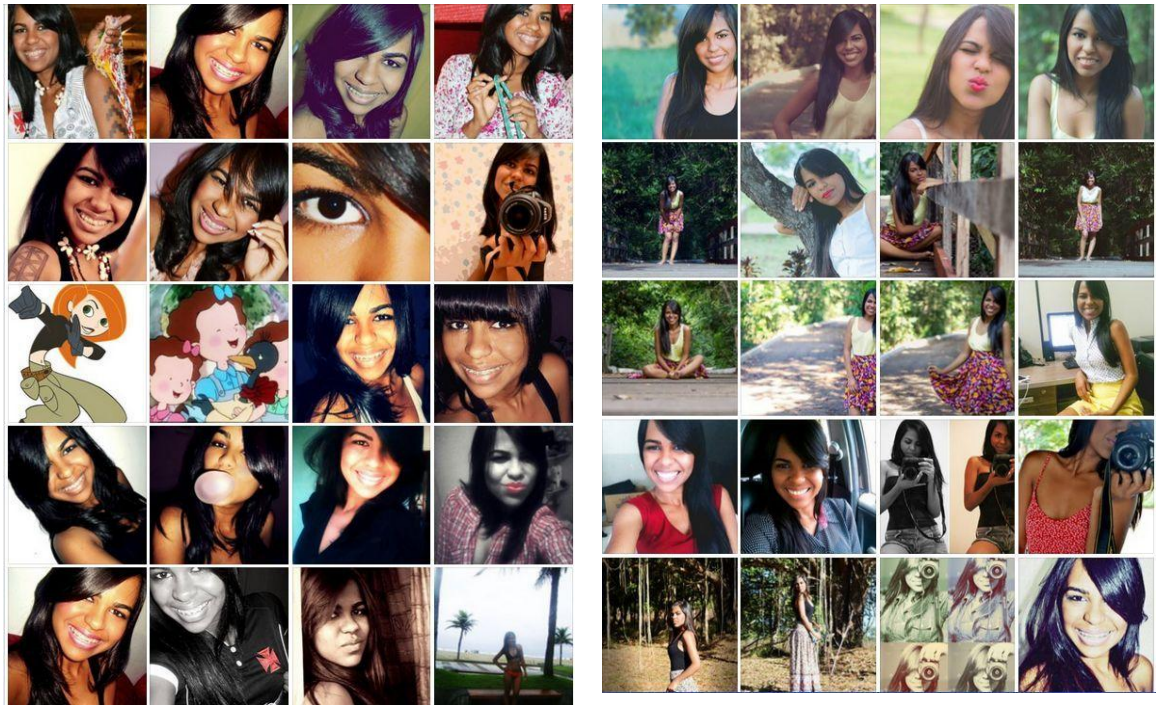
Fonte: https://www.facebook.com/andressa.lunna/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 37 - Fotografias publicadas no perfil de Bia Cruvinel no Facebook



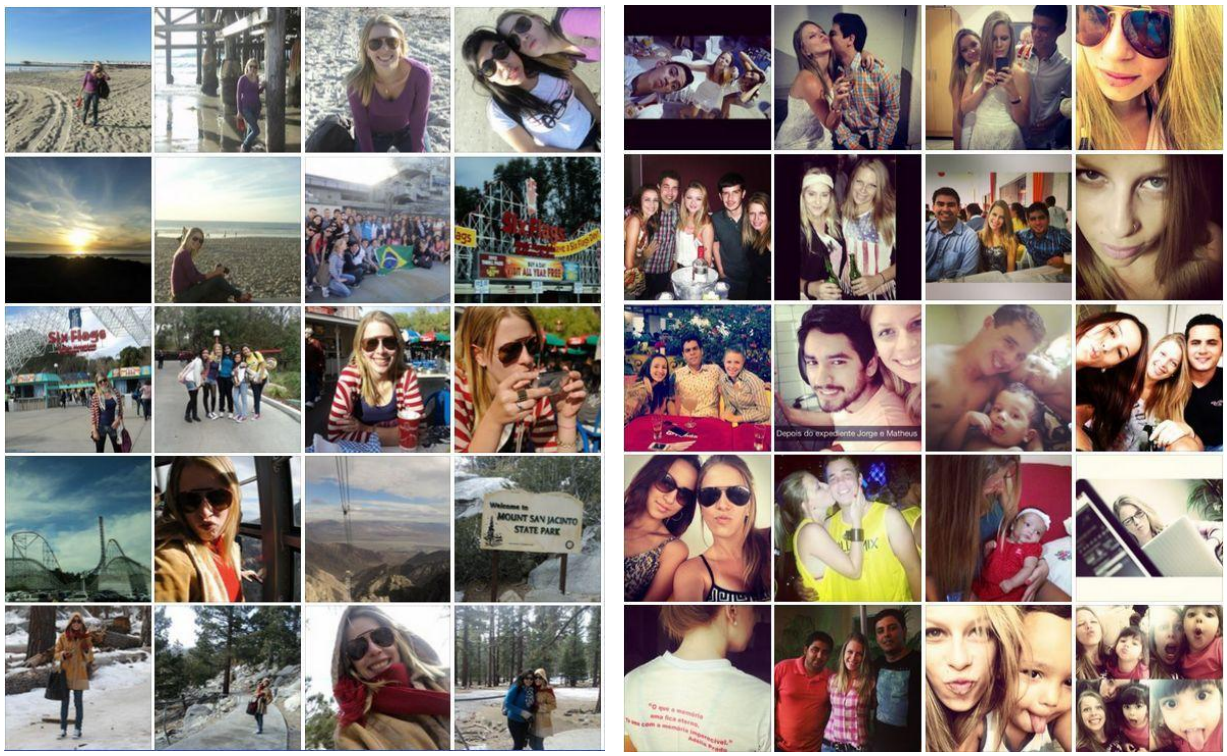
Fonte: https://www.facebook.com/biacruvinel/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 38 - Fotografias publicadas no perfil de Even Ferreira no Facebook



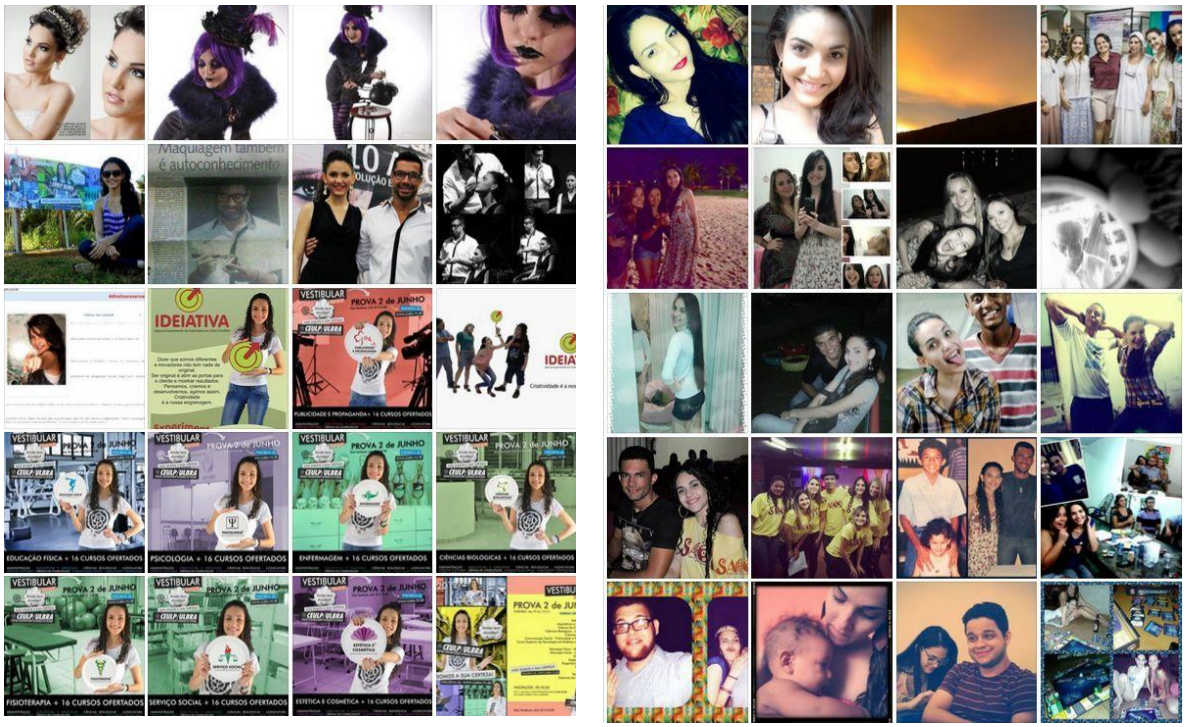
Fonte: https://www.facebook.com/evenmirianf/photos?ref=ts Acesso em 11 dez 2013

Figura 39 - Fotografias publicadas no perfil de Isa Fernanda Labre no Facebook



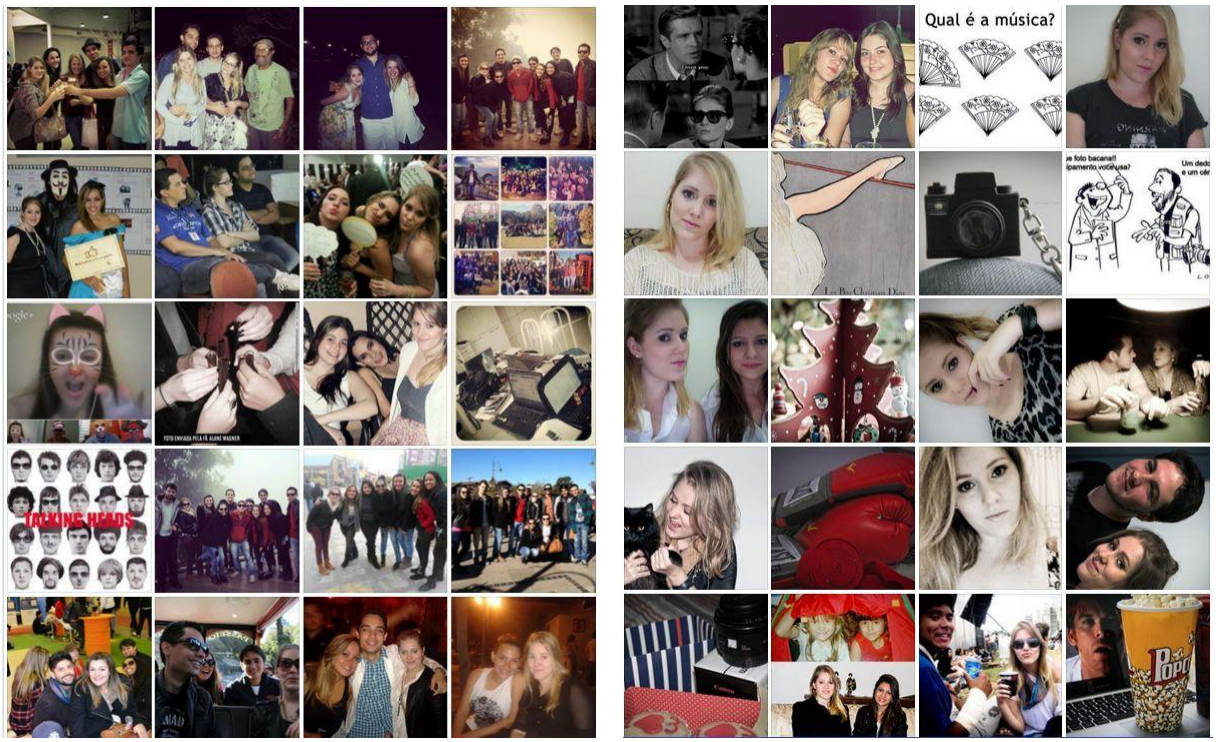
Fonte: https://www.facebook.com/isafernanda.labre/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 40 - Fotografias publicadas no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook



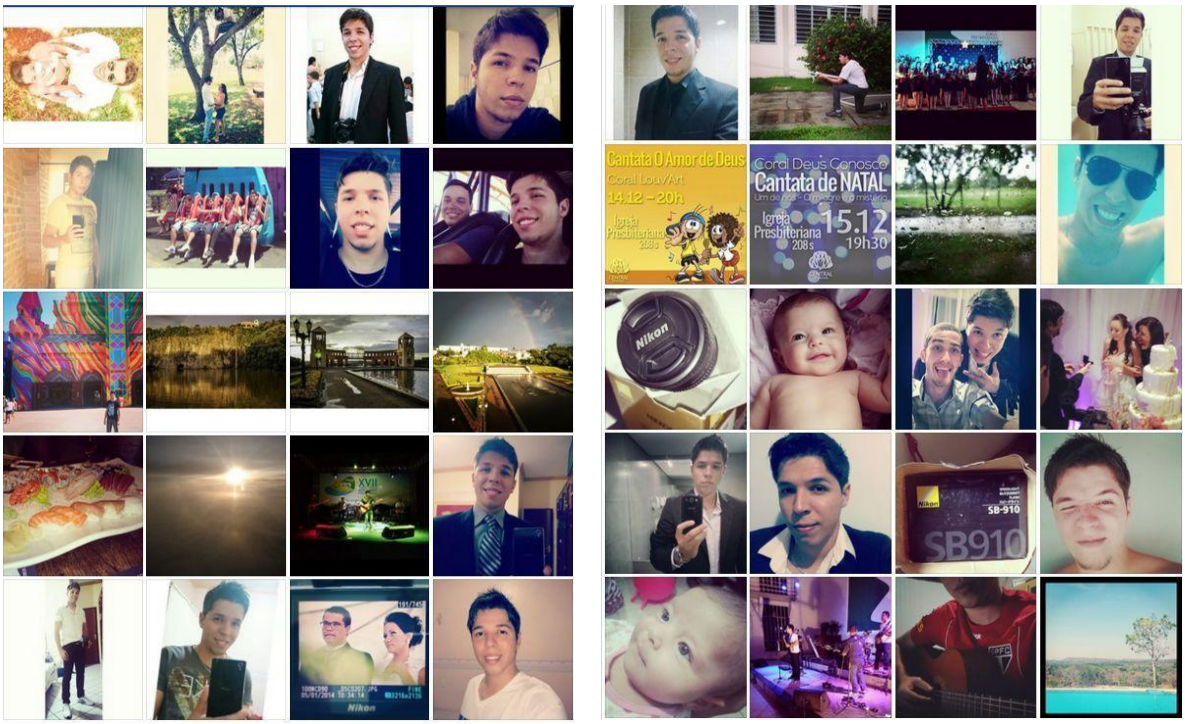
Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 41 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook



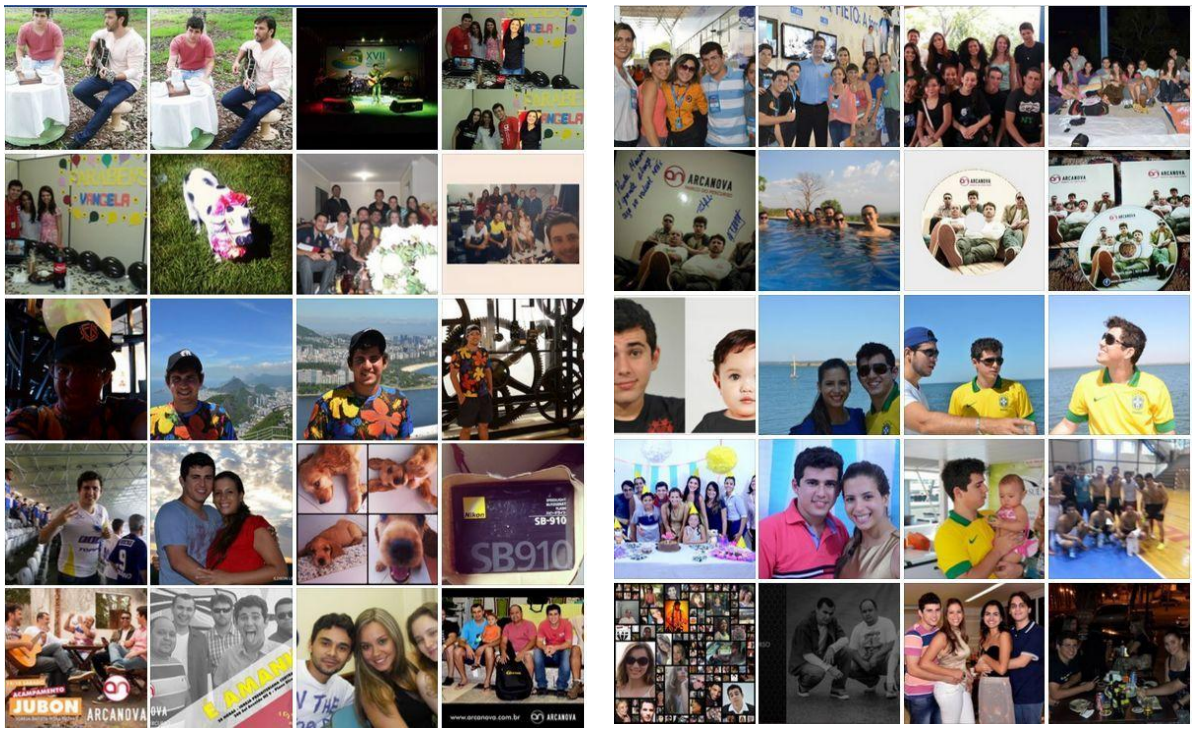
Fonte: https://www.facebook.com/larisvivan/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 42 - Fotografias publicadas no perfil de Michel Rodrigues no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/michel.msr/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 43 - Fotografias publicadas no perfil de Paulo André Borges no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/paulo.a.borges.7/photos Acesso em 11 dez 2013

Figura 44 - Fotografias publicadas no perfil de Ricardo Patresio Pessoa no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/ricardopatresio.pessoa/photos Acesso em 11 dez 2013

O Facebook é a fonte de realização de desejos para os sujeitos pesquisados. A fotografia projetada na tela é o espelho que reflete suas imagens com todos os seus ideais e modos de Ser. O que os tornam narcisos, em seu contexto cibercultural, é que o tempo todo eles, apaixonados por Si mesmos, estão capturando seus reflexos nas câmeras fotográficas.

> *Costumo me produzir (penso na roupa, na maquiagem, nos acessórios), pois sei que vou ser fotografada. Faço questão de fazer meus registros. Me faz bem conferir no espelho a melhor cara, a melhor posição e depois postar no Face (Lari Vivan).*

Figura 45 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook

Foto 70

Foto 71

Foto 72

Fonte: https://www.facebook.com/larisvivan/photos Acesso em 29 jul 2013

Lari Vivan posa para si mesma. Como produtora que conduz a cena, ela decide a personagem que vai interpretar. Cuida de cada detalhe, decide a roupa, o acessório, a maquiagem, o cenário. Como fotógrafa, escolhe o tipo de aparelho fotográfico, define a objetiva, escolhe o ângulo de visão, mede a luz, determina a pose. É chegado o momento da captura. Há um jogo de Eus, nesse processo, que a transforma em produto de si mesma. Como atriz, encara a câmera, é a vez de um olhar doce (Foto 70), despretensioso (Foto 71), ousado (Foto 72). E são esses olhares que definem a intencionalidade e a finalidade da imagem que Lari Vivan quer passar. Não é mais a produtora e nem a fotógrafa em ação, é a atriz. Essa que num simples inclinar de cabeça exercita Ser outra pessoa. Ela possui o poder de expressão e define os rumos do espetáculo.

O espetáculo produzido no Facebook é uma relação social entre os jovens e seus pares, numa mediação imagética (DEBORD, 1997). É também uma cosmovisão; o modelo atual da vida na era da informação: “[...] Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (p. 13). Nesse processo de produção de subjetividades, na fotografia não há a neutralidade ou inocência, pois a mesma é um recorte de uma realidade construída que ganha vida na tela. É um ponto de vista escolhido, uma intenção. De posse das fotos, é o momento de escolha. Aqui entra em ação o que a narradora. Lari Vivan irá contar: a seu modo, em imagens, um trecho de sua história. Escolhe as fotos que farão parte dessa narrativa, decide o formato, os cortes, os contrastes, a ordem de apresentação, o texto que vai acompanhar.

O espectador, envolvido nessa trama de significação, se deixa levar pelos elementos que compõem as imagens fotográficas: a cor suave (Foto 70) ou a cor escura da roupa (Fotos 71 e 72), a maquiagem que ora evidencia a boca (Foto 71), ora os olhos (Foto 70), seja pela boca entreaberta (Foto 72), o sorriso levemente malicioso (Foto 71), a tatuagem – câmera fotográfica - no pulso, o movimento e articulação dos ombros (Foto 70) remete a ingenuidade – pelo olhar meigo, tom de roupa, maquiagem leve – mas, também ousadia. Todos estes pontos elencados dão sentido às narrativas fotográficas de modo que convergem, intencionalmente, para a imagem de uma Lari Vivan envolvente, sedutora, em uma atitude que provoca um

fetiche em quem observa e contempla suas fotografias. Essas imagens abrigam um jogo malicioso de desejo e dominação entre Lari Vivan e o observador.

Esses narcisos digitais e seus Eus refratados representam o jogo de espelhos no universo da representação. A imagem observada na fonte por Narciso é seu próprio reflexo. Na fotografia, vai além, o que se reflete será sempre a imagem do Eu fotografado. É refratado o ideal desse Eu representado em narrativas. Há ainda nesse jogo, o Outro que observa, que contempla: o espectador, o interlocutor. Essa profusão de reflexos dá a dimensão do que o Outro é para o jovem e vice-versa. O jovem é o que o Outro vê. São narcisos que acreditam ver um Outro, mesmo sendo sempre a imagem de Si mesmo.

> *Eu me jogo na fotografia... mergulho fundo. É um ver e me ver... e me ver de novo no espelho, as vezes estranho, as vezes encanto com a imagem que vejo... posso ser Outros. Mas é meu momento, meu encontro comigo e com meus Outros (risos). Aaaaaaamo estar comigo! Amoooooo Ser Eu!! (risos) (Alisson Pedro).*

Figura 46 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook

Foto 73

Foto 74

Foto 75

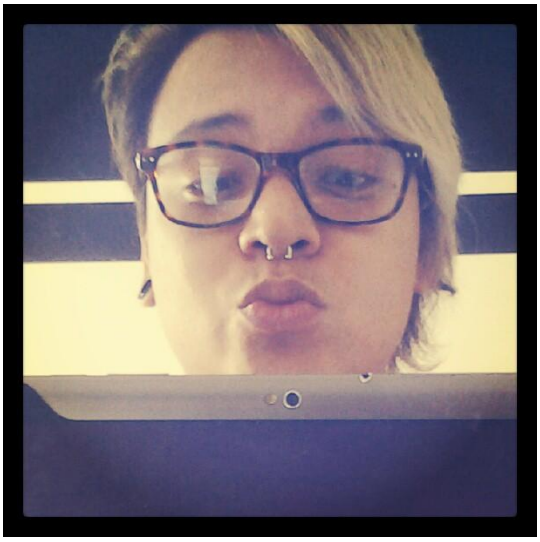


Foto 76

Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos Acesso em 11 ago 2013

A experiência de si como um Eu se deve à condição de narrador sujeito. Alisson Pedro organiza sua experiência na primeira pessoa do singular. A sua subjetividade se constitui nos discursos: "*É um ver e me ver... e me ver de novo no espelho"* são mais que palavras, elas representam a experiência de Alisson Pedro se tornar imagem para, com elas, criar universos de significações em que ele dá sentido à sua experiência. É possível perceber Alisson Pedro "perdido" quando ele afirma "*as vezes estranho, as vezes encanto com a imagem que vejo...".* Mas, estar perdido consiste num gozo que é exaltado quando ele coloca que "*é meu momento, meu encontro comigo e com meus Outros (risos). Aaaaaaamo estar comigo! Amoooooo Ser Eu!!"*.

A linguagem utilizada por Alisson Pedro, seja com as palavras citadas ou as caras e bocas (Fotos 73, 74, 75 e 76), dá consistência aos relevos próprios de sua singularidade, o que resulta em narrativas de Si mesmo que autodenomina quem Alisson Pedro é ou parece Ser naquele momento. Usar das linguagens é tomar atitude. Alisson Pedro assume, assim, nessa teia de representações a condição de autor/ator/narrador. Nessa trama, que é da ordem da ilusão, da (re)significação do real, Alisson Pedro é um desses narcisos que, imersos nesse universo dão pistas de comportamentos vertiginosos que se deixam, pela metáfora do olhar, aprisionar o próprio reflexo no espelho.

> [...] o narcisista entende que o mundo é um espelho, onde ele busca reafirmação constante. O homem narcísico não busca impor seus pontos de vista aos outros, mas procura incansavelmente um sentido para sua vida (PRIMO, 2009, p. 2).

Extasiados, movidos por uma paixão pela sua própria imagem, os jovens, munidos de "aparelhos" – máquinas de linguagem (FLUSSER, 2002) – como a câmera fotográfica, aparelhos de celulares, *iPhone, iPad, iPod, Blackberry* (Fotos 74 e 76), mergulham num campo de sensações em que o importante é apare(Ser), se exibir. Em meio aos vertiginosos processos de exibicionismo e troca de subjetividades, temos uma sociedade midiatizada marcada pela velocidade cibercultural, "fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, percebe-se um deslocamento daquela subjetividade "interiorizada" em direção a novas formas de autoconstrução" (SIBILIA, 2008, p. 23).

Na tentativa de compreender esses fenômenos, ensaístas aludem aos tempos fluidos e líquidos (BAUMAN, 2008), ao consumismo performático (CANEVACCI, 2007), à apropriação do mundo por meio de imagens-sensações (TÜRCKE, 2010), à cultura do nosso tempo, onde emerge um Eu mais epidérmico (KERCKHOVE, 2009) e flexível, que se exibe na superfície da pele e das telas (SIBILIA, 2008). O tempo todo os sujeitos pesquisados precisam de uma plateia que admirem, que validem sua autoestima. Eles (re)apresentam distintos Eus e usam de máscaras que constitui, a partir do Outro, o seu próprio Eu. No olhar deles são refletidos a imagem de Si mesmo, que após capturada e projetada no Facebook será refletida nos olhos do espectador. Somos seres olhados no espetáculo do mundo, podemos crer ainda, e por último, que o espectador entra no jogo do espelhamento, onde o espetáculo do mundo aparece (MERLEAU-PONTY, 2003).

Neste sentido, o espectador é refletido no "grande olho do mundo" e este, por sua vez, no espectador. Neste jogo de espelhamentos, da relação com o duplo e o espelho enquanto símbolo, o reflexo que se tem do espelho aparece como ilusão. Narciso imagina Ser um Outro o próprio reflexo que vê de si. Isso acontece, pois é próprio da condição narcisista o não-reconhecimento das fronteiras entre o Eu e os Outros. Essa duplicidade promovida pelo espelho – a fotografia e a tela do Facebook - revela-se como símbolo de confrontos com os diversos Eus: máscaras são constituídas, corpos são (trans)figurados, representados em imagens, personagens

são promovidos. Tudo isso possibilita a pluralidade icônica do quem são esses autores/atores/narradores.

A representação social desses corpos sofreu uma “mutação cuja profundidade pode ser posta em paralelo com o abalo democrático da representação do outro” (LIPOVETSKY, 2005, p. 42). O narcisismo resulta do advento desse novo imaginário social de corpo. Esse, customizado e conferido obsessivamente pelo registro fotográfico.

> *Hoje mudei a quantidade de fotos postadas (publicava sem parar). Sou mais criteriosa quanto ao que acredito ser bacana. Escolho as que estou mais bonita, mais interessante. Me produzo mais...experimento vários ângulos. Mas, uma coisa não mudou: eu amo me fotografar. Eu sou o tema! (Lara Barreira).*

Figura 47 - Fotografias publicadas no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

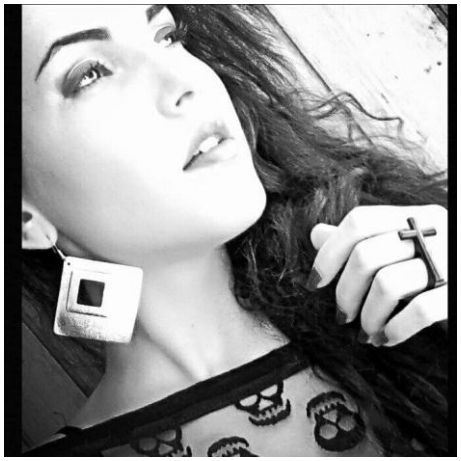


Foto 77

Foto 78

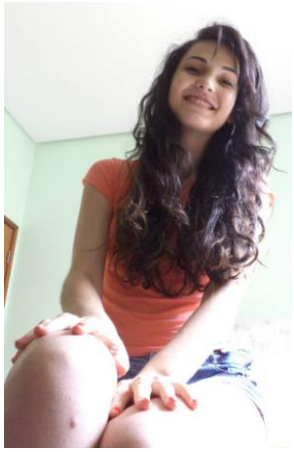


Foto 79

Foto 80

Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos?ref=ts Acesso em 26 out 2013

A fala de Lara Barreira demonstra o narcisismo praticado por ela - e também por Outros sujeitos juvenis - pela atenção cuidadosa que dá ao modo como quer expor seu corpo, por seu cuidado permanente para que haja um discurso do Outro, em relação a si, mais próximo daquilo que ela quer ser percebida. O corpo de Lara Barreira é um corpo que clama por visibilidade, não consegue ficar estático, se movimenta e ganha espaço na tela. É um corpo vivo, sintomático que experimenta, sente, (re)age. O tempo todo, ele está nas fronteiras do Eu e é suporte para uma alegoria que vai sendo delineada a espera de um grande evento para brilhar no palco.

Os jovens narcisos, ávidos em tornar visíveis as suas subjetividades, narram em fotografias e corporificam suas subjetividades plurais. Nesse grande acontecimento, que tem como palco o Facebook, além de espectadores, eles são atores e produtores do processo. Nesse contexto, o corpo é uma obra viva em construção. A imagem desse corpo é que dá o sentido de pluralidades para esses sujeitos. Porém, somente o registro fotográfico não é suficiente, é necessário o olhar do Outro para que tenha sentido a sua própria condição de existir.

Figura 48 - Fotografias publicadas no perfis de Michel Rodrigues, Even Ferreira, Ricardo Patresio Pessoa e Isa Fernanda Labre no Facebook

Foto 81

Foto 82

Foto 83

Foto 84

Fonte: https://www.facebook.com/ Acesso em 31 out 2013

É da ordem do sentir a paixão e o fascínio pelo ato de ver, tanto Narciso como o jovem frente ao espelho caem na armadilha da representação: seduzidos com a imagem de si, nossos narcisos digitais se admiram, se apaixonam, se produzem, se fotografam, se (auto)representam.

Nessas tessituras, percebemos que as representações subjetivas estão centradas na ideia de que o ser só passa a existir a partir da relação com o Outro, relação esta de sedução, de contemplação, de poder.

Os narcisos digitais atuam, produzem, exibem seus múltiplos Eus e numa perspectiva simbólica mergulham nesse lago e, mais corajosos que Narciso, se moldam, se mostram e se promovem numa embalagem moderna de si. O produto é a subjetividade e a singularidade de cada um. Subjetividade essa que deságua numa socialidade, tanto no sentido clássico de pensar quanto nas trocas sociais em tempos de linguagens líquidas, de Eus fragmentados, de corpos híbridos e mentes diáfanas (SILVA, 2007). Há um capital simbólico envolvido nessas trocas que não se despreza. O que era um simples desejo de reter o próprio reflexo passa a ser a materialização de Outros Eus: a fotografia atesta o quanto eles podem ser interessantes, belos, ativos.

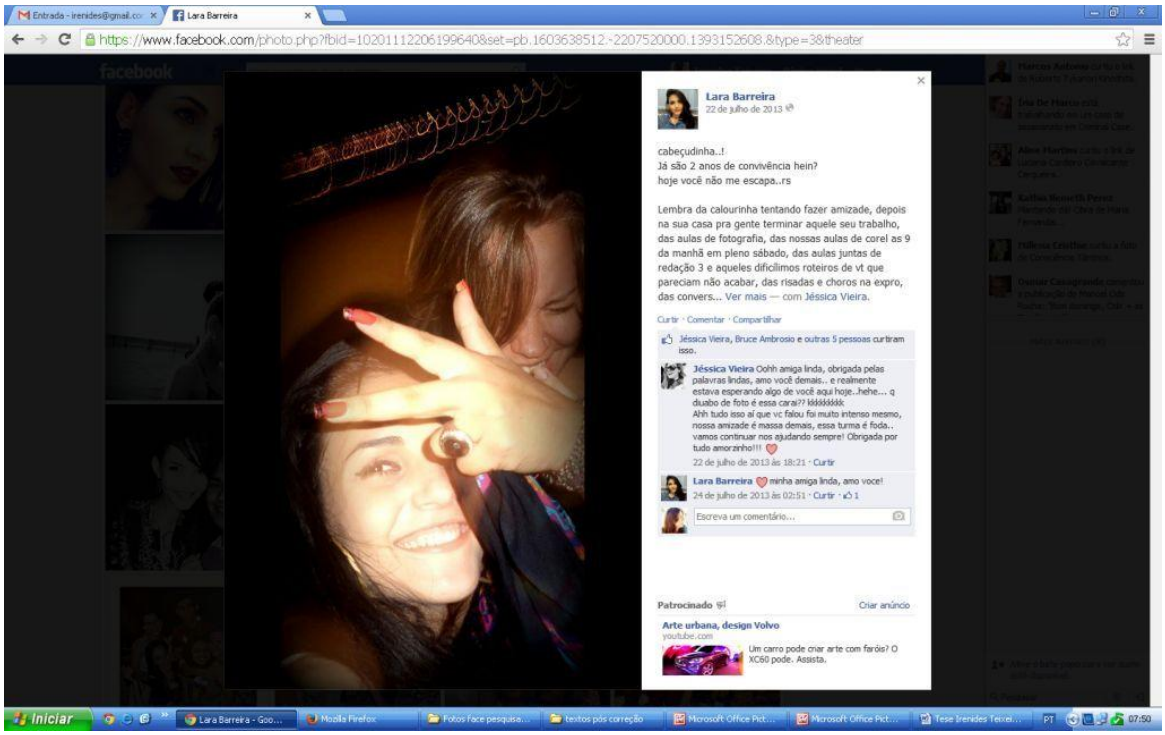
A imagem de si nesse lago profundo que é o Facebook é hipervalorizada. O fascínio é emanado pelas fotografias que são publicadas. Para esses sujeitos narcisistas, o perfil nas redes sociais é convertido em uma vitrine. O Facebook é um espaço de (auto)promoção, de troca, de práticas que aparecem no curtir, nos discursos tecidos nos comentários que podem vir, num processo afetivo individual e/ou coletivo. Um ambiente de alta visibilidade midiática.

4.2 As dimensões dos afetos individuais e coletivos nas performances do apare(Ser) no Facebook

O Facebook é o espaço de visibilidade em que os sujeitos jovens desvelam as suas experiências na condição de autor/ator/narrador. É a espetacularização do Eu. É o desfile performático da vaidade em nome de “Ser” um objeto desejado. Os sujeitos pesquisados se produzem, se promovem, se consomem. “Nada de objeto desejável em si, nada de atrativo das coisas por si mesmas, mas sempre exigências de prestígio e de reconhecimento, de *status* e de integração social” (LIPOVETSKY, 2005, p. 38).

Para garantir prestígio e reconhecimento, esses sujeitos interagem com seus pares imersos na rede, num exercício de afetividade, Nesse contexto, vivenciam e experienciam Ser, numa dimensão autoral complexa e essencialmente humana. Ao postar suas fotos e receber curtidas e comentários, os jovens exercitam a experiência da afetividade, numa demonstração de sentimentos e emoções que não cabem mais em manifestações privadas. A afetividade na rede precisa e exige aplausos de uma grande audiência. Isso explica a produção cuidadosa de um Eu idealizado, construído para que possa ser tomado como deseja ser visto, ser percebido - consciências afetivas que “envolve um tipo de reflexão que se faz possível por meio da afetividade, e uma afetividade que se faz possível por meio de determinado tipo de reflexão” (MAHEIRIE, 2003, p. 1).

Figura 49 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201112206199640&set=a.3797989480616.2148646.1603638512&type=3&theater Acesso em 24 jul 2013

> ***Status:*** *Cabeçudinha..! Já são 2 anos de convivência hein? Hoje você não me escapa..rs. Lembra da calourinha tentando fazer amizade, depois na sua casa pra gente terminar aquele seu trabalho, das aulas de fotografia, das nossas aulas de corel as 9 da manhã em pleno sábado, das aulas juntas de redação 3 e aqueles dificílimos roteiros de vt que pareciam não acabar, das risadas e choros na expro, das conversas na agência, dos nossos lamentos, das raivas.. e esse ano foi mais intenso né? Aquela ajuda de todo mundo, aquilo de a união faz a força, e não é que faz mesmo, as horas de estudo aqui em casa, as madrugadas a dentro pra fazer trabalho e tudo mais. Mas é aquilo, a gente não tem preguiça de ajudar amigo, de estar com amigo e de gostar de amigo. Te amo cabeçudinha minha, ou simplesmente minha Jessiquinha! Feliz Aniversário com muitos doces, muitos presentes, muita saúde, muito amor, muita farra e mais homens lindos e inteligentes, publicitárias merecem. Bjs* (Texto de L.B que acompanha a foto publicada em sua linha do tempo).

O relato de Lara Barreira demonstra a dimensão dos afetos em práticas discursivas na rede. A fotografia que representa esse momento denota descontração, alegria e cumplicidade entre Lara Barreira e a amiga. É o poderio da fotografia que vai além

de informar. Ela cumpre aqui o papel de emocionar, de despertar olhares, de revelar sentimentos, de construir imaginários coletivos. Mas a linguagem fotográfica não dá conta das emoções que Lara Barreira quer evidenciar. Assim, ela faz uso do discurso verbal e num tom exibicionista publiciza sua intimidade.O Facebook é o cenário no qual Lara Barreira produz o espetáculo daquilo que ela é ou daquilo que ela deseja Ser e pare(Ser). Nesse show, qualquer pequeno espetáculo intimista precisa ser visível. Se assim não for, corre o risco de não existir (SIBILIA, 2008).

A amiga para quem o discurso foi direcionado responde a essa manifestação: "*Oohh amiga linda, obrigada pelas palavras lindas, amo você demais.. e realmente estava esperando algo de você aqui hoje..hehe... q diabo de foto é essa carai?? Kkkkkkkkk Ahh tudo isso aí que vc falou foi muito intenso mesmo, nossa amizade é massa demais, essa turma é foda.. vamos continuar nos ajudando sempre! Obrigada por tudo amorzinho!!!".* Nessa teia discursiva, a percepção criativa dos atores é aguçada. A narrativa, tanto imagética quanto verbal, convida não só a interlocutora principal a se manifestar como também a todos os atores que compõem a rede de Lara Barreira.

Os discursos postos não são apenas manifestações de carinho, são antes de tudo uma estratégia de visibilidade do Eu de Lara Barreira, numa tentativa de assumir o protagonismo da cena. Esse desejo é concretizado em sua *persona* em primeiro plano na fotografia postada. Na condição de autor/ator/narrador Lara Barreira cria estratégias de construção e simulação de uma realidade. Ela traz à tona sentimentos invisíveis que dizem respeito somente a ela, quando se expõe em palavras: "*Te amo cabeçudinha minha, ou simplesmente minha Jessiquinha!".*

Nesses atos, a audiência de seu perfil passa a ter conhecimento do que ela pensa e sente, ainda que esses sentimentos sejam postos de forma elaborada e encenada. Com isso, o olhar metamorfoseia o mundo visível de Lara Barreira Essas transformações, que ocorrem na percepção do mundo visível, se devem ao fato de que esses interatores "compram" a ideia fotográfica: uma ação perceptiva seguida de uma ação expressiva.

> [...] longe de ser um registro mecânico de elementos sensórios, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da

> realidade - imaginativa, inventiva, perspicaz e bela (ARNHEIM, 1992, p. XII).

A produção imagética que aparece na rede reveste-se de uma magia, própria da gênese fotográfica, em que as relações são perfeitas: as amizades são para sempre. Há uma (re)articulação de sentidos da realidade imediata, pura. No jogo de memória, os interatores se lembrarão da energia, das sensações, da poética do momento que é encenada e escancarada nesse palco de vaidades. Essas práticas extrapolam a ordem das aparências, elas vão além: possibilitam o estranhamento dos sentidos dos envolvidos, culminando na identificação com o Outro. A linha limítrofe entre o Eu e o Outro é tênue.

Essa linha é delimitada pela subjetividade, o que significa que é frágil/fluida no que tange a conceito, mas que é forte/sólida no que tange a compreensão em como os narcisos digitais produzem e atuam na rede. Isso se dá, quando é quase imperceptível definir o que cada ator pensa e deseja. É como se eles fossem um único sujeito que num vai e vem, um assume o papel do Outro. Um Eu pensa, o Outro narra. Um Eu se mostra, o Outro contempla. No Facebook há um “nós”, contaminados pela força das narrativas que permitem curtir, compartilhar e comentar o posto, o dado, numa expressão que sentimentos e afetos são práticas coletivas, narrados de forma consciente, com agendamentos meticulosamente pensados. Alisson Pedro consegue ilustrar bem o que esse “nós” significa.

> *Eu gosto demais das fotos com meus amigos. Quando as postos não fico escolhendo a que ficou mais bacana. Todas elas falam de uma situação, um momento único. Claro que eu sei que tem muito de pose ali. É um momento único, de fala de uma situação, mas não impede uma mexidinha no cabelo para sair bem na foto. Afinal, todos sabem o destino delas, o face. E todos querem isso mesmo...rsrsrsrs (Alisson Pedro).*

Figura 50 - Sequência de fotografias de Alisson Pedro publicadas em seu perfil no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/media_set?set=a.463643257046321.1073741835.100002019512198&type=3 Acesso em 10 jun 2013

O “nós” é mais que estar juntos. É expressão, discurso proferido num se fazer coletivo que só se torna efetivo e afetivo, de fato, quando estampados em fotografias e disponibilizadas ao olhar e leitura de Outros. Alisson Pedro atesta esse movimento quando, mesmo em autorretratos, como na segunda tira, ele aparece com os amigos. Como se fossem uma mesma pessoa, com os mesmos desejos, partilhando da mesma euforia de viver. Importa para Alisson Pedro os amigos, a paisagem, a movimentação. É o desejo de reter em uma única fotografia o tempo e o espaço em uma perspectiva em que se percebe o todo.

> *Acho importante o ato de fotografar e ser fotografado, me dá a idéia de que participo da história e se história é tempo e o tempo se faz data e isso é memória, existir. Então fico motivado, inspirado. Só penso em fazer, fotografar. Fotografar... (Alisson Pedro).*

Esse todo é uma realidade produzida por aparelho - brinquedo que simula um pensamento (FLUSSER, 2002) – um conceito de Si e do Outro reproduzido em fotografias e quando lançadas na rede configuram, para os sujeitos envolvidos, uma poderosa arma no processo de representação. Os discursos visual e verbal de

Alisson Pedro emergem num texto único. Ele pensa e verbaliza imageticamente suas posições - no plano da expressão visual, suas narrativas organizam a "visibilidade" da fala: transcodificação do verbal para o não verbal; e o plano do conteúdo que organiza, em imagens, a compreensão do que foi verbalizado.

Essa relação texto-imagem presente no discurso de Alisson Pedro é fundamental para a compreensão própria das realidades construídas por ele. É coerente o que ele nos mostra em imagens e o que ele verbaliza em seu relato. É um Alisson Pedro absorto em imagens se ideologizando, se conceituando. Embora sua fala explique em imagens a fim de *rasgá-las*, suas imagens são capazes de ilustrar sua fala, a fim de *remagicizá-las*. Graças à dialética, imaginação e conceituação, que mutuamente se negam, vão mutuamente se reforçando.

As imagens publicizadas se tornam cada vez mais conceituais e suas falas, cada vez mais imaginativas, de modo que emerge o protagonista em si para seduzir a plateia, encena nesse movimento o show do eu (SIBILIA, 2008). Nesse show, Alisson Pedro é mais que um autor/ator/narrador, ele é o produtor. Ele cria, planeja e dá o tom da narrativa. Assim direciona os olhares dos Outros "como se estes constituíssem a audiência de um espetáculo" (p. 258).

Nesse espetáculo, o uso das imagens e das palavras faz parte de uma ação intencional em que trocas afetivas alimentam esse processo. Universos são criados, subjetividades são produzidas, um rico acervo de significações culmina em conhecimento. Os estados afetivos estão diretamente ligados às representações e essas fortemente ligadas à intenção "de". Assim, a linguagem fotográfica organiza o tumultuado fluir da experiência desses jovens de modo que eles dão sentido ao mundo. As narrativas fotográficas estabilizam o espaço e (re)ordenam o tempo em diálogo constante com outras vozes que também constituem, formam e modelam os atores envolvidos. Por isso, a relevância da dimensão afetiva na constituição do sujeito e na construção do conhecimento.

A afetividade promovida no Facebook, no universo dos sujeitos juvenis, numa perspectiva da produção de conhecimento, passa a Ser, portanto, a condição para transformar a atual ordem social, de modo a ocupar todos os espaços, através das redes. Num exercício em que as mais diversas atividades humanas sofrem

alterações pela transversalidade com que se produz na contemporaneidade (PRETTO; ASSIS, 2008), as dimensões de criação, produção e difusão de conceitos são potencializadas pelo modo como os jovens se manifestam. Nesse contexto, a cultura desses sujeitos indica um “processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana” (p. 78).

Numa reorganização do discurso verbal, as ideias, crenças, costumes, dos sujeitos juvenis, são tecidos num entrelaçamento da estética com a existência, experimentando e traduzindo em imagens as manifestações afetivas que compõe um Eu em construção. Os estados afetivos desses sujeitos estão ligados às suas consciências perceptivas do corpo, do vivido, das experiências adquiridas com o mundo, com os Outros e com os objetos, e estendido e projetado pelo Facebook.

Esses narcisos ao se colocarem na rede, por meio de práticas discursivas, intencionalmente, exercitam uma consciência perceptiva que procura romper com o dualismo percepção-pensamento, ou consciência-mundo e passa a experienciar a percepção - fundamento do processo de conhecimento de Si e do Outro - na perspectiva de Ser “nós” em gestos, palavras e imagens. Essa experiência é singular, imediata e decisiva na formação de um Eu plural, multifacetado, coletivo, narrado em fotografias, onde expressões, pensamentos e ações ganham espaço nessa vitrine que é o Facebook. Nesse espaço, os jovens imprimem em seus Eus os modos de Ser de Narciso:

Figura 51 - Perfil Narciso - Modos de Ser dos sujeitos pesquisados

Fonte: Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Neste capítulo identificamos e analisamos as formas como os jovens se apropriam do Facebook, na perspectiva da(auto)exposição, (auto)contemplação, (auto)promoção e transferência de subjetividades narcísicas, por meio do autorretrato, em suas performances visuais. No próximo capítulo, retratamos e analisamos a experiência dos jovens na legitimação do espaço Facebook como território de construção de saberes, na perspectiva fotográfica autoral.

INSTANTE DECISIVO 4

"Fotografar é segurar o fôlego quando todas as nossas faculdades se conjugam diante da realidade fugidia; é quando a captura da imagem representa uma grande alegria física e intelectual."

Henri Cartier-Bresson

5 AS AVENTURAS NA “TERRA DO NUNCA” FACEBOOOK E SEUS ESPAÇOS DE APRENDIZAGENS

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar as experiências dos jovens que transgridem fronteiras construídas, desconstruídas e vencidas e legitimam o espaço Facebook como território livre e anárquico na construção de saberes, num movimento de produção, na perspectiva autoral, de novas manifestações e formas de conhecimento, por meio das narrativas fotográficas. O capítulo está construído, principalmente, sob as bases teóricas de Debord (2000), Kenski (2013), Sibilia (2012), Silva (2013), Vygotsky (2000) que nos possibilitaram à leitura dos corpos publicizados como grafias de saberes e espaços de possibilidades criativas e inventivas dos sujeitos pesquisados.

Os fluxos de interações nas redes, as trocas e os usos colaborativos de informações mostram a necessidade de construção de novas práticas educacionais, num rompimento com os “[...] comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis [...]” (PARAÍSO, 2001, p. 144), desafiando a educação a lidar de forma mais positiva com sujeitos juvenis em suas relações com as demandas do mundo digital. Neste contexto,

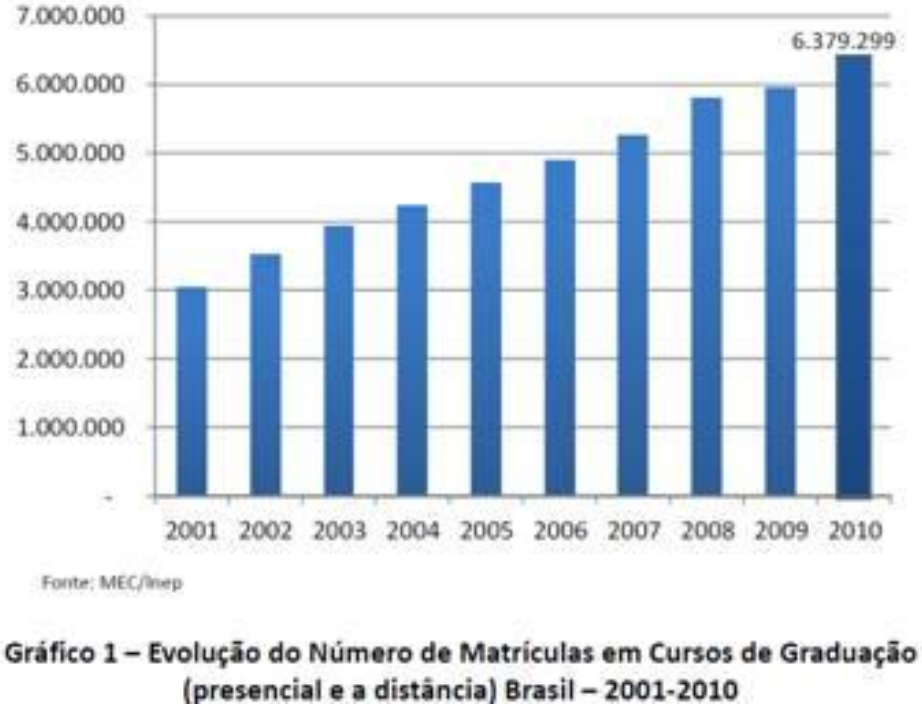
> A educação se apresenta como necessidade e urgência. A síndrome do “tempo perdido” se generaliza socialmente e a busca de formação e atualização vira regra de comportamento social. [...] Prover educação para todos e, ao mesmo tempo, se educar – no sentido de se aperfeiçoar e se atualizar – é o desafio social da área para todos os que nela atuam, em todos os seus tradicionais níveis de escola e nos diferenciados e ampliados espaços educacionais. A busca do “tempo perdido” é a busca paradoxal do professor em sua permanente contradição, entre ensinar e aprender (KENSKI, 2013, p. 95).

Na perspectiva da busca reflexiva não só do “tempo perdido”, mas também dos “meninos perdidos” no que tange a construção do conhecimento, este capítulo está construído em duas partes. Na primeira descrevemos o Facebook como espaço de aprendizagens dos sujeitos juvenis, na perspectiva das redes e, na segunda apresentamos o Facebook como a Terra do Nunca (mais) da normatização dos saberes, reconhecendo esse espaço movente e híbrido como território de pertença dos jovens.

5.1 Aprender na perspectiva das redes

Transformações intensas vêm movimentando o cenário social nas últimas décadas, em razão, principalmente, do contexto macro sócio-político-econômico-cultural ora postos. No centro dessa problemática, a educação se apresenta como um campo ávido a receber e a interpretar essas mudanças, tendo como ponto de partida as transformações que sinalizam a ampliação do número de pessoas que tiveram acesso às universidades, inclusive elevando o nível médio de escolarização, no contexto brasileiro, conforme demonstra a ilustração a seguir:

Gráfico 8 - Evolução do número de matrículas em cursos de graduação (presencial e a distância) no Brasil - 2001 – 2010



Fonte: IBGE, 2010

Em especial, esse aumento foi percebido nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste:

Figura 52 - Distribuição e participação percentual de matrículas em cursos de graduação presenciais por região geográfica - Brasil - 2001 – 2010

Região Geográfica	Matrículas - Cursos Presenciais			
	2001	%	2010	%
Brasil	3.030.754	100	5.449.120	100
Norte	141.892	4,7	352.358	6,5
Nordeste	460.315	15,2	1.052.161	19,3
Sudeste	1.566.610	51,7	2.656.231	48,7
Sul	601.588	19,8	893.130	16,4
Centro_Oeste	260.349	8,6	495.240	9,1

Fonte: MEC/Inep

Figura 1 – Distribuição e Participação Percentual de Matrículas em Cursos de Graduação Presenciais por Região Geográfica – Brasil – 2001 e 2010

Fonte: IBGE, 2010

No entanto, essas transformações não significam um movimento mais qualitativo do construir conhecimento. Isso se deve, principalmente, porque os espaços tradicionais de formação, muitas vezes, tendem a ignorar o mundo dos sujeitos e suas referências e ideias singulares das coisas e de seus processos. O grande desafio é romper com o caráter formativo, pensado e implementado por sujeitos que já estão educados e que tomam a formação de Outros sujeitos sem ter como perspectiva política a natalidade do indivíduo, uma vez que esse nasce para o mundo (ARENDT, 2009).

Ignorar a natalidade do sujeito é tomar a educação como um mecanismo de reprodução e controle das demandas sociais, rompendo com o sentido de práxis pedagógica coerente com o momento e com o indivíduo. Na contemporaneidade, o cenário que promove a formação dos sujeitos, principalmente os juvenis, é cada vez mais plural, onde se evidencia a desnaturalização da linguagem, do tempo, do espaço, do contexto, dos sujeitos/instituições implicados no processo de construção do conhecimento. Um tempo que prima pelo rompimento da pedagogia da normatização - que produz “[...] corpos “dóceis e úteis”, organismos humanos

treinados para trabalhar na cadeia produtiva e para se mover eficazmente nos reluzentes traçados urbanos da modernidade” (SIBILIA, 2012, p. 43).

Na contramão da normatização, os jovens vem instituindo a cultura do pensar e do diálogo, num movimento anárquico e interativo, compartilhando o que se sabe, estimulando e gerando outras formas de aprendizagem e de produção, bem como na aplicação do conhecimento. Os corpos e outras subjetividades juvenis se fazem presentes, desestabilizando o instituído nas rebeldias, nas criações e nas intervenções dos sujeitos juvenis, principalmente no que se refere aos processos de ensinar e aprender.

> Processos esses mais livres que permitem a apreciação e intervenção, numa experiência de exposição e (re)construção daquilo que sabe. Processos ausentes de autoridades (modelos). Isso implica o auto-gerenciamento dos sujeitos jovens na sua própria formação, numa interação livre *on-line* e *off-line*, que garante pluralidade aos sujeitos, os tornando autônomos, anárquicos e ingovernáveis (SILVA, 2013, p 78).

Nesse contexto, se encontram nossos sujeitos pesquisados.

Figura 53 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201520656650646&set=t.1603638512&type=3&theater Acesso em 24 set 2013

> ***Status:*** *Heroína moderna tipo mulher maravilha... Uns dizem que ela é marrenta, outros que é sensual... Discreta, Desperta, desejo, inveja e tem muita rival.. Bela e muito elegante, mas nem se iluda com a capa, inteligente o bastante pra fingir que não entendeu nada... Ela é! Bem decidida..!*

A foto anterior teve 52 curtidas e 8 comentários em 1 dia de publicação. Lara Barreira, no status que acompanha a foto, não economiza em estereótipos - heroína, mulher maravilha, sensual, bela - que ela mesma atribui à sua condição de "Ser" e "estar" na rede. Ela usa da linguagem fotográfica para reforçar o que ela "acredita" sobre si: é inteligente e bonita. Nas entrelinhas, ela adverte seus interlocutores para que não se iludam com a capa, mas faz questão de que todos no Facebook saibam. A foto, com o ângulo de baixo para cima, denota altivez e audácia em suas atitudes e comprova o que ela traz em seu texto quando afirma que é "bem decidida". É seu corpo que fala, que demarca território, que valida suas intenções comunicativas.

Os sujeitos pesquisados não "cabem" mais numa perspectiva de formação que ignora a simultaneidade de seus currículos, em vários campos do saber, e a multiplicidade de interesses que cada um desses sujeitos carrega. Esses estão, rotineiramente, esculpindo seus corpos e suas subjetividades na cultura da liberdade, inclusive no que se refere às suas próprias formações, em razão de um cenário comunicacional cada vez mais dinâmico e plural, onde as redes sociais digitais se naturalizam como territórios juvenis.

Figura 54 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos Acesso em 27 set 2013

Figura 55 - Fotografia publicada no perfil de Lari Vivan no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=634576449927512&set=pb.100001254892193.-2207520000.1394415180.&type=3&theater Acesso em 29 set 2013

As redes sociais digitais são, para esses sujeitos, fluxos contínuos e velozes e não mais lugares – porque os jovens não se assentam, mas se movimentam na velocidade das atualizações, curtidas e compartilhamentos - em que esses sujeitos se reconhecem, comunicam, interagem, informam e se formam. Esse movimento está ligado a Web 2.0 que se constitui interface na ampliação de poder dos usuários nas redes, permitindo que os mesmos possam criar espaço de compartilhamento de informações sem a hierarquia de saberes, num espaço coletivo e colaborativo (HARDAGH, 2009).

Nesse contexto, pensar a formação dos sujeitos pesquisados, tendo como base seus territórios e suas práticas, requer tomar as redes sociais digitais como espaços de formação mais dinâmicos e motivadores na produção e aquisição de conhecimentos. Espaços que não reconhecem os corpos formais de quem ensina e quem aprende, mas reconhecem corpos e subjetividades de autores e atores avatarizados, que no processo de formação, se fundem e desintegram categorias

dicotômicas, reunificam sentidos, criam experiências de imersão e rompem com padrões lineares e sequenciais de construção de saberes, a partir do esfumaçamento de fronteiras entre trocar, experimentar e teorizar, criar e transformar, ensinar e aprender (SILVA, 2013).

> *Algumas fotos que coloco no face são feias (de técnica), mas são iradas, por exemplo: tem uma foto que uma amiga (ao ser surpreendida pelas minhas lentes) mostra o dedo e a língua. A foto marca esse momento. Pá-ra tudo!! Sou eu "roubando" a intimidade e é ela se "dando" para mim. É louco essa troca... (Alisson Pedro*)

Aprender na perspectiva das redes sociais digitais, para os sujeitos pesquisados, é um exercício de conexão de pessoas que juntas produzem e aprendem coisas extraordinárias, ao criar redes e implementar inteligências coletivas, num movimento de produção livre e anárquica de conhecimentos. "*É normal na balada eu influenciar os amigos a estarem mais produzidos, mais articulados, mais soltos, pois estou sempre com a câmara fotográfica na mão. Hoje eles não têm mais birra, já se acostumaram comigo. Sabem que posso atacar a qualquer segundo – risos - Até pedem meus clicks (Alisson Pedro*).

As redes sociais digitais vêm favorecendo o compartilhamento de saberes estocado em cada indivíduo e a distribuição ampla e colaborativa de conteúdos, comandando as transformações na vida coletiva (LÉVY, 1999). Assim sendo, elas se constituem intercâmbio com a educação, uma vez que esses espaços, naturalmente, criam condições necessárias para o diálogo e situações que permitem refletir e processar a experiência de cada um desses sujeitos nas redes.

> *Curto, quando realmente curto (risos), tem gente que curte tudo!! O comentar a meu ver é uma extensão do curtir, fico sem entender quando alguém comenta em uma publicação minha sem ter curtido, sei lá, acho meio sem sentido, se chegou ao ponto de comentar é pq se interessou, ou seja, curtiu. Os compartilhamentos vão do meu humor, tem dia que é tipo involuntário, ver algo legal e compartilhar tbm n sou muito de compartilhar pq os outros pedem, sou meio dificil (risos) (Isa Fernanda)*

Nessa relação dialógica, o Facebook se constitui espaço de construção de conhecimento e a linguagem fotográfica e seus narradores são fontes de inspiração

para propostas mais ousadas e estratégicas nas mudanças das práticas educativas que envolvem os currículos, os espaços e tempos na produção de saberes. Esse aporte digital amplifica a percepção de códigos sensíveis, gerando novas e diferenciadas possibilidades para que os sujeitos juvenis possam se relacionar com os conhecimentos e aprender, na ordem da experiência. Nesse contexto, o Facebook se constitui uma rede de processos educativos

> [...] que devem estar atrelados à aprendizagem, [...] ideias de inovação para a prática educacional, [...] devemos explorar a rede em seu sentido social na comunicação múltipla, que agrega indivíduos com os mesmos interesses e proporciona um grau de interatividade amplo. O leitor torna-se também autor, tendo a colaboração e a co-criação do conhecimento como bases da relação interativa estabelecida (HARDAGH, 2009, p. 51).

Território de possibilidades - onde são protagonizados processos dialógicos de interação, a partir da liberdade e do poder de conceber, imaginar, fantasiar, expor, decidir e fazer - o Facebook promove o ensino cooperativo e colaborativo; desenvolve competências essenciais no mundo globalizado e tecnológico; fomenta a partilha do conhecimento; promove a reflexão critica e a criação de novas ideias, desenvolve a comunicação e a linguagem; estimula a motivação e o interesse por conteúdos diversos (FERNANDES, 2011).

Nesse espaço de aprendizagens, os jovens pesquisados são sujeitos “emancipados”, avatarizados, imersos no território do prazer e da liberdade - particularmente da liberdade de escolha, que permite a esses jovens, “perdidos” nos espaços tradicionais de formação, negarem o estabelecido, se orientando sempre pela própria experiência. Diferente de outros espaços “mágicos”, esse não possui uma geografia demarcada, não há um governo com leis estabelecidas e muito menos regras que moldam comportamentos.

Para os jovens, que movimentam o Facebook, esse também é um território de “magia” em que cada um tem a liberdade de escolher seus próprios caminhos, de criar as suas próprias regras. Essa liberdade é uma experiência (FOUCAULT, 1987), um invento desses sujeitos na construção de seus próprios saberes. No Facebook, eles

> [...] exercitam o poder criativo com inventividade, particularmente nas relações com outros sujeitos agentes e em face do artefato disponibilizado na rede, embora se trate de formas heterogêneas e mutáveis de exercício de poder. Isso pressupõe a existência de sujeitos livres que dispõem de um campo de possibilidades de ação (ciberespaço). A centralidade não faz parte desse exercício. Para esses e-jovens[11], toda relação de poder pressupõe um campo de respostas, ações, efeitos e invenções possíveis entre os sujeitos em interação (SILVA, 2013, p. 65).

É um espaço dinâmico, de experimentações, de produções. Nas narrativas fotográficas, esses aventureiros da "Terra do Nunca" Facebook são o que querem Ser e dão visibilidade às suas fantasias por meio da linguagem escolhida, do enredo construído e do espetáculo montado. Nessa terra mágica, sonhos são realizáveis. Isso remete ao que Freire (2001) chama de "pedagogia dos sonhos possíveis", onde as narrativas compartilhadas em espaços de trocas simbólicas, como o Facebook, permitem aos jovens tornar possível o impossível.

> *A fotografia reforça vínculos. Digo isso porque tenho amigos da escola que por serem meus amigos no Facebook e eu acompanhar o que eles fazem por meio das fotos que publicam em suas linhas do tempo, eu me sinto participando da vida deles. Mesmo longe, me sinto próxima, presente. Não há nada que nos separe (Bia Cruvinel).*
>
> *Acompanho meus amigos de colégio, mesmo sem conviver fisicamente com eles todos os dias. Nossos laços são reforçados com as fotografias. A fotografia sempre foi um elemento de ligação entre a gente. E quem disse que há distância quando se está na rede? (Andressa Lunna).*

Ser, para esses sujeitos, significa (re)transformar o mundo e não se adaptar a ele. Assim, nessa terra de magia, eles exercitam esse Ser quando escolhem a fotografia como linguagem propulsora de seus desejos e quereres. É um território de aventuras em que a realidade e a ficção se misturam e são elementos fundantes nas tessituras das narrativas. A ficção é mais que representação de si, ela é um veículo que projeta a imaginação do jovem em práticas subjetivas na construção de novos

---

[11] A expressão e-jovens, defendida na tese **E-jovens, e-músicas, e-educações:** fronteiras dilatadas e diálogos cruzados na era das conexões (SILVA, 2013), no programa de Pós-Graduação em Educação, pela UFBA, se refere aos sujeitos juvenis que engendram movimentos interculturais, intercriativos, intervalares e intersticiais no ciberespaço, provocando um outro estado de cultura, ampliando e (re)significando condições de ser e estar na contemporaneidade.

personagens. O fascínio que os jovens possuem pelas histórias os acompanha desde a infância: as narrativas literárias aguçam a sensibilidade, instigam a capacidade de resolver problemas, permeiam o cotidiano a ponto de influenciar na construção da singularidade de cada um.

Ao interagir, nesse território, com seus pares, "[...] deslocam percepções e conceitos, se (re)configuram e (re)configuram o outro, num processo que parte do individual para o coletivo e culmina num corpo híbrido e multifacetado, resultado da combinação de múltiplos exercícios de (re)criação" (SILVA, 2013, p. 66). Esse processo é fundado nas tecnologias digitais e na interconexão em redes. Atividades complexas, instigantes, portadoras de sentidos e significados, diretamente ligadas ao fazer educação. Nesse contexto, o fazer educação é chamado para repensar os modelos que estruturam o pensamento e a ação educativa, tendo como objetivo, e não como objeto, o sujeito em formação.

5.2 Terra do Nunca da normatização de saberes

O Facebook é um espaço de aventuras juvenis que contribui para a mobilização dos conhecimentos, na perspectiva de que esse espaço é para os jovens pesquisados, no contexto da formação, o território onde moram os sonhos desses sujeitos. Sonhos esses que perpassam a (des)territorialização do espaço de ensinar e aprender e possibilita apreciação e compartilhamento, por parte de Outros sujeitos, do que sabem ou do que pensam que sabem, numa experiência de exposição e (re)construção de saberes, onde processam mais que currículos cognitivos - estanques nas disciplinas - mas currículos eminentemente sócio-afetivos e culturais.

Esses currículos emergem do processo da vontade em conhecer, na perspectiva do constituir-se e construir-se numa rede de significados - geradores de conhecimentos - que permitem a esses sujeitos construir seus percursos de aprendizagens, num exercício de interação com os Outros, com as máquinas e com os mais diversos textos e contextos (FACED, 2003).

> *Considero a fotografia mais forte em meu cotidiano depois que a conheci, na faculdade. Descobri a fotografia como uma linguagem poderosa para transmitir o que penso, no exercício de fotografar o outro. Nessa troca despertou em mim o gosto de criar, registrar,*

> *analisar e jogar na rede. Quase sempre a escolha é pelo que julgo bacana e olho a técnica. Percebo que os recursos da máquina aumentam a minha criatividade. Isso tem mudado o meu querer. Hoje, me conheço mais (Bia Cruvinel).*

São currículos fundados na tecnologia da colaboração, que implica aos sujeitos jovens poder em seus processos de construção de conhecimento. O Facebook não é um simples *lócus* de difusão da informação para os sujeitos pesquisados "[...] é uma verdadeira tecnologia intelectual [...] no sentido pleno" (ALAVA, 2002, p. 31). Um território sociocomunicacional de aprendizagem em fluxo. No *surf* dos comentários, curtidas e compartilhamentos melhoram a compreensão mútua dos sujeitos, que naquele espaço interagem, proporcionando uma atmosfera de realização, a partir das trocas de saberes, configurando o processo de ensinar e aprender como tecnologia do prazer. Esses sujeitos avatarizados

> [...] estão assumindo o controle de seus processos de construção de conhecimentos. Ser e se tornar não é mais sentenciado por uma autoridadade constituída. São sujeitos transversais, sincréticos, diaspóricos, ardentes, cujos processos cognitivos estão conectados as *ars electronica* e seus processos de entendimento, de construção de conhecimento descentralizados, desenraizados e fluidos. Não percebem as coisas pelas monolentes do estabelecido, mas pelas próteses híbridas não só das tecnologias digitais que dispõem, mas também pelas tecnologias de suas sensações, polifônicas e de múltiplas mutações. São sujeitos moventes para além de do dado, do instituído (SILVA, 2013, p. 141).

Esses saberes são legitimados em vários movimentos, um deles é na tessitura do conhecimento, (re)construído a partir das narrativas fotográficas publicadas pelos jovens, numa lógica espaçotemporal. "[...] Estar fora do tempo e do espaço passa a ser uma situação comum a que todos se submetem" (KENSKI, 2013, p.28) -, um processo de aprendizagem complexo e permanentemente "fora do tempo": jovens aprendem e ensinam em diferentes movimentos.

> *Não importa se hoje estou na faculdade e não estão aqui os amigos do colégio, acompanho todos eles pelo Facebook. E mesmo sem conviver fisicamente com eles todos os dias, nossos laços existem e são reforçados com as fotografias. Nos atualizamos, ainda aprendo com eles. A fotografia sempre foi e será um elemento entre a gente. Lembro que na época do colégio estava na moda o flogão. Havia ligação entre a gente. Ele, o flogão, era um (coletivo), nós fazíamos fotos para conhecermos pessoas. Isso não mudou. Continuamos nesse coletivo nos*

> *divertindo. Acho que isso solidificar as amizades que já tenho e ainda serve para conseguir outras (Andressa Lunna).*

A partir da fala de Andressa Lunna, podemos aferir que essa rede social é, para os sujeitos juvenis, um espaço de exercício de poder, um poder que não é possuído, mas praticado e inaugura uma nova forma de empoderamento, que possibilita a emancipação dos jovens, na medida em que lhes permite serem autônomos e livres, nos aspectos cognitivo, afetivo e condutual: a luta pelo poder está na forma de pensamento, na mente desses sujeitos.

Nesse contexto, o Facebook é um território de intervenções pedagógicas e o sujeito juvenil, que se movimenta nessa terra, é um agente de conhecimento interventor-orientador, numa ação aprendente, que envolve ações intencionais entre seus pares. Um sujeito que rompe com o papel instrumentalista de sustentação de um modelo de educação instituído e passa a legitimar o Facebook como território educativo e de formação. Para os jovens atores, esse território promove a abertura de uma construção coletiva do conhecimento, de forma dinâmica e aberta a outras possibilidades de saberes; na perspectiva do aprofundamento das temáticas postas; na orientação das discussões; no exercício da criatividade; na (re)significação das ideias e no desenvolvimento do senso crítico a respeito de um acontecimento, de um fenômeno.

Andressa Lunna nos dá pistas que é preciso que os espaços institucionais de formação considerem a dinâmica dos sujeitos e de suas produções, que não dão conta mais da linearidade da escola, pois pensam e produzem num processo complexo e dinâmico e,

> [...] a dinâmica dessas produções dependerá do protagonismo de professores e alunos para construir novas possibilidades para os sistemas educacionais, articulando os conhecimentos e saberes emergentes [...] com o conhecimento já estabelecido pela ciência contemporânea e pelas culturas. [...] essa dinâmica também poderá induzir políticas públicas de formação de professores para o uso das tecnologias digitais [...] (BONILLA, PRETTO; ALMADA, 2012, p. 217).

Isso significa que os espaços dados pelas tecnologias contemporâneas precisam ser percebidos como espaços político-sociais, onde o conhecimento é concebido, produzido e utilizado de acordo com escolhas e inserções da temática postas pelos

sujeitos. Assim sendo, nesta “Terra do Nunca”, a imaginação criativa dos jovens perdidos - do espaço tradicional de formação - dá margem às novas e livres trocas colaborativas e a apropriação crítica de tecnologias, num contexto de conduta fundada na liberdade de espírito, como tecnologia de poder, que experiencia a prática da vontade humana abrangente, questionadora e autônoma.

> *Adoro a curtição no Facebook, produzir e publicar as várias Lari Vivan me faz sentir atuante no mundo. É um espaço que falo de mim, deixo meus recados da melhor forma: me produzo para as fotos. Nesse jogo de publicar, curtir, comentar e compartilhar, eu e meus amigos somos livres. Eu curto somente o que acho legal. Observo a quantidade de fotos na rede, acho que o ato de fotografar e publicar está ficando cada vez libertário. Colocamos o que queremos, do jeito que queremos. A produção do momento é o importante, o resultado da foto só comprova meu domínio da técnica e o poder de Ser quem quero. Sei que as fotos não mostram quem realmente sou. Mas eu ainda não sei quem sou! Só sei que nas fotos sou menos tímida, sou corajosa, mais aberta, mais livre, mais feliz (Lari Vivan).*

No contexto da liberdade de expressão de Outros Eus, esses jovens não aceitam o que os espaços de formação tradicional vêem, lêem e ouvem, como estratégia do conhecer. Conhecer e aprender são movimentos captados pela objetiva do olhar de cada um desses sujeitos. O viver, o ensinar e o aprender se descortinam nas telas, no movimento do passar do plano invisível para o visível. Os sujeitos jovens crêem no que os olhos vêem. São capturados pela beleza, sutilezas e momentos.

A fotografia, enquanto linguagem, acolhe os prazeres desse viver e se faz em narrativas. Essas, publicadas no Facebook, estimulam a curiosidade e a imaginação de seus pares e isso os tornam produtores de outras narrativas, num exercício de tessituras de conhecimento que sugerem novas formas de Ser, pensar e agir. As emoções dos sujeitos imersos nesse território de inúmeras possibilidades ganham vozes em uma harmonia estética e discursiva com suas ansiedades e aspirações.

> Nesse novo espaço das redes surge outra forma de vivência, culturalmente diferente, em que todos participam ativamente e opinam sobre definições e decisões globais. [...] Seus espaços são reconfigurados a todo instante, de acordo com a perspectiva e os objetivos de seus usuários (KENSKI, 2013, p. 47).

Não há espaço para lamentações, até quando a tristeza (Figura 32) é verbalizada, ela não representa dor. À medida que as teias discursivas são tecidas, as relações

são construídas e tendem a efetivação, desenvolvendo personalidades e, simultaneamente, promovendo a autoconfiança dos sujeitos rumo ao conhecimento.

Figura 56 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201063002969590&set=pb.1603638512.-2207520000.1394415340.&type=3&theater Acesso em 19 jul 2013

> ***Status:*** *despedidas? éeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeer, não! rs. É foda saber que tem que ir, mas eu entendo e como entendo. Aqui você ajudou gente demais e é hora de ir ajudar quem mais precisa de você.*
>
> *Eu poderia enumerar todos os nossos 'cases' (agora sim, em língua publicitária) e óbvio, que farei menção a alguns:*
>
> *- Você vestido de caipora, de sunga e todo pintado, Luiz Rodrigues, ano 2005. Você 8º e eu 6º série. Primeira vez que te vi, se não me engano.- Depois igreja, grupo de oração e suas idas na minha casa pra conversar com meu irmão, vulgo seu pai, logo foi assim que você se tornou meu sobrinho de coração.- Cem de taquaralto, 2008 a 2010, TEATRO! rs muitas histórias não é mesmo? Vans descartáveis, periquitadas na cara, ações pelas secretárias, choros antes de subir ao palco, nervosismos, risos incontroláveis com piadinhas do tipo "De quem é esse trabalho*

> *aqui", confidências entre amigos.. Tantas coisas, né?! - Bixo, nem acreditei, meu bixo de PP *----*, meu sobrinho de coração... Mas vou te aguardar pra vir concluir a facul, tá entendendo né!?Você sabe dessa minha frieza toda, mas se eu te falasse isso tudo, na certa eu choraria pra você, meu carinho por ti é enorme e você não sabe a falta que irá fazer aqui, mas lá dentro eu sei que tudo isso será muito recompensado e irei ver você voltando com sorriso no rosto e dizendo, voltei pra ficar!*
> *Obrigada pela amizade que sumia por meses, mas que voltava como se nos víssemos todos os dias.*
> *Amo você, Francisco Nascimento das Chagas Ciprino, das Chagas Nascimento Cipriano, ou Cipriano das Chagas Nascimento ou X-ico..rs a ordem não altera o carinho. rs.* (Texto de Lara Barreira que acompanha a foto publicada em sua linha do tempo).

A fotografia e o texto que Lara Barreira publica para demonstrar carinho pelo amigo que vai embora, nos dão a dimensão de que na rede, não importa simplesmente citar, tem que espetacularizar a afetividade. A partida do amigo é potencializada pelo tom dramático com que Lara Barreira tece seus discursos: "[...] *É foda saber que tem que ir, mas eu entendo e como entendo. Aqui você ajudou gente demais e é hora de ir ajudar quem mais precisa de você [...].".*

Diretamente vinculada à emoção, a afetividade determina o modo com que Lara Barreira e seus interlocutores visualizam o mundo e a forma com que eles se manifestam e, ainda, o modo como eles se (re)apresentam nele. Tudo o que por eles foi vivenciado vem à tona em forma de recordações, e essas são traduzidas em imagens e socializadas na rede. Essa prática exige e imprime nos sujeitos jovens à condição de autonomia e autoridade na seleção de informações (imagens) que serão expostas, na perspectiva de seus interesses, de seus tempos e espaços.

Isso implica tomar esses sujeitos como agentes de poder, cujo princípio inspirador desse poder está ligado a dar liberdade de se pronunciar, a partir das fotografias expostas. Esse movimento promove uma identificação mútua entre o autor/narrador da performance e aquele que recebe a informação, tendo esse último também na condição de agente de poder, uma vez que a ele é dado à condição de autor/narrador de suas percepções quanto ao que é exposto. Assim sendo, nessa Terra, não tem espaço para a manifestação do poder centralizado. O poder ali posto é anárquico, baseado na cooperação de indivíduos livres e autônomos.

Isso nos dá a dimensão de que esses jovens, imersos nesta Terra, vivem cada momento e possuem uma consciência perceptiva de suas existências, isso porque esses sujeitos necessitam explorar, experimentar e (re)significar suas vidas, seus conceitos e seus saberes. No Facebook, os jovens transitam num espaço de e-educações (SILVA, 2013) em que uma compreensão de quem são e o que querem Ser não significa apenas um desfecho de uma maturidade cronológica. Pelo contrário, significa a aquisição de uma compreensão de suas subjetividades, de seus medos, de suas singularidades e é isso que constitui a maturidade psicológica e cognitiva dos sujeitos juvenis. Este movimento tensionado pela liberdade, pela ousadia, pela aventura é o resultado de um estágio do processo de construção do conhecimento dos jovens.

Figura 57 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos_albums Acesso em 22 jul 2013

Essa maturidade é percebida por meio dos discursos de Lara Barreira quando posta junto a sua fotografia (Figura 57) o texto: "*Em cada um de nós há um segredo, uma*

paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos". O tom misterioso com que Lara Barreira conduz seu discurso verbal também acompanha a sua feição na fotografia que é publicada. De cabeça baixa, um leve sorriso no rosto e com o cabelo que cai levemente em sua testa convida os interlocutores a desvendar os segredos desse território que é Ser Lara Barreira

Assim, novas compreensões se descortinam de modo que, para encontrar um significado mais elaborado, os sujeitos mergulham nessa experiência, transcendem os limites estreitos de uma existência autocentrada, ao se relacionarem com seus interlocutores, e contribuem de forma significativa para suas vidas, isso num tempo presente. A eles importam a felicidade, a euforia, as sensações do momento. Querem ser felizes para sempre, mas sem se preocuparem com o futuro. Para eles, o tempo é o agora. Tais posicionamentos são suficientes para torná-los donos de seu tempo, produtores de suas histórias, senhores de seus desejos.

Esses sujeitos não ficam à mercê da vida, eles desenvolvem seus próprios recursos, articulam suas metodologias, aprendem, se constituindo humanos onde o conhecer e o saber são possíveis sem a arquitetura "pesada" e "sólida" posta pelas instituições tradicionais de formação.

> *Quando eu não sei alguma coisa, eu me viro... rsrsrsrs... não fico esperando alguém me ensinar... acho isso meio "paia"... quem quer saber corre atrás... e a internet tá aí para te ajudar em tudo que você não sabe. Tem coisas que o professor fala em sala e eu não entendo nada... aí vou lá na net... vídeos, textos e também jogo a ideia no Face... e rapidamente tem um monte de coisa bacana sobre o assunto, que os amigos da minha relação do Face me sugerem (Andressa Lunna).*

Nesse exercício, os jovens pesquisados aprendem com inventividade e autonomia, sem prescindir da relação com Outros sujeitos agentes, o que pressupõe um campo de respostas, ações, efeitos e invenções possíveis entre os sujeitos em interação. Esse fato implica esboçar novos processos de produção de conhecimento, fundamentados no prazer da intervenção, inventividade e alternância de poder, numa ação contínua de (re)significação da arte e do saber. Dessa forma, novas subjetividades e princípios pedagógicos estão sendo gestados, sob a égide da tecnologia da liberdade como exercício de poder.

Conhecer, no Facebook, é efetivamente um exercício diário e perceptivo que está em permanente construção e, consequentemente, exige permanente socialização. Assim, na busca do conhecimento, os jovens se alimentam e se revigoram, implicando na dissolução de modelos e processos - que distribuem conteúdos empacotados para assimilação e repetição - sugerindo uma sucessão de (re)inícios, próprios desses sujeitos em constante metamorfose.

Ao construir conhecimento, por meio das narrativas fotográficas, os atos cognitivos desses sujeitos, provocados pela fluidez do espaço virtual, se tornam amplos e evasivos. Isso implica numa busca do saber (re)significado, conferindo outra arquitetura ao conhecimento: um rompimento com hábitos, rotinas e formas de agir, tendo sempre a tecnologia da liberdade como referência de ensinar e aprender. Aprendem porque se permitem: se permitem à crítica; se permitem ao pensamento livre.

> *Eu gosto de ouvir o que os outros falam quando posto alguma foto [...]. Têm algumas coisas engraçadas, outras que nem eu mesmo sabia que eu era (rsrsrsrsr). Confesso que nem tudo me deixa feliz, mas é assim mesmo. Quem se expõe está sujeito a ser exposto, né? Se tem alguma coisa que me incomoda e que de alguma forma seja verdade, eu tento mudar, mas no geral, eu leio e continuo minha vida (Alisson Pedro).*

Na perspectiva da fala de Alisson Pedro, podemos aferir que na Terra de descobertas, o Facebook, no que tange ao conhecimento, permite trocas de afetividade que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito bem como enriquece suas relações sociais. Nesse contexto, a afetividade não se dissocia da inteligência, uma vez que a mesma é que motiva o indivíduo a ir do plano das ideias para o plano das ações. Desse modo, ao materializar as afetividades, o sujeito molda seu comportamento e desenvolve sua cognição, constrói conhecimento. É por meio da afetividade que o sujeito atribui valor e faz escolha de linguagens para representar a sua realidade.

As interações são um processo natural para o desenvolvimento e para a manifestação das emoções. A vida emocional é uma condição para a existência das relações interpessoais. Desse modo, as emoções que se manifestam na rede, são

inerentes à vida intelectual dos jovens atores, de modo que não se separa o aspecto cognitivo do afetivo.

> *Sou inteligente. Administro o que eu leio nos comentários que os outros postam para não perder duas coisas importantes: a relação que eu construi ali e o que eu posso tirar de bacana daquele comentário. Se eu ficar ofendidinho com os comentários, eu posso perder depois um comentário legal (Alisson Pedro).*

Assim como a afetividade, a cognição é um princípio essencial na formação do indivíduo. A personalidade é constituída por duas funções básicas: afetividade - orientada para o mundo social, ou seja, para a construção do indivíduo - e inteligência - orientada para o mundo físico, para a construção do objeto - (WALLON, 2008). Dessa forma, a afetividade assume um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois determina os interesses e as necessidades individuais dos sujeitos. A afetividade é anterior à inteligência.

Nas relações de trocas no Facebook, não podemos compreender o pensamento humano sem levar em conta a base afetiva de qualquer ação, intenção. Pensamento e afeto são indissociáveis (VYGOTSKY, 2000) e no que tange pensar e experienciar o afeto do aprender nas redes está intimamente ligado aos atos de percepção, posicionamentos e contextualizações acerca do objeto de estudo frente ao conhecimento que se quer construir e do caminho que se propõe desenhar nesse processo de aprendizagens. A vida emocional nesses espaços de rede está conectada a consciência de um corpo que comunica, que atua, que aprende, como nos sugere Lara Barreira:

> *Quando coloco minhas fotos no Face, eu quero dizer mais de mim... sei lá, coisas que nem eu mesma sabia que eu era. As vezes, eu me pego me achando bonita, outras vezes até sexy... rsrsrsrs...eu me acho sexy, depois que comecei a me perceber nas fotos que eu mesma publico (Lara Barreira).*

Nesse contexto, o corpo assume mais que um suporte para as subjetividades, ele passa a ser objeto de desejo, de arte, de comunicação. Ele é portador, com as suas marcas discursivas, da personalidade de cada sujeito projetada na tela, expandindo assim o campo de visibilidade em que cada ator encena. Nesse campo de visibilidades, de aparências, cada vez mais é preciso apare(Ser). E, “de acordo com as premissas básicas da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se

ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista” (SIBILIA, 2008, p. 111 – 112).

Tanto as vivências pessoais desse *Eu* autor/ator/narrador, bem como a sua personalidade, com a ajuda da aparelhagem fotográfica, passam a ser subjetividades ficcionalizadas rumo a uma realidade construída em meio às narrativas cruzadas que tem no Outro o *Eu* de cada um de nós.

> *Curto fotografar paisagem, mas o que gosto mesmo é de autorretrato. Brinco de ser Eu. É uma espécie de troca...Me realizo, parece que esse “encontro” comigo me faz sentir melhor. Me fotografo sempre, é um rito importante para eu me sentir mais poderosa! Daí é só esperar os comentários, as curtidas (risos) (Lari Vivan).*

Figura 58 - Fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook

Foto 81

Foto 82

Fonte: https://www.facebook.com/larisvivan/photos Acesso em 28 jul 2013

A fala de Lari Vivan vem atestar que o Facebook é espaço para a interatividade. Intencionalmente ela se coloca na rede a espera de curtidas e comentários. Ela experimenta uma Lari Vivan a cada clique. Para esses jovens, novos *Eus* que emergem na rede são criadores e produtores de sua própria obra que necessita da legitimação concedida pelo olhar do Outro. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens” (DEBORD,

1997, p. 14). Imagens essas que fundamentam o conhecimento que o Outro irá construir da pessoa projetada nas narrativas fotográficas.

Emerge daí um Eu de personalidade eficaz, visível, capaz de se apresentar na superfície da pele e das telas (SIBILIA, 2008). E, além disso, esse *Eu* é mutante, com subjetividades passíveis de mudanças. Pois o mundo contemporâneo, “alicerçado sobre as bases aparentemente ilusórias da cultura do espetáculo e da visibilidade, exerce uma pressão cotidiana sobre os corpos e subjetividades para estes se projetem de acordo com novos códigos e regras”. (p. 245)

Nesse contexto, o *Eu* de cada um dos jovens é uma entidade complexa, flexível, dinâmica. São personagens ficcionais que são constituídos como sujeitos a partir dos relatos lançados na rede, no processo de trocas afetivas. A linguagem publicizada no Facebook dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas que (auto)denomina Eu (SIBILIA, 2008).

Figura 59 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos_albums Acesso em 30 jun 2013

> ***Status:*** *"Uma chave importante para o sucesso é a auto-confiança. Uma chave importante para a auto-confiança é a preparação".*
>
> *(44 curtiram, 2 comentaram em 2 dias)*

Quando Lara Barreira fala de si é constituído um movimento de alteridade da diferença no que tange à capacidade de se perceber em um constante aprendizado e ainda de se colocar na relação com o Outro. Na rede isso é tecido num plano de liberdade, de prazer. Não há a pressão de os relacionamentos darem certo, esses sujeitos, mediante a produção de sentido nas narrativas, vão produzindo saberes. No Facebook, ao perguntar "No que você está pensando" empresta sentidos aos devaneios desses jovens. Assim, eles são instigados a falarem de si, de suas subjetividades, de suas apreensões sobre o mundo. E, em narrativas respondem.

Essas narrativas, que permeiam o tecido cibercultural, implicam numa comunicação que para acontecer requer a existência do Outro, do mundo, do alheio, do não-eu. Por isso todo discurso é dialógico, polifônico e de natureza intersubjetiva. Todo relato se insere em um denso tecido intertextual, entremeado com outros textos e impregnado de outras vozes.

> *Uma outra coisa bacana que eu já percebi é que muitas vezes eu descubro o que eu sou ou eu me convenço porque o outro diz, nos comentários nas fotos que eu publico, ou simplesmente quando curte. Essa foto (ela mostra a foto – ver abaixo) e os comentários foram muito importantes pra mim... eu descobri que eu era um mulherão... rsrsrs... até então me via como uma menina (Lara Barreira).*

Essas vozes ganham eco quando jovens, protagonistas, têm suas vidas capturadas e desveladas em narrativas fotográficas. E, como são os personagens de uma história que eles mesmos dirigem, seus relatos fotobiográficos não apenas contam de suas vivências, mas eles representam e a apresentam. Eles a colocam como a história principal do espetáculo. É o paradoxo do momento fugaz, fluido e imediato que marca o tempo cibercultural com a promessa de eternidade, de veracidade que a fotografia evoca. É a fotografia que permite os registros da vida vivida com a magia de se ver vivendo. E assim, histórias são tecidas culminando em uma enunciação do Eu.

Figura 60 - Fotografia publicada no perfil de Lara Barreira (Larinha) no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/LariinhaBarreira/photos_albums Acesso em 21 nov 2013

> ***Status:*** *O que você tem, todo mundo pode ter, mas o que você é... ninguém pode ser.*

No discurso publicizado na rede, Lara Barreira cria um espaço de enunciação para falar de si, ela busca um sentido para a sua existência quando em sua fala se diferencia de todos pelo seu modo de Ser. *"[...] mas o que você é... ninguém pode ser"* exemplifica que ela quer ser única e quer fazer diferença na construção da história. A fotografia, além da função contemplativa da estética corporal, dá vida a sua sensibilidade de modo que configura possibilidades de novos conhecimentos, expressos numa dimensão estética e poética do Ser.

A obsessão em transformar momentos únicos e particulares em imagens que serão publicadas no Facebook, denota que a vida se tornou um espetáculo permeado por fotografias significativas de Si, do Outro. Assim, cotidianamente, novos estilos de viver e de se relacionar vão se configurando. Essa obsessão em busca de visibilidade, essa ambição de fazer do próprio *Eu* um espetáculo, pode ser uma tentativa de "satisfazer um velho desejo humano, demasiadamente humano: afugentar os fantasmas da solidão." (SIBILIA, 2008, p. 262). Esse fascínio suscitado pelo exibicionismo e pelo *voyeurismo* é alimentado por uma sociedade movida por

um individualismo, na qual sujeitos com comportamentos narcisistas precisam ver e rever sua beleza refletida no olhar alheio do Outro para necessariamente Ser.

> *Para postar no face, normalmente escolho as fotos em que eu estou muuuuito bem. Não de sentimento, mas bem de beleza, preciso estar bacana, apresentável. Preciso estar UP. Imagem para mim é fundamental! (risos). E quando acontece de eu não gostar da minha feição, mas gostar da foto eu posto, só que uso um recurso (risos), eu adiciono carinhas em cima do meu rosto e tudo fica bem. Estou lá, mas não estou (Alisson Pedro).*

Figura 61 - Fotografias publicadas no perfil de Alisson Pedro no Facebook

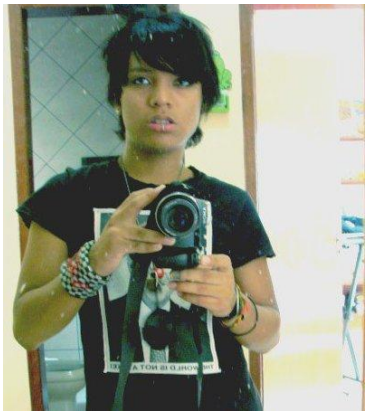


Foto 83

Foto 84

Foto 85

Fonte: https://www.facebook.com/AlimDibois/photos Acesso em 12 mar 2012

Para Alisson Pedro, assim como os sujeitos da pesquisa, a vida não é desconcertante e nem complexa, é apenas possível. Por isso eles se mostram e estão disponíveis. Eles significam o tempo todo sem necessariamente se importarem se são compreendidos. Eles querem e ousam perceber, conhecer, viver. São como as crianças na fase em que, mergulhadas nos contos de fadas, a magia do conhecimento absurdo, os dilemas existenciais fazem sentido para que as mesmas consigam lidar com a realidade no futuro. Assim como no conto de fadas, as relações no Facebook são simplificadas, os personagens são típicos, espetaculares, a narrativa é potente para a construção do conhecimento.

É certo que essas vivências se transformam em conhecimento quando os jovens desenvolvem a habilidade de lidar com suas fragilidades, quando os devaneios e as

fantasias dão lugar ao autor/ator/narrador. Com isto, eles adequam o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que os validam como produtores de conteúdo. É aqui que o Facebook possui um valor inigualável, visto que o mesmo oferece novas dimensões à imaginação desses jovens, na coletividade, que ele não descobririam sozinhos.

A forma atrativa e a estrutura fluida com que a rede foi disponibilizada sugerem o tempo todo viagens sensoriais e perceptivas aos jovens de modo que eles dirigem seu próprio espetáculo numa perspectiva de serem felizes para sempre. Nessa Terra eles não experimentam a ansiedade da separação, a dor da solidão. A rede é um espaço seguro em que eles, com uma profunda confiança interior, são autônomos.

> *Posso ser o que eu quiser ser e sou mesmo. Tem fotografia que eu repito no Face e os comentários são bem legais, as pessoas, mesmo convivendo com você todo dia, comenta e curte como se fosse de algumas horas. Eu gosto disso e muitas vezes eu repito as fotos. Mas eu faço muito isso, quando eu não tenho nada bacana para mostrar. E, claro, eu quero mostrar sempre, toda hora... rsrsrs (Alisson Pedro).*

Os sujeitos na “Terra do Nunca” Facebook não resistem ao crescimento, porque sabem que ali eles não vão envelhecer, não vão ficar tristes e nem sozinhos. Certos de quem são eles demonstram e representam em narrativas que conquistaram uma independência psicológica, uma maturidade estética e criativa que os colocam em contato com seus interlocutores. O cotidiano para eles é prazeroso, há um encantamento em lidar com a rede de significado do Outro.

Os conteúdos publicizados na rede são sugestivos, diferentes, muitas vezes, do que é posto em outras frentes de formação. Não se trata de transmitir informações, mas de instituir o diálogo como processo de interação e produção de conhecimento, utilizando de diversos suportes, entre eles, a fotografia, que narra experiências e vivências, dos jovens que se encontram e permitem ser encontrados na “Terra do Nunca” Facebook. Nesse território e num diálogo com os saberes ali compartilhados por meio de outros corpos dissecados pela fotografia, esses sujeitos ampliam, constroem novos saberes de forma intensa e permanente. “Neste sentido, o olhar

não apenas vê, ele olha, toca, sente e compreende o mundo e, principalmente o é, com o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 109).

As narrativas fantásticas que povoam o imaginário desses jovens “perdidos” mostram que eles personificam seus desejos e vão ao encontro dos desejos do Outro, assim eles se identificam e se conectam a terceiros num movimento de que não é mais possível pensar o *Eu* sem pensar o Outro que o constitui. Essas tramas estão (re)significando a construção do conhecimento e seus sujeitos estão imprimindo uma educação que integra pessoas. Não é a tecnologia fria das máquinas, mas a tecnologia de sujeitos conectados que produzem juntos, criam de modo coletivo, narram suas histórias pelas lentes de seu olhar, publicizam no Facebook e constroem conhecimento com liberdade de ver e interpretar o cotidiano com inventividade. Esses jovens imprimem em seus Eus os modos de Ser dos meninos perdidos da Terra do Nunca:

Figura 62 - Perfil Meninos Perdidos - Modos de Ser dos sujeitos pesquisados

Fonte: Organização da autora / Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

Este capítulo analisou a experiência dos jovens na legitimação do espaço Facebook como território de construção de saberes, na perspectiva fotográfica autoral. O estudo teórico e empírico da temática posta nos permitiu um conjunto de considerações finais que passamos, no próximo capítulo, a relatar.

CONCLUSÕES

"As sentenças mais importantes normalmente
contêm apenas duas palavras:
eu amo, me desculpe, por favor, me perdoe,
me toque, eu preciso, eu gosto,
muito obrigado."

Duane Michals

A proposta central desta tese de doutorado consistiu em uma investigação sobre o modo como os jovens produzem representações de corpo e (re)significam a consciência perceptiva da sua singularidade, por meio das fotografias publicizadas e compartilhadas na rede social Facebook, indicando outras rotas de aprendizagens, sinalizadas por essas narrativas. Nossos objetivos foram: discutir a construção e as representações de subjetividades do indivíduo em sua evidência corpórea e como ele discorre sua singularidade por meio das narrativas fotográficas compartilhadas no Facebook; entender o processo de construção simbólica do corpo, do corpo subjetivo, do corpo percebido do ponto de vista do indivíduo e identificar, por meio da fotografia, as experiências corporais e como essas representações afetam as subjetividades desse sujeito autor/ator/narrador.

O Facebook se constitui, nesta pesquisa, um território de possibilidades de tessituras e representações corporais juvenis, onde subjetividades são projetadas e configuradas em Eus fluidos e performáticos, tendo o corpo como inventário aberto de códigos culturais construídos na instantaneidade que a cibercultura imprime nos sujeitos juvenis, que num fluxo contínuo de imagens (re)magicizam seus modos de Ser. Para dar conta de uma análise mais pontual do nosso objeto de pesquisa, trabalhamos com a abordagem multiperspectivista da educação e comunicação, uma vez que as posições destas duas áreas transversam, entrecruzam e se convergem.

Para atingir o objetivo inicial, recorremos à pesquisa empírica, a partir dos depoimentos e observações de jovens universitários imersos na cultural digital, com perfis na rede social Facebook e que publicam e compartilham narrativas na linha do tempo e/ou em álbuns virtuais. Para os sujeitos juvenis, essa rede social é um espaço de fluxos alucinantes de trocas simbólicas, onde tudo é provisório, efêmero e os tornam, permanentemente, mais livres, mais perdidos, menos pesados, menos encapsulados e mais obrigados a gerenciar seus próprios movimentos.

Um exercício de autonomia para lançar ideias e compartilhar sentidos, estabelecendo relações horizontais de cooperação. Neste contexto, nos atentamos para o fato de que essas possibilidades necessitam se transformar em ações para

que novas formas de pensar e desenvolver o fazer pedagógico se configurem nesse processo.

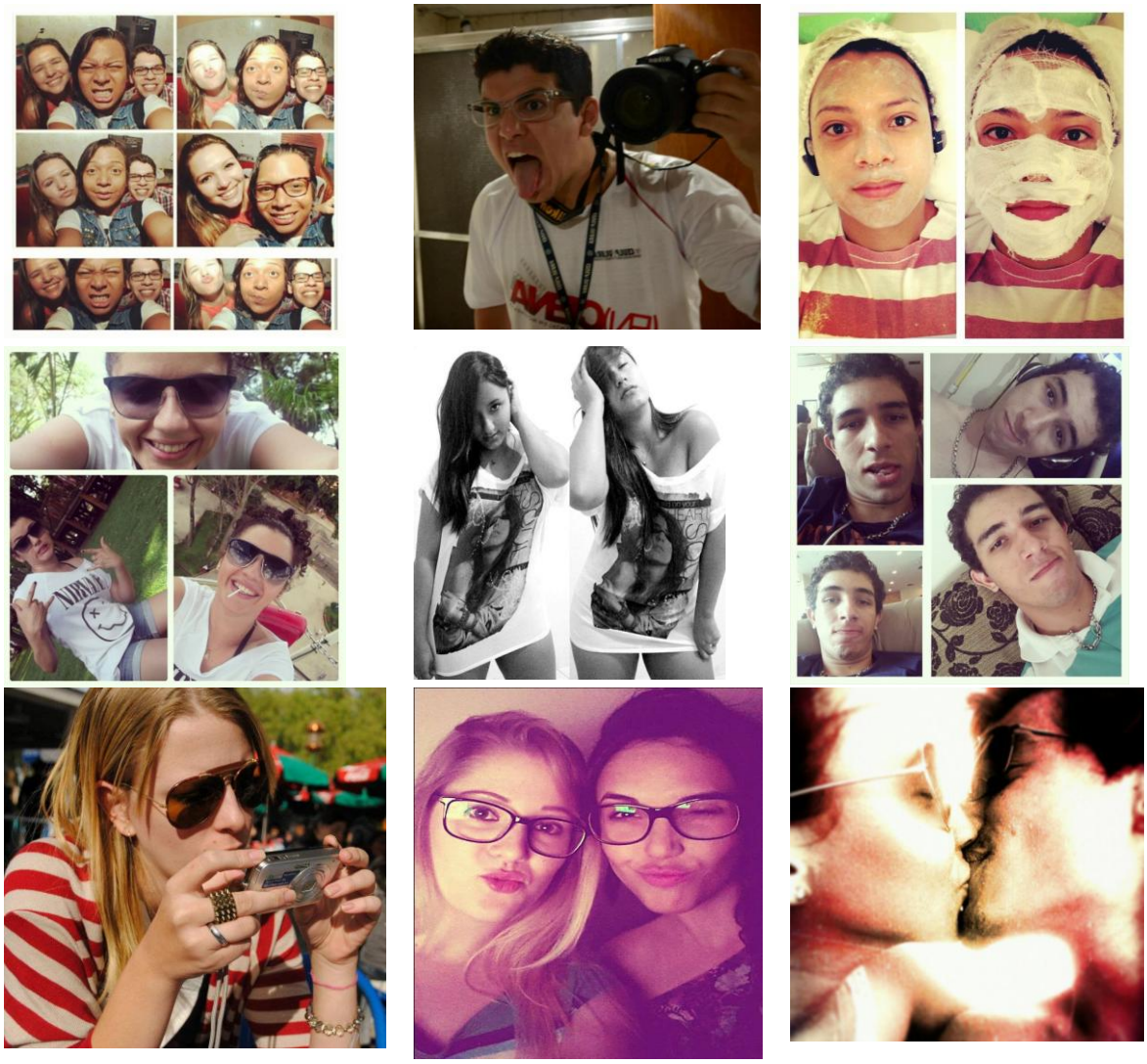
Durante todo o período da pesquisa os jovens se mantiveram ativos no Facebook, alimentando as linhas do tempo e álbuns com suas narrativas fotográficas. Os resultados da pesquisa nos levaram a perceber que os sujeitos juvenis estão sinalizando outras rotas de aprendizagens que passam por caminhos mais prazerosos, traçados por eles mesmos como aprendizes autônomos. Nesses caminhos, tal qual Alice, Narciso e os Meninos Perdidos, esses sujeitos criam suas próprias estratégias didático-pedagógicas e constroem conhecimentos a partir das provocações, interpretações, críticas, fatos, princípios e ideias que norteiam suas marcas corporais.

Pelos movimentos de suas narrativas fotográficas publicizadas e compartilhadas no Facebook, esses sujeitos, muitas vezes silenciados pelas instituições formais, imprimem suas formas de ver e pensar sobre Si mesmos e sobre os Outros. De se fazerem presentes. Assim, trocam experiências, tecem redes de confiança, redes de amizades, redes de colaboração. Essas redes são tecidas num processo de compartilhamentos e aprendizagens que se convergem e se legitimam na exibi(ação) do fazer criativo das narrativas fotográficas, à medida em que promovem interfaces entre diferentes maneiras de ver, compreender, recriar e compartilhar ideias e propostas de sociabilidades e alianças, por meio de intercâmbios que fazem circular reflexões, ações, conhecimentos e saberes. As questões postas pela pesquisa nos permitiram chegar a um conjunto de conclusões, sintetizadas em três eixos complementares:

1

Os corpos juvenis são canais tecno-digitais de comunicação e se constituem elementos além-dos-limites, que ultrapassam uma geografia corporal na ordem de narrativas hipertextuais.

Figura 63 - Fotografias publicadas nos perfis dos jovens pesquisados



Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 29 dez 2013

Nessas narrativas, os jovens se configuram como sujeitos documentais – não como guardiães *docere* da realidade representada – mas sujeitos desejosos de uma interpretação subjetiva da/ou sobre a realidade de forma singular. Nesse movimento abrem janelas subjetivas, permitindo aos seus interlocutores a complementação da obra posta, na perspectiva das interpretações plurais, na ação de transferência de poder.

Ao se permitirem à exposição de seus corpos, no Facebook, num movimento discursivo, os sujeitos juvenis permitem que suas fotografias publicizadas sejam

(re)significadas na ordem da “autoria aberta”, permitindo aos interlocutores, ao comentar a foto publicada, o (re)ordenamento de impressões e *lexias* desse corpo-Outro, produzido a partir da transferência de subjetivação, que opera entre a obra dada pelo autor e a contemplação do espectador. Nesse exercício são autônomos no processo criativo que se sustenta no gozo da experiência de ver, de sentir, de expressar. Na condição de narradores se permitem diante da câmara serem possuídos por seus devaneios, ficam entregues ao *feedback* das possibilidades narrativas do Outro, tensionados pelo desejo de existir e de serem percebidos.

É olhar e se permitir ser olhado, numa impressão sensorial que propõe outros pensamentos, conceitos plásticos da fugacidade do visível. Nesse processo, o olhar dos jovens pesquisados é dialético, uma vez que é nessa linguagem que eles exercem a arte do diálogo, quando do lançamento de ideias que levam ao conhecimento. Em suas narrativas fotográficas eles se emancipam e tomam consciência do tempo vivido e se tornam donos de seus próprios corpos, sem pudores em discutir, raciocinar, argumentar e dialogar.

Essa experiência sensível é vivenciada também pelo observador, não simplesmente no campo do ver ou do sentir, mas no propiciar um conhecimento sobre o Outro postado. Tanto os sujeitos expostos quanto os sujeitos interatores passam a se constituir corpos marcados por aprendizagens que se dão graças à dialética, a imaginação e a conceituação, que mutuamente se completam. Os corpos publicizados e compartilhados passam a ser corpos de experimentações contínuas (re)escritos a cada toque do disparador – resultados dos discursos entrecruzados do seus autores/atores/narradores.

Nesse processo, os jovens são co-criadores de conteúdos que, ao imprimirem seus conceitos no artefato postado, desconstroem a gênese do sujeito exposto de tal forma que aquele postado perde sua condição de único e individual e se torna um sujeito coletivo. Para os sujeitos juvenis, os corpos publicizados no Facebook são tecnologias descentralizadas de produção de verdades, de conceitos, numa perspectiva de discursos polifônicos de todos que compõem o processo, nas ações do curtir, comentar e compartilhar.

Nesses atos há um rompimento com a cultura da contemplação silenciosa do artefato postado – onde a “voz” do contemplador era apenas um eco da voz do autor da obra, um sujeito dependente daquele que falava – empoderando os sujeitos juvenis do direito a expressão, numa sensação de liberdade como prática de educação, que mesmos com cenas e lances programados pelas tecnologias agem sobre a tecnologia como *scanning*, com capacidade imaginativa de decodificar as intencionalidades do autor do artefato, transcodificados em cenas. Assim, os sujeitos juvenis e suas práticas foto-narrativas no Facebook apontam o caminho da liberdade da expressão do ver, do Ser e do se tornar como rotas pedagógicas na construção do saber, a partir de seus repertórios de obras livres e criativas.

2

Os sujeitos juvenis imprimem em seus corpos publicizados nas redes sociais a avatarização da liberdade, tendo na fotografia o lugar seguro do visível e o espaço das experimentações corpóreas, cujas sensações de gozo e liberdade são imediatas e tangíveis nas telas.

Figura 64 - Fotografias publicadas nos perfis dos jovens pesquisados

Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 29 dez 2013

No Facebook, os corpos juvenis se delineiam sob a sutileza do olhar do observador que acolhe, (re)significa e liberta, de maneira progressiva, os Eus expostos. São interações efetivas em conexões que permitem um ir e vir entre os sujeitos que observam e o sujeito que é observado, numa conjugação de Eus produzidos nos atos fotográficos: poética esteticamente libertária.

O Eu que emerge do plano das ideias e se fragmenta em vários Eus pelas narrativas fotográficas, ao se constituir objeto de análise dos sujeitos interlocutores, é alvo das intervenções, das percepções, das sensibilidades dos Eus imaginários dos interatores, provocando uma polifonia de vozes que também constitui, forma e modela esses que observam. Neste contexto, os sujeitos pesquisados e seus interlocutores tomam o território do Facebook como um espaço permissivo às suas orgias visuais. Seus corpos fluidos, em uma liberdade crítica e criativa, dançam numa rede de significações, seduzem.

São narrativas que evocam prazeres subjetivos que se representam e se fazem textos passíveis de outras leituras e outras interpretações. Nesse vai e vem da existência, a linguagem fotográfica propaga a mediação cognitiva com o mundo e permite aos sujeitos pesquisados a se apropriarem da condição de produtores culturais de imagens, de conteúdos. E, mesmo que (im)precisos na arte do fazer fotográfico eles compartilham seus estranhamentos e instauram o que pensam sobre o mundo. É o olhar que divaga. É o corpo que se evanesce. É o sujeito inebriado que se concebe regido por discursos mutáveis e amplificados.

Nessa profusão de narrativas fotográficas, publicizadas pelos sujeitos no Facebook, há uma pluralidade de diferentes pontos de vista e modos de conceber os corpos. Há uma rica experiência estética compartilhada que promove uma educação do sensível que desvela, amplia e desafia os sujeitos a tecerem experiências lúdicas e cognitivas que envolvem os campos do saber. Esse movimento na rede requer uma observação continuada quando pensamos na educação do olhar e o que ela promove: imaginação, conhecimento, inventividade, multiplicidade e diversidade de pontos de vista. Esse movimento - troca libertária – é de natureza pedagógica, uma vez que é dado ao Outro o papel legítimo de pluralizar a narrativa fotográfica postada.

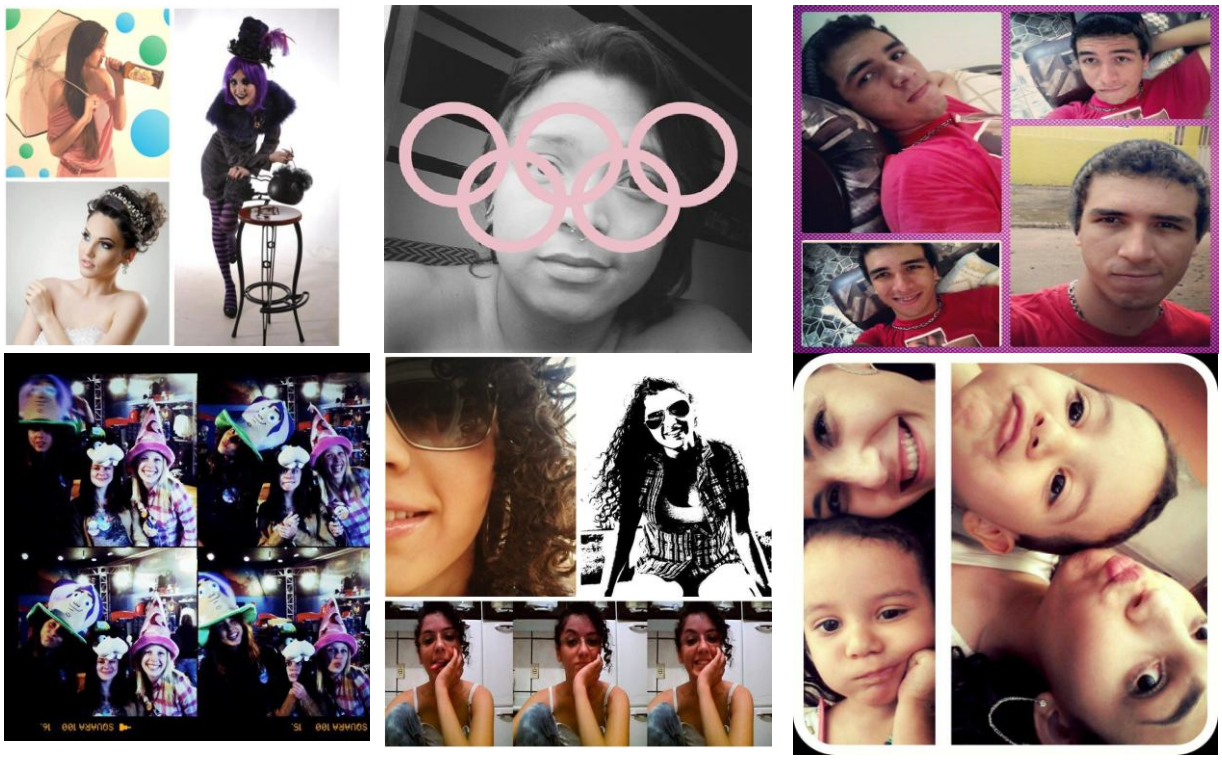
Nas fotos expostas dos sujeitos pesquisados, as expressões singulares, gestos, ritmos, sentimentos, poses, simbologias manifestadas nessas narrativas são traços específicos de um sujeito *pixel*, sujeito-elemento de imagens – entrecortadas – que se constitui e se (re)define a partir dos possíveis sentidos que os sujeitos interatores emprestam àquela narrativa. Enquanto rabisca subjetivamente aqueles corpos narrados fotograficamente, transforma-os em suportes fluidos cheios de sentimentos e atitudes: corpos em ação. Presentividade do desejo de aprender, de viver, de ensinar, fazendo-o a transitar por rotas existenciais do sujeito, cada vez que ele é provocado a participar de histórias outras.

Num processo cíclico de ensinar e aprender, os sujeitos da pesquisa compreendem o corpo como um constructo cultural que pode ser visto, avaliado, moldado, editado, a partir das percepções de Outros sujeitos. Esses interlocutores, por sua vez, em suas percepções postadas, oferecem um repertório de sentimentos, gestos e práticas discursivas que permitem aos jovens autores/atores/narradores reconhecerem suas dimensões corporais e imprimirem em seus imaginários um ementário de significâncias do que é Ser, numa dimensão imagética. Assim, em suas narrativas fotográficas, os sujeitos pesquisados criam demandas temáticas e vivenciam personagens, multifacetados em corpos intermináveis – corpos rascunhos - que ficam à deriva nas nuvens, com a certeza de existirem em algum lugar.

3

As narrativas fotográficas dos jovens pesquisados são produtoras de conhecimentos que imprimem uma pedagogia da imagem. Assim sendo, as imagens postadas por esses sujeitos pensam e fazem pensar, veiculam pensamentos, estimulando intelectualmente o observador à forma e à estética do artefato postado.

Figura 65 - Fotografias publicadas nos perfis dos jovens pesquisados



Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 29 dez 2013

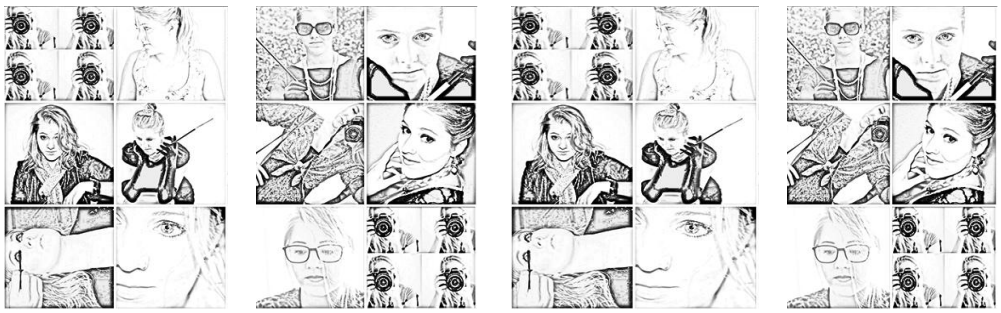
Essas narrativas são lócus de transformações e realizações cotidianas que abrem rotas de aprendizagens sobre o mundo visível do Facebook. Esse, no entanto,

passa a se constituir instância formativa que permite aos sujeitos navegarem num mar de possibilidades interativas, tornando-os produtores e protagonistas de processos dialógicos que os auto-orientam e os auto-educam e promovem novas educações.

As narrativas fotográficas juvenis, publicizados no Facebook, se constituem inventários abertos, promotores de conhecimentos numa perspectiva anárquica - livres dos modelos e das convenções educacionais. Com isso, esses sujeitos estão indicando uma outra rota de ensinar e aprender: crítica e autônoma. Um fazer pedagógico inspirado na práxis libertária, construido a partir dos diálogos e compartilhamentos de desejos, quereres, inquietações, em forma de imagens.

Neste contexto, as narrativas fotográficas, num devir subjetivo, emprestam aos sujeitos pesquisados liberdade para a não fixação de seus corpos, num movimento de significados e representatividades, em que imprimem uma pedagogia do existir - pautada numa ação didática com base na (re)significação e na valorização das formas, expressões e da cultura corporal. É um processo criativo, não arbitrário, subjetivo, com intenções demarcadas que são percebidas pelos interatores como *storyboard*[12] do sujeito postado, que pré-anuncia um Eu que se coloca em fragmentos, na perspectiva de que o Outro vá sequenciando as cenas propostas e monta, no plano imaginário, o que é Ser o Outro.

Figura 66 - *Storyboard* realizado a partir das fotografias publicadas no perfil de Lari Vivan no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com Acesso em 22 dez 2013. Ilustração: Leandro Andrade – Ano: 2013

[12] Séries sequenciais organizadas de ilustrações e imagens com o objetivo de pré-visualizar um filme ou uma campanha publicitária.

Essa prática, não é simplesmente da ordem da doação, do convite, mas da ordem do “compromisso” que um sujeito tem com o Outro para torná-lo, também, protagonista das narrativas. Alternando lugares no palco do Facebook, todos assumem o papel de autor/ator/narrador e, também, produtor. Assim, o diálogo vai sendo sistematizado e as ideias que vão surgindo (re)definem modos de ver, pensar, viver e representar. O curtir, comentar e compartilhar as narrativas fotográficas - nas expressões geniais do cuidado juvenil - são mecanismos de inversão de papéis no processo comunicacional e tecnologias para uma pedagogia da gentileza, que permitem aos sujeitos interlocutores, na percepção do Outro, a possibilidade de aprender mais sobre ele mesmo, uma vez que ele busca no Outro elementos de Si.

Esse olhar sobre a imagem postada está além da estrutura visual. É uma interpretação de um texto que é lido, com um conjunto de proposições implícitas no repertório das enciclopédias cognitivas dos interatores, na atualização do conhecimento e das experiências que os interatores têm do mundo e seus sujeitos, num movimento de fruição e reflexão do conteúdo que “grita” nas imagens.

Percebemos que esses movimentos favorecem a produção comum. E o comum, compartilhado entre os sujeitos juvenis, se constitui suporte na produção futura do Outro, numa relação cíclica exponencial, geradoras de novas ideias, novas narrativas, novas rotas de aprendizagens: essas sem processos hierárquicos, sem ordens de comando, sem tempos e espaços fixados. O Facebook se constitui um espaço potencialmente educativo que, em sua natureza tecno-digital e globalizada, fomenta a cooperação e a colaboração nas dinâmicas sociais, gerando participações crítico-reflexivas mais pontuais.

Por fim, enfatizamos a emergência na implementação de processos educativos mais coerentes com outras rotas de aprendizagens que os sujeitos juvenis estão traçando, num movimento coletivo de (re)invenções. Neste contexto, as práticas pedagógicas precisam ser contextualizadas numa dinâmica ampliada das concepções que ancoram o fazer pedagógico em tempos de cibercultura. A educação precisa caminhar por essas rotas, para que possa ser curtida, comentada e compartilhada pelos sujeitos de seus tempos e espaços.

Nossa pesquisa sinalizou outras discussões necessárias à compreensão das marcas corporais juvenis, a partir das fotografias digitais publicizadas e compartilhadas nas redes sociais, entre elas as questões que envolvem os corpos discursivos e os sujeitos hibridentitários em suas metafotografias. Tema que não foi tratado nesta tese, mas que aponta importantes frentes para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ALAVA, Séraphin. **Ciberespaço e formações abertas:** rumo a novas práticas educacionais? Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel, MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento editorial, 2009.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva. 2009.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira, 1992.

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 2ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARATA, Danillo. O corpo e a expressão videográfica: a videoinstalação como estratégia de uma narrativa corporal. *In:* COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.105-122

BARRIE, James M. **Peter Pan & Wendy.** Ilustrações de Michael Foreman; tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara**: nota sobre fotografia. Tradução de Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade liquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude:** conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BERGER, John. **Modos de ver.** 6.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória.** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONILLA, Maria Helena S.. **Escola aprendente**: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BONILLA, Maria Helena S., PRETTO, Nelson L. e ALMADA, Darlene. **Produção colaborativa e descentralizada de imagens e sons para a educação básica:** criação e implantação do Ripe - rede de intercâmbio de produção educativa. *In:* Estudos IAT, Salvador, v.2, n.1, p. 206-219, jan./jun., 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser:** visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Anais da XIII Compós, São Paulo, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas:** mutações juvenis nos corpos das metrópoles.São Paulo: DP&A Editora, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais, corpos erópticos e metrópole comunicacional.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **Consumo contemporâneo é fetichista e performático.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Caderno Dinheiro, p. B33. (2007, 25 de novembro). Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2511200725.htm. Acesso em 25 jul 2013.

CANEVACCI, Massimo. Hibridentidades: culturas sincréticas – subjetividades diaspóricas – identidades híbridas. Massimo Canevacci – Tradução de Mardônio Parente de Menezes. *In:* COUTO, Edvaldo S., SILVA, Valdirene Cássia da e TEIXEIRA, Irenides (orgs.). **Cultura e comunicação visual.** Canoas: Editora da ULBRA, 2013. p. 24-34.

CARROLL, Lewis. **Alice:** edição comentada. Aventuras de Alice no País das Maravilhas através do espelho. Ilustrações originais, John Tenniel; introdução e notas, Martin Gardner; tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Tradução de Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLEMAN, J. S. **Social Capital and the Creation of Human Capital.** American Journal of Sociology, n. 94 (1988), pp. S95-S120.

COSTA, Mariza Vorraber. Currículo e política cultural. *In:* Costa, Mariza Vorraber(org.). **O currículo no limiar do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

COUCHOT, Edmond. **Images:** de l'optique au numérique. Paris: Hermes, 1988.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte:** da fotografia à realidade virtual. Tradução de Sandra Rey. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes. *In:* COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências Corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 41-54.

COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito. Identidades contemporâneas: a experimentação de "eus" no Orkut. *In:* COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito (orgs.). **A vida no Orkut**: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010. p.13-31.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos:** estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012a.

COUTO, Edvaldo Souza. As façanhas dos extremos: o triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais. *In:* COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **O triunfo do corpo:** polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b. p. 161-185.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. 4.ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

DIOGO, Lígia Azevedo e SIBILIA, Paula. Imagens de família na internet: fotografias íntimas na grande vitrine virtual. *In:* COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito (orgs.). **A vida no Orkut:** narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010. (p. 33-55)

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Tradução de Marina Appenzeller. 2.ed. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1998.

EDUCAUSE. (2007). **7 Things You Should Know About Facebook II.** Disponível em http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf Acesso em 26 de Março de 2010

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais:** uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FACED – Faculdade de Educação. Programa de Formação Continuada de Professores – Município de Irecê/Bahia. Salvador: FACED. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/irece>. Acesso em 1 dez 2003.

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação:** contributo das comunidades virtuais de aprendentes. Faculdades de Ciências e Tecnologia. Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf Acesso 28 dez 2013.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. O espaço líquido. *In:* TRIVINHO, Eugênio e CAZELOTO, Edilson. **A cibercultura e seu espelho:** campo de conhecimento

emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009. 166 p. – (Coleção ABCiber, v.1) http://abciber.com/publicacoes/livro1/ficha-tecnica/ Acesso em 15 mai 2013.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Tradução do autor. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. *In:* COUTO, Edvaldo S. e GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS Editora, 2007. p.73-88.

FONSECA, Carlos Alexandre M. **Cartografias do *self* no Facebook**. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca Recuero e BARH, Daiani Ludmila. **Territorialidades virtuais:** Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. In: Matrizes, Ano 5 – nº 1 jul./dez. 2011 - São Paulo – Brasil, p 211 a 225. Disponível em http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/51. Acessado em 26 abr 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis/Paulo Freire.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social.** 10.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

GAUDREAULT, André. **Du littéraire au filmique.** Méridiens: Klincksieck, 1988.

HARDAGH, Cláudia Coelho. **Redes Sociais Virtuais:** uma proposta de Escola Expandida. 2009. 157 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

KARDOZO, Felipe Camilo M. **Confissões no Facebook:** educação e subjetivação brasileira nas redes sociais. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente.** Campinas, SP: Papirus, 2013.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura:** investigando a nova realidade eletrônica**.** São Paulo: Annablume, 2009.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook:** os bastidores da empresa que conecta o mundo. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KIRST, Patrícia Beatriz Argôllo Gomes. **Transfotografia:** o pixel em multidão. 2010, 106 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris**. Fotografia e História***.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia:** A arma secreta dos profissionais de marketing: Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação. 2010. Disponível em: < http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf> Acesso em 16 out. 2012.

LASCH, Christopher. **O mínimo Eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LE BRETON, David. **O corpo no espelho do social**. *In:* A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 77-91.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. Tradução de Francisco Morás. *In:* COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana Vildore. **O triunfo do corpo:** polêmicas contemporâneas. Petropólis, RJ: Vozes, 2012. p.15-32.

LEITE, Míriam Moreira. **Retratos de Família:** leitura da fotografia histórica. 3.ed.São Paulo: EDUSP, 2001.

LEMOS, André e LÉVY Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, Andre. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVI, Giovani e SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). **História dos jovens.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri/SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2006.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito no ciberespaço.** In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/297085506917953942140298971041747788288.pdf Acesso em 03 nov 2013.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências:** por uma ética da estética. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAHEIRIE, Kátia. **Processo de criação no fazer musical**: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. Psicologia em Estudo, 2003:147-153. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15.pdf . Acesso em 15 jul 2013.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 5ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARZANO-PARISOLI, Maria M. **Pensar o corpo.** Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2001.

MEIRA, Silvio*et al.* Redes Sociais. In: PIMENTEL, Mariano e FUKS, Hugo (orgs.). **Sistemas colaborativos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 53-64

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. *In:* **Textos escolhidos.** Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 275-301. (Col. Os Pensadores)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. De Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade:** a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRN. 1999.

MOSCOVICI, Serge. **Memórias, rituais e ciber-representações.** *In:* CASALEGNO, F . (org). Memória Cotidiana.Porto Alegre: Sulina, 2006

NAHAPIET, Janine e GROSHALL, Sumantra. **Social Capital, Intellectual Capital and The Organizational Advantage.** The Academy of Management Review, Vol. 23, Nº 2.(Apr., 1998), pp. 242-266. Stable URL: http://links.jstor.org/sici?sici=0363-7425%28199804%2923%3A2%3C242%3ASCICAT%3E2.0.CO%3B2-O Acesso em 10 nov 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **A produção do currículo na televisão:** que discurso é esse? Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan/jun. 2001.

PATRÍCIO, Maria Raquel Vaz e GONÇALVES, Vítor Manuel B. **Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior.** Bragança, Portugal: Biblioteca Digital IPB. s/a. Disponível em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf Acesso em 04 jan 2014.

PRETTO, Nelson De Luca e ASSIS, Alessandra. Cultura digital e educação: redes já. In: PRETTO, Nelson De Luca. e SILVEIRA, SA. (orgs.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. p.75-83. Disponível em http://books.scielo.org/id/22qtc/pdf/pretto-9788523208899-06.pdf Acesso em 12 jul 2013.

PRETTO, Nelson De Luca. **Reflexões:** ativismo, redes sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2013.

PRIMO, Alex. **A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congr esso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/fama.pdf. Acesso em 10 ago 2013.

RECUERO, Raquel. **Um estudo do capital social gerado a partir das redes sociais no Orkut e nos Weblogs.** Revista da FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, dez. 2005.

RECUERO, Raquel. **Considerações sobre a Difusão de informações em redes sociais** na **internet.** In: Intercom Sul, 2007, Passo Fundo-RS. Anais do VIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, José Damião T. **A presença ausente das tecnologias digitais no curso de pedagogia da UFT:** interconexões e hibridações da educação e comunicação como interzona contemporânea. 2009. 179 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esquizoanálise e antropofagia** *In:* Gilles Deleuze. Une vie philosophique, Alliez, Éric org. (Paris: Les empêcheurs de penser en rond, Synthélabo, 1998); pp. 463-476 e in Gilles Deleuze. Uma vida filosófica (São Paulo: Editora 34, 2000); pp. 451-462. Texto apresentado no colóquio Encontros Internacionais Gilles Deleuze (Brasil, 10-14 de junho de 1996). Disponível em http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Antropesquizoan.pdf Acesso em 27 out 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação:** sintoma da cultura. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTAELLA, Lúcia e LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais:** a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTANA, Camila Lima e COUTO, Edvaldo Souza. **A publicização da vida privada no Twitter.** *In:* Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. São Leopoldo, 14(1): janeiro/abril 2012. (p.31-39). Disponível em http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.141.04/741 Acesso em 03 de nov 2013.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. **Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea.** *In:* Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 02, ago 2009. p.187-202. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432009000200012&lng=pt&nrm=iso Acesso em 03 nov 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o nada.** Tradução de Paulo Perdigão. São Paulo: Vozes, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário:** psicologia fenomenológica da imaginação. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Fabíola de M. **Álbuns virtuais:** o Facebook e a construção memorável nas redes sociais. 2012, 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti Paraná, Curitiba, 2012.

SILVA, Valdirene Cássia da. **Corpos híbridos em mentes diáfanas:** as tribos urbanas e suas (inter)ações com as tecnologias da informação e da comunicação. 2007, 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SILVA, Valdirene Cássia da e COUTO, Edvaldo Souza. Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto escolar. **Educação em Revista.** Belo Horizonte: UFMG, v. 28, n.02 p. 333-346, jun. 2012. http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n2/a15v28n2.pdf Acesso em 28 set 2012.

SILVA, Valdirene Cássia da. **E-jovens, e-músicas, e-educações:** fronteiras dilatadas e diálogos cruzados na era das conexões. 2013. 153 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SOBRINHO, Patrícia Jerônimo. "**Meu *Selfie*":** a representação do corpo na rede social Facebook. In: ARTEFACTUM – Revista de Estudos das Linguagens da Arte e da Tecnologia. Nº 1. 2014. Disponível em http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/335. Acesso em 28 fev 2014. p.1-13.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia:** perda e permanência; Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

SOUSA, Mauro Wilton de. **O pertencimento ao comum mediático:** a identidade em tempos de transição. *In:* Significação, nº 34. 2010. Disponível em http://www.usp.br/significacao/pdf/Significacao34_completo.pdf. Acesso em 03 mar 2013. p.31-54

SOUSA, Fábio d'Abadia. **A apreensão do instante:** relações entre a literatura e a fotografia. 2009. 223 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SOUSA, Fábio d'Abadia. Fotografia e literatura: uma relação possível. *In:* COUTO, Edvaldo S., SILVA, Valdirene Cássia da e TEIXEIRA, Irenides (orgs.). **Cultura e comunicação visual.** Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2013. p. 87-100.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada:** filosofia da sensação. Tradutores: Antônio A.S. [*et al.*]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

VICENTE, Cristiana de Brito. **Redes sociais online e consumos culturais:** Facebook, um estudo de caso. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação,

Cultura e Tecnologias de Informação) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento:** ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.